



Zilda Maria da Silva

**Mística Marial como caminho de fé.
Diálogo entre o Beato Chaminade e o Papa Francisco**

Tese de Doutorado

Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Doutora em Teologia pelo Programa de Pós Graduação em Teologia do Departamento de Teologia da PUC – Rio.

Orientadora: Profa. Lúcia Pedrosa de Pádua

Rio de Janeiro
Março/2024



Zilda Maria da Silva

**Mística Marial como caminho de fé.
Diálogo entre o Beato Chaminade e o Papa Francisco**

Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor pelo Programa de Pós-Graduação em Teologia do Departamento de Teologia do Centro de Teologia e Ciências Humanas da PUC-Rio. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo assinada.

Lúcia Pedrosa de Pádua
Orientadora
PUC-Rio

Luís Corrêa Lima
PUC-Rio

Francilaide de Queiroz Ronsi
PUC-Rio

Alexandre Awi Mello
Santa Sé – Dicastério para os Leigos, a Família e a Vida

Lorenzo Amigo Espada
Compañía de Maria

Rio de Janeiro, 15 de março de 2024

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem a autorização da universidade, da autora e do orientador.

Zilda Maria da Silva

Graduou-se em Teologia na Faculdade Dehoniana de Taubaté em 2012. Mestrado em Ciências da Religião na Pontifícia Católica de Campinas em 2016. Membro da Associação Religiosa Filhas de Maria Imaculada – família marianista e da ABM Associação Brasileira de Mariologia.

Ficha Catalográfica

Silva, Zilda Maria da

Mística Marial como caminho de fé : diálogo entre o Beato Chaminade e o Papa Francisco / Zilda Maria da Silva ; orientadora: Lúcia Pedrosa de Pádua. – 2024.

327 f. ; 30 cm

Tese (doutorado)–Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Teologia, 2024.

Inclui bibliografia

1. Teologia – Teses. 2. Mística Maria. 3. Pe. Chaminade. 4. Papa Francisco. 5. Igreja em saída. I. Pádua, Lúcia Pedrosa de. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Teologia. III. Título.

CDD: 200

Aos meus pais Maria e Manoel (in memoria)
pelo testemunho de fé e amor a Virgem Maria.

Agradecimentos

À Deus, pelo dom da vida e por me permitir concluir a pesquisa.

A minha orientadora a Profa. Dra. Lúcia Pedrosa de Pádua, pela orientação, acompanhamento, apoio, incentivo à pesquisa.

Aos professores e funcionários do Departamento de Teologia, pelo apoio.

À Vice-Reitoria para Assuntos Acadêmicos, pela Bolsa VRAC-I (7/2020 a 2/2022)

Aos colegas que conheci e convivi na PUC Rio.

Aos membros da banca examinadora.

A toda minha família, e em especial a matriarca com seus 100 anos de vida, mulher de fé e oração.

Às irmãs da minha comunidade, por compreender e favorecer o tempo de estudo e pela escuta das descobertas e dos desafios no caminho.

Aos membros da Família Marianista, por seguirem vivendo o legado dos fundadores Beato Chaminade e Beata Adela de Batz.

Aos amigos e amigas, que apoiaram, incentivaram os estudos.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal a nível Superior – Brasil (CAPES) Código de Financiamento 001”

Resumo

Silva, Zilda Maria da; Pádua, Lúcia Pedrosa. **Mística Marial como caminho de fé. Diálogo entre o Beato Chaminade e o Papa Francisco.** Rio de Janeiro, 2024. 327p. Tese de Doutorado – Departamento de Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

“Mística Marial como caminho de fé” é uma proposta para a formação de discípulos missionários de uma Igreja “em saída”, inspirada na experiência de fé vivida por Maria. Qual Maria? A Maria dos Evangelhos. Maria, pelo seu “sim” ao projeto de Deus de ser a mãe de Jesus, a *Theotókos*, viveu uma experiência do mistério de Deus no cotidiano de sua vida. A partir dessa experiência, sai apressadamente para acompanhar e atender a vida carente de cuidados. Maria sinaliza uma caminhada na fé com um dinamismo evangelizador. O presente trabalho propõe um diálogo entre duas épocas: a do Beato Chaminade (1761-1850) e a atual do Papa Francisco. O Beato Chaminade viveu num tempo de grandes transformações e desafios para a sociedade e para a Igreja. Ele vivenciou uma experiência do mistério de Deus em Cristo, inspirada por Maria, experiência essa que se deu durante o exílio em Zaragoza aos pés da Virgem do Pilar. A partir de então ele inicia seu novo apostolado, tendo em Maria um modelo de fé. Já o Papa Francisco, enfrenta grandes desafios, atendendo a um forte apelo para uma reforma da Igreja, uma conversão pessoal e pastoral: o sonho de uma Igreja pobre para os pobres, uma mãe de coração aberto. Maria, a Nossa Senhora da Prontidão, está sempre atenta e em atitude de escuta para com todos, especialmente os pobres. Para o Papa Francisco, existe uma íntima relação entre Maria, a Igreja e o povo fiel. Para ele, a devoção e a piedade popular constituem um lugar teológico e devem estar presentes na Nova Evangelização. A mistagogia marial, Maria, o ícone perfeito da fé e a primeira discípula missionária, sinaliza, por sua experiência mística, uma formação na verdadeira fé para o seguimento de seu Filho Jesus Cristo. Nesse processo de formação, que é humano e espiritual, temos uma mãe que acompanha, educa e cuida. Ela inspira um dinamismo de saída, de encontro, solidariedade e

compaixão para com todos; um retorno às relações fundamentais com Deus, com o ser humano e com a casa comum, pois tudo está interligado, interrelacionado.

Palavras-chave

Mística Marial; Pe. Chaminade; Papa Francisco; Igreja “em saída”

Abstract

Silva, Zilda Maria da; Padua, Lúcia Pedrosa. **Marial Mystic as a path of faith. Dialogue between Blessed Chaminade and Pope Francis.** Rio de Janeiro, 2024. 327p. Doctoral Thesis – Department of Theology, Pontifical Catholic University of Rio de Janeiro

“Marial Mystic as a path of faith” proposes the formation of missionary disciples of an “outgoing” Church, inspired by the experience of faith lived by Mary. Which Mary? The Mary of the Gospels. Mary, through her “yes” to God’s project of being the mother of Jesus, the *Theotókos*, lived an experience of the mystery of God in her daily life. From this experience, she hurriedly leaves to follow and attend to life in need of care. Mary signals a journey in faith with an evangelizing dynamism. This work proposes a dialogue between two eras: that of Blessed Chaminade (1761-1850) and the current era of Pope Francis. Blessed Chaminade lived in a time of great transformations and challenges for society and the Church. He experienced the mystery of God in Christ, inspired by Mary. This experience took place during his exile in Zaragoza at the feet of the Virgin of Pilar. From then on, he began his new apostolate, having Mary as a model of faith. Pope Francis, in today's times, faces great challenges, responding to a strong call for a reform of the Church, a personal and pastoral conversion: the dream of a poor Church for the poor, a mother with an open heart. Mary, Our Lady of Readiness, is always attentive and listens to everyone in need, especially the poor. For Pope Francis, there is an intimate relationship between Mary, the Church and the faithful people. For him, devotion and popular piety constitute a theological place and must be present in the New Evangelization. Marial mystagogy, Mary, the perfect icon of faith and the first missionary disciple, signals (through her mystical experience) a formation in true faith to follow her Son Jesus Christ. In this process, which is human and spiritual, we have a mother who accompanies, educates and cares. She inspires an outgoing dynamism, encounter, solidarity and compassion towards

everyone; a return to fundamental relationships with God, with human beings and with the common home, as everything is interconnected, interrelated.

Keywords

Marial Mystic; Father Chaminade; Pope Francis; “outgoing” Church.

Sumário

Abreviaturas	12
1. Introdução	14
2. Mística Marial, a experiência de fé vivida por Maria de Nazaré	38
2.1. Mística experiência do Mistério de Deus	41
2.2. Mística cristã, experiência do Mistério de Deus em Cristo	48
2.2.1. Encarnação experiência de humanização	50
2.2.2. Cruz experiência de compaixão	52
2.2.3. Ressurreição experiência de encontro e seguimento	56
2.3. Mística Marial, a experiência de Deus no Filho, vivida por Maria	59
2.3.1. Maria no Evangelho de Mateus - a mulher símbolo do povo fiel	63
2.3.2. Maria no evangelho de Marcos - a peregrina na fé	65
2.3.3. Maria no Evangelho de Lucas - uma mulher habitada no Deus	66
2.3.3.1. Testemunhas da Encarnação	70
2.3.3.2. A alegria do encontro	73
2.4. Maria a mulher sensível e solidária no Evangelho de João	76
2.4.1. Cruz solidariedade e compaixão	77
2.4.2. Caná a sensibilidade à necessidade humana	81
2.5. Caminho experiencial do cristão. Inspirado na experiência de Maria	85
2.5.1. Experiência da escuta e da alegria na acolhida do Mistério	87
2.5.2. Experiência de amor, entrega e compaixão	
Maria, mãe solidária com os que sofrem	90
2.5.3. Experiência do serviço da missão. A mãe atenta, sensível ao cuidado da vida	93
2.6. A experiência mística que envolve Maria	95
2.7. Conclusão	100
3. Maria na vida e missão do Beato Chaminade	102
3.1. Contexto histórico do Pe. Chaminade	104
3.1.1. Experiência de fé do jovem Chaminade	
Na família, nos estudos e na missão como sacerdote	105
3.1.2. Experiência de fé vivida durante a Revolução Francesa	
E no exílio em Zaragoza	110
3.1.3. Missão apostólica de Chaminade, formador e educador na fé	118
3.1.4. Aliança com Maria, vivida pela família marianista	123
3.2. A dimensão mariana na vida do Pe. Chaminade	129
3.2.1. A espiritualidade mariana e a devoção a Maria	130
3.2.2. A experiência mariana do Pe. Chaminade	136
3.2.3. Caminho para o autoconhecimento, virtudes de preparação	139
3.2.4. Caminho para o amor, virtudes de purificação	143
3.2.5. Caminho para o serviço, virtudes de consumação	146

3.3. Experiência de fé e seguimento de Jesus Cristo Filho de Deus e Filho de Maria	148
3.3.1. Maria, formadora na fé, perfeita discípula seguidora	148
3.3.2. Maria a educadora da fé. Dinamismo missionário no cotidiano da vida	152
3.3.3. Maria a pedagoga no cuidado da vida. E no caminho da santidade	156
3.3.4. Maria a mistagoga, a experiência mística do Pe. Chaminade e seu projeto missionário	160
3.4. Conclusão	165
4. Maria na vida e missão do Papa Francisco	167
4.1. O contexto histórico de Jorge Mario	169
4.1.1. Os primeiros anos: família, estudo, trabalho e sua vocação “O ser encontrado por Deus”	170
4.1.2. A enfermidade e a vocação ao sacerdócio na Companhia de Jesus	174
4.1.3. O Bispo Bergoglio e seu estilo simples e austero	178
4.1.4. Bergoglio e a Conferência de Aparecida: Maria, modelo de discípula missionária que leva a Cristo	187
4.2. A eleição de Francisco e a <i>Evangelii Gaudium</i> .	194
4.2.1. Eleição do cardeal Bergoglio e a escolha do nome Francisco	195
4.2.2. <i>Evangelii Gaudium</i> e a Igreja em saída	199
4.2.3. Maria, lugar do encontro	212
4.3. A Pandemia de COVID 19 e o sonho de caminhar juntos	216
4.3.1. Os desafios da Pandemia e a fé, esperança e o amor	217
4.3.2. Educação e Economia meios para um novo humanismo	224
4.4. Maria no pontificado de Francisco	227
4.4.1. Maria, mulher de fé, e da alegria do Evangelho	228
4.4.2. As intuições marianas do Papa Francisco e a Igreja em saída	234
4.5. Conclusão	238
5. Mistagogia Marial na missão evangelizadora da Igreja em saída	240
5.1. Articulação do diálogo entre o Pe. Chaminade e o Papa Francisco	244
5.1.1. A centralidade no Evangelho	245
5.1.2. A experiência de fé pessoal e comunitária	250
5.1.3. A experiência do encontro com Maria	
Na devoção e na piedade popular	255
5.1.4. O dinamismo evangelizador - O sair e ir apressadamente para servir	264
5.2. A formação de discípulos missionário de um Igreja em saída	269
5.2.1. Caminho humano e espiritual: o conhecer, amar e servir	273
5.2.2. Educar para cuidar – Ecologia integral	282
5.3. Maria sinal de esperança Caminhar juntos pela paz, justiça e integridade criação	286
5.3.1. Maria na comunhão dos Santos	288
5.3.2. Maria e o diálogo ecumênico	292
5.3.3. Maria e o caminho sinodal da Igreja	296

5.4 . Conclusão	300
6. Conclusão	302
7. Referências Bibliográficas	314

Abreviaturas

- AA *Apostolicam Actuositatem* Decreto sobre o Apostolado dos Leigos
- AL *Amoris Laetitia*, Exortação Apostólica pós-sinodal sobre o amor na família, Papa Francisco
- CELAM Conselho Episcopal Latino-Americano
- CL *Christifideles Laici*, Exortação Apostólica sobre a vocação e missão dos leigos na Igreja e no mundo, Papa João Paulo II
- CV *Christus Vivit*, Exortação Apostólica pós-sinodal para os jovens e para todo o povo de Deus, Papa Francisco
- DAp Documento de Aparecida
- DP Documento de Puebla
- DS Documento de Santo Domingo
- DV *Dei Verbum*, Constituição Dogmática sobre a Revelação Divina.
- EG *Evangelii Gaudium*, Exortação Apostólica sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual, Papa Francisco
- EV *Evangelii Nuntiandi*, Exortação Apostólica do Sumo Pontífice sobre a evangelização no mundo contemporâneo, Papa Paulo VI
- FT *Fraterlli Tutti*, Carta Encíclica sobre a fraternidade e a amizade social, Papa Francisco
- Get *Gaudete et Exultate*, Exortação apostólica sobre o chamado à santidade no mundo atual, Papa Francisco
- LF *Lumen Fidei*, Carta Encíclica do Sumo Pontífice sobre a fé, Papa Francisco
- LG *Lumen Gentium* Constituição Dogmática sobre a Igreja
- LS *Laudato Si*, Carta Encíclica do Sumo Pontífice sobre o cuidado da casa comum, Papa Francisco
- MC *Marialis Cultus*, Exortação Apostólica para a reta ordenação e desenvolvimento do culto à Bem-aventurada Virgem Maria, Papa Paulo VI
- MM *Misericordiae Vultus*, Bula de proclamação do Jubileu Extraordinário da Misericórdia, Papa Francisco
- MeM *Misericordia et Misera*, Carta Apostólica no término do Jubileu Extraordinário da Misericórdia, Papa Francisco
- QA *Querida Amazônia*, Exortação Apostólica pós-sinodal ao povo de Deus e a todas as pessoas de boa vontade, Papa Francisco

- RM *Redemptoris Mater*, Carta Encíclica do Sumo Pontífice sobre a Mãe do Redentor, Papa João Paulo II
- TA Tradução do autor
- UR *Unitatis Redintegratio* Decreto sobre o Ecumenismo.

1 Introdução

A escolha do tema, mística marial, partira da experiência angariada no mestrado em Ciências da Religião, cuja pesquisa centrou-se na mística e na busca por elementos de uma mística marial na espiritualidade mariana do Pe. Chaminade, em tempos de secularização.

A espiritualidade do Pe. Chaminade, fundador da família marianista, ainda desconhecida no meio acadêmico do Brasil, teve sua vivência e desenvolvimento em uma época de desafios e busca de caminhos novos para a missão evangelizadora da Igreja e formação na fé de cristãos e cristãs.

No contexto pós-Revolução Francesa, Pe. Chaminade vê em Maria uma mulher forte na fé, modelo para o cristão. Em seus ensinamentos Maria está associada à missão de Jesus Cristo, por ser sua primeira discípula e seguidora. Para ele, Maria tem um importante papel na formação e educação na fé do cristão, chamado a imitar e reproduzir suas virtudes. “Este é o ensinamento da fé: Maria, Mãe de Jesus. “Pelo Filho aprendamos, pois, a conhecer a Mãe”.¹

No estudo da espiritualidade de Pe. Chaminade, iniciado na graduação em Teologia, com o trabalho de conclusão intitulado “Maria na Comunhão dos Santos”, observou-se uma proposta de aliança com Maria, segundo os escritos do Beato Guilherme José Chaminade. Na sequência, quando do mestrado, com a mística marial, propusemos uma releitura da espiritualidade mariana de Chaminade em tempos de secularização.

No caudal destas referências, a pesquisa que ensejou a presente tese de doutorado propusera-se a oferecer elementos para um caminho de formação de discípulos missionários em uma Igreja “em saída”. O “aprender” de Maria, nos Evangelhos – a primeira discípula seguidora – e a experiência mariana vivida pelo Beato Chaminade e o Papa Francisco, aqui assumindo a forma de uma mistagogia marial. Maria sabe reconhecer os vestígios do Espírito de Deus nos grandes acontecimentos, como naqueles que parecem imperceptíveis. Assim nos diz o Papa Francisco:

¹ CHAMINADE, G. J., Breve tratado, p. 51. (T.A)

Maria sabe reconhecer os vestígios do Espírito de Deus nos grandes acontecimentos, como naqueles que parecem imperceptíveis. É contemplativa dos mistérios de Deus no mundo, na história e na vida diária de cada um e de todos. É a mulher orante e trabalhadora em Nazaré, mas é também nossa Senhora da Prontidão, a que sai “às pressas” (Lc 1,39) da sua povoação para ir ajudar aos outros. Esta dinâmica de justiça e ternura, de contemplação e de caminho para outros faz dela um modelo eclesial para a evangelização”.²

Por isso Maria é aquela que nos ensina a estar sempre em sintonia e à escuta do Espírito de Deus – que pode nos orientar para um caminho de formação e educação na fé, pela escuta, atenção e abertura à ação de Deus.

Nesse caminho de formação e educação na fé, apoiar-nos-emos em dois momentos da história, tecendo um diálogo entre o Beato Chaminade e o Papa Francisco, assumindo, como espelho e referência, Maria, o modelo para a formação de discípulos missionários, por ser aquela que deu o seu “sim”, se tornando a mãe do Filho de Deus Encarnado. Por esse “sim” generoso, assumiu um projeto em nome de toda a Humanidade e, por isso, é a agraciada e escolhida por Deus, para essa missão:

Quando Maria deu o seu consentimento para a Encarnação do Verbo em suas castas entranhas, era consciente da obra e economia da Redenção em toda a sua extensão, e a aceitou com amor. Compreendeu que, ao receber Jesus, O concebia todo inteiro, em seu corpo natural e em seu corpo místico, pois não podia separá-Lo do que devia formar um só com Ele. Assim aceitou humildemente a honra da maternidade divina: aceitou ser a mãe de Jesus em seus dois aspectos: individualmente, na plenitude de Seu corpo, que é a Igreja – “A plenitude do corpo de Cristo é a Igreja (cf Ef 1, 23)”, – E ao conceber naturalmente o Salvador em seu seio virginal, O concebeu espiritualmente em sua alma. Por seu amor e por sua fé concebeu também a todos os cristãos, membros da Igreja e, portanto, a um só Jesus Cristo.³

Tanto o Beato Chaminade, como o Papa Francisco, em seus escritos, apresentam a “Maria da fé”, a mulher, esposa e mãe situada no seu tempo: é a “Maria dos Evangelhos”, a que canta a ação de Deus na sua vida e na vida de seu povo, e que pode ser o modelo na formação de discípulos missionários, por viver intensamente uma experiência de fé. Ela é aquela que gerou, cuidou, acompanhou, alimentou a Jesus de Nazaré. E depois aprendeu com o filho Jesus, a missão de gerar, pela fé, novos filhos e filhas (cf Jo 19, 25-27). É a peregrina na fé, a que

² EG 288.

³ CHAMINADE, G. J., Escritos Marianos I, n. 482, p. 163. (T.A)

permaneceu de pé junto à cruz, aquela que “meditava e guardava em seu coração todos os acontecimentos”. (Lc 2, 19.51)

A partir dessa experiência de fé de Maria, a proposta de um diálogo entre o Beato Chaminade e o Papa Francisco pode contribuir para a formação na fé de discípulos missionários. Pela experiência pessoal que percebemos em cada um, bem como pelo teor de seus escritos, intuímos que ambos viveram uma mistagogia marial, uma relação filial com Maria, a *Theotókos*.

Por isso, seu testemunho de fé, como protagonistas de um novo jeito de viver e atuar, traduz, para nós, uma ética comunitária na missão evangelizadora da Igreja: um retorno às relações fundamentais, com Deus, com o próximo, com a Terra.⁴ Para nos aprofundarmos no dom da filiação de Deus, que nos faz irmãos, temos a força da comunidade de fé e da maternidade divina de Maria.

Essa experiência subjetiva deve levar a uma transformação do mais íntimo do indivíduo, segundo os critérios do Evangelho. “Chegamos a ser plenamente humanos (...) quando permitimos a Deus que nos conduza para além de nós mesmos, a fim de alcançarmos o nosso “ser” mais verdadeiro.”⁵ Uma jornada de transformação onde somos acompanhados por Maria, como mãe e discípula: “Corramos, para um lugar seguro, corramos para a nossa Mãe. Ela guiará os nossos passos no caminho da vida e, protegidos de todos os perigos, por sua proteção alcançaremos a bem-aventurança eterna.”⁶

Maria viveu, em sua dimensão humana, como mulher, mãe, esposa, uma experiência profunda de Deus. Por isso todos nós, cristãos, podemos nela visualizar um modelo de seguimento e discipulado, fundamentado na Palavra de Deus e no testemunho da Igreja, povo de Deus.

O tema da presente tese mostra-se atual e pertinente para a linha de pesquisa “Religião e modernidade”, posto que, ao tratar dos temas da mística, como experiência do mistério de Deus; da mística cristã – experiência do mistério de Deus em Jesus Cristo; e da mística marial, pode-se desdobrar nas seguintes reflexões e contribuições:

1º) A experiência de Deus no Filho, vivida por Maria;

⁴ LS 66.

⁵ EG 8.

⁶ CHAMINADE, G. J., Breve tratado, p. 120-121.(T.A)

2º) O caminho experiencial do cristão inspirado na própria experiência de Maria;

3º) A experiência mística que envolve Maria;

4º) O diálogo entre dois períodos distintos da história, em que a centralidade é a pessoa humana e sua presença no mundo.

Esta pesquisa, assim, pretende percorrer um caminho junto com Maria, através dos Evangelhos. “A Maria”, mulher, filha, esposa e mãe, a escolhida para ser a mãe do Filho de Deus Encarnado, Jesus Cristo. Sob uma visão antropológica e teológica – mistério humano e divino – “foi concebido pelo poder do Espírito Santo, nasceu da Virgem Maria”⁷. Assim proclamamos na nossa profissão de fé: “Uma mulher, pois, deverá concebê-Lo em suas entranhas, levá-Lo em seu ventre, dar-Lhe a luz da vida humana, alimentá-lo com seu leite, soltar sua língua, sustentar sua debilidade... E essa mulher privilegiada será a Mãe de Deus”⁸.

A experiência mística é universal e se manifesta em todas as religiões. Tanto no Cristianismo, como nas demais religiões – inclusive nas formas de mística não estritamente religiosa. Contudo, o processo gerador, a partir do Mistério, somente poderá ser realidade existencial, efetiva, com a acolhida, pelo místico, dessa Presença que gratuitamente se doa.

Nesse caminho místico, a fé⁹ é indispensável. A mística se constitui, assim, em uma forma peculiar e privilegiada da experiência de fé, que comporta toda a realização viva, efetiva.¹⁰ Neste sentido, com a expressão “mística marial”, entendemos como sendo a experiência de fé de Maria, a escolhida por Deus para ser a mãe de Jesus Cristo, estendendo-se à experiência cristã do Deus de Maria, em que cada pessoa vive e/ou pode viver uma relação filial com ela, num vínculo de amor e compromisso com a vida e missão de seu Filho.

Desdobramos a pesquisa do tema “mística” com as seguintes abordagens: como experiência do mistério de Deus; a mística cristã como experiência do mistério de Deus em Cristo, e a mística marial. Vemos, como tema relevante, a

⁷ Do Símbolo dos Apóstolos – assim chamado porque se considera o resumo fiel da fé dos Apóstolos. É o antigo símbolo batismal da Igreja de Roma. Profissão de fé cristã.

⁸ CHAMINADE, G. J., Escritos Marianos II, n. 450, p. 152. (T.A)

⁹ A fé como confiança nessa realidade última, que promove a abertura do sujeito. A fé como atitude de disposição para viver a experiência da Presença originante.

¹⁰ VELASCO, J. M., El fenómeno místico, estudio comparado, p. 275-281. (T.A)

mística, como experiência do mistério para o momento atual, pois o ser humano busca a experiência do mistério.

Para o cristão, o mistério de Deus que se encarnou no ventre de Maria, Jesus Cristo, é uma experiência que deve ser encarnada e vivida no cotidiano, na realidade, e ser traduzida em ações concretas de vida; expressada pela compaixão e solidariedade para com todos os que necessitam, especialmente os pobres e marginalizados. Assim ensinou e viveu Jesus de Nazaré. E Maria, Sua mãe, segue a mesma missão de formar na fé e acompanhar, com sua ternura maternal, novos discípulos e discípulas para seu Filho Jesus:

Para muitos cristãos, esse caminho de fraternidade tem também uma Mãe, chamada Maria. Ela recebeu junto à Cruz essa maternidade universal (cf Jo 19, 26) e cuida não só de Jesus, mas também do restante dos filhos dela” (cf Ap 12, 17). Com o poder do Ressuscitado ela quer dar à luz um mundo novo, onde todos sejamos irmãos, onde haja lugar para todos os rejeitados de nossas sociedades, onde resplandeça a Justiça e a Paz.¹¹

Vivemos um momento difícil e desafiador de nossa história com a pandemia de Covid-19: com o distanciamento social, incertezas, medo, insegurança, com a contabilização de milhares de mortos. E ainda convivemos às margens de suas sequelas, em um cenário ainda de pesquisas e buscas por respostas e sentido para toda essa situação.

Neste íterim, o pontificado de Francisco está sendo marcado por desafios frente à pandemia e à busca pela Paz, diante da guerra entre Rússia e Ucrânia, e do conflito entre judeus e palestinos. Além do desafio do cuidado com a casa comum, face ao descaso para com a Natureza e seus recursos, há, ainda, a temática da pobreza, gritante realidade de grande contingente de pessoas, em diversos países. Há que se falar, também, do agravante nas ondas de imigração, em especial, acerca da morte de tantos sujeitos em deslocamentos precários, por um caminho inseguro nesse peregrinar em busca de condições para uma vida digna, em outras terras.

Mas como Maria aparece no pontificado de Francisco? Ela aparece com força, como Mãe da Igreja e Mãe da nossa fé.¹² É a mãe da Nova Evangelização e sempre que olhamos para Maria, voltamos a acreditar na força revolucionária da ternura e

¹¹ FT 278.

¹² LF 60.

do afeto.¹³ Assim, Maria emerge com vigor e determinação diante dos desafios, tanto sociais, quanto eclesiais. Essa força transparece e pode ser percebida em vários documentos do Papa Francisco:

A presença de Maria emerge com força no pontificado do Papa Francisco. Nela estão o espírito da Nova Evangelização e a figura que pode ajudar a Igreja a adentrar num caminho novo, de discipulado de Jesus. Os vários documentos aqui estudados nos colocam diante de um surpreendente itinerário para uma Igreja mariana, enraizada na “Maria dos Evangelhos” e na mãe de uma Igreja “em saída”.¹⁴

A atitude de olhar a Maria, como mulher integrada e integradora, pode nos orientar para um novo caminho de discipulado e missionariedade, que passa por uma experiência do mistério de Deus em Cristo, vivida por ela, e a experiência do mistério de Deus no Filho, inspirada por Maria – tal como viveu o Pe. Chaminade e o Papa Francisco. Por isso o diálogo entre os dois momentos da história: de um lado, o Pe. Chaminade, na França pós-Revolução Francesa, com os desafios de sua época e, de outro, o Papa Francisco em seu pontificado, iniciado em 2013, enfrentando todas as transformações vividas nestes onze anos de missão. Esse “intercâmbio” dialético pode nos oferecer elementos para um novo olhar a Maria e à Teologia Mariana, hoje.

O tema do diálogo entre o Pe. Chaminade e o Papa Francisco é, como se perceberá, bastante atual para uma pesquisa acadêmica na área da Teologia Mariana, e ganha mais relevância sob o pontificado do Papa Francisco, o primeiro papa latino-americano. O “tratar” de uma experiência de fé e uma pedagogia mistagógica, para se chegar a uma mistagogia marial, o “aprender” da “Maria dos Evangelhos”, compreensão esta que une o Pe. Chaminade e o Papa Francisco por uma experiência de filiação e devoção a Maria, a mãe de Jesus. Intuímos, assim, que, cada um dos missionários acima citados, em seu tempo, podem nos ajudar a viver uma experiência profunda de Deus, por seus ensinamentos e experiências vividas na escola de Maria.

Assim nos ensina o Pe. Chaminade: não devemos apenas e tão somente implorar a Maria seu auxílio, mas, e principalmente, devemos imitar suas virtudes:

¹³ EG 288.

¹⁴ PEDROSA-PÁDUA, L. Uma Igreja Mariana no Magistério do Papa Francisco. Chaves de renovação para uma Igreja “em saída”, p.139.

Conseguiremos o amor e o auxílio de Maria honrando-a com respeito, rezando com confiança, e sobretudo imitando suas virtudes. Ainda que se veja a muitos cristãos que vão ao pé dos altares de Maria para implorar seu auxílio, porém são poucos os que pensam em imitar suas virtudes. Aliás, a maior glória e a maior alegria de uma mãe virtuosa é ter filhos que se pareçam com ela.¹⁵

Assim diz-nos Francisco: “Ela é minha mãe. E provavelmente seja a única pessoa com quem me atrevo a chorar. Porque eu sou assim, duro. Não costumo chorar. Mas, com a Virgem, sim, já o fiz. (...) Sinto que com ela posso chorar”.¹⁶

Somos conscientes de que será necessário olhar o passado com seus limites: histórico, social, eclesial. Situar a França na época do Pe. Chaminade, focando o momento pós-Revolução Francesa, a partir de 1800, época de seu retorno à França após o exílio em Zaragoza.

Pe. Chaminade inicia seu novo apostolado fortalecido pela experiência vivida nos três anos de exílio, no qual aprofundou-se em uma relação filial com Maria, aos pés da Virgem do Pilar. Durante o tempo do exílio, foi se preparando para o retorno, sob os novos desafios diante de um país devastado, tanto no aspecto moral, como no eclesial e material – consequências diretas da Revolução:

Desde seu retorno a Bordeaux, no final de 1800, Padre Chaminade tinha começado a trabalhar com um zelo acrescido pelas graças recebidas durante seu longo retiro em Zaragoza e pela contemplação das ruínas acumuladas na França durante os anos da Revolução.¹⁷

O novo apostolado do Pe. Chaminade, inicia-se com a abertura de um pequeno oratório, dedicado, especialmente, a atender e acompanhar os jovens. Em 1801, funda uma congregação mariana, um pequeno grupo de pessoas, formado por professores, estudantes, trabalhadores do comércio, operários e seminaristas, sob o vínculo de uma estreita amizade, uma fraternidade cristã:

Ele contava com os jovens para o trabalho de regeneração cristã, a que se propunha realizar; um trabalho que era extremamente necessário por mil razões. Bordeaux, economicamente arruinada, tinha vinte mil habitantes a menos do que antes da Revolução. Mas essas ruínas materiais eram poucas em comparação com o caos causado nos campos moral e religioso.¹⁸

¹⁵ CHAMINADE, G. J., Breve tratado, p. 113. (T.A)

¹⁶ MELLO, A. Awi., “Ela é minha mãe”! p. 239.

¹⁷ COUSIN, L., Un insigne Apóstol de María, p. 47. (T.A)

¹⁸ COUSIN, L., Un insigne Apóstol de María, p. 48. (T.A)

Diante dessa difícil situação, Pe. Chaminade vê esperança de mudança social e eclesial, num trabalho de apostolado junto à juventude. Por isso, revela, desde então, uma grande preocupação pela formação e o acompanhamento dos jovens:

Deve-se observar que essas obras nada mais eram do que reproduções e substituições das antigas congregações. Por outro lado, a Congregação do Pe. Chaminade foi verdadeiramente uma nova criação animada por um espírito original. Sua organização estava inteiramente em sintonia com as necessidades resultantes das profundas mudanças sociais que acabavam de ocorrer na França e que não demoraram a chegar em outros países.¹⁹

E nós, contemporaneamente, vivemos um contexto em que mostra-se complexa uma análise mais ampla, num cenário de rápidas transformações tecnológicas, no âmbito social, político, econômico, eclesial, e ainda convivendo com as sequelas da caótica situação causada no mundo pelo surto da pandemia de Covid-19, como o isolamento social, injustiças, discriminação, ao mesmo tempo em que se busca pela Paz, a fraternidade e a solidariedade:

É verdade que uma tragédia global como a Pandemia Covid-19 despertou, por algum tempo, a consciência de sermos uma comunidade mundial que viaja no mesmo barco, onde o mal de um prejudica a todos. Recordamo-nos de que ninguém se salva sozinho, que só é possível salvar-nos juntos. Por isso, a tempestade – dizia eu – desmascara a nossa vulnerabilidade e deixa a descoberto as falsas e supérfluas seguranças com que construímos os nossos programas, os nossos projetos, os nossos hábitos e prioridades. (...) Com a tempestade, caiu a maquiagem dos estereótipos com que mascaramos o nosso “eu”, sempre preocupado com a própria imagem; e ficou a descoberto, uma vez mais, esta (abençoada) pertença comum a que não nos podemos subtrair: a pertença como irmãos.²⁰

Ao articular o diálogo entre duas épocas, a pesquisa se dará no âmbito social e eclesial. No âmbito social, no caso do Pe. Chaminade, vemos a França pós-Revolução, marcada pelo sofrimento humano: as pessoas em busca de caminhos novos de integração diante da fragmentação, com danos e sequelas morais, materiais, indiferença religiosa, o medo e a secularização.

Ao retornar à França, em 1800, após o exílio, Pe. Chaminade encontra um país em meio a grandes desafios sociais e eclesiais, marcado pela fragilidade humana, pobreza, desesperança, descrença. Sendo um homem de ação no seu tempo, busca pontos de apoio para o seu apostolado. “Outros tempos, outros costumes”:

¹⁹ COUSIN, L., Un insigne Apóstol de María, p. 50. (T.A)

²⁰ FT 32.

Um desses novos pontos de apoio foi o grande desejo que existia em meio ao povo de uma colaboração mais efetiva de todos na vida pública, qualquer que fosse a posição de cada um na sociedade. Sem dúvida, a igualdade proclamada pela Revolução foi um absurdo; mas, mesmo assim, foi necessário lançar mais luz sobre a fraternidade cristã e colocá-la mais fielmente em prática.²¹

Por outro lado, o pontificado de Francisco mostra uma preocupação para com os pobres e a fragilidade do planeta, com a convicção de que tudo está interligado no mundo e com um chamado à nossa consciência para “repensar” uma maneira de entender a economia e o progresso – utilizando as novas tecnologias a serviço da vida e do bem comum. Uma proposta-desafio para uma economia sustentável e inclusiva, que escute e atenda ao clamor dos pobres e da Terra. Eis aí, ante os nossos olhos, a vida ameaçada pelo descaso e a ganância do ser humano! Em meio ao caos da vida no planeta Terra, o Papa Francisco nos faz um convite para caminharmos na esperança, a fim de encontrarmos caminhos novos de solidariedade²²:

A esperança convida-nos a reconhecer que sempre há uma saída, sempre podemos mudar de rumo, sempre podemos fazer alguma coisa para resolver os problemas. Todavia, parece notar-se sintomas de um ponto de ruptura, por causa da alta velocidade das mudanças e degradação, que se manifestam tanto em catástrofes naturais regionais, como em crises sociais ou mesmo financeiras, uma vez que os problemas do mundo não se podem analisar nem explicar de forma isolada. Há regiões que já se encontram particularmente em risco e, prescindindo de qualquer previsão catastrófica, o certo é que o atual sistema mundial é insustentável a partir de vários pontos de vista, porque deixamos de pensar nas finalidades da ação humana.²³

Tanto o Pe. Chaminade, quanto o Papa Francisco, preocupam-se com a formação e educação dos jovens. Francisco, por sinal, traz-nos a ideia da elaboração do Pacto Educativo Global e a iniciativa de uma nova economia, a partir dos jovens economistas, assunto que foi a temática do Encontro de Assis – por uma economia inspirada em São Francisco de Assis:

A educação será ineficaz e os seus esforços estéreis, se não se preocupar também em difundir um novo modelo relativo ao ser humano, à vida, à sociedade e à relação com a Natureza. Caso contrário, continuará a perdurar o modelo consumista, transmitido pelos meios de comunicação social e através dos mecanismos eficazes do mercado.²⁴

²¹ COUSIN, L., Un insigne Apóstol de María, p. 52. (T.A)

²² LS 16 e FT 55.

²³ LS 61.

²⁴ LS 15.

Em seu discurso de 15 de outubro de 2020, no encontro promovido pela Congregação para a Educação Católica, Francisco aponta sete motivos para um compromisso pessoal e comunitário, colocando a pessoa no centro do processo educativo:

Primeiro: colocar no centro de cada processo educativo – formal e informal – a pessoa, o seu valor, a sua dignidade para fazer emergir a sua especificidade, a sua beleza, a sua singularidade e, ao mesmo tempo, a sua capacidade de estar em relação com os outros e com a realidade que a rodeia, rejeitando os estilos de vida que favorecem a difusão da cultura do descarte. Segundo: ouvir a voz das crianças, adolescentes e jovens a quem transmitimos valores e conhecimentos, para construir juntos um futuro de justiça e paz, uma vida digna para toda pessoa. Terceiro: favorecer a plena participação das meninas e jovens (em geral) na instrução. Quarto: ver na família o primeiro e indispensável sujeito educador. Quinto: educar e educarmo-nos para o acolhimento, abrindo-nos aos mais vulneráveis e marginalizados. Sexto: empenharmo-nos no estudo para encontrar outras formas de compreender a economia, a política, o crescimento e o progresso, para que estejam verdadeiramente a serviço do homem e da família humana inteira, sob a perspectiva de uma ecologia integral. Sétimo: guardar e cultivar a nossa casa comum, protegendo-a da exploração dos seus recursos, adotando estilos de vida mais sóbrios e apostando na utilização exclusiva de energias renováveis e respeitadoras do ambiente humano e natural, segundo os princípios de subsidiariedade e solidariedade e da economia circulante.²⁵

No âmbito eclesial, a busca pelo retorno à fé, à vida de comunidade, à esperança, assume centralidade, ao passo que Maria manifesta-se como aquela que nos ensina a caminhar juntos: a "Virgem deu em sua vida o exemplo daquele materno afeto pelo qual devem ser impulsionados todos os que cooperam na missão apostólica da Igreja, para a regeneração dos homens".²⁶

Neste tempo, vivemos um caminho sinodal, o "caminhar juntos". Francisco nos exorta a que vivamos este tempo sinodal como um tempo de graça, contemplando três oportunidades: a primeira, o encontro - uma Igreja sinodal como um lugar aberto, no qual todos se sintam "em casa" e do qual possam participar; a segunda, uma oportunidade de ser uma Igreja da escuta, um convite a controlar as ânsias pastorais para escutar. Escutar o Espírito na adoração e na oração; e a terceira, a oportunidade de dedicar um tempo para a reflexão, a fim de nos

²⁵ FRANCISCO, PP., Mensagem em vídeo do Papa Francisco por ocasião do encontro promovido pela Congregação para a Educação Católica: "global compact on education, together to look beyond."

²⁶ LG 65.

tornarmos uma Igreja da proximidade, da compaixão e da ternura.²⁷ Tempo de “caminhar juntos”, na comunhão e na participação para a missão, pois, pelo Batismo, somos chamados a participar da vida e missão da Igreja. “Pois todos fomos batizados num só Espírito para sermos um só corpo”. (1 Cor 12, 13).

Noutros tempos, Pe. Chaminade, desde sua época em Bordeaux, já tomava conhecimento sobre igrejas que eram devastadas e ficavam desertas. O número de sacerdotes da diocese era insuficiente, devido à morte pela guilhotina e à deportação. Na cidade, não havia escolas populares. Crianças e jovens vagavam pelas ruas. A congregação mariana de jovens, fundada pelo Pe. Chaminade, prestava, assim relevante serviço à educação cristã, bem como à educação formal e informal:

O Pe. Chaminade e seus discípulos tentaram remediar esse mal deplorável. Os congregantes mais velhos chegaram ao ponto de reunir todos os domingos várias centenas desses pobres jovens para fazê-los ouvir a missa e ensinar-lhes o catecismo. Foram ainda mais além. Em 1806, eles reconstituíram em Bordeaux o Instituto dos Irmãos das Escolas Cristãs.²⁸

No primeiro centenário da fundação da Companhia de Maria,²⁹ assim escreveu o Papa Bento XV,³⁰ ao Superior Geral, mensagem na qual destaca a pessoa do Pe. Chaminade, seu dinamismo missionário e evangelizador, no período pós-Revolução Francesa:

Assim nasceu aquela Congregação em Bordeaux, que, através de uma maravilhosa rede de obras, trouxe o renascimento cristão à região de Bordeaux, por primeiro; e depois em várias outras províncias. Foi verdadeiramente um celeiro para a reconstituição da França Católica. Em seu seio, e levando em conta as novas necessidades, os elementos foram se formando e amadurecendo pouco a pouco, sob a influência e os auspícios da Virgem Imaculada: primeiro, as Filhas de Maria e depois, a Companhia de Maria.³¹

Ao que podemos articular ao que o Papa Francisco, no primeiro capítulo de sua Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*, nos diz: a transformação missionária

²⁷ FRANCISCO, PP., Momento de reflexão para o início do percurso sinodal. Sala nova do Sínodo, em 9 de outubro de 2021.

²⁸ COUSIN, L., Un insigne Apóstol de María, p. 55. (T.A)

²⁹ Congregação Religiosa, fundada pelo Pe. Chaminade em 1817, com composição mista de religiosos, ordenados padres e irmãos.

³⁰ Papa Bento XV (1854 – 1922) – Pontificado de 1914 a 1922.

³¹ COUSIN, L., Un insigne Apóstol de Maria. Chaminade Guillermo José, p. 10. Carta de S. S. Bento XV, para o Superior Geral da Companhia de Maria (Marianistas), R. P. Hiss, pelo primeiro Centenário da Congregação. Ata Apostólica de 26 de março de 1917. (T.A)

da Igreja, de uma Igreja em crise, aponta para uma “Igreja em saída” para superar a auto-referencialidade, para uma eclesiologia aberta ao mundo principalmente aos mais pobres e fragilizados:

A atitude basilar de se autotranscender rompendo com a consciência isolada e a auto-referencialidade, é a raiz que possibilita todo o cuidado dos outros e do meio ambiente; e faz brotar a reação moral de ter em conta o impacto que possa provocar cada ação e decisão pessoal fora de si mesmo. Quando somos capazes de superar o individualismo, pode-se realmente desenvolver um estilo de vida alternativo e torna-se possível uma mudança relevante na sociedade.³² Cada cristão e cada comunidade há de discernir qual é o caminho que o Senhor lhe pede, mas todos somos convidados a aceitar essa chamada: sair da própria comodidade e ter a coragem de alcançar todas as periferias que precisam da luz do Evangelho.³³

Segue afirmando que a Igreja “em saída” é a comunidade de discípulos missionários que primeiramente, que se envolvem, que acompanham, que frutificam e festejam.³⁴ E a Igreja evangeliza e “se” evangeliza com a beleza da liturgia que é também celebração da atividade evangelizadora e fonte de um renovado impulso para se dar.³⁵ A Igreja deve ser uma casa de portas abertas a todos, porquanto é mãe:

A Igreja é uma casa com as portas abertas, porque é mãe. E como Maria, a mãe de Jesus, queremos ser uma Igreja que serve, que sai dos seus templos, que sai de suas sacristias, para acompanhar a vida, sustentar a esperança, ser sinal de unidade (...) para construir pontes, abater muros, semear reconciliação.³⁶

No diálogo entre os dois momentos da história, marcados pelo sofrimento humano, mas também pela busca de experiência do mistério de Deus, vemos um caminhar na direção de uma nova realidade de fraternidade e solidariedade, no qual existe um forte apelo ao retorno a uma experiência de Jesus Cristo, a fé cristã.

Portanto, a presente tese tem, como objetivo geral, apresentar a Mística Marial como um caminho de experiência de fé cristã, a partir da “Maria dos Evangelhos”. De forma associada, ampara-se nos seguintes objetivos específicos:

1º) Apresentar a mística como experiência do mistério de Deus; a mística cristã como experiência do mistério de Deus em Cristo; e a mística marial, como

³² LS 208.

³³ EG 20.

³⁴ EG 24.

³⁵ EG 24.

³⁶ FT 276.

experiência do mistério de Deus no Filho, vivida por Maria, no mistério da Encarnação. “O Verbo se fez carne e habitou entre nós.” (Jo 1, 14)

2º) Desvelar a experiência de uma mística marial, vivida pelo Pe. Chaminade e o Papa Francisco, com uma proposta para uma mistagogia marial com vistas à formação de discípulos missionários.

3º) Favorecer o diálogo ecumênico a partir da humanidade de Maria, tal e qual encontramos nos Evangelhos.

4º) Apresentar Maria como sinal de esperança – mulher do cuidado com a vida e com a casa comum, pois ela é a mãe da vida, a impulsionadora da revolução da ternura. Que seja um contínuo “aprender” com Maria, pelo seu testemunho de vida e missão de ser a mãe do filho de Deus Encarnado.

O tema apresenta uma novidade ao propor um diálogo entre o Beato Chaminade e o Papa Francisco: dois contextos distintos, tratando de temas pertinentes à sociedade humana e à Igreja. Ressalta-se que, até este momento, não há pesquisas ou publicações que tratem desta temática.

Muitos escritos sobre o Beato Chaminade tratam de sua história na sociedade e Igreja da França; sua espiritualidade mariana, seu espírito missionário e educador. A pesquisa sobre o Beato Chaminade sua vida, vocação e missão se fará, assim, a partir dos documentos por ele escritos em francês e editados, bem como outros textos de diferentes autores e épocas, que o mencionam. Pe. Chaminade deixou uma vasta obra, mas poucos são os escritos sistematizados, muitos deles, tendo sido recolhidos pelos primeiros religiosos marianistas. Os originais de sua obra se encontram arquivados em Roma, na sede da Companhia de Maria, congregação por ele fundada. Já para a pesquisa sobre o Papa Francisco, serão estudadas suas encíclicas, exortações, catequeses, bem como escritos sobre ele e sua experiência mariana.

A pesquisa pode, assim, contribuir para uma Teologia Mariana, que integre e caminhe junto com a antropologia, cristologia, pneumatologia, eclesiologia. Uma teologia que contribua para um diálogo ecumênico, com uma ética do “cuidado”. Destarte, defendemos nesta tese a hipótese de que, na mística marial, como experiência de fé de Maria e experiência filial vivida e escrita pelo Beato Chaminade e o Papa Francisco, podemos encontrar elementos de uma mistagogia marial, para a formação de discípulos missionários de uma “Igreja em saída”.

A mística marial como experiência de fé cristã pode contribuir para um itinerário de formação na fé cristã, com uma pedagogia do “cuidado”. Ao mesmo tempo, tal mística, a partir da “Maria dos Evangelhos” pode ser um caminho para o diálogo ecumênico, além de nos auxiliar a compreender e a viver uma verdadeira devoção a Maria, sem exageros e sentimentalismos, tendo Maria como modelo e espelho de fé e seguimento de Jesus.

Para chegarmos às respostas aos questionamentos acima, serão desenvolvidos os seguintes capítulos:

No segundo capítulo, “Mística Marial, a experiência de fé vivida por Maria de Nazaré”, apoiamo-nos em referências teóricas providas por Juan Martin Velasco e R. Panikkar, no que toca ao fenômeno religioso e místico, e, na hermenêutica bíblica, Ir. Afonso Murad. Aqui, apresentamos a experiência do mistério de Deus, com o tema da mística enquanto experiência do mistério, bem como os elementos para que se diga se, de fato, ocorreu a experiência.

Para Velasco, três são os elementos cruciais a serem verificados a fim de se comprovar a ocorrência de uma experiência mística: a união íntima com Deus, sua condição de experiência imediata na mediação da alma e o amor como caminho e meio da união. Todavia, para fins desta pesquisa, orientamo-nos pelos quatro elementos apresentados por Panikkar: a experiência pura, a memória da experiência, a interpretação e a recepção.

Ainda neste capítulo, trataremos a mística cristã, como experiência do mistério de Deus em Cristo; o mistério da Encarnação como experiência de humanização; o mistério da cruz como compaixão e a Ressurreição como experiência de encontro e seguimento. A mística cristã é centrada na pessoa de Jesus Cristo: e a fé é o elemento central da experiência mística cristã. A fé em Cristo Ressuscitado nos recorda que Deus existe. É o viver a cada dia, na experiência de ressurreição, de vida e de alegria; é o experimentar o amor de Deus no cotidiano da vida, que cura, cuida, liberta e humaniza.

A mística marial, a experiência de Deus no Filho, vivida por Maria, também estará presente neste capítulo, partindo do contexto do primeiro século da Palestina, relatando algumas características da época, situando ali Maria, uma mulher judia. Faremos, aqui, uma hermenêutica bíblica dos Evangelhos de Mateus, onde Maria é a mulher símbolo do povo fiel; no de Marcos, em que ela é a peregrina na fé; e no de Lucas, em que Maria é a mulher habitada por Deus. Destacam-se, aqui, os textos

da Anunciação (Lc 1, 26-38), como testemunhos da Encarnação; da Visitação (Lc 1, 39-45) e o *Magnificat* (Lc 1, 46-56), a alegria do encontro.

O Evangelho de João também demonstrará relevância neste capítulo, quanto à tentativa de se propor um caminhar na fé que passa pela corporeidade com o texto da Anunciação, situado em Lucas 1, 26-56; depois, pelo processo da integração dos opostos: luz x trevas; alegria x tristezas, com o relato do episódio da Cruz, texto situado em João 19, 25-27; e por fim, pela dimensão do serviço e missão, o cuidado com a vida, o estar atento e sensível às necessidades humanas para *Fazer tudo o que Jesus disser* no hoje, com o texto extraído de João 2, 1-11, as Bodas de Caná.

Encaminhando-nos ao fim do capítulo, o caminho experiencial do cristão, inspirado na experiência de Maria, será destacado por três momentos: primeiro, a experiência da escuta e da alegria na acolhida do mistério; segundo a experiência de amor, entrega e compaixão em que temos a visão de Maria como a mãe solidária com os que sofrem; e o terceiro, a experiência do serviço e da missão, em que Maria se apresenta como a mãe atenta e sensível ao cuidado com a vida.

Por fim, a experiência mística que envolve Maria, a mística Marial, como caminho de fé, a partir de um olhar a “Maria dos Evangelhos” em sua experiência de fé, em que somos levados a conhecer Maria (Lc 1, 26-38); primeiro, em sua dimensão humana e, conhecendo-a em sua humanidade, amá-la como nossa mãe, na ordem da graça (Jo 19, 25-27).

Em sua humanidade, Maria viveu uma experiência do Mistério de Deus em Cristo, por sua fé ativa, mesmo diante do sofrimento e da dor vivida aos pés da Cruz. Por isso todos nós, cristãos e cristãs, podemos também viver uma experiência do Mistério de Deus em Cristo: aprender com Maria – a primeira e perfeita discípula, seguidora e missionária. E o estar prontos para acolher seu aconselhamento: “*Fazei tudo o que Ele vos disser.*” E eis o que significa “tudo”: total e integralmente assumir as alegrias, tristezas, frustrações, incertezas. Mas, acima de tudo, na certeza do amor de Deus e na esperança do “caminhar juntos”, no cuidado e atenção à vida, principalmente a dos mais necessitados – os pobres; bem como o cuidado do nosso espaço no mundo – a nossa casa comum.

No terceiro capítulo, intitulado “Maria, na vida e missão do Pe. Chaminade”, seguiremos um itinerário histórico quanto à teologia mariana desse autor. Para tanto, serão contemplados três momentos de sua jornada: a experiência de fé do jovem Chaminade, na família, nos estudos e na missão como sacerdote; a

experiência de fé vivida durante a Revolução Francesa e o exílio em Zaragoza, Espanha; e a missão apostólica de Chaminade, o formador e o educador na fé e a Aliança com Maria, vivida pela família marianista.

Pe. Guilherme José Chaminade nasceu na França em Périgueux, em 8 de abril de 1761, em meio a uma família numerosa, sendo o filho mais novo. Fez seus estudos primários no Colégio e Seminário de São Carlos Borromeu, em Mussidan. Um fato, nessa época, marcara sua vida: foi quando teve um grave ferimento no pé, do qual não conseguia curar. Seu irmão mais velho, João Batista, recorre de maneira especial à Maria, pela cura do menino, e este fica curado. Esse acontecimento ocupou um lugar importante em sua devoção a Maria – porém, não fez disto a base daquilo que nos transmitiu.

Durante a Revolução Francesa, em 1789, nega-se a jurar pela constituição civil do clero, permanecendo fiel e unido à Igreja de Roma e ao Papa e, por causa disso, é perseguido. Mesmo assim, permanece na França, disfarçado, exercendo seu ministério sacerdotal. Todavia, intensificam-se as perseguições e, em 1797, Chaminade exila-se na Espanha, na cidade de Zaragoza, na qual chega na véspera da Festividade da Padroeira, Nossa Senhora do Pilar. Durante três anos permanece exilado, vivendo momentos de dificuldades, mas também de amadurecimento e crescimento na fé. Momentos de profunda espiritualidade, de oração, e de discernimento para um futuro retorno à pátria.

Segundo a tradição marianista, é aos pés da Virgem do Pilar que Pe. Chaminade tem suas primeiras intuições sobre a fundação de ordens religiosas. Ele vê em Maria a mulher forte na fé, modelo de seguidora e formadora na fé de cristãos, para um novo momento na vida e missão da Igreja na França pós-Revolução.³⁷

Pe. Chaminade, em 1800, regressa à França e encontra um país destruído pela revolução, onde predomina a razão, distante da fé. Ali inicia-se sua missão de “recristianizar” o país. Com o desejo de fomentar a fé na França e fazer crescer o

³⁷ Pe. Chaminade soube infundir em todos aqueles com quem se pôs em contato, uma espiritualidade mariana, baseada e radicada em Cristo. Cristo é o centro de toda a religião e da vida divina nas almas. O racionalismo (filosofismo) e a Revolução, haviam banido Cristo da sociedade e a divina centelha da fé se apagava em muitas almas. (Introdução Breve Tratado de Conhecimento e Amor de Maria)

amor a Cristo e à Igreja, solicita ao Papa o título de Missionário Apostólico,³⁸ único título que buscou, pois o investia de uma missão eclesial.

A piedade filial e a missão apostólica de Maria são as duas ideias centrais da teologia mariana do Pe. Chaminade - aliás, podemos dizer, sua originalidade. A orientação, a estrutura de Corpo Místico e consciência social concentra-se na Igreja e em toda a sociedade. Seus ensinamentos são atuais, pois parte da pessoa.

Toda relação filial e missão apostólica de Maria se inicia com o conhecimento e amor, para poder chegar em seguida a se colocar a seu serviço, levando Cristo ao mundo. Pe. Chaminade diz que: “Maria se esforça em todo momento por revestir-nos da semelhança de Jesus Cristo, procurando penetrar-nos de suas ideias e sentimentos para fazer efetivo em nós o título de cristãos”³⁹. E segue afirmando que existem três meios para este caminho de discípulos seguidores de Cristo, que nos ajudam a atingir a dimensão mariana: imitando Maria, confiando em sua intercessão e, por fim, a consagrando-nos a ela. A consagração a Maria, segundo o Pe. Chaminade é para a missão, o “Fazer tudo o que Ele nos disser.” (Jo 2, 5)

Pe. Chaminade, em seus escritos, aprofunda, ainda, o papel de Maria no mistério de Cristo e da Igreja, em uma época de indiferença religiosa, sob uma razão distante da fé. Em seus ensinamentos, está a centralidade em Jesus Cristo, o Filho de Maria, e cada pessoa está chamada a entrar na escola de Maria.

Ele seguiu à frente da Companhia de Maria, sendo seu mestre espiritual, seu Superior Geral. Nele, a serenidade, que resulta de sua humildade e sua confiança em Deus, se traduzem em sabedoria e em moderação em toda sua conduta. O querer de Deus buscado na oração, no diálogo e no discernimento, propunha com clareza e mantinha com firmeza, superando os obstáculos quando necessários.

Mostrou uma caridade extrema, uma caridade heroica, no calvário que passou nos últimos dez anos de sua vida. Uma série de acusações e mal entendidos se insurgiram contra ele, até o ponto de ver-se forçado a apresentar sua demissão do cargo de Superior Geral. Este foi o doloroso crisol de uma longa purificação que viveu com grande serenidade e uma fé inquebrantável. Morreu aos 89 anos, em 22 de janeiro de 1850, depois de uma longa missão à frente da família marianista, que tanto amou e empenhou para fazer crescer.

³⁸ Pe. Chaminade via neste título uma derivação e uma participação no apostolado de Jesus Cristo. Somos todos missionários; os religiosos, as religiosas, os leigos.

³⁹ CHAMINADE, G. J., Breve tratado, p. 81. (T.A)

Por fim, resgata-se a experiência de fé e seguimento de Jesus Cristo Filho de Deus e Filho de Maria: Pe. Chaminade, preocupado com formação na fé dos membros de suas comunidades, desenvolveu o método de oração sobre o Creio. Diz da importância da fé do coração, da fé em Maria e da fé de Maria, a fé como base de nossa devoção a Maria, a educação na fé. Insistia, ainda, que, sem a fé, o apostolado, por mais ativo que seja, corre o risco de converter-se em ativismo e em desperdício de forças. Somente uma fé motivada é capaz de imunizar de tudo o que impede de viver o espírito das bem-aventuranças. Sua preocupação era, então, preparar apóstolos para a Igreja com um dinamismo suficiente para enfrentar todos os ambientes sem deixar-se contaminar pela indiferença⁴⁰ e o ateísmo de seu tempo.

Assim, Chaminade vê em Maria muito mais que um simples objeto de piedade convencional. Estava convencido de que Maria é o caminho que conduz a seu Filho. Nela, vê a fonte de dinamismo que nos permite tomar parte plenamente, através da Aliança com Ela, em todos os mistérios de seu Filho, especialmente na sua função salvadora.

Para ele, a devoção a Maria é essencialmente cristocêntrica, uma devoção que promove, em cada pessoa, um modo de proceder no mundo, centrado na comunidade e orientado para o crescimento pessoal e o compromisso missionário. Ele encontra Maria na revelação, na fé cristã, na vida e no magistério da Igreja, e em sua meditação sobre Cristo e seus mistérios. Sua rica doutrina mariana tem aspectos originais que seguem sendo dignos de destacar na Igreja hoje.

Para ele, todo o sentido da vida de Maria, todo significado de sua vocação se fundamenta no chamado que recebeu para ser a mãe de Jesus e, em consequência, nossa mãe. Maria tem uma participação ativa e dinâmica na história da Salvação. Ela é a personificação do novo povo de Deus. Pobre e humilde colaboradora no plano de Salvação de Deus, ela é a virgem e mãe, e seu “sim” torna possível que Deus assuma a existência humana. Por isso, a Encarnação e a Redenção são dois pilares que estabelecem a estreita relação de Maria com Jesus e com cada pessoa.

No quarto capítulo desta tese, “Maria na vida e missão do Papa Francisco”, partiremos do contexto histórico de Jorge Mario Bergoglio, o Papa Francisco.⁴¹ O capítulo encontra-se organizado segundo os seguintes tópicos: o contexto histórico

⁴⁰ Para ser o que Pe. Chaminade definiu como a indiferença religiosa de seu tempo, como uma situação pessoal ou social, caracterizada pela perda de fé, tanto em dimensão pessoal como social.

⁴¹ DICASTERO PER LA COMUNICAZIONE. Biografia do Santo Padre Francisco.

de Bergoglio, seus primeiros anos de vida, a família, os estudos, o trabalho e o chamado à missão “o ser encontrado por Deus”; sua enfermidade e a vocação ao sacerdócio na Companhia de Jesus; o Bispo Bergoglio e seu estilo simples e austero; sua atuação na 5ª Conferência Episcopal de Aparecida; sua eleição como o primeiro papa latino-americano e a escolha do nome Francisco, como sucessor de Pedro; a *Evangelii Gaudium* e a Igreja “em saída”; o contexto difícil da pandemia de Covid-19 e o sonho de “caminhar juntos”; as catequeses “Curar o mundo” e as virtudes teológicas fé, esperança e caridade; e o projeto da Educação e a Economia como caminho e meio para um novo humanismo. Seguimos o capítulo com a presença de Maria, a mulher de fé, imbuída de um dinamismo missionário e evangelizador. A Alegria do Evangelho, as intuições marianas do Papa Francisco, e a imagem que apresenta da Igreja “em saída”.

Jorge Mario Bergoglio nasceu em Buenos Aires, no dia 17 de dezembro de 1936, filho de imigrantes piemonteses. Seu pai, Mario, trabalhava como contador e sua mãe Regina Sivori, dona de casa, cuidava dos cinco filhos. Em 11 de março de 1958, entrou para o noviciado na Companhia de Jesus. Em 1963, obteve a licenciatura em Filosofia e, em 1970, a de Teologia no Colégio de São José, em San Miguel. De 1964 a 1966, foi professor de Literatura e Psicologia no Colégio Imaculada de Santa Fé e no Colégio Salvador, em Buenos Aires.

Foi ordenado sacerdote em 13 de dezembro de 1969, pelo arcebispo D. Ramón José Castellano. Em 22 de abril de 1973 emitiu a profissão perpétua, como jesuíta, após preparação em Alcalá de Henares, Espanha, de 1970 a 1971. Foi mestre de noviços em Vila Barilari e professor de Teologia, Consultor da Província da Companhia de Jesus, e Reitor do Colégio São José, em San Miguel. Eleito provincial dos jesuítas da Argentina em 31 de julho de 1973, exerceu o cargo durante seis anos, após o que retornou para o ministério no meio universitário e foi novamente reitor do Colégio São José e pároco em San Miguel, de 1980 a 1986.

Em 22 de maio de 1992, recebeu a sagração episcopal através do cardeal Antonio Quarracino, na catedral de Buenos Aires, escolhendo como lema *Miserando atque eligendo*, tendo em seu brasão o cristograma *IHS*, símbolo da Companhia de Jesus. Em 27 de junho desse mesmo ano é nomeado bispo titular de Auca e bispo auxiliar de Buenos Aires, pelo Papa São João Paulo II.

Em 28 de fevereiro de 1998, com a morte do cardeal Antonio Quarracino, Bergoglio o sucedeu como arcebispo primaz da Argentina. Em 2001, foi nomeado

relator-geral adjunto da décima assembleia geral ordinária do Sínodo dos Bispos, dedicada ao ministério episcopal, destacando no sínodo a missão profética do bispo, o seu “ser” profeta de justiça, o dever de pregar incessantemente a doutrina social da Igreja, mas também de expressar um juízo autêntico em matéria de fé e de moral.

Como arcebispo, pensou em um projeto missionário centrado na comunhão e na evangelização, cujo objetivo era re-evangelizar Buenos Aires, mediante quatro finalidades principais:

- comunidades abertas e fraternas;
- protagonismo de um laicato consciente;
- evangelização destinada a cada habitante da cidade;
- assistência aos pobres e aos enfermos.

Tanto em seus escritos, quanto em suas múltiplas vivências, o Papa Francisco convida a todos a uma experiência profunda e íntima com a pessoa de Jesus Cristo. “A Alegria do Evangelho enche o coração e a vida inteira daqueles que se encontram com Jesus. Quantos se deixam salvar por Ele e são libertados do pecado, da tristeza, do vazio interior, do isolamento”.⁴² Todo o capítulo II da Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*, é um convite ao anúncio do Evangelho e retorno à proximidade da pessoa de Jesus Cristo, o Filho de Maria, a partir de uma experiência pessoal, que toque a carne dos outros como sendo a própria carne de Cristo, uma teologia da Encarnação.

“A verdadeira fé no Filho de Deus feito carne é inseparável do dom de si mesmo, da pertença à comunidade, do serviço, da reconciliação com a carne dos outros”.⁴³ “Às vezes sentimos a tentação de ser cristãos, mantendo prudente distância das chagas do Senhor Jesus. No entanto, é preciso que toquemos a miséria humana, que toquemos a carne sofredora dos outros.”⁴⁴:

Segundo a compreensão cristã da realidade, o destino da Criação inteira passa pelo mistério de Cristo, que nela está presente desde a origem: Todas as coisas foram criadas por Ele e para Ele (Cl 1,16) (...) Uma pessoa da Santíssima Trindade inseriu-Se no universo criado, partilhando a própria sorte com ele até à cruz. Desde o início do mundo, mas de modo peculiar a partir da Encarnação, o mistério de Cristo opera veladamente no conjunto da realidade natural, sem com isso afetar a sua autonomia.⁴⁵

⁴² EG 1.

⁴³ EG 88.

⁴⁴ EG 270.

⁴⁵ LS 99.

No contexto da pandemia de Covid-19, constatamos que esse mal continua a causar feridas, colocando em evidência a vulnerabilidade humana em momentos de incerteza, problemas sociais e econômicos, que afetam, principalmente, os mais pobres. E a constatação de que não existem duas crises separadas, mas uma crise socioambiental, em meio à qual devemos escutar o clamor da Terra, o clamor dos pobres, o clamor de tantos quantos vivem à margem de um sistema excludente, que discrimina e explora:

Cada cristão e cada comunidade são igualmente chamados a ser instrumento de Deus a serviço da libertação e da promoção dos pobres, para que possam integrar-se plenamente na sociedade. Isto supõe estar docilmente atentos, para ouvir o clamor dos pobres e socorrê-los. Basta percorrer as Escrituras para descobrir como o Pai bom quer ouvir o clamor dos pobres.⁴⁶

Neste campo, é Maria quem acompanha e “cuida com carinho materno do mundo e das pessoas. Maria, mãe que cuidou de Jesus, agora cuida com carinho e preocupação materna deste mundo ferido”⁴⁷:

O Pai é a fonte última de tudo, fundamento amoroso e comunicativo de tudo o que existe. O Filho, que O reflete e por Quem tudo foi criado, uniu-se a esta terra, quando foi formado no seio de Maria. O Espírito, vínculo infinito de amor, está intimamente presente no coração do universo, animando e suscitando novos caminhos.⁴⁸

Ao olhar Maria, e sua humanidade expressada com sua vida, sua alegria, compaixão, solidariedade, fraternidade e amor, podemos, de fato, acreditar como é ela na revolução da ternura. Existe um dinamismo evangelizador e missionário presente em Maria, e que encontramos no texto da Visitação (Lc 1, 39-47), no seu “sair e ir apressadamente para estar e servir sua prima Isabel.

Por sua vez, esse dinamismo missionário que encontramos em Maria e também na vida e missão do Pe. Chaminade e do Papa Francisco será desenvolvido no quinto capítulo, intitulado “Mistagogia Marial na missão evangelizadora da Igreja em saída”. Para melhor tratar dessa temática, o capítulo está dividido em três tópicos a saber:

- 1º) A articulação do diálogo entre o Beato Chaminade e o Papa Francisco;
- 2º) A formação de discípulos missionários de uma Igreja “em saída”;

⁴⁶ EG 187.

⁴⁷ LS 241.

⁴⁸ LS 238.

3º) Maria, sinal de esperança, o “caminhar juntos” pela justiça, pela paz e integridade da Criação.

No primeiro tópico, perpassaremos Maria na vida e missão de Chaminade, com sua experiência mariana e seu dinamismo missionário e evangelizador. Com o legado para a vida e missão das comunidades por ele fundadas que seguem hoje no mundo com uma presença e atuação na formação da fé e multiplicação de cristãos. Pelo testemunho e missão que estão chamados a viver no seguimento de Jesus Cristo, Filho de Deus feito Filho de Maria para a Salvação da Humanidade. Com a sua experiência como educador, pedagogo, e missionário apostólico, com atenção especial para a formação humana e espiritual.

Enquanto o Papa Francisco e sua missão como sucessor de Pedro, será focalizado em seu sonho de uma Igreja “em saída”, a partir da íntima ligação entre Igreja, Maria e o Povo fiel de Deus. Com uma espiritualidade popular mariana e uma mística mariana, que vem da sabedoria do povo simples, com uma teologia sapiencial. O viver uma experiência do encontro com Jesus Cristo, com a alegria do Evangelho, que deve encher a vida inteira daqueles e daquelas que vivem um encontro. E, a partir desse encontro, os cristãos são chamados a viver sua fé batismal, que é feita vida no cotidiano e na missão de evangelizar, chegando até às periferias existenciais.

Chegamos, assim, a uma preocupação e cuidado comum entre Pe. Chaminade e o Papa Francisco: a centralidade da pessoa num processo humano e espiritual, de cuidado com a vida e a missão. Assim vemos a importância do retorno ao Evangelho, essencial na época do Pe. Chaminade e mesmo no Pontificado do Papa Francisco, com a centralidade em Jesus Cristo, sua Encarnação, vida, cruz e Ressurreição. A importância do vivermos uma experiência do mistério de Deus em Cristo, que constitui o centro de uma espiritualidade encarnada, e que deve conduzir-nos a um conhecimento, com um encontro pessoal transformador para chegarmos ao seguimento de Jesus Cristo.

A busca de uma sólida formação na fé, tanto em caráter pessoal quanto comunitário, com uma interação entre fé e vida, vivenciando uma experiência de comunidade – Igreja –, espaço e lugar para viver a intimidade do mistério de Deus em Cristo, ou seja, o experimentar e sentir a Deus. Daí os vínculos com a devoção a Maria e a piedade popular: lugar teológico que se deve cuidar e acompanhar, pois

Maria sinaliza um caminhar na fé e no seguimento de seu Filho Jesus Cristo, que tem seu resultado no testemunho e missão da Igreja e na sua vida sacramental.

No segundo tópico, veremos a formação de discípulos missionários de uma Igreja “em saída”. Trataremos da dimensão pessoal, o “acompanhar” o processo humano e espiritual através do conhecer, amar e servir. E a missão de se colocar a serviço o acompanhar e cuidar dos que necessitam.

Nesse sentido, a importância de uma experiência de fé e encontro pessoal com Jesus Cristo, ou seja, um conhecer, amar e servir a Jesus Cristo, será articulada com as seguintes passagens bíblicas: a Encarnação – mistério humano e divino –; a Cruz, a integração humana; e, por fim, Caná, o escutar e acolher o que disse Maria aos servidores: “Fazei tudo o que Ele vos disser.” Será, portanto, um realce ao aspecto comunitário e de atenção aos demais, o viver a alteridade, a empatia, para os quais vê-se a importância da educação, no educar para cuidar e o chamado a viver uma ecologia integral.

Ainda no segundo tópico, trataremos do “educar para cuidar” e da ecologia integral, assumindo a função e missão da educação como um educar para servir, ao mesmo tempo em que educar é servir. Trata-se da dimensão central do serviço ao próximo e à comunidade como instrumento e como finalidade da própria educação. Uma educação a serviço *versus* uma educação como serviço, segundo a qual o próximo é tanto o caminho quanto a meta do caminho da educação⁴⁹. Assim, educação e formação tornam-se prioritárias, pois ajudam as pessoas a se tornarem protagonistas diretos e construtores do bem comum e da paz.

No terceiro e último tópico do quinto capítulo, centrar-nos-emos em Maria, sinal de esperança, a mulher do cuidado com a vida e a casa comum, como mãe da vida, como mulher da revolução da ternura. O aprender de Maria, por sua vida e missão de ser a mãe do filho de Deus Encarnado. Para o desenvolvimento deste tópico da pesquisa, abordaremos dois temas importantes, em se tratando de uma teologia mariana: Maria na comunhão dos santos e Maria no diálogo ecumênico.

É na santidade de Maria que a unidade da Igreja triunfante no céu e a da Igreja peregrina na terra, é levada à sua expressão perfeita. “Entre todos os santos, Maria toma seu lugar como *Theotókos*: viva em Cristo, ela permanece com Aquele a quem

⁴⁹ FRANCISCO, PP. Pacto Educativo Global. *Instrumentum Laboris*.

deu à luz, (...) um exemplo da Humanidade redimida.”⁵⁰ Maria é o membro mais perfeito da Igreja: “Por graça de Deus exaltada, depois do Filho e acima de todos os anjos e homens, como mãe santíssima de Deus, Maria esteve presente aos mistérios de Cristo e é merecidamente honrada com culto especial pela Igreja.”⁵¹

Maria, a mulher ícone perfeito da fé, a primeira na ordem da graça a estar junto de Deus. Um verdadeiro conhecimento de Maria, a *Theotókos*, a partir da “Maria dos Evangelhos”, a mulher de fé, que viveu uma experiência do mistério de Deus no Filho.

A formação de discípulos missionários de uma Igreja “em saída” não exclui a presença de Maria, que é o modelo e espelho de perfeita discípula missionária de seu Filho, por ser aquela que viveu uma experiência profunda de Deus em sua humanidade de mulher de seu tempo. Ela, que esteve presente no cotidiano de sua gente - por isso, em seu *Magnificat*, canta a ação de Deus em sua vida – e com misericórdia e ternura canta a ação de Deus na vida dos pobres e abandonados, por isso, ela segue sendo sinal de esperança, em meio aos desafios de um mundo em constante transformação.

Maria é sinal de esperança e o centro de toda vida cristã é Jesus Cristo. A fé em Cristo é o primeiro e importante elemento nesse sonho de um “caminhar juntos” na unidade, na comunhão com um dinamismo de viver hoje os mesmos sentimentos de Cristo e “o compromisso ecumênico corresponde à oração do Senhor Jesus pedindo “que todos sejam um só” (Jo 17, 21)”⁵², na construção de um novo momento eclesial, com o sonho de uma Igreja de coração aberto para acolher a todos, especialmente os pobres e descartados.

Tendo visto em detalhes o itinerário a ser seguido na tese, passemos ao estudo da Mística Marial

⁵⁰COMISSÃO INTERNACIONAL ANGLICANO-CATÓLICA ROMANA, Maria: Graça e esperança em Cristo, p. 56

⁵¹ LG 66

⁵² EG 244

2

Mística Marial

A experiência de fé vivida por Maria de Nazaré

Neste segundo capítulo da tese, centrar-nos-emos no tema da mística como experiência do mistério de Deus. A mística cristã, experiência do mistério de Deus em Jesus Cristo e a mística marial que se desdobrará nas seguintes abordagens: a experiência de Deus no Filho, vivida por Maria como caminho do cristão inspirado na própria experiência de Maria e a experiência mística que a envolve.

O termo “mística” aqui é entendido como experiência do mistério de Deus, o desejo inerente no ser humano na busca pelo mistério. Esta pesquisa, portanto, contribuirá e nos orientará no desenvolvimento do tema da mística marial, como experiência de Maria, e nos propiciará chegarmos a essa experiência vivida por Maria, que, em sua humanidade, vivenciou um inefável aprofundamento nos mistérios de Deus. Daí a grande relevância de iniciarmos pela mística como mistério de Deus e seguir com a mística cristã na experiência do mistério de Deus em Jesus Cristo.

Na mística cristã, a experiência desse mistério de Deus em Jesus Cristo, se traduz no texto do Evangelho de João: “O Verbo estava com Deus e o Verbo era Deus” (Jo 1, 1). E o Verbo se fez carne e habitou entre nós” (Jo 1, 14). A máxima dessa verdade bíblica está na revelação de que Jesus se humanou, se encarnou no ventre de uma mulher, Maria. A mística cristã tem por base a fé em Jesus Cristo humano e divino, que passou por este mundo fazendo o bem, ensinando e anunciando o Reino de Deus. Reino de vida e vida em abundância. Passou curando e restituindo a dignidade a todos quantos dele se aproximavam. Sua morte na cruz, sinal de contradição, revelou-se também fonte de vida e esperança. Sua ressurreição, certeza de uma vida nova. A mística cristã é, resumindo, o seguimento de Jesus de Nazaré, o Cristo da fé.

Podemos afirmar que o núcleo da mística cristã nasce das experiências vividas no seguimento de Jesus Cristo, no testemunho de fé e ação concreta de serviço e amor à vida. Amor que vemos entre o Pai e o Filho, que no mundo transparece pelos gestos do mesmo amor que desde a eternidade anima e configura a comunhão trinitária, a perfeita comunidade, unidade de amor.

“A experiência de um Deus uno e trino, que é unidade e comunhão inseparável, permite-nos superar o egoísmo para nos encontrarmos plenamente no serviço para com o outro.”⁵³ Vejamos o exemplo dos cristãos das primeiras comunidades, que permaneciam unidos em uma só alma e um só coração. Viviam a fraternidade e, entre eles, não havia necessitados. Trilhavam juntos esse caminho do “Ide e Pregai” (Mc 16, 15), e com coragem anunciavam a mensagem de Jesus Cristo, mensagem de vida, e vida plena para todos.

Por fim, trataremos do tema da mística marial, a experiência de Deus vivida por Maria. Mas qual Maria? A Maria dos Evangelhos⁵⁴, esse questionamento vem com força no pontificado do Papa Francisco, e segundo Lúcia Pedrosa “a força de Maria é a força do Evangelho”⁵⁵. Por isso essa expressão tem um significado especial ao tratar a mística marial, a experiência de Deus vivida por Maria.

Buscaremos encontrar elementos de uma mística marial, da experiência de fé vivenciada por essa Maria, mulher, filha, esposa e mãe, que viveu na Palestina:

Essa pessoa a quem chamamos “Maria” se situa na história da salvação como um ponto, um marco, no qual a salvação do Deus vivo cai perpendicularmente, para se estender, a partir daí, a toda a Humanidade. Perante esse Deus vivo, a quem ela disse “sim” com toda a força de seu coração, humilhou-se como serva. E assim ela recebeu com fé e amor, esse Filho que é a salvação do mundo.⁵⁶

Essa mulher, Maria, viveu uma experiência de Deus, pois, carregou em seu ventre o próprio Deus encarnado, Jesus Cristo, dando início a uma nova história da Humanidade.

Norteia-nos o objetivo de buscar elementos da mística marial, ou seja, a experiência de fé vivida por Maria e a experiência cristã do Deus de Maria e de toda pessoa que vive uma relação filial com ela. Anima-nos o anseio de estabelecer um vínculo de amor e compromisso com a vida e missão de seu Filho.

⁵³ DAp 240.

⁵⁴ Essa expressão Qual Maria? A Maria dos Evangelhos é do Papa Francisco em sua visita a Fátima, Portugal em 2017 e Lúcia Pedrosa tem um estudo a partir desse questionamento: Qual Maria? No livro uma Leiga Chamada Maria. capítulo 7: Uma Igreja Mariana no Magistério do Papa Francisco. Chaves de renovação para uma Igreja “em saída”, p. 150-151.

⁵⁵PEDROSA-PÁDUA, L. Uma Igreja Mariana no Magistério do Papa Francisco. Chaves de renovação para uma Igreja “em saída”, p.150

⁵⁶ RAHNER, K., María, madre del señor, p. 47. (T.A)

Maria é a primeira discípula, missionária, modelo e espelho para todo o cristão e cristã. “A doce mãe de Cristo nos ensina, através de sua própria experiência, e por meio de palavras, como se deve conhecer, amar e louvar Deus.”⁵⁷

Nesse caminho da mística marial e caminho experiencial do cristão, vemos importantes expressões da piedade popular. A piedade, o devotamento do fiel em sua relação filial com Maria, expressada na veneração a Nossa Senhora, em suas diferentes representações e títulos – identificados com a necessidade e o momento vivido pelo devoto que a ela recorre, com absoluta fé e amor filial. As expressões da piedade popular têm muito o que nos ensinar e, para quem as sabe ler e interpretar, são uma preciosa referência teológica. “Devemos prestar atenção especialmente na hora de pensar a nova evangelização”⁵⁸ e a formação de discípulos missionários.

A piedade popular e a devoção a Maria são expressões de fé, por isso a necessidade de se saber ler, ser sensível, perceber as dimensões que brotam do mais íntimo de cada devoto e os sentimentos e valores pessoais de cada um, e assim se poder acompanhar, orientar e ajudar a discernir, para se chegar a um caminhar na fé, como verdadeira experiência de um amor teologal. Uma experiência pessoal, encarnada na realidade do mundo e que é, ao mesmo tempo, transcendente e imanente.

Aquele que sabe ler a devoção a Maria, como um “lugar” teológico, a partir da “Maria dos Evangelhos”, a mulher, esposa, mãe, cuja imagem está sempre associada à de seu Filho Jesus Cristo, pode viver um constante crescer e fortalecer na fé. Pode se tornar, como ela, verdadeiro discípulo e discípula de Jesus Cristo. Essa mulher, a quem, segundo o Evangelho de João, o próprio Jesus confiou Seu discípulo, confiando, em contrapartida, ao discípulo, Sua mãe (Jo 19 26-27). Maria continua, ainda hoje, a dispensar a todos os cristãos e cristãs esse devotado carinho de sua maternidade espiritual, como modelo que é de perfeita discípula missionária, sem perder a sua condição de mulher de seu tempo, cuidadora da vida e companheira na caminhada da Humanidade.

O caminho de fé vivido por Maria, em seu cotidiano, por sua experiência de Deus, de um Deus encarnado (que se traduz como uma mistagogia marial), pode contribuir na formação, em nosso meio, de discípulos missionários. É, pois, de

⁵⁷ LUTERO, M., Magnificat, o louvor de Maria, p. 15.

⁵⁸ EG 126.

fundamental importância para nós, cristãos, a vivência de uma experiência de Deus, de um sentir e experimentar Deus. Maria, em sua humanidade, por sua fé, acolheu o mistério Deus e foi cooperadora para a salvação humana, segundo o dizer dos Santos Padres:

Por isso, é com razão que os Santos Padres julgam que Deus não se serviu de Maria como instrumento meramente passivo, mas julgam-na cooperando para a salvação humana, com livre fé e espírito de obediência. Pois ela, como diz Santo Irineu, “obedecendo, se fez causa de salvação, tanto para si, como para todo o gênero humano”.⁵⁹

Vemos que Maria, no mistério da Encarnação, tem uma participação livre e ativa. Levou em seu ventre a Palavra que se fez carne, experiência humana e divina. Tornou-se a primeira discípula e seguidora, aquela que ensina e acompanha o cristão no caminho do seguimento de seu Filho, por ser ela uma pessoa que vive plenamente a condição e a dignidade humana. O que ela é, nós devemos nos tornar. “Ela é aquela que, como nós e pertencendo somente à nossa raça, avança em nossa companhia e à nossa frente no caminho para Deus”⁶⁰

Ao tratarmos da mística marial a partir da “Maria dos Evangelhos”, sob a orientação das “metodologias bíblicas na teologia mariana”,⁶¹ tendo, como ponto de partida, a hermenêutica, e, como referencial teórico, Afonso Murad - embora não prescindimos da consulta a outros estudiosos biblistas.

Seguimos com o primeiro tópico do capítulo, tratando, aqui, da mística como experiência do mistério de Deus.

2.1

Mística, experiência do mistério de Deus

⁵⁹ LG 56.

⁶⁰ RAHNER, K., *María, madre del señor*, p. 49.

⁶¹ Segundo Pe. Bertrand A. Buby em *Metodologia Bíblica e Mariologia, o uso de metodologias bíblicas na teologia mariana hoje*. Maria de Nazaré, a mãe de Jesus, é conhecida por nós principalmente através dos Evangelhos, especialmente os de Lucas e João. A teologia mariana tem seus fundamentos nessas afirmações querigmáticas. Essas proclamações de fé, escritas por evangelistas que foram inspirados por sua fé em Jesus de Nazaré, direcionaram seus evangelhos para comunidades eclesiais crentes no primeiro século da era cristã. Os Evangelhos são anúncios que fazem releituras dos acontecimentos. Estes não se deram necessariamente do modo como estão narrados.

Na abordagem do tema em referência, encontramos no livro *El fenómeno místico*, de Juan Martin Velasco⁶², que o termo “mística”, por sua complexidade, é de difícil definição. Para o autor, o termo carrega uma conotação totalmente diferente da abrangida pelo conhecimento ordinário, objetivo e científico.⁶³

Etimologicamente, o termo “mística” deriva dos cultos gregos, não-cristãos. Sua origem, bem como seu uso na língua latina é posterior, proveniente da transcrição do termo grego *mystikos*, que significa os “mistérios” *ta mystica* das cerimônias místicas, nas quais o iniciado, *mystes*, era incorporado ao ciclo de morte-ressurreição de seus respectivos deuses. Podemos ainda acrescentar a este construto semântico a ideia de *mysticos* (secretamente), advérbio este que compõe uma família de termos derivados do verbo *myo*, os quais aludem a “ação de fechar os olhos e a boca” para “gerar um mistério internamente”, e também *myeo*, o “penetrar no mistério”.⁶⁴

Deparamo-nos, neste ponto, portanto, com um mistério. Mistério de impenetrável compreensão, alcançado apenas pela experiência. Daí a difícil tarefa de identificação e significação do que, de fato, é mística. Podemos dizer que mística é a experiência do mistério de Deus, sustentados na ideia de que em todo ser humano há o desejo de se viver uma experiência desse mistério.

Essa realidade última (a experiência de Deus), segundo a fenomenologia da religião, constitui a realidade absolutamente anterior e posterior ao ser humano – o que é fundamento de toda religião –, pois o místico se trata de alguém que promove a experiência de contato pessoal com a realidade última, Deus, o Divino, e Seu inefável Mistério.

A experiência assume, aqui, centralidade, quando considerada uma fenomenologia da experiência mística, a qual, além de uma atitude teologal, de abertura à ação de Deus, acrescenta a vivência nas diferentes dimensões da vida da pessoa. A essa proposição, três elementos coadunam-se na tentativa de se explicar uma experiência mística: a *união* íntima com Deus, sua condição de experiência imediata na mediação da alma, e o *amor* como caminho e meio da união.

⁶² Juan Martin Velasco (1934-2020) foi professor de Fenomenologia da Religião da Universidade de Salamanca, em Madri e da Faculdade de Teologia San Dámaso, especialista em temas relacionados à mística. Doutor em filosofia pela Universidade Católica de Louvain, na Bélgica. Foi reitor do Seminário de Madrid (1977-1987), e por 16 anos foi diretor do Instituto Superior de Pastoral da Universidade Pontifícia de Salamanca.

⁶³ VELASCO, J. M., *El fenómeno místico, estudio comparado*, p. 17-18. (T.A)

⁶⁴ VELASCO, J.M. *El fenómeno místico, estudio comparado*, p. 19-20, (T.A)

Partamos da noção de união íntima com Deus, como conteúdo e meta da experiência: eis a forma mais frequente de se expressar o grau último, a essência mais perfeita da experiência mística. Ela remete a um ideal realizado de muitas maneiras, dependendo, sobretudo, da compreensão de que a palavra “Deus” apresenta no contexto vital e religioso (ou não religioso) do místico e de sua condição de experiência imediata na mediação da alma e o rastro que nela deixa a presença de Deus.

Expressa em termos de união, a experiência do místico parece chegar ao contato direto e imediato, pelo qual este parece suspirar ao longo de todo o seu processo. O conhecimento que tal união suscita procura distinguir-se de todas as outras formas de conhecimento: a diferença está na experiência, tanto objetiva como subjetivamente mais direta às vezes imediata, da presença divina.

Mesmo nos momentos mais intensos dessa experiência de contato direto, a imagem desse encontro permanece. Experiência essa que constitui a própria condição corpórea, a vida do indivíduo na Terra. Por isso o falar de uma “imediatez mediada” no contato com Deus, na busca pela experiência mística. Trata-se de um contato imediato a medida em que nada além do sujeito, em seu nível mais pessoal, em sua essência, irrompe entre a presença divina e o seu próprio “ser”. Assim, essa imediatez mediada assume-se como a marca da ação de Deus na alma, na alma convertida toda ela para experimentar e perceber a Deus.⁶⁵

O que dizer, então, do amor como caminho e meio privilegiado da união? É preciso, inicialmente, distinguir a mística do espírito intelectual, no qual a experiência consistiria, essencialmente, na contemplação de Deus e seria, portanto, obra apenas da inteligência. E outra, de espírito afetivo, em que, como condição para que esta união se realize, é preciso haver o amor, que tem na vontade seu requisito principal. Aqui, a pessoa experimenta uma profunda empatia, uma abertura pessoal para viver um estado de profunda união e intimidade com o transcendente – o que só pode acontecer caso exista amor. Um amor capaz de romper os limites do próprio intelecto, para propiciar uma total entrega e acolhida da novidade que vem da experiência ora vivida.

O encontro com Deus se realiza, assim, no mais profundo do ser humano. Vai mais além dos atos próprios das faculdades humanas e é pelo entendimento e

⁶⁵ VELASCO, J. M., *Mística y humanismo*, p. 92. (T.A)

vontade que se concretiza a união de Deus com a pessoa. Trata-se do querer da pessoa inserido no querer de Deus. Assim é que acontece essa união.

Podemos dizer que em todo ser humano há um potencial anseio de se viver uma experiência de encontro com o mistério de Deus. Um estado de alma que envolve todo o seu ser, sua história, seu contexto cultural, social, espiritual. Por sua condição e natureza, o ser humano encontra-se numa eterna busca pelo mistério de Deus.

Acima apresentamos os três elementos cruciais para que se possa afirmar que existe, de fato, uma experiência do mistério de Deus. Velasco aponta ainda alguns traços que caracterizam a experiência do mistério de Deus, sendo a fé a base e suporte para tal experiência. Trata-se de uma experiência profunda, total, de passividade e despojamento. É fruitiva, simples, inefável. Mas, também, uma experiência certa e, ao mesmo tempo, obscura (algo por se desvendar).

A mística seria, nesta perspectiva, a experiência de uma presença que toma o ser humano por inteiro e o faz transcender para além das faculdades e conceitos da alma. E esse caráter abrangente da experiência mística tem sua manifestação mais profunda e clara na transformação da pessoa que a vivencia. Podemos, assim, afirmar que a pessoa entra no mais íntimo contato com o seu “eu”, exercendo sua individualidade, liberando novas fontes de uma inesgotável energia. Por esse caráter profundo e pleno da experiência, é necessário discernimento, o qual se dá pela qualidade da presença e pelos estados de ânimo, de afetos da consciência e do sentimento, com moções interiores suscitadas por essa inefável presença.

A passividade aqui apontada não deve, todavia, ser entendida como sinônimo de inércia, ociosidade ou qualquer tipo de inatividade. Ela é vivida pelo místico no sentido de seu fim, ou seja, em sua busca pela união. É o silenciar consciente que permite escutar a Deus e entrar em profunda intimidade com o Seu mistério.

Ainda neste percurso, um dos traços que compõem a tríade de elementos considerados importantes para se experimentar os mistérios de Deus é a experiência imediata por contato com a realidade experimentada, algo difícil de ser compreendido e explicado no fenômeno místico. O conhecimento experiencial é o contato direto, imediato, sem qualquer tipo de mediação entre a pessoa e a realidade experimentada. Realidade que a faz vivenciar um desvelamento. É, por assim dizer, uma remoção dos obstáculos que impedem a visão, de modo que se possa superar uma situação de ilusão e engano, e, então, empreender um processo de libertação.

A constatação frutiva nas experiências místicas se refere a sentimentos totalmente novos em relação aos que já haviam sido experimentados em outros momentos. Sentimentos como: gozo, alegria, paz, que, por serem indescritíveis pelas palavras, são expressos, muitas vezes, pelas lágrimas. A experiência revela, então, o inusitado dos sentimentos, descritos através de expressões ambivalentes – muitas vezes paradoxais – que trazem a ideia daqueles elementos que Rudolf Otto propôs em sua clássica descrição da experiência do mistério numinoso: algo que surpreende e arrebatava o místico, que é o *mysterium tremendum* e que, ao mesmo tempo, o cativa e fascina, o *mysterium fascinans*.⁶⁶

Portanto, como conseguir a simplicidade devida para se alcançar esse estágio da experiência mística? Necessário se faz mover-se num processo de purificação ascética, que implica no mais radical despojamento e redução à unidade e à simplicidade. Esse desprendimento move o místico desejoso de abandonar-se em Deus a penetrar no seu “ser” verdadeiro. É o amor sentido e vivido. É o sentir e experimentar Deus.

A inefabilidade, ressalta-se, diz respeito às interpretações dos místicos quando estes tentam expressar em palavras aquilo que é semanticamente impossível, por se tratar de uma experiência que transcende o mundo sensorial. A experiência do mistério é inefável, mas os que vivenciam a experiência a descrevem com o recurso da linguagem simbólica, por meio de equiparações comuns como “noite”, “vazio”, “silêncio”, ou ainda com o recurso da criação de uma nova linguagem. O místico não diz o que efetivamente quer dizer, ou seja, a experiência não encontra palavras que a possam exprimir, pois seria tentar falar de algo inefável. Por isso, ao querer descrever, tal experiência se serve de comparações.

A experiência é certa e, ao mesmo tempo, obscura: se, por um lado, a certeza dessa experiência é o resultado do contato da pessoa com a luz inebriante da realidade contemplada – a exemplo da experiência de Moisés e a sarça ardente – (Ex. 3, 1-6) -, essa certeza não se vê ameaçada por sua fragilidade e limitação. O desafio da própria razão passa a ser o sentimento de dúvida que acomete a pessoa que passa por essa experiência, a um só tempo certa e obscura. É neste ponto em que aparece o dado da fé: “A fé necessita da experiência.”⁶⁷

⁶⁶ ELIADE, M. O Sagrado e o Profano, p. 15-17

⁶⁷ REUS, M., La fe, Dios y Jesucristo, p. 35. (T.A)

“A fé como experiência da visão imediata de uma realidade que não pode ser empiricamente nem racionalmente provada, que é, porém, tão imediata como um experimento sensível e inteligível.”⁶⁸ Pela fé, o ser humano é salvo de sua carência de apoio, liberta-se do vazio de sua existência. “Pela fé, o ser humano recebe a possibilidade de aceitar a si mesmo, porque ele foi aceito, amado por Deus.”⁶⁹

A experiência do mistério de Deus remete-nos a um saber concreto, imediato, que o é resultado de uma caminhada pessoal, com todos os riscos e os imprevistos do caminho. Esse encontro inicia um aprendizado sempre inacabado. Quem vive essa experiência tem diante de si um horizonte permanentemente aberto e novo. Um convite a um caminhar interminável, posto que o mistério de Deus é insondável.

Assim, o acesso a Deus, mistério do mundo, somente é possível através da *experiência* que se faz de Deus. Por isso podemos dizer da importância, hoje, da mistagogia, que significa sair de um modelo de transmissão baseado na instrução para passar a uma transmissão efetiva da fé, que expresse as experiências únicas, vividas ao longo da história. “Uma mistagogia que nos permita passar, da necessidade de Deus, ao anseio por Deus”⁷⁰, que nos permita sentir e experimentar Deus. Passar por experiências transformadoras e libertadoras, para chegarmos à mistagogia marial, pois Maria “é a escola de fé destinada a fortalecer e conduzir seus filhos pelo caminho que leva ao encontro do Criador do Céu e da Terra.”⁷¹

No dizer de Panikkar⁷², a experiência, a memória, a interpretação e a recepção, são quatro momentos constitutivos da experiência de Deus, experiência desse Mistério que dirige nossas vidas desde dentro e desde fora. Para ele a experiência compreende estes quatro momentos distintos e simultâneos:

1º) a experiência pura, que é o momento vivido, experimentado e imediato, combinando a experiência pessoal, inefável, sempre única e, portanto, irrepetível;

2º) a memória desse momento, em que se permite falar da experiência, mas não é a experiência pura. A memória não pode ser separada e nem confundida com a experiência;

⁶⁸ PANIKKAR, R., De la Mística, p. 86. (T.A)

⁶⁹ ALEIXANDRE, D. VELASCO; J. M., PAGOLA; J. A., Fijos los ojos em Jesús, p. 40. (T.A)

⁷⁰ REUS, M.; VITORIA CORMENZANA, F. J., Experiencia y gratuidad, p. 78. (T.A)

⁷¹ DAp 270.

⁷² PANIKKAR, R., Mística y espiritualidad 2, p. 45, 43 e 113. (T.A)

3º) a interpretação, que nos leva a descrever a experiência vivida em Deus como sendo dolorosa, sensível, amorosa, espiritual, associada intimamente com a própria experiência;

4º) a recepção em um mundo cultural, considerando que toda experiência é reconhecida como válida se está inserida num ambiente cultural.

De posse de todos esses elementos e traços da experiência do mistério de Deus – que, enfatizamos, é única, pessoal e irrepetível –, refletiremos sobre a mística cristã como experiência do mistério de Deus em Cristo. Mas, antes de prosseguirmos com este tema, algumas considerações importantes:

Para a articulação dos dois pólos da mística – subjetivo e objetivo – em conformidade à própria “constelação semântica” da palavra mística, a mística cristã pode ser definida como a *experiência do mistério de Deus*, ou experiência de Deus. Refere-se ao mistério de Deus revelado em Cristo, para toda a humanidade.⁷³

Neste ínterim, é importante destacar que o termo “mística” não aparece no Novo Testamento, nem nos escritos dos Padres Apostólicos. Passará a ser introduzido no vocabulário cristão a partir do século III, abrangendo três aspectos: o espiritual, o simbólico e o teológico, visão essa que vigora até nossos dias:

O termo “místico” designa, em primeiro lugar, o simbolismo religioso em geral, e nessa acepção será aplicado, por Clemente e Orígenes, ao significado típico ou alegórico da Sagrada Escritura, que dá origem a um sentido espiritual ou místico, em contraposição ao sentido literal. Em segundo lugar, próprio do uso litúrgico, remete ao culto cristão e a seus diferentes elementos. Assim Santo Atanásio fala do cálice místico da celebração da Eucaristia. Nesse âmbito cultural, o termo “místico” significa o sentido simbólico, oculto, dos ritos cristãos. E, em terceiro lugar, “místico” em sentido espiritual e teológico se refere às verdades inefáveis, ocultas, do cristianismo (Orígenes, Metódio de Olímpia). São aquelas verdades mais profundas, e, portanto, objeto de um conhecimento mais íntimo.⁷⁴

A partir desses três aspectos, o espiritual, o simbólico e o teológico referentes às verdades inefáveis, ocultas do cristianismo, como, por exemplo, a celebração da Eucaristia, experiência vivida pelas primeiras comunidades cristãs, seguimos nossa reflexão sobre o tema proposto.

⁷³ PEDROSA-PÁDUA, L. *Mística, Mística Cristã e Experiência de Deus*, p. 351

⁷⁴ VELASCO, J. M., *El fenómeno místico, estudio comparado*, p. 20. (T.A)

2.2

Mística cristã, experiência do mistério de Deus em Cristo

A mística cristã, que se evidencia pela manifestação do mistério cristão, requer uma referência à Revelação. “A Palavra com a qual o mistério desperta o ser humano de suas profundezas, e o remete ao “mais além”, o inalcançável que ressoa nele. Quer dizer, perscruta as profundezas de sua alma e a palavra que a provoca.”⁷⁵ A mística cristã, portanto, implica uma correspondência entre a experiência e a Revelação, consolidada na Sagrada Escritura. Significa a sabedoria que nasce da contemplação do mistério recebido através da Escritura e vivido na fé, não somente da Igreja, mas também do mundo, no cotidiano da vida do homem, em seu peregrinar:

Sob essa perspectiva, a essência da Revelação reside no fato de que os discípulos de Jesus afirmam – a partir do trato experiencial com Ele –, que neste homem, em sua vida e mensagem, em seu agir e na maneira como morreu, em toda a sua pessoa enquanto homem, a intenção de Deus com respeito a Humanidade – e nela o “caráter próprio” de Deus – tornou-se, na mais alta medida, Revelação. E entrou na consciência humana segundo essa experiência de fé. Jesus é o “lugar” em que Deus se revelou de maneira mais decisiva como salvação dos homens e para os homens. Os cristãos fazem a experiência de Jesus como sendo a máxima concentração reveladora de Deus em toda uma história de Revelação.⁷⁶

Nesse campo da Revelação, a experiência humana tem seu lugar próprio e indispensável, sendo a experiência, também, um fruto da Revelação. Assim, a experiência do mistério é definida como identificação com o Cristo mediador, pois, em Cristo, o mistério cristão conhece, por experiência, que Deus é amor. Configurado com Cristo, no Espírito doado pelo Filho, torna-se também ele, o cristão, capaz de amar de maneira sobrenatural, com esse que é o amor do Deus Criador por toda a criação.⁷⁷

Sob este entendimento, considera-se que a mística cristã se constrói pautada em um desdobramento comunitário, uma dimensão eclesial, pois implica o cuidado com os outros, uma ética. “Os místicos declaram que o fim último de sua vida

⁷⁵ VELASCO, J. M., El fenómeno místico, estudio comparado, p. 219, (T.A)

⁷⁶ SCHILLEBEECKX, E., História humana, revelação de Deus, p. 47.

⁷⁷ A experiência do amor de Deus se expressa na Primeira Carta de São João (Jo I, 4,10: “Nisto consiste o amor: não fomos nós que amamos a Deus, mas foi Ele que nos amou.”)

espiritual é a conquista da perfeição, que consiste no amor e se expressa primariamente no amor realista e servicial ao próximo”.⁷⁸

Experimentar Jesus Cristo como uma presença na vida pessoal, neste aspecto, sempre fora o ponto medular da mística cristã. Os Evangelhos relatam como Jesus revelou o Seu Pai ao mundo e que prometeu enviar o Espírito Santo para continuar sua obra. Para tanto, a crença em Deus como uma Trindade de pessoas foi fundamental para o Cristianismo e para a mística cristã. De caráter trinitário e indivisível, a Trindade revela-se entre os místicos sob uma variedade de aspectos e diferentes ênfases. A essência dessa mística cristã, portanto, é o próprio Jesus Cristo:

A experiência cristã de Deus comporta a síntese de duas dimensões: a dimensão mística que se atualiza na relação e, graças ao Espírito, no encontro pessoal com Deus em Jesus Cristo, caminho para o Pai, “lugar” e sacramento do encontro com Ele. E a dimensão prática, que comporta a encarnação, na própria vida, das atitudes, sentimentos e comportamentos de Jesus Cristo.⁷⁹

Para Velasco, a mística cristã tem sua origem na fé. Uma fé vivida e experimentada, que sempre vai amadurecendo, crescendo na medida em que professamos a fé da Igreja e a vivência dos sacramentos, sinais da presença sensível e invisível da graça de Deus.

Portanto, a fé cristã católica consolida-se como uma fé sacramental, estruturada a partir de sinais da presença amorosa de um Deus que se faz “um” conosco, Jesus Cristo. É uma adesão a Deus, pela vivência das virtudes teologais. “A fé aponta para Deus, esse Deus oculto, realidade transcendente e imanente ao ser humano e ao seu mundo. A Revelação em Deus pressupõe que Ele se fez presente no mundo do ser humano, revelou-se de alguma forma”.⁸⁰

Assim, as verdades da Revelação, comportam a fé na Encarnação do Verbo, a fé na ressurreição da carne, na paixão e morte de cruz de Jesus Cristo. É a fé em um Deus que se fez “um” conosco e que adentrou nossa história. É o Jesus de Nazaré, o Cristo da nossa fé. E Maria sendo aquela que viveu a plenitude da fé, porque levava em seu ventre o próprio Deus.

⁷⁸ VELASCO, J. M., A experiencia cristã de Deus, p. 81. (T.A)

⁷⁹ VELASCO, J. M., A experiencia cristã de Deus, p. 106. (T.A)

⁸⁰ REUS, M., La fe, Dios y Jesucristo, p. 29. (T.A)

É interessante observar como o documento *Lumen Fidei*, carta encíclica do Papa Francisco sobre a fé, relata-nos que, no centro pulsante da fé, encontra-se a confissão de Jesus, Filho de Deus, nascido de mulher. Assim nos diz Paulo na carta aos Gálatas: “Quando, porém, chegou a plenitude dos tempos, Deus enviou Seu Filho, nascido de uma mulher, nascido sob a Lei” (Gal 4, 4). Jesus Cristo, nascido de uma mulher, Maria, sujeito às leis da Palestina no tempo de Herodes. Jesus não era um ser humano já provido de sabedoria infusa extraordinária: foi crescendo nela (Lc 2, 52). Ele, plenamente humano e divino, em íntima comunhão com o Pai (Jo 14, 10; 17,21). A Encarnação, destarte, não consiste na divinização somente de um homem, mas com Ele todo o ser humano é divinizado. É, ao mesmo tempo, a humanização de Deus.

2.2.1 Encarnação, experiência de humanização

Assim lemos na carta de Paulo aos Gálatas (Gal. 4, 4-5): “Quando, porém, chegou a plenitude dos tempos, Deus enviou Seu Filho, nascido de uma mulher, nascido sob a Lei, para remir os que estavam sob a Lei, a fim de que recebêssemos a adoção filial.” Assim, pois, Deus envia Seu Filho para que, no Filho, sejamos adotados como filhos e filhas pelo amor, e participantes de Sua natureza divina:

Aprouve a Deus, em sua bondade e sabedoria, revelar-Se a Si mesmo e tornar conhecido o mistério de Sua vontade (Ef 1,9), pelo qual, por intermédio de Cristo – Verbo feito carne –, e no Espírito Santo, os homens têm acesso ao Pai e se tornam participantes da natureza divina (Ef 2,18; 2 Pd 1,4).⁸¹

Em sua Encarnação, Jesus não apenas assumiu a natureza humana no seu aspecto biológico, carnal, como também assumira a sua participação no mundo pré-existente, uma civilização com suas tradições, culturas, histórias e relações sociais. Ao se fazer humano, Ele se tornou protagonista de nossa história, com todas as limitações próprias da natureza, fragilidades, dor, sofrimentos, ao mesmo tempo em que irradiara bondade, amor e alegria.

Desse modo, podemos dizer que a Encarnação de Jesus nos leva a distinguir duas dimensões: 1ª) se fez humano no ventre de uma mulher, Maria de Nazaré; 2ª):

⁸¹ DV 2.

tornou-se humano em uma cultura concreta: uma inculturação. A Encarnação, assim, haveria dado-se como um fato social, uma vez que ocorreu em um tecido humano, em uma humilde aldeia da Galileia, que abrigava um contingente numeroso de pobres, marginalizados, doentes e possuídos, sobre os quais Jesus fixou suas escolhas de uma forma particular:

A humanidade de Jesus Cristo é, portanto, um desafio para nós, pois Ele é nada menos que a face visível do Deus invisível. Ele, Jesus Cristo, encarna a humanidade querida por Deus, a humanidade da encarnação, em meio à dor. Deus assim expressa Seu julgamento condenatório para com a atitude de indiferença e indolência face ao sofrimento e humilhação humana. E é esse Jesus Cristo que nos chama a segui-lo, a fim de dedicarmos nossas vidas para dar continuidade à missão de tornar real o Reino de Deus, Seu Pai.⁸²

Jesus de Nazaré, sendo filho de Maria e José, nasceu pobre. Viveu toda sua vida na simplicidade de Seus pais. Não herdou bens, nem fama, nem posição social elevada. Deles herdou valores e princípios – principalmente o amor a Deus –, que marcaram Sua vida, Sua sensibilidade e normas de conduta. Em sua vida pública, O encontramos dando testemunho de prioridade à sua missão, sendo Sua verdadeira riqueza Seu Pai Celestial. E a outros tantos convidou a tomar esta mesma atitude: o desprender-se de tudo para, unicamente, caminhar na confiança e sob a proteção do Pai Celestial (Lc 9, 12, 22-32). Assim, para Jesus, a vontade de Seu Pai sempre foi o centro de Sua vida (Lc 2, 48-50).

Jesus Cristo, filho do Pai, foi obediente até a morte na cruz. Levava Sua vida centrado em duas realidades: seu Pai, “Abba”, e o Reino desse Pai. O Seu Deus é o Deus desse reino, do qual é o dono. A relação íntima de Jesus com Seu Pai, por sua vez, manifesta-se em Sua fidelidade e disponibilidade para cumprir a vontade d’Ele, como um Filho amado diante do pai. E Jesus expressa a experiência desse amor do Pai em suas atitudes paternais de cuidado, bondade, ternura, amizade, perdão, misericórdia. Em suas palavras de vida e esperança, e na relação humana própria de irmãos e irmãs, a expressão máxima da fraternidade.

Em Jesus, Filho de Deus, todos vivemos do mesmo Espírito do Filho e no Filho. Somos filhos e filhas de Deus e podemos chamá-Lo “Abba!”, Pai, como nos ensina Paulo em Romanos 8, 15, e em Gálatas 4, 6 e principalmente na oração do

⁸² ARENS, E., Jesucristo, Hijo del Padre e Hijo de María para la salvación del mundo, p. 53. (T.A)

“Pai Nosso” (Lc 11, 1-4). O Deus de Jesus Cristo se manifesta na misericórdia, na justiça, na libertação, no perdão, na paz. Na felicidade, enfim:

Pelo relato dos Evangelhos conhecemos a Jesus e somos contagiados por Sua vida e missão. Assim o viver uma experiência com Ele supõe um encontro íntimo com Sua pessoa, Sua presença invisível, porém sensível e transformadora, por tudo o que realizou em Sua vida e ação na história. “Percorrendo os relatos dos Evangelhos podemos experimentar que a presença invisível e silenciosa do Ressuscitado em sua Igreja assume traços humanos e recobra voz concreta que ainda hoje nos chama a segui-lo.”⁸³

O conhecimento sobre Jesus através do relato dos Evangelhos e por meio da escuta atenta da Palavra, bem como da vivência em comunidade – que favorece a partilha de experiências vividas no cotidiano – se traduz na missão vivida na Igreja, na ação pastoral.

Cada cristão se torna discípulo, na medida em que se encontrou com o amor de Deus em Jesus Cristo. Na medida em que viveu uma experiência de fé e, a partir dessa experiência, teve um encontro pessoal com Jesus e vive uma disposição permanente de levar aos outros Seu amor. E isso sucede espontaneamente, em qualquer lugar: na rua, na praça, no trabalho, num caminho,⁸⁴ no cotidiano da vida.

Dito isto, passemos à reflexão sobre a morte de Jesus na cruz, a *redenção*.

2.2.2 Cruz, experiência de compaixão

Nos Evangelhos, Jesus nos comunica espírito e vida (Jo 6, 63). Não se trata de uma mera história passada, mas a história de alguém que Se faz presença hoje, nos ensinando, curando, defendendo. Promovendo a dignidade dos pobres e marginalizados com atitudes de amor e compaixão, ternura e carinho para com todos os que d’Ele se aproximam.

Na mística cristã, como experiência do mistério de Deus em Cristo, da pessoa e missão de Jesus de Nazaré, cremos nesse Cristo que passou a vida no exercício do bem e anunciando o Reino de Deus, reino de vida para todos. Cristo este que morreu numa cruz, por buscar a dignidade da vida, principalmente dos mais pobres

⁸³ ALEIXANDRE, D., et al., Fijos los ojos en Jesús, p. 144-145. (T.A)

⁸⁴ EG 75 e 126.

e marginalizados, os relegados à margem do sistema religioso e político de seu tempo. A morte de Jesus na cruz, de certa forma, pode ser interpretada como a consumação de tudo o que vivenciou desde de sua Encarnação (“Tudo está consumado.” (Jo 19, 30):

A soteriologia (estudo e tratado sobre a Salvação) não pode ser limitada à morte de Jesus, pois é uma consequência de Sua vida. Jesus não morreu por causa de uma predestinação divina, desvinculada de Sua vida humana, mas por causas situadas em Sua história pessoal e livre: Sua pregação, Seu estilo de vida, Suas propostas e abordagens. Sua autoridade e Suas relações, particularmente seu anúncio imediato do Reino de Deus (e a conexão deste com a Sua pessoa), Assim entendemos a forma como ele morreu, executado como “Rei dos judeus”. Em outras palavras, a Encarnação foi todo um processo cujo ápice foi a morte, a morte humana (encarnada), como a de qualquer outro ser humano.⁸⁵

Assim, quando assumimos a cruz de Cristo como nossa, ou seja, assumindo como nosso próprio o caminho integral de Jesus, Seu projeto, Sua causa. Anunciando o Reino de Deus, de vida e vida para todos. Estamos, do mesmo modo, pagando o preço que Ele pagou, correndo o risco de sermos igualmente perseguidos e mortos. Se, pelo Batismo, somos incorporados a Cristo, conclui-se, destarte, que ser cristão no mundo contemporâneo é viver e atuar como Jesus Cristo, abraçando, a qualquer preço, a causa do Bem e do Amor. Noutras palavras:

Seguir a Jesus é aprender a viver, sentir, trabalhar, rezar, criar, lutar, sofrer, amar como ele fazia. Olhar as pessoas com compaixão ativa, denunciar com audácia tudo o que faz mal ao ser humano. Aproximar-se dos desvalidos, defendendo a dignidade de toda pessoa, não julgando ninguém. Amar com seu estilo serviçal, acolhedor, perdoador. Resumindo, é simplesmente tratar o ser humano como o fez Jesus.⁸⁶

Nos dizeres de Pagola,⁸⁷ o Deus que quer reinar no mundo não é o do poder, mas, sim, o Deus da compaixão. É este o discurso de Jesus em suas parábolas mais comovedoras (Lc 15, 11-32 – O filho pródigo); (Mt 20, 1-15 – O dono da vinha); (Lc 18, 9-14 – O fariseu e o publicano). Parábolas essas que dinamizam e vivificam Seus ensinamentos ao longo de toda a Sua trajetória a serviço do Reino de Deus:

A partir de sua experiência radical de compaixão, Jesus introduz na história um princípio decisivo de ação: “Sede compassivos como o Vosso Pai é compassivo” (Lc 6, 36). A compaixão é a força que pode mover a história para um futuro mais

⁸⁵ ARENS, E., Jesucristo, Hijo del Padre e Hijo de María para la salvación del mundo, p. 96. (T.A)

⁸⁶ BERMEJO, J. C., Humanización y Evangelio, p. 73. (T.A)

⁸⁷ José Antonio Pagola, Espanhol, 1937. Estudou Teologia e Ciências Bíblicas, Autor de diversas obras de teologia e pastoral sobre Jesus Cristo.

humano. A compaixão ativa e solidária é a grande lei da dinâmica do Reino, que pode, em nós, provocar reações diante do clamor dos que sofrem, e mobilizar-nos para a construção de um mundo, justo e fraterno. Este é o grande legado de Jesus para nós, cristãos, e que temos que resgatar hoje.⁸⁸

Esse Jesus, que vive uma experiência radical de compaixão, é o mesmo Filho encarnado no ventre de Maria, que passa a vida anunciando o Reino de Deus, prezando pelo bem, e que vem a morrer na cruz. O olhar para Jesus em sua Encarnação, Sua vida, Sua paixão e morte de cruz, bem como Sua ressurreição, é ter um compromisso com o Jesus Cristo como um todo. Para, desse modo, adentrarmos no mistério desse Deus que se faz “um” conosco na fragilidade de uma criança na manjedoura e no total esgotamento humano na cruz.

Considera-se válido compreender que este suplício da cruz nos impulsiona viver a condição humana em toda a sua crueza, mediante um momento de dor que se estende até a morte. Trata-se, aqui, da identificação com o sofrimento do mundo: a fome, a injustiça, a desigualdade, a guerra, a violência.

Jesus, no alto da cruz, é solidário com o mundo, que sofre por causa da ganância dos poderosos. Suspenso no patíbulo de intenso sofrimento Ele assume duas atitudes: a comunicação (e entrega) total com o Pai e o Seu amor solidário ao ser humano. Por essa ótica, não vemos a cruz como símbolo de dor e/ou derrota, mas de transformação e superação para a solidariedade humana, profunda e geradora da plena vida: “Se alguém quiser vir após mim, negue-se a si mesmo, tome a sua cruz e siga-me” (Mc 8, 34).

O chamado de Jesus para nós, a fim de assumirmos nossa cruz, apresenta-se, assim, de maneira muito clara, orientado em favor de uma completa mudança de vida: primeiramente, trata-se da livre vontade de querer caminhar nos passos de Jesus, e, em consequência, aceitar renunciar aos interesses próprios, colocando-se à disposição de anunciar o Reino Deus e sua Justiça. Em segundo lugar, significa o aceite das consequências dolorosas que podem advir dessa opção de fielmente seguir a Jesus, tais como: a perda de prestígio, a exposição a todo tipo de perseguições, acusações, críticas. Tal é a postura de fé na cruz de Cristo, que precisa atravessar o sofrimento para atingir sua autenticidade.⁸⁹

⁸⁸ ALEIXANDRE, D., et al., *Fijos los ojos en Jesús*, p. 164. (T.A)

⁸⁹ CANTALAMESSA, R., *Maria, um espelho para a Igreja*, p. 93.

Nestes meandros, a crucifixão de Cristo foi, para os primeiros discípulos em sua fé, a um só tempo motivo de escândalo, sofrimento, pedra de tropeço, como também um sinal de destemido orgulho, no qual “a força de Deus se mostra na fraqueza humana” (2Cor 12, 10):

Com efeito, a linguagem da cruz é loucura para aqueles que se perdem, mas para aqueles que se salvam, para nós, é poder de Deus ... Com efeito, visto que o mundo por meio da sabedoria não reconheceu a Deus na sabedoria de Deus, aprouve a Deus pela loucura da pregação salvar aqueles que creem. Os judeus pedem sinais, e o gregos, andam em busca de sabedoria. Nós, porém, anunciamos Cristo crucificado, que para os judeus é escândalo, para os gentios é loucura, mas para aqueles que são chamados, tanto judeus, como gregos, é Cristo, poder de Deus e sabedoria de Deus. (1 Cor 11,18.22-24)

É segundo esta interpretação que sugere-se que um seguimento sem sofrimento “logo se converte em uma ‘religião burguesa’, em que se dilui a radicalidade do Evangelho, e Deus é colocado a serviço do nosso bem-estar. O risco é grande.”⁹⁰

Por seu turno, naquela cruz injusta e terrível, venceram o Bem e a Esperança para o ser humano e para toda a realidade, pois a cruz é o ponto extremo e final de todo o processo da Encarnação do Filho de Deus, culminando em Sua Ressurreição. Para sermos salvos, é preciso viver plenamente a fraternidade, como verdadeiros irmãos e irmãs, e buscar estar livres de tudo aquilo que prejudica a vida, vivendo em paz com todas as criaturas. Portanto, o que é que nos salva? A partir do exposto, aquilo que nos salva é a bondade praticada em vida, capaz de transformar a própria morte em vida. Toda a vida de Jesus é o que nos salva: a maneira em que Jesus viveu sua Humanidade, sua mensagem libertadora, sua compaixão, sua solidariedade, sua esperança, sua proximidade para com todos, seu amor fraterno, sua intimidade com o Pai (Abba):

Cruz e Ressurreição são duas realidades inseparáveis. O Crucificado vive, o que vive é o Crucificado. Isto justifica nossa fé em Jesus Cristo hoje. Cruz sem Ressurreição é somente o símbolo de uma vida de entrega radical por amor aos seres humanos, um presente sem futuro próprio. Ressurreição sem Cruz faz de Jesus um mito e um caminho sem sonho, um futuro sem presente.⁹¹

⁹⁰ ALEIXANDRE, D., et al., Fijos los ojos en Jesús, p. 183. (T.A)

⁹¹ ARENS, E., Jesucristo, Hijo del Padre e Hijo de María para la salvación del mundo, p. 107. (T.A)

Como vimos, a cruz de Jesus é o caminho que leva à Sua ressurreição. Jesus, ao morrer e ressuscitar, restaurara a Vida. A partir desse grande e inefável mistério, estamos convictos em nossa fé de que o amor manifesta-se como mais poderoso do que a morte.

A fé em Cristo Ressuscitado nos recorda, ainda, da existência de Deus e de sua atuação em nossas vidas. Viver cada dia como um “sinal de ressurreição” significa, neste sentido, experimentar esse mesmo amor de Deus, que cuida, cura, liberta e humaniza – temáticas trabalhadas a seguir.

2.2.3

Ressurreição, experiência de encontro e seguimento

Quando falamos da Ressurreição de Jesus, nos vem à mente e ao coração que Jesus “verdadeiramente ressuscitou”, que caminha conosco. Trata-se de um dado de nossa fé. E esta certeza da Ressurreição de Jesus foi primeiro vivenciada pela ousadia das mulheres, que, ainda na madrugada, foram ao túmulo de Jesus. Mesmo atemorizadas, aquelas mulheres foram as primeiras testemunhas e as primeiras a serem enviadas a anunciar a Ressurreição de Jesus: “Não tenhais medo. Ide anunciar aos meus irmãos que se dirijam para a Galileia. Lá eles me verão” (Mt 28, 10).

Por isso, Jesus é hoje o Ressuscitado que caminha junto com seu povo. Viver uma experiência de encontro com Jesus Cristo é, portanto, seguir seus passos. O seguimento e o testemunho compõem uma dinâmica de movimento: o colocar-se a caminho na construção de um mundo novo. Viver segundo a fé é, neste sentido, estar sempre em movimento, com uma criatividade renovada a cada dia.

A experiência pascal, assim, seria a experiência específica das testemunhas que deram origem às comunidades cristãs: Maria Madalena, Maria – mãe de Tiago e José, Pedro, João – o, discípulo amado –, além dos outros discípulos, bem como Maria, a Mãe de Jesus. Assim nossa fé nasce, por um lado, da fé e do testemunho dessa primeira geração de cristãos, e, por outro, “da experiência do Cristo vivo e renovada hoje, quando participamos da vida em Cristo e no Espírito, dessas primeiras comunidades cristãs”.⁹² É na vida sacramental da Igreja, quando nos reunimos e somos enviados na missão de anunciar a ressurreição, que dá-se a vida

⁹² KONINGS, J., O Evangelho segundo João, p. 413.

nova: a corajosa atitude de se colocar a caminho na superação de tudo aquilo que impede a vida em abundância para todos, dotada de inclusão social, dignidade humana e o cuidado com a vida, principalmente em relação aos mais pobres.

A Ressurreição, assim, transforma-se na evidência de que Jesus e Sua mensagem, Sua pessoa e Sua causa, são inseparáveis. E é justamente a partir de Sua Ressurreição que se compreende o significado profundo de sua vida e práxis:

A peculiaridade do messianismo de Jesus (seu conteúdo) se manifestou em sua vida, pregação e práxis, que é a do Filho de Deus, a do “segredo messiânico” de Marcos. É um messianismo que não tinha por finalidade uma libertação e salvação meramente espiritual e individual. Todo o contrário: abarca as mais variadas dimensões da vida humana, inclusive a política e a atividade socioeconômica.⁹³

Para Pixley⁹⁴, a Ressurreição de Jesus Cristo é repleta de significados. Segundo ele, Lucas enfatiza a rejeição por parte de Deus, do julgamento de Pilatos e de Herodes: Por isso, “toda a casa de Israel deve saber com certeza que Deus entronizou como Senhor e Cristo esse Jesus que vós crucificastes” (Atos, 2, 36)⁹⁵. Deus não silenciou diante da injustiça, não ficou passivo: ressuscitou-O, devolvendo-Lhe a vida e levando-O à plenitude, constituindo-O, para sempre, Senhor e Salvador.

A Ressurreição é, ainda, o renascer da Esperança. Jesus apareceu aos seus discípulos e eles se alegram em ver o Senhor (Jo 20, 19-20). Ele lhes preparara o alimento e eles comeram com alegria (Jo 21, 1-14). Jesus os envia em missão, com mensagens de Paz, soprando sobre eles o Espírito Santo (Jo 20, 21-22). Resumindo, o mistério da Ressurreição apresenta-se como o centro ao redor do qual gira a nossa fé. O símbolo da vida plena e que revela a Deus como o Senhor da vida.

Assim, Jesus Cristo Ressuscitado torna-se a nossa Esperança. Somos convidados a resgatar a experiência viva do Ressuscitado, reavivando n’Ele a nossa fé. Pelos caminhos da Galileia, os discípulos aprenderam a viver do Espírito do Cristo Ressuscitado, que propicia nova vida. A Ressurreição de Jesus Cristo nos introduz, portanto, numa dinâmica de crescimento pessoal e comunitária enquanto Igreja, enquanto povo de Deus (Ef. 4 15-16).

⁹³ ARENS, E., Jesucristo, Hijo del Padre e Hijo de María para la salvación del mundo, p. 109. (T.A)

⁹⁴ PIXLEY, J., O Deus libertador na Bíblia, p. 130-131.

⁹⁵ Também em Atos 3,15, Pedro anuncia que Deus, ao levantar Jesus morto, está recusando o julgamento das autoridades sobre Jesus. Deus reivindica quem morreu executado por anunciar que o Reino de Deus é para todos, especialmente os pobres e marginalizados.

Os primeiros cristãos viveram com intensidade essa experiência, conforme testemunha Paulo em sua epístola aos Gálatas (Gal 2, 20): “Já não sou eu que vivo, mas é Cristo que vive em mim”. Como Paulo, há de se buscar a presença do Ressuscitado na vida em sua inteireza. Em nossos desafios, conflitos, contradições, alegrias e esperanças.

Cabe-nos aqui ressaltar que a mística cristã, enquanto experiência da vida, morte e ressurreição de Jesus Cristo, nos conduz a um processo humano espiritual. Um encontro transformador e humanizador, um caminho que nos leva, primeiramente, a acolher o amor de Deus, que já habita cada indivíduo, criado à Sua imagem e semelhança. Num segundo momento, identifica-nos com a pessoa de Jesus Cristo, buscando ser, no mundo, cristãos e cristãs autênticos, e, por último, incita-nos a procurar viver, atuar e servir de acordo com a fé que professamos: “E essa fé a vivemos pelo Batismo, vida de amor, comunitária e comprometida, vivida com generosidade e esperança.”⁹⁶

A partir da experiência do encontro e seguimento de Jesus Cristo, prosseguimos com um olhar a Maria, a primeira discípula, seguidora de Jesus de Nazaré, a quem ela gerou, cuidou, ensinou, acompanhou e de quem depois aprendeu para se tornar a discípula missionária perfeita. Aquela que mais ouvia e pouco falava, pois “meditava e guardava todas essas coisas todos os fatos em seu coração” (Lc 2, 51). Por isso, podemos aprender com ela, que acreditou pela Fé e viveu, na Esperança, os acontecimentos do seu tempo, de sua realidade histórica:

Maria é uma mulher concreta da história, que tinha a própria vida para entender. Mulher judia em uma aldeia camponesa, com uma cultura muito diferente da sociedade pós-industrial de nossos dias, pleno século XXI. Embora semelhante em muitos aspectos à cultura camponesa nos países onde essa cultura ainda existe.⁹⁷

O Papa Francisco⁹⁸ diz-nos que Maria é a própria normalidade, uma mulher que qualquer mulher neste mundo poderia dizer saber e conseguir imitar. Maria era uma pessoa comum, uma jovem de uma pequena cidade do interior, educada, disposta a casar-se, a constituir uma família. Sigamos esta reflexão a partir da Mística Marial: a “Maria nos Evangelhos”.

⁹⁶ PEDROSA-PÁDUA, L. Mística, Mística Cristã e Experiência de Deus, p. 351

⁹⁷ JOHNSON, E., Nossa verdadeira irmã, p. 136.

⁹⁸ FRANCISCO, PP., Ave Maria, p. 21.

2.3

Mística marial, experiência de Deus no Filho, vivida por Maria

Como vimos na introdução deste capítulo, seguimos com a mística marial como experiência de Deus no Filho, vivido por Maria nos Evangelhos. O caminho experiencial do cristão, inspirado na experiência de Maria e a experiência mística que a envolve.

Para o desenvolvimento deste tópico, centrar-nos-emos na “Maria dos Evangelhos”, cientes de que Maria, por sua participação na História da Salvação, deve ser estudada em toda a Bíblia, ao passo que Maria, nas fontes bíblicas de nossa fé, nunca está sozinha, estando sempre em conexão com Cristo. Ela não é o centro, mas uma figura das mais importantes por ter gerado o centro da fé cristã, o próprio Jesus Cristo.

Segundo o Evangelho de Lucas, no capítulo 1, 26-38, de Maria sabemos que era uma virgem habitante de Nazaré da Galileia, uma jovem desposada com um homem de nome José, da casa de Davi. Partindo desta constatação, queremos olhar Maria, considerando: em primeiro lugar, Maria, a mulher de seu tempo, vivendo na Palestina do primeiro século da Era Cristã e sua experiência de Deus vivida junto a seu povo; e como ela seguiu sua vida diante de Deus, recebendo d’Ele a missão de mãe do Filho de Deus Encarnado:

A saudação a uma mulher: Deus cumprimenta uma mulher. Saúda-a proferindo uma grande verdade “Eu te fiz repleta do meu amor, cheia de mim, e assim como estás plena de mim, estarás plena do meu Filho e depois de todos os filhos da Igreja”. Mas a graça não termina aí: a beleza de Nossa Senhora é uma beleza que dá fruto, uma beleza de mãe. Não esqueçamos: Deus cumprimenta uma mulher que é mãe desde o primeiro momento, que é apresentada como mãe já no momento em que concebe.⁹⁹

Maria, mulher habitada por Deus, primeiramente esvaziou-se de si mesma, para deixar-se preencher por Deus. Viveu na pequena aldeia de Nazaré, na Galileia, e pouco se sabe de sua vida, de sua história.

Segundo Elizabeth Johnson,¹⁰⁰ a partir da década de 1980, começaram a ser realizadas escavações arqueológicas na Palestina, conduzidas por critérios científicos, o que trouxe à tona preciosas fontes de informações a respeito da

⁹⁹ FRANCISCO, PP., Ave Maria, p. 20.

¹⁰⁰ Elizabeth A. Johnson, (1941) é Teóloga feminista. Religiosa da Congregação de São José, Brentwood, NY. Professora emérita de Teologia. Em sua obra: Nossa Verdadeira irmã. Teologia de Maria na comunhão dos Santos, 2006.

Galileia do tempo dos romanos, evidenciando importantes revelações sobre: padrões de assentamento, práticas agrícolas, sistemas econômicos, traços culturais ou mesmo sinais de práticas de violência. Ao contrário dos textos literários, que intencionalmente contam uma história a partir de um ponto de vista definido, a prova arqueológica revela não somente testemunhos intencionais da arquitetura pública, mas também muitos testemunhos da vida cotidiana.

Quanto a este ponto, cabe-nos apontar que o conhecimento sobre esses dados arqueológicos, colhidos da longínqua Palestina do século I, pode ajudar a trazer à luz informações sobre a história de vida de Maria de Nazaré. O que é fato real, em meio às conjecturas e controvérsias, é que Maria de Nazaré, vivendo em uma cultura camponesa judaica, contava com limitadas condições socioeconômicas: uma jovem pobre e politicamente oprimida, numa realidade marcada por explorações e incidentes publicamente violentos:

Maria é mulher. Vive numa sociedade patriarcal, na qual somente os homens têm palavra. (...) Ela mora em Nazaré, uma pequena cidade da Galiléia. A Palestina está dividida em três regiões: a Judéia ao sul; a Samaria, ao centro; e a Galiléia, ao norte. (...) Na Judéia se situa a cidade de Jerusalém, lugar de peregrinação, capital religiosa e grande centro econômico. Os galileus não gozam de boa fama. (...) Nazaré é uma cidade sem importância.¹⁰¹

Algumas características históricas, religiosas e sociais merecem ser enfatizadas: Maria, pessoa única e incomparável, era pragmática, num contexto em que as mulheres só podiam ser o que se esperava que fossem: recolhidas, submissas, humildes, modestas, dedicadas à procriação e ao bom funcionamento do lar.

Às mulheres, de acordo com os padrões do sistema social mediterrâneo, cabia a responsabilidade pelo suporte familiar, para tudo o que faziam fora e dentro de casa (Prov. 31, 10-31). Participavam dos atos litúrgicos da fé judaica e das expressões culturais do seu povo. Seu nome, Maria, lembra-nos a profetisa, irmã de Moisés, a jovem mulher cujo papel fora relevante na vida do libertador de Israel da escravidão do Egito, Moisés; a mulher que encorajou o canto de louvor nos lábios das mulheres hebraicas (Ex 15, 21):

Sua vida se desenvolve em silêncio, e se desdobra em humildade. Ela está em segundo plano, sempre pronta para servir, como testemunham os episódios da visita a Isabel e das bodas de Caná. Sua vida era totalmente humana, uma humanidade de

¹⁰¹ MURAD, A., Maria, toda de Deus e tão humana, p. 70-71.

autêntica pobreza. Descentrada, sem desejo de ser o centro das atenções, mas aberta a uma grande variedade de situações. A vida de Maria de Nazaré não foi reduzida a um conjunto de virtudes femininas, exaltadas para reforçar as concepções sexistas. Envolveu aspectos aos quais se presta pouca atenção: a história, a situação política, a luta pela subsistência, a sujeição a dominadores injustos, judeus ou pagãos.¹⁰²

Maria, a mulher de Nazaré, pode ser considerada a figura de maior representatividade entre os seres humanos da história visível e concreta da Salvação. Uma mulher descentrada de si, que se coloca à disposição para servir, sendo uma presença humilde e atenta, mas ao mesmo tempo dinâmica e atuante, a representação mais acabada do ser cristão. Todavia, mesmo sendo essa figura, o modelo mais representativo do ser cristão, os Evangelhos nada informam sobre suas origens, sua infância, seus pais, ou mesmo seu ambiente familiar.

Os autores do Novo Testamento parecem ter pouco a dizer sobre ela e de seu estilo de vida. Mesmo assim, os fatos que sobre ela relataram foram o suficiente para se entender o papel que a Mãe de Jesus desempenhava no meio da comunidade dos discípulos do Mestre de Nazaré. Como toda a mulher judia, Maria tinha o direito e, portanto, a oportunidade, ao longo do dia, de dirigir-se à Sinagoga para escutar a palavra de Deus, onde poderia alimentar-se das Escrituras:

A formação religiosa se centrava na Sinagoga. Aí Maria assistia ao culto na galeria das mulheres; aos sábados várias vezes e muito provavelmente também durante a semana. O culto era composto de orações e da leitura da Lei e dos profetas. Ela não podia usar da palavra como faziam os homens. Seu calar expressava o silêncio que continuamente levava consigo. Sempre havia silêncio ao redor de Maria.¹⁰³

A vida cotidiana dessa jovem galileia exalava simplicidade e sua fé foi nutrida pela memória dessa “terra da Encarnação”. A região da Galileia, ressalta-se, era uma terra marginal, uma encruzilhada de nações. E foi nesse lugar, sob um céu livre e puro, que uma grande luz se pôs a brilhar. A escassez de dados que possam ter tido origem das primeiras gerações cristãs, sobre a vida de Maria, fica então compensada pela qualidade de sua riqueza teológica.

Maria viveu todas as circunstâncias usuais de uma vida em sua época: a história, o meio sócio-político, as precárias condições de subsistência. Contudo, a

¹⁰² GARCÍA-MURGA, J. R., Jesucristo Hijo de María mujer en misión figura de la Iglesia, p. 43-44. (T.A)

¹⁰³ GARCÍA-MURGA, J. R., Jesucristo Hijo de María mujer en misión figura de la Iglesia, p. 40-41. (T.A)

fé que potenciava suas qualidades humanas a fez transcender. Sua magnitude de caráter, de espírito, se explica por sua fé e abertura ao projeto de Deus, para o menino Jesus, de quem Maria era a face materna de Deus.

Neste campo, para podermos traçar o caminho da mística marial, opta-se por partir dos textos de Mateus, Marcos e alguns de Lucas, dentre os quais aparece a figura de Maria. Dos textos de Lucas, ressaltam-se (1, 26-56): a Anunciação, a Visitação e o Cântico do Magnificat; e, por fim, os textos do Evangelho de João (19, 25-27) – a cena aos pés da Cruz e (2, 1-11) – o episódio das Bodas de Caná.

Sabemos que na lógica do Evangelho de João, primeiro encontramos o episódio das Bodas de Caná e somente depois a cena aos pés da Cruz. Mas, para a sistematização da tese, sob os limites da pesquisa e da novidade que comporta, optou-se por invertê-los. Almeja-se apresentar um caminhar na fé que passa: pela corporeidade com a Anunciação, “vide” texto de Lucas 1, 26-56; pelo processo de interação dos opostos: luz x trevas, alegria x tristezas, com a cena da Cruz, “vide” texto de João 19, 25-27; e por fim, pela dimensão do serviço e missão, o cuidado com a vida, o estar atento e sensível às necessidades humanas no sentido de “fazer tudo o que Jesus disser” nos dias de hoje, com as Bodas de Caná da Galiléia, “vide” texto de João 2, 1-11.

Acreditamos que no processo humano e espiritual, o primeiro passo seria a nossa atitude de acolhimento da própria vida, da história humana, conhecendo as potencialidades e fragilidades das pessoas, integrando-as e, desse modo, amando o que conhecemos, para crescermos em empatia e sensibilidade, para estarmos a serviço e cuidado da vida, com dignidade, respeito e amor. E nesse processo humano e espiritual, nos acompanha Maria. Mas qual Maria? Aqui, a “Maria dos Evangelhos”:

O Corpo místico de Cristo não é masculino nem feminino, porque é o “lugar” de sua integração. Maria, toda relativa a Cristo, vive nessa totalidade, integrando sua feminilidade na plenitude da humanidade nova. Por isso, contemplá-la em sua verdade de mulher significa encontrar nela a feminilidade do humano total.¹⁰⁴

Em Maria, encontramos o ser humano perfeitamente integrado, vivendo sua dimensão humana, que também é divina, sendo no mundo sinal do próprio Deus, em Jesus Cristo, no Espírito, pelo amor.

¹⁰⁴ FORTE, B., Maria, a mulher ícone do mistério, p. 154.

O presente estudo não busca operar uma exegese bíblica, esclarece-se, mas uma hermenêutica com um olhar direcionado à Maria a partir da sua experiência de fé, de seu esvaziamento – para se tornar a Mãe do Filho de Deus Encarnado. Ela que o gerou em seu ventre, cuidou, acompanhou, e que está presente nos momentos centrais da vida desse seu Filho, presença que, no estudo desta experiência, chamamos de mística marial. É ela, o perfeito modelo, o espelho para todos os que assumem e vivem a fé em Jesus Cristo, como testemunhas da esperança, no cotidiano da vida e na missão da Igreja, povo de Deus.

2.3.1

Maria no Evangelho de Mateus – a mulher símbolo do povo fiel

Mateus, em seu Evangelho, vê o cumprimento das promessas feitas por Javé a Israel acontecer, através da ação de Jesus e da comunidade de seus seguidores. Inicia seu Evangelho com a genealogia de Jesus: “(...) Jacó gerou José, esposo de Maria, da qual nasceu Jesus, chamado Cristo” (Mt 1, 16). A mulher, Maria, é aqui assumida como o símbolo do povo fiel, do qual nasce o Messias, e José o símbolo do povo velho, que, de certa forma se desviou da Aliança - e que novamente é chamado a recomeçar.

Veremos abaixo, em síntese, os textos mateanos que fazem referência à Mãe do Senhor, segundo o autor.

Para Murad,¹⁰⁵ nos capítulos 1 e 2, o relato da infância seria como um fragmento de uma colcha de retalhos enriquecida com bordados, onde se manifesta a configuração do tecido em sua integralidade, mostrando as mais significativas etapas da história do Povo de Israel, desde o início da história de Jesus.

Em Mateus 1, 1-17, a genealogia de Jesus situa-o socialmente no seio do povo de Abraão.¹⁰⁶ Podemos ainda dizer que Jesus retoma e carrega em si a história de seu povo. Nesse trecho, Mateus cita o nome de cinco mulheres: Tamar, Raab, Rute, Betsabéia – a mulher de Urias –, e também Maria. É clara a intenção de sinalizar para a atuação surpreendente e gratuita de Deus, que se serve de situações fora da normalidade para realizar seu projeto de Salvação. Vejamos cada uma dessas cinco mulheres, segundo Murad.¹⁰⁷

¹⁰⁵ MURAD, A., Maria, toda de Deus e tão humana, p. 42.

¹⁰⁶ MURAD, A., Quem é esta mulher? p. 60.

¹⁰⁷ MURAD, A., Maria, toda de Deus e tão humana, p. 44.

Tamar provoca um incesto, de forma proposital, tendo relações sexuais com seu sogro (Gn 38, 14-18), para que, por meio dela, Judá tenha um descendente; Raab, a prostituta, é uma mulher corajosa, que protege dois espiões hebreus na cidade de Jericó, facilitando a entrada deles em sua casa, (Jos 2, 1-21); Rute, a mulher pobre moabita não pertencente ao povo eleito, sendo viúva de um hebreu. Foi bondosa, sagaz e solidária com a sogra Noemi, que permitiu seu casamento com Booz (Rt 4, 1-17), assim procedendo para a continuidade da descendência, conforme a lei; Betsabéia, a mulher de Urias, vítima da prepotência do rei Davi, acaba se tornando a mãe do rei Salomão. Criou-se, nesse episódio, uma situação moralmente inaceitável: relação de adultério, abuso de poder, exposição premeditada ao perigo – que culminou com a morte de Urias (2 Sm 11, 14-17) - e, por fim, Maria, que é a mãe do Messias, sem a participação de José (Mt 1, 18), seu esposo, da qual nasceu Jesus, chamado Cristo. Ou seja, José não é o pai biológico de Jesus, mas O assume, em total subordinação aos preceitos legais de pertença ao povo de Israel:

O Messias vem do povo e vem de Deus. É o novo símbolo da Aliança que acontece novamente na imagem dos esponsais. A intenção teológica de Mateus parece clara, apesar das interpretações enfocadas nos aspectos biológicos que os estudiosos deram ao seu texto. Trata-se agora do nascimento do novo povo de Deus, gerado na mulher, figura do povo.¹⁰⁸

No episódio do anúncio do Anjo a José, em Mateus 1, 18-25, José é o personagem principal. O nascimento de Jesus se deve à ação do Espírito Santo em Maria: concebeu um Filho, sendo e mantendo-se virgem. Ela, com seu testemunho de obediência radical a Deus e sua esperança confiante, pode nos levar a uma vida cristã mais profunda e mais fiel a Deus. Maria é a mãe do Emanuel – o Deus Conosco –, a mulher que pode nos ajudar a nos aproximarmos d’Ele.

A seguir, temos o relato da Adoração dos Reis Magos, uma passagem que reforça a visão da maternidade de Maria: “Ao entrar na casa viram o menino com Maria, Sua mãe, e, prostrando-se O adoraram.”; e na sequência, a Fuga e o Retorno do Egito, nos textos extraídos de Mateus 2, 11-21.

¹⁰⁸ GEBARA, I.; BINGEMER, M. C., Maria, mãe de Deus e mãe dos pobres, p. 73.

Maria e Jesus vivenciam, nesta etapa da vida, os mesmos acontecimentos. Jesus é a nova imagem do povo fiel e perseguido. Isto é, a peregrinação de Jesus, Maria e José lembra a peregrinação do povo no cumprimento da Aliança.

Podemos dizer que a Adoração dos Magos e a Fuga para o Egito ensinam que a fé cristã é, antes de tudo, a descoberta da bondade de Deus. É a experiência agradecida de que só Deus salva. A reverência dos Magos diante do Menino Jesus expressa, assim, a primeira atitude de todo crente diante do Deus feito homem: adorar. A postura dos Magos é o modelo da autêntica adoração, a medida em que eles sabem como olhar profundamente para o cosmos, como captar sinais, como se aproximar do Mistério e como oferecer sua humilde homenagem a esse Deus, encarnado em nossa existência.¹⁰⁹

Há ainda, no Evangelho de Mateus, dois textos em que Maria aparece participando da vida pública de Jesus: o primeiro encontramos em Mateus 12, 46-50, onde se fala da nova “família” dos seguidores de Jesus: aqueles que fazem a vontade de Seu Pai. O segundo texto se encontra em Mateus 13, 53-58 – O Profeta rejeitado. Como no primeiro texto, este também se refere à família de Jesus, mas, para o narrador, tanto o papel de José, como pai, quanto o de Maria, como mãe, não são o mais relevante. Além disso, enfatiza o fato de que Jesus criou sua própria família escatológica, “deixando um vazio escandaloso, o narrador quer registrar a reação de sua família.”¹¹⁰

No Evangelho de Mateus, por fim, Maria é vista como a mãe da esperança virgem, mulher prenhe de vida, rosto do povo cheio de luz, rosto de Deus que sempre renasce dos escombros da destruição.

2.3.2

Maria no Evangelho de Marcos – a peregrina na fé

No Evangelho de Marcos, há dois textos em que aparece a figura de Maria (Mc 3,31-35 e Mc 6,1-6) e que nos suscitam a seguinte indagação: quem integra a família de Jesus? Nesta seara, podemos partir da concepção de que Maria, Sua mãe, teve que fazer uma peregrinação de fé: da condição de mãe de Jesus à de Sua discípula e fiel seguidora:

¹⁰⁹ PAGOLA, J. A., El camino abierto por Jesús. 1 – Mateo, p. 24 e 25. (T.A)

¹¹⁰ PUERTO, M. N., Los rostros bíblicos de María, p. 179. (T.A)

Quanto às Suas perguntas “Quem é minha mãe?”, “Quem são meus irmãos?”, Ele não está, de modo algum, rejeitando Sua mãe. De fato, não quer limitar Sua relação para com ela ao nível biológico, mas sim a quer colocar em um nível superior, ou seja, apresenta-a como aquela que ouviu pela primeira vez a palavra de Deus e a pôe em prática, através da sua colaboração com Deus, para a salvação do mundo.¹¹¹

A figura de Maria, como mãe, é aquela que ouviu pela primeira vez a palavra de Deus e a pôe em prática, ou seja, pela fé, sendo aquela que acreditou. Assim, Maria fora, desde sempre, tratada como a mãe por excelência, reforçando um tipo de maternidade identificado com as mulheres. Talvez seja a hora de apresentar a mulher que, nesse texto de Marcos, é questionada como mãe, para que resplandeça, para que seja realçada sua condição enquanto pessoa integrada, que vivera a experiência de caminhar como discípula e peregrina na fé, e que, por isso mesmo, pode ser modelo de seguimento e discipulado.

No segundo texto de Marcos (Mc 6,1-6), vemos que é a única vez em que Maria é chamada pelo seu nome: “Não é este o carpinteiro, filho de Maria?”. Entende-se que Marcos, ao referenciar o “filho de Maria”, busca enfatizar os traços humanos de Jesus, citando o nome de sua mãe.

Nesta perspectiva, o Evangelista nos ensina que até Maria, a criatura mais unida a Cristo, com vínculos de sangue, teve que se elevar a uma ordem de valores mais alta. Pela fé, é ela a mãe que gerou, cuidou, acompanhou. E, também pela fé, vive sua peregrinação de mãe, a seguidora, que escuta e acolhe a Palavra, cumprindo a vontade de Deus (Mc 3,35). Assim, a figura de Maria se harmoniza com seu itinerário de fé: de mãe de Jesus, a Sua discípula e seguidora.

Maria, a mãe de Jesus, escutou, acolheu e viveu pela fé a Palavra de Deus, que fez morada em seu ventre. Por isso, aquela que acreditou colabora na salvação do mundo, sendo a primeira a estar junto de Deus. Maria é o modelo da fé.

2.3.3

Maria no Evangelho de Lucas – uma mulher habitada por Deus

Lucas é o autor do Evangelho que nos fornece o mais rico repertório de elementos para uma teologia mariana: a Anunciação, a Visitação, o Cântico do Magnificat. Nele, encontramos a Boa Nova de Jesus e a Boa Nova de Maria, numa

¹¹¹ KULANDAISAMY, D. S.; DI GIROLAMO, L. M., Maria di Nazaret tra Bibbia e Teologia, p. 19-20. (T.A)

íntima relação e complementariedade. A mensagem central é que “Deus se fez carne humana”. Isto se estende ao longo dos escritos de Lucas, reaparecendo passo a passo, sendo vivido nas diferentes comunidades cristãs.

Iniciemos com o Nascimento de Jesus e a Visita dos Pastores. Nas perícopes do Nascimento de Jesus e da Visita dos pastores (Lc 2, 1-2), Lucas descreve o nascimento de Jesus com muita simplicidade, mostrando-nos como Cristo vem ao mundo em sua condição de empobrecido, sendo envolvido em panos e colocado na manjedoura de um estábulo:

O Natal nos obriga a rever as ideias e as imagens que normalmente temos de Deus, mas que nos impedem de nos aproximarmos da Sua verdadeira face. Deus não Se deixa restringir aos nossos esquemas e moldes de pensamento. Não segue os caminhos que Lhe traçamos. Deus é imprevisível.¹¹²

Na imagem do Nascimento de Jesus, encontramos os pastores, que, pela religião oficial, eram considerados impuros. Eles reconhecem a novidade de Jesus, invertendo a ordem estabelecida: não é o antigo povo que reconhece a novidade de Jesus, mas sim os mais pobres, os excluídos dos quais não se espera quase nada.

Os pastores reconhecem em Jesus a nova esperança, a presença maravilhosa de Deus no meio da pobreza humana. Quanto a Maria, contemplemos sua postura silenciosa e meditativa: “Maria, contudo, conservava cuidadosamente todos esses acontecimentos, e os meditava em seu coração” (Lc 2 19). Mulher do silêncio e da contemplação, diante do mistério maior.

Segundo Brown,¹¹³ apenas uma figura estabelece uma ponte entre a história infantil e o ministério de Jesus: Maria, Sua mãe. Ela é a única pessoa adulta mencionada nos dois primeiros capítulos de Lucas e que reaparece no corpo do Evangelho. Por contraste, Lucas a diferencia dos outros ouvintes da Palavra, dizendo que “ela guardava a memória de tudo isso, refletindo em seu coração”.

A chave para o entendimento deste versículo é que Maria está interpretando todos esses eventos e palavras, por ela preservados cuidadosamente em seu coração. Lucas a descreve em seu ministério e missão como aquela que é discípula e acredita.

¹¹² PAGOLA, J. A., El camino abierto por Jesús 3 - Lucas, p. 40. (T.A)

¹¹³ Raymond Edward Brown (1928-1998). Nasceu nos EUA, foi sacerdote católico da Congregação dos Padres Sulpicianos, e um eminente estudioso da Bíblia. Em sua obra: “El nacimiento del Mesías”, Comentario de los Relatos de la Infancia, p. 449.

Assim, a apresenta aprofundando o significado dos eventos que se sucederam e os sinais que foram dados, conforme os textos da Anunciação e da Visitação.

Em Lucas, analisemos dois acontecimentos ocorridos na infância de Jesus: o primeiro em Lucas 2, 21, é a Circuncisão de Jesus e a Imposição do nome ao menino; o segundo, em Lucas 2, 22-28, é a Apresentação de Jesus no templo e a Purificação de Maria, em obediência e fidelidade à lei e aos preceitos religiosos e culturais dos judeus. Nessa cena, ainda encontramos Simeão, que pronuncia duas bênçãos: a primeira é o “*Nunc Dimittis*”, (Lc 2, 28-32), um ato de louvor a Deus; a segunda sendo uma bênção aos pais do menino, dirigida à Maria (Lc 2, 34-35).

Com a profecia “da espada que haveria de atravessar a alma de Maria”, nas palavras de Simeão, o Evangelho se refere ao difícil processo pelo qual Maria irá passar: de aprender que a obediência à Palavra de Deus transcende os laços familiares e esse processo não está isento de perigos e sofrimentos. Da condição de mãe, ela passa à de discípula do Filho: “Maria consolida sua opção de servidora do Senhor e resistente mulher de fé” (Lc 1, 38-45).¹¹⁴

Na cena de Maria e o encontro de Jesus no templo, conforme relatada em Lucas 2, 41-51, o evangelista antecipa a fase da adolescência, que marca a ruptura de Jesus com os laços familiares, momento na qual Ele já possui consciência em relação ao Pai e quanto a sua missão de instaurar o Reino. O evangelista ainda nos mostra a atitude contemplativa de Maria, no trecho de Lucas 2, 51: “Sua mãe, porém, conservava a lembrança de todos esses fatos em seu coração”. Por um lado, ela não compreende plenamente o mistério que envolve seu Filho e descobre que o caminhar na fé comporta riscos, como um “lançar-se no escuro”, um “viver na incerteza”.

No texto de Lucas 8, 19-21, encontramos a mãe e a família de Jesus, numa abordagem diferente da de Mateus e de Marcos. Lucas dá sentido positivo para a frase enunciada em Lucas 8, 21: “Minha mãe e meus irmãos são aqueles que ouvem a Palavra de Deus e a põem em prática.” A mãe e os irmãos não podiam aproximar-se de Jesus, “mas se satisfazem com o critério do ouvir e praticar a Palavra, portanto fazem parte da nova família dos discípulos e discípulas de Jesus.”¹¹⁵

No texto das bem-aventuranças, há novas referências à Maria, como vemos em Lucas 11, 27-28. Trata-se, aqui, da última referência à mãe de Jesus, exclusiva

¹¹⁴ MURAD, A., Quem é esta mulher? p. 125.

¹¹⁵ MURAD, A., Quem é esta mulher? p. 132.

deste evangelista: “Enquanto Ele assim falava, certa mulher levantou a voz do meio do povo e lhe disse: Felizes as entranhas que te trouxeram e os seios que te amamentaram!” Ele, porém, respondeu: “Felizes, antes, os que ouvem a Palavra de Deus e a observam.” Eis, pois, o primeiro e maior testemunho da fé de Maria: sua atitude de escuta e cumprimento da Palavra, que é o próprio Jesus e seu Evangelho: “Graças a esta fé, os planos de Deus penetram nas profundezas da história humana. E, se há palavras de Jesus que falam de Maria, Maria é uma palavra viva, um testemunho da verdade histórica de Jesus como a Encarnação de Deus.”¹¹⁶

O nome de Maria é também citado por Lucas uma única vez no livro dos Atos dos Apóstolos 1, 14. Neste texto, percebe-se Maria dando continuidade à missão de Jesus, junto dos apóstolos e de outros membros da comunidade, assíduos à oração e que, assim podemos dizer, também eram perseverantes no seguimento de Jesus:

Juntamente com o Espírito Santo, sempre estava Maria no meio do povo. Ela reunia os discípulos para invocá-Lo, e assim tornou possível a explosão missionária que se deu em Pentecostes. Ela é a Mãe da Igreja evangelizadora e, sem Ela, não podemos compreender cabalmente o espírito da nova evangelização.¹¹⁷

Em Atos 2, 1ss, na celebração do Pentecostes, Lucas não cita Maria, porém, a presença de Maria e das mulheres parece estar subentendida com a expressão “todos”. Maria, então, toma parte ativa da ação do Espírito, tanto na Encarnação do Filho de Deus, quanto na constituição da comunidade eclesial:

Esta judia mais velha, marcada pelas lutas de uma vida árdua, faz parte da comunidade reunida em nome de Jesus. Recebe um novo derramamento do Espírito de Deus e ergue a voz novamente em inspirado louvor e profecia. Há boa razão para aceitar essa imagem de Maria envolvida na nascente comunidade judaico-cristã como tradição confiável.¹¹⁸

Sigamos com os textos do Evangelho de Lucas: a Anunciação, a Visitação e Cântico do Magnificat; e do Evangelho de João: a cena aos pés da Cruz e as Bodas em Caná da Galileia. Conforme as orientações da presente pesquisa, almejamos apresentar e propor um caminhar na fé, perpassando: pela corporeidade, com a Anunciação, “vide” texto de Lucas 1, 26-56; pelo processo de interação dos opostos

¹¹⁶ PUERTO, M. N., Los rostros bíblicos de María, p. 235. (T.A)

¹¹⁷ EG 284.

¹¹⁸ JOHNSON, E. A., Nossa verdadeira irmã, p. 357. (T.A)

(luz x trevas, alegria x tristeza, com a cena da Cruz , “vide” texto de João 19, 25-27); e, por fim, à dimensão do serviço e da missão, o cuidado com a vida, o estar atento e sensível às necessidades humanas, no sentido de “fazer tudo o que Jesus disser” nos dias atuais, com as Bodas de Caná da Galileia, “vide” texto de João 2, 1-11.

Sabemos que na lógica do Evangelho de João, primeiro encontramos o texto das Bodas de Caná e depois o da cena da Cruz, mas para a sistematização da tese, ainda que com os limites da pesquisa e sua novidade, optou-se por inverter.

2.3.3.1

Testemunhas da Encarnação

Maria, a Mãe de Jesus, tomou parte no mistério da Encarnação de maneira única. É a mulher da nova e definitiva aliança, mistério de um Deus que se faz humano e vem habitar entre nós. Vemos no texto da Anunciação, conforme Lucas 1, 26-38, o mistério da Encarnação do Filho de Deus, no ventre de uma mulher, profetizado no Antigo Testamento - “Deus amou tanto o mundo que enviou seu Filho amado” (Jo 3, 16):

No sexto mês, o Anjo Gabriel foi enviado por Deus a uma cidade da Galiléia, chamada Nazaré, a uma virgem desposada com um varão chamado José, da casa de Davi; e o nome da virgem era Maria. Entrando onde ela estava, disse-lhe: “Alegrate, cheia de graça, o Senhor é contigo!”. Ela ficou intrigada com essas palavras e pôs-se a pensar qual seria o significado da saudação. O Anjo, porém, acrescentou: “Não temas, Maria! Encontraste graça junto de Deus. Eis que conceberás no teu seio e darás à luz um Filho, e tu o chamarás com o nome de Jesus. Ele será grande, será chamado Filho do Altíssimo, e o Senhor Deus Lhe dará o trono de Davi, Seu pai; Ele reinará na casa de Jacó para sempre e o Seu reino não terá fim”. Maria, porém, disse ao Anjo: “Como é que vai ser isso, se eu não conheço homem algum?” O Anjo lhe respondeu: “O Espírito Santo virá sobre ti, e o poder do Altíssimo vai te cobrir com a sua sombra: por isso o Santo que nascer será chamado Filho de Deus. Também Isabel, tua parenta, concebeu um filho na sua velhice e este é o sexto mês aquela que chamavam de estéril. Para Deus, com efeito, nada é impossível”. Disse então Maria: “Eu sou a serva do Senhor; faça-se em mim segundo a tua palavra”. E o Anjo a deixou. (Lucas 1, 26-38)

O texto da Anunciação é, não obstante, o relato mais importante sobre Maria, o mais conhecido e apreciado pela tradição cristã. Tudo indica que seu gênero literário tem seu acento na vocação de Maria, sua missão e função na Encarnação do Filho de Deus. O texto se assemelha a outros de anúncio na Bíblia, como: a

resposta de Deus a Abraão (Gen 17, 19-21), o anúncio à mãe de Sansão (Jz 13, 1-6), e o anúncio a Zacarias, sobre o nascimento de João Batista (Lc 1 5-20):

Deus sempre toma a iniciativa. Anuncia que virá uma criança importante para contribuir no processo de libertação e salvação do povo. Às vezes há obstáculos a serem superados. A pessoa que recebe o anúncio o questiona, e Deus lhe oferece um sinal. Mas o Anúncio a Maria, em Lucas, tem algo original. Não só prepara o nascimento de Jesus, mas também mostra a vocação de Maria e sua resposta generosa.¹¹⁹

Em Maria, concentram-se os princípios da ação de Deus sobre a Humanidade. A ela se podem aplicar todas as leis da história da Salvação, isto é, podemos considerar Maria como o resumo da história da salvação: Maria, a amada de Deus, como personificação do novo povo de Deus. Assim concebe-se a lei suprema da história: “Deus é amor”. E Maria é a amada de Deus (*Kecharitoméne*), objeto permanente do amor de Deus (Lc 1, 28), colocando em relevo o amor que Deus tem por toda a Humanidade. Ela, pobre e humilde, é a cooperadora da Salvação que vem de Deus. O Cântico do Magnificat (Lc 1, 48) expressa bem essa realidade de humildade e exaltação, em que a força se manifesta na fragilidade.

Eis, por fim, Maria virgem e mãe, ícone revelador de Deus. Portadora sublime paradoxo de humanizar a Deus. Em Maria, Deus assume uma existência humana e toma parte da história da Humanidade. E tudo se faz de um modo paradoxal e maravilhoso (“O Senhor fez em mim maravilhas”) nesta realização da maternidade por meio da virgindade - porque, para Deus, nada é impossível. (Lc 1, 37)¹²⁰

A iniciativa é inteiramente de Deus, o dom é perfeitamente gratuito. Por isso podemos dizer que a fé em Maria é a fé¹²¹ em um amor que transcende todo mérito e até mesmo sua própria existência. O amor gratuito de Deus, assim, nos favorece e nos transforma: “Maria foi a primeira crente a acreditar n’Ele. Foi a filha amada de Deus, com uma fé intensa e profunda, voltada para Jesus Cristo antes e muito mais do que qualquer outra criatura.”¹²²

¹¹⁹ MURAD, A., Maria, toda de Deus e tão humana, p. 54.

¹²⁰ OTAÑO, I., María, mujer de fe, madre de nuestra fe, p. 59-60. Maria, mãe de Jesus é nossa mãe. Neste capítulo o autor apresenta Maria na história da salvação, em que mostra que para o Pe. Chaminade a maternidade espiritual de Maria é fundamental. (T.A)

¹²¹ A condição crente de Maria, e a insistência em sua fé, constitui uma perspectiva importante para a mariologia, confirmada pelo Vaticano II e pela Encíclica *Redemptoris Mater* 29-34. E também um elemento-chave no diálogo com os protestantes. (T.A)

¹²² GARCÍA-MURGA, J. R., Jesucristo Hijo de María, mujer en misión, figura de la Iglesia, p. 45.

Ela, naturalmente, apresenta certo temor e questiona: “Como é que vai ser isso se eu não conheço homem algum?” (Lc 1, 34). Na cultura e tradição judaica em que vivia Maria, para a mulher, o permanecer virgem era considerado um castigo e até mesmo maldição:

Diante da proposta de Deus, Maria responde prontamente. O seu “sim” ecoa forte e sem dúvidas, cheio de generosidade. Disponível a Deus, Maria une a liberdade com a vontade: “Eis aqui a servidora do Senhor. Eu quero que se faça em mim segundo tua palavra”. Essa entrega de coração a Deus tem um nome muito simples: *fé*. Significa arriscar-se e jogar-se com confiança nas mãos do Senhor. Maria escutou a Palavra, acolheu-a no coração. Abriu seu espaço interior, e deixou Deus entrar.¹²³

A alegria e a grandeza da ação transformadora de Deus, faziam Maria se sentir em sintonia e identificada com a novidade absoluta dessa virgindade e maternidade. Desprendida por completo de si mesma, toda a sua pessoa se converteu em abertura a Deus, seu Senhor.

A resposta de Maria, seu “sim”, não é uma aceitação pura e simples. Seu *fiat* manifesta um alegre desejo de colaborar com Deus, a alegria do abandono total ao querer de Deus. No anúncio, Maria não apenas escuta a Palavra e a acolhe, mas também se dedica à Palavra (Lc 1, 38). Palavra esta que não é apenas para ser escutada de boa vontade, mas que deve ser vivida concretamente na existência humana:

Que a Palavra seja feita em mim, não como uma palavra que, assim que é pronunciada, passa; mas concebida para que permaneça, vestida de carne, não no ar. Que essa Palavra seja feita em mim, não só audível aos ouvidos, mas também visível aos olhos, palpável com as mãos e capaz de ser carregada nos braços. Que não seja uma palavra escrita e muda, mas encarnada e viva... através da obra do Espírito Santo... Peço que a Palavra também seja feita no meu ventre. Não me contento com o fato de ser pregada e proclamada, nem de ser expressa em figuras ou imaginada em sonhos; mas que seja silenciosamente inspirada, pessoalmente encarnada, invisível fisicamente.¹²⁴

Com seu “sim” livre, Maria adentrou o mistério insondável da vontade divina, vivendo uma experiência profunda de Deus - ser a mãe do Filho de Deus Encarnado, Jesus Cristo:

A disponibilidade de Maria, muito mais do que atitude moral ou conduta ética, é uma expressão de fé perfeita. Não é, de forma alguma, uma submissão passiva. A Virgem

¹²³ MURAD, A., Maria, toda de Deus e tão humana, p. 55.

¹²⁴ KULANDAISAMY, D. S.; DI GIROLAMO, L., Maria di Nazaret tra Bibbia e Teologia, p. 26. (T.A)

da Anunciação recebeu a mensagem num completo estado de vigília. Ela sentiu sua transcendência, estava consciente de sua liberdade, e predisposta ao “sim”. Não em virtude de uma submissão imposta, mas por um amor que sabe bem em quem confia. Ela se tornou plenamente a autora de sua resposta afirmativa.¹²⁵

Com o seu “sim” para um novo início no mundo, Maria se insere no mistério da acolhida crente da Virgem à iniciativa de graça do Eterno. Essa caracterização da experiência de Maria como um fato vivido na fé é o acento que Lucas traz ao dado da concepção virginal.¹²⁶

Maria de Nazaré, mulher forte na fé, primeira crente, aquela que escuta e acolhe a Palavra em seu ventre, e logo em seguida manifesta o seu “sim”, sai às pressas para ir servir a sua prima Isabel, que, avançada em idade, se encontrava grávida, já em seu sexto mês. (Lc 1 36-40)

2.3.3.2 A alegria do encontro

O texto de Lucas 1, 39-45, nos leva a imaginar como teria sido esse encontro entre duas mulheres, mães, cada qual com histórias distintas. Uma, a jovem que carrega em seu ventre o Filho de Deus, e a outra, já de idade avançada, desejosa de vida, cheia de esperança, carrega em seu ventre aquele que irá preparar o caminho.

Ambas as mulheres eram geradoras de vidas. Maria deixa sua casa e vai ao encontro de Isabel, para prestar um serviço de caridade, onde se faz necessário o serviço caritativo, onde a providencial interferência da Virgem Maria é manifestada. Traço de amor que exige descentramento de si, para estar a serviço da vida e ajudar a quem necessita. Assim, Maria manifesta o exercício da itinerância: o deixar sua casa para se colocar à disposição, no cuidado com a vida. E Isabel, de idade avançada, sem esperança, acreditou: o que era impossível se tornou realidade, ser mãe. Ambas, cada qual em sua realidade, em um só louvor, recordam a luta e a coragem das mulheres contra a opressão:

Lucas põe na boca de Isabel um louvor que faz eco a duas passagens das Escrituras judaicas nas quais se reconhece a participação das mulheres especiais na luta do Povo de Deus. Em Jz 5, 24, se bendiz a Héber, por participar da luta contra a opressão dos

¹²⁵ GARCÍA-MURGA, J. R., Jesucristo Hijo de María mujer en misión figura de la Iglesia, p. 48. (T.A)

¹²⁶ FORTE, B., Maria, a mulher ícone do mistério, p. 70.

cananeus, golpeando o homem Sísara. Em Jt 13, 18-20 se louva Judite, que, com imensa coragem e inteligente estratégia, eliminou Holofernes, general do exército da Assíria. Maria é colocada, assim, dentro da história das mulheres fortes do povo de Israel que contribuíram para mudar a sorte da sua nação.¹²⁷

Segundo Murad,¹²⁸ o primeiro louvor que Isabel dirige a Maria é: dedicar-lhe a honraria de "bendita", reforçando a expressão "cheia de graça" ou "agraciada". Significa um louvor à pessoa e o reconhecimento de que ela é destinatária da benção e do favor de Deus. O segundo é: "bendita entre as mulheres": Não se trata de um privilégio, mas sim a graça, que possibilita uma resposta mais profunda ao apelo de Deus: é a gratuidade do amor de Deus. A Graça é a Fé. E, por fim, "bendito é o fruto do teu ventre": Maria, pela fé, se torna fértil de corpo e alma. Por seu "sim" ao compromisso com o projeto de Deus.¹²⁹

Isabel, complementando a bênção dirigida a Maria, profere: "bendita aquela que acreditou, porque vai acontecer o que o Senhor lhe prometeu." Estas últimas palavras de Isabel realçam dois grandes motivos evangélicos. O primeiro é a fé de Maria. A expressão, com o verbo na terceira pessoa, é como um apelativo (querendo dizer "o crente"), que define Maria e concretiza sua identidade, já evidenciada pelas palavras do Anjo. O segundo motivo é a Palavra do Senhor. De agora em diante, tanto a Fé, quanto a Palavra, estarão ligadas a Maria, e no Evangelho de Lucas servirão para caracterizá-la sobriamente como discípula e seguidora de Jesus.¹³⁰

A cena da Visitação está centrada em Maria e enfatiza a Fé e a Palavra, no diálogo das duas mulheres. Pode ser vista ainda sob uma dimensão profética, na qual se manifesta a presença do Espírito Santo. O "agitar" da criança no ventre de Isabel, com a saudação de Maria (Lc 1, 40-41), e a resposta de Maria proclamando o Magnificat, são sinais de Deus, pela presença do Espírito Santo.

No texto da Visitação, vemos Maria como uma mulher ativa, sempre em movimento. Sob uma perspectiva histórica e cultural, esse dinamismo feminino evoca o contexto comunitário e missionário da comunidade de Lucas, na qual mulheres e homens se tornaram portadores da Boa Nova.

¹²⁷ MURAD, A., Maria, toda de Deus e tão humana, p. 60.

¹²⁸ Conforme Afonso Murad em sua obra, Maria, toda de Deus e tão humana, p. 60.

¹²⁹ MURAD, A., Maria, toda de Deus e tão humana, p. 60.

¹³⁰ PUERTO, M. N., Los rostros bíblicos de María, p. 209-210. (T.A)

A seguir, consideremos o texto do Magnificat (Lc 1, 46-56). Lucas atribui à Maria frases e expressões espirituais citadas em textos do Antigo Testamento, principalmente dos cânticos e louvores das mulheres: Sara, Miriam, Ana, Débora, Judith.

Tais expressões podem ser localizadas ao longo de três textos: a Anunciação, a Visitação e o Cântico do Magnificat, onde vemos Maria, primeiro uma virgem, desposada ainda muito jovem (em seu tempo era comum uma jovem mulher ser dada em casamento, ou seja, transferida para a casa de seu marido, logo após a puberdade). Nessa primeira cena, a do anúncio do Anjo, Maria passa a imagem de alguém bastante jovem e inexperiente.

Na cena da Visitação, esse perfil de Maria se mostra mais completo. Ela aparece já como alguém de uma educação extraordinária, fruto de um processo de transformação humana que revela o sentido da abertura e acolhida ao próximo, um descentramento de si para ir ao encontro de quem necessita. Em suma: o testemunho de uma vida centrada em Deus. Revela-se uma mulher de fé, que acreditou. E canta a ação de Deus na sua vida e na vida de seu povo.

No Magnificat, Maria simboliza as orações e anseios dos justos que confiam em Deus, e confiam para ter força, coragem e fidelidade. Na verdade, não há um pensamento totalmente novo entre aqueles de quem Maria fala: cada linha que ela proclama é das Escrituras do Antigo Testamento. É como se ela, com essas palavras, se mostrasse “pronta”, aguardando pelo momento de proferi-las quando o plano de Deus lhe fosse revelado. No entanto, não é somente a vitória e o sucesso de Deus que são celebrados por ela. A oração de Maria tem também uma conotação cautelosa: a de que não deve haver arrogância ou presunção, nem garantia de que as promessas se cumpram sem dificuldades. Como serva de Deus, ela é humilde e sem pretensões. Ela bem se lembra de quando e como Deus ajudou Israel ao longo de sua história: “Ela percebe que a misericórdia de Deus não é sem custo. Maria (assim como Israel), sofreria até mesmo com as promessas.”¹³¹.

Segundo esta leitura, pode-se constatar que o Magnificat também se revela um cântico profético:

O cântico de Maria proclama de forma profética, a ação transformadora de Deus nas relações sociais. (...) Expressa a indignação contra a injustiça que reina no mundo. Denuncia como o orgulho, o mau uso do poder e a concentração da riqueza estragam

¹³¹ GETTY-SULLIVAN, M. A., *Women in the New Testament*, p. 35. (T.A)

a vida de todos, ricos e pobres. Maria alimenta a esperança de que vale a pena sonhar e criar alternativas em vista de uma nova sociedade. A garantia dessa esperança vem da misericórdia e da fidelidade de Deus, que socorre seu povo.¹³²

Todo o cântico de Maria é, podemos assim dizer, um programa de vida, de esperança, no qual a profetisa Maria, canta a ação de Deus na sua vida, na de sua comunidade, na vida de toda a Humanidade. Um Deus que cuida e acompanha seu povo. Assim, essa mulher de fé assume a missão de assumir também ela, esse mesmo olhar de Deus que cuida e acompanha, porque ela carrega em seu ventre o próprio amor encarnado, Jesus Cristo. Esse Filho de Deus que veio ao mundo para ser sinal e presença desse amor humano que é divino, e divino que se torna humano.

Em sua humanidade de mulher de um povo, Maria reconhece a preferência de Deus pelos pobres, injustiçados, e como Deus atua em favor deles. E ela focaliza sua vida nesse horizonte da ação de Deus, vivendo à sombra de sua presença. Ela, que experimentou os desafios, alegrias e esperanças por ser mulher, mãe do Filho de Deus.

Com estes textos do Evangelho de Lucas, conhecemos melhor a Maria, a cheia de graça. Aquela que sai às pressas para cuidar da vida, mas que também, no silêncio de seu coração, canta as maravilhas que Deus operou em sua vida. Em Maria, a fé resplandece como um dom, um esvaziamento de si. Encerra fidelidade, escuta, acolhida e abertura à Palavra de Deus.

No próximo texto a ser apresentado, extraído do Evangelho de João, lembramos a morte de cruz, a redenção. A cruz, sinal de sofrimento, mas também de solidariedade entre todos os seres humanos, na busca por dignidade. Caminho para um encontro com a essência de todo nosso “ser humano”, criado à imagem e semelhança de seu Criador.

2.4

Maria no Evangelho de João – a mulher sensível e solidária

Todo o quarto Evangelho é de uma imensa riqueza simbólica. É neste contexto de simbolismo em que se inserem os dois episódios que abordaremos e cujo foco será, explicitamente, Maria: as Bodas de Caná da Galileia, relatadas em João 2, 1-12; e a cena ao pé da Cruz, conforme João 19, 25-27.

¹³² MURAD, A., Maria, toda de Deus e tão humana, p. 78.

Na primeira cena vemos Maria, que, assim como Jesus e seus discípulos, fora convidada para uma festa de casamento. Como mãe, Ela mostra preocupação pela falta de vinho na festividade. Assim sendo, pede a intervenção de seu Filho. O evangelista João, no relato das Bodas de Caná, oferece grande significado à atuação de Maria, a mãe de Jesus, na sua relação específica com seu Filho.

Na segunda cena, vemos Maria, a Mater Dolorosa, ao pé da Cruz de Jesus. João é o único evangelista que relata a presença de Maria e das outras mulheres junto à cruz. Este texto reflete a importância de Maria na comunidade do discípulo amado. Ela, nesse texto de João, não é chamada pelo nome “Maria“. Ela é a mãe, a mulher. Ou seja, é a mãe de Jesus e a companheira da comunidade.

Para Murad, no quarto Evangelho, João conseguiu elaborar algo original, tomando os retalhos dos Evangelhos Sinóticos, além da experiência de sua comunidade e da sua reflexão pessoal. E o resultado impressiona por ser repleto de símbolos. É bonito e ainda revela a relação íntima de Jesus com o Pai e os múltiplos significados que Deus tem para nós. Referindo-se à Maria, o estudioso diz que o Evangelho de João propõe três enfoques: Maria, mãe de Jesus; Maria, mulher; e Maria, mãe dos discípulos.¹³³

No Evangelho de João, Maria nunca é chamada pelo seu nome, apesar de João empregar nomes próprios para designar algumas pessoas, como Madalena, Pedro, Felipe. Outras personagens não são chamadas pelo nome, como o discípulo amado e a mãe de Jesus, pois o que importa não é o nome real, mas sim a personalidade de atitude que marca tanto a mãe de Jesus, quanto o discípulo amado. Pelo que representam na comunidade e da qual se fazem modelos. Isto porque João, via de regra, apresenta pessoas como modelos, figuras ou símbolos, pela maneira particular de reagirem diante de Jesus e de sua mensagem.¹³⁴ Maria é, assim, chamada por Jesus de “mulher”. Os adjetivos “mãe” e “mulher” tecem, dessa forma, o rosto e a missão de Maria, no quarto Evangelho.

Passemos ao texto de João 19, 25-27 – a cena ao pé da Cruz.

2.4.1 Cruz, solidariedade e compaixão

¹³³ MURAD, A., Maria, toda de Deus e tão humana, p. 89 e 103.

¹³⁴ MURAD, A., Quem é esta mulher? p. 154.

Junto à cruz de Jesus permaneciam de pé sua mãe, a irmã de sua mãe, Maria, mulher de Cléofas, e Maria Madalena. Jesus, então, vendo sua mãe e, perto dela o discípulo a quem amava, disse à sua mãe: “*Mulher, eis aí o teu filho!*”. Depois disse ao discípulo: “*Eis a tua mãe!*”. E, a partir dessa hora, o discípulo a recebeu em sua casa. (João, 19 25-27)

Junto à cruz de Jesus, haviam cinco pessoas, sendo quatro mulheres e um homem - o discípulo amado. O texto nos diz que eles permaneciam todos de pé:

Manter-se de pé junto à cruz expressa, de maneira clara, a atitude de fidelidade do discípulo amigo de Jesus. Estava ali, em sintonia com o Mestre, exercitando a fé no momento de crise: a passagem de Jesus para o Pai. Maria, bem como as mulheres e o discípulo amado, foram os únicos que perseveraram até esse momento crucial. Permaneceram com Jesus e em Jesus.¹³⁵

O exercício da fé nos momentos de crise e de dor se configura como um ato de fortalecimento e dinamismo no seguimento de Jesus. Maria permaneceu de pé ali, junto à cruz, acolhendo as palavras de Jesus e sendo acolhida pelo discípulo que Jesus amava. Demonstrando, em sua atitude materna, solidariedade para com o discípulo. E o discípulo, em atitude filial, mostrou-se solidário para com Maria, nesse momento de dor:

Jesus, que é o profeta do Pai por excelência, cheio do Espírito Deus (Jo 1, 32-33; e 3, 34) vê a Mãe e o discípulo. À Mãe, diz: “Mulher, eis o teu filho.” Isto é, revele-lhe que a partir daquele momento ela é mãe também de todos os crentes, figurados no discípulo presente junto a ela. E ao discípulo, diz: “Eis a tua Mãe!” E com isso manifesta a ele a atitude filial que doravante deverá nutrir para com Maria.¹³⁶

Os dois textos do Evangelho de João em que aparece Maria - quais sejam, as Bodas de Caná, e a cena aos pés da Cruz - estão intimamente ligados. Estes diferem-se dos textos contidos nos Evangelhos Sinóticos pela maneira como abordam Jesus em relação à Sua mãe: nestes dois relatos, a mãe é chamada de “mulher”, sendo que “a hora” a que Jesus se refere no casamento em Caná (Jo 2, 4) é cumprida no momento da cruz (Jo 19, 25-27). Em ambos os textos, Maria, uma mulher atenta, participa da angústia e do sofrimento. É, sobretudo, uma mulher que ama, com profundo amor da mãe que compartilha da dor de seu Filho e da nossa própria dor.

¹³⁵ MURAD, A., Maria, toda de Deus e tão humana, p. 98.

¹³⁶ AUTRAN, A. M., Maria na Bíblia, p. 253.

Somente quem ama é capaz de sofrer pelos outros, de demonstrar verdadeira empatia. Atravessar uma dor que só é sofrida quando se trata de um sofrimento vivido ativamente, que leva à tomada de posição, a ter a vida em suas próprias mãos:

O amor é mais importante que a dor. Dor de agonia e dor de parto entrelaçadas. As únicas dores que fazem sentido são as do parto. Convidada a acreditar no amor, amor de mãe, Maria vive verdadeira Páscoa: a maternidade ferida e ressurgente. Amor ferido e multiplicado.¹³⁷

Aos pés da cruz, a mulher, Maria, vive uma dor de agonia, pela perda do Filho. Apesar de seu sofrimento, permanece de pé. No “sim” da Encarnação, ainda que com medo; e, agora, aos pés da cruz, é entrega-se totalmente por seu Filho amado. É pela fé que podemos dizer que Maria permaneceu de pé junto à cruz. Foi um caminhar na fé, para chegar a este momento de dor e desprendimento:

Maria está aos pés da cruz porque viveu o culto em espírito e verdade. Celebrou o verdadeiro culto seguindo a Cristo, entrando na relação que caracteriza Pai e Filho. Desse ponto de vista, João nos ilumina de modo maravilhoso. O verdadeiro culto é a imitação de Cristo. É entrar no diálogo da Santíssima Trindade e fazer própria a personalidade de Cristo. Maria é a nova Jerusalém, o novo templo, o novo culto, porque entrou no diálogo entre o Pai e o Filho.¹³⁸

Para De La Potterie,¹³⁹ é importante manter unidos o significado pessoal e o significado eclesiológico da maternidade de Maria. Ao se tornar a mãe de todos os discípulos de Jesus, Maria se faz mãe de toda a Igreja, título que foi atribuído a Maria, no Concílio Vaticano II, por Paulo VI¹⁴⁰:

Neste ínterim a Mãe de Jesus, tal como está nos céus, já glorificada de corpo e alma é a imagem da Igreja, como deverá se consumada no tempo futuro. Assim também brilha aqui na Terra como sinal de esperança segura e de conforto para o povo de Deus em peregrinação, até que chegue o dia do Senhor.¹⁴¹

Afirma ainda esse autor não haver nenhuma contradição em se dizer que Maria é, ao mesmo tempo, imagem da Igreja e mãe da Igreja, como pessoa humana individual. É a mãe de Jesus, corporalmente, e pela fé, a mãe de todos os que creem. Isto porque Ela não está entre nós e Cristo, mas ao nosso lado, para levar-nos

¹³⁷ KULANDAISAMY, D. S.; DI GIROLAMO, L., Maria di Nazaret tra Bibbia e Teologia p. 80. (T.A)

¹³⁸ AUTRAN, A. M., Maria na Bíblia, p. 259.

¹³⁹ DE LA POTTERIE, I., María en el Misterio de la Alianza, p. 274-275. (T.A)

¹⁴⁰ LG 53-54.

¹⁴¹ LG 68.

diretamente a Ele. Maria pode, assim, ser vista “como o caminho mais direto, curto e rápido para Cristo.”¹⁴² E o discípulo amado personifica o cristão por excelência. “Tanto a mãe como o discípulo são representantes da Igreja”¹⁴³:

Maria a simboliza (a Igreja) em sua função geradora e materna, o discípulo amado nos seus fiéis, no que se fazem amigos de Jesus e seguem seus preceitos. Ao mesmo tempo que representam a comunidade, Maria e o discípulo amado continuam sendo pessoas individuais, com sua identidade e missão na Igreja.¹⁴⁴

O versículo 27 b reveste-se de importância pelo verbo *lambanô*, dotado de, pelo menos, três significados: primeiro, no caso em que trata de um objeto material, tem o sentido de tomar (6, 11); segundo, no caso em que tem como complemento direto uma realidade puramente espiritual, em sentido passivo, como por exemplo: “Recebi o Espírito Santo” (20, 22), e no prólogo: “Pois de sua plenitude todos nós recebemos graça por graça” (1, 16); terceiro, no caso em que o complemento do verbo *lambanô* se apresenta como uma pessoa viva. Neste caso, não se pode dizer “toma”, “recebe”. Aqui, o verbo expressa acolhimento, o que, na realidade, é uma atitude de fé. Trata-se sempre da pessoa de Jesus, que é acolhida com fé. (1, 11-12; 5, 43-44; 13, 19-20). A cena da cruz é o único momento no qual o verbo não se refere à pessoa de Jesus: o verbo tem por complemento a mãe de Jesus, ou seja, o discípulo acolheu Maria em sua intimidade, em sua vida interior, em sua vida de fé. Esta interioridade do discípulo nada mais é do que sua disponibilidade de se abrir, na fé, às últimas palavras de Jesus, e colocar em prática seu testamento espiritual, fazendo-se filho da mãe de Jesus e acolhendo-a como sua mãe.¹⁴⁵

Aos pés da cruz, a realidade de Maria foi sua fé, maior ainda que seu sofrimento. Constituindo-se ela, desse modo, como o melhor sinal de uma Igreja ainda não dividida, ainda não fracionada em denominações e correntes distintas - podendo ela, por isso, ajudar-nos a reencontrar a unidade e fazer renascer em nós, antes de tudo, a saudade da unidade¹⁴⁶ e da fraternidade. Podendo ela despertar em nós o desejo de caminharmos juntos, na alegria e na esperança frente aos desafios:

Para muitos cristãos esse caminho de fraternidade tem também uma Mãe, chamada Maria, Ela recebeu da Cruz esta maternidade universal (Jo 19, 26) e cuida não só de

¹⁴² BOFF, C., Introdução à Mariologia, p. 110.

¹⁴³ MURAD, A., Quem é esta mulher? p. 186

¹⁴⁴ MURAD, A., Quem é esta mulher? p. 186.

¹⁴⁵ DE LA POTTERIE, I., María en el Misterio de la Alianza, p. 270-274. (T.A)

¹⁴⁶ CANTALAMESSA, R., Maria, um espelho para a Igreja, p. 93.

Jesus, mas também do “restante dos filhos dela” (Ap 12, 17). Com o poder do Ressuscitado, ela quer dar à luz a um mundo novo, onde todos sejam irmãos, onde haja lugar para todos os rejeitados de nossas sociedades, onde resplandeçam a justiça e a paz.¹⁴⁷

Maria, ao assumir essa maternidade universal, acolhe e cuida com amor maternal todos os que dela se acercam. Assim, todo cristão, pela fé, é convidado a receber, como o discípulo aos pés da Cruz, Maria como sua mãe na ordem da graça. Essa é a dimensão da piedade filial mariana.

Passemos, agora, ao segundo texto do Evangelho de João, as Bodas de Caná. Após acolher Maria como mãe na ordem da graça, os cristãos são também convidados a escutar e atender ao seu pedido: *fazer tudo o que Jesus disser*, tal como como escutaram e atenderam os servidores na festa de casamento.

2.4.2 Caná, a sensibilidade à necessidade humana

No terceiro dia, houve um casamento em Caná da Galileia e a mãe de Jesus estava lá. Jesus foi convidado para a festa, assim como os seus discípulos. Eis que, em dado momento, o vinho da festa tinha-se acabado e não havia mais vinho. Então a mãe de Jesus lhe disse: “*Eles não têm mais vinho*”. Respondeu-lhe Jesus: “*Que queres de mim, mulher? Minha hora ainda não chegou*”. Sua mãe disse aos serventes: “*Fazei tudo o que Ele vos disser*”. Ora, havia ali seis talhas de pedra para a purificação dos judeus, cada qual com capacidade de duas a três medidas. Jesus lhes disse: “*Enchei as talhas de água*”. Eles as encheram até a borda. Então lhes disse: “*Tirai agora e levai ao mestre-sala*”. Eles levaram. Quando o mestre-sala provou a água transformada em vinho – ele não sabia de onde vinha, mas o sabiam os serventes que haviam retirado a água –, chamou o noivo e lhe disse: “*Todo homem serve primeiro o vinho bom e, quando os convidados já estão embriagados serve o inferior. Tu guardaste o vinho bom até agora!*” Esse princípio dos sinais, Jesus o fez em Caná da Galileia. Manifestou a sua glória e os Seus discípulos creram nele. Depois disso, desceram a Cafarnaum, Ele, sua mãe, Seus irmãos e discípulos, e ali ficaram apenas alguns dias. (Jo 2, 1-12)

Acima, temos um texto cristológico que suscita-nos diferentes interpretações: alegórica, histórica, simbólica e teológica, sacramental, cristológica e mariológica, faces que contribuem e ensejam o mistério do milagre nas Bodas de Caná. Detenhamo-nos, entretanto, nos significados cristológico e mariológico.

Analisando, pelo significado cristológico da perícopes, nas Bodas de Caná, constatamos, primeiro, a manifestação messiânica de Jesus, precedida pela

¹⁴⁷ FT 278.

pregação de João Batista (Jo 1, 31), pelo testemunho de Seus discípulos (1, 45-46) e a manifestação do próprio Jesus, pela primeira vez em Caná da Galileia, como o Messias de Israel.

Por alguns indícios que encontramos no texto, este pode se tratar de um momento muito importante na história da salvação: v.4 - minha hora; v.8 - agora; v.10 - vinho bom; momentos este que parecem indicar uma transição do antigo para o novo plano da salvação, uma nova aliança. Jesus se manifesta, então, como o Messias de Israel: “Esse princípio de sinais, Jesus o fez em Caná da Galileia e manifestou a sua glória e os seus discípulos creram nele”.

Caná, portanto, significa fundamentalmente o “princípio” da manifestação messiânica de Jesus. Mas de que forma? Porque o messianismo tem vários aspectos. A concentração cristológica de toda a história e a insistência, em toda a perícope, na palavra “vinho” (ela é mencionada cinco vezes) nos obrigam a examinar mais de perto a relação intrínseca entre a missão de Jesus e o tema “vinho”.¹⁴⁸

O segundo “ponto” de análise voltado ao significado cristológico manifesta-se como o vinho, símbolo da revelação escatológica que Jesus vem nos trazer. O bom vinho é o vinho messiânico, guardado até o fim das bodas, e que provém da água das jarras que estavam destinadas à purificação dos judeus. Água da Lei de Moisés, ritual do legalismo. Jesus transforma a água da antiga lei no bom vinho da nova lei. Daí se pensar que a purificação cristã não se realiza por meio da lei, mas pelo Evangelho, pela Palavra de Cristo, por sua verdade. Jesus, em sua pedagogia, leva-nos a adentrar no mistério de sua presença, pela sua Palavra, lida, meditada, vivida, como vemos no encontro de Jesus com a Samaritana, episódio cuja simbologia é semelhante: água viva, vinho novo.

É por ocasião de uma festa de aliança matrimonial que Mãe e Filho tocam, na sua conversa, o tema Aliança. A antiga e a nova Aliança. Vinho ordinário que é a água das purificações rituais, que brota da pedra da incredulidade e lava unicamente o exterior. Nova Aliança, que surge inexplicavelmente pela força da Palavra de Cristo, como bom vinho, como sangue que sai borbulhante do seu interior pelo costado aberto, e que traz consigo a alegria interior.¹⁴⁹

¹⁴⁸ DE LA POTTERIE, I., María en el misterio de la Alianza, p. 234. (T.A)

¹⁴⁹ AUTRAN, A. M., Maria na Bíblia, p. 136-137.

Por último, considera-se o significado cristológico das bodas, as quais, constituem-se como símbolo fundamental deste texto, enquanto relato de um matrimônio em Caná da Galileia.

A festa das bodas, lança uma luz decisiva sobre o simbolismo do vinho. Jesus dá um vinho de qualidade, o bom vinho. O vinho messiânico é, ao mesmo tempo, o vinho que acabou durante a festa e o vinho fornecido por Jesus, e que fora guardado até os últimos momentos. É neste ponto em que a ação do Divino Noivo da festa nupcial messiânica é operada. O esposo é Jesus, o Cordeiro de Deus; e diante de Jesus, a pequena comunidade que está unida a Ele pela fé. Caná, foi o primeiro sinal e “Jesus manifestou sua glória e seus discípulos creram nele (v.11), abrindo caminho para os discípulos entrarem na aventura da fé.”¹⁵⁰

Passemos ao significado mariológico. O texto nos diz: “a mãe de Jesus estava lá”, e “o que queres de mim, mulher?”. Primeiro, o texto possui um profundo sentido teológico, que o inscreve em um contexto mais amplo da história da salvação e expressa o fato de que Maria seja Mulher. Assim como no Calvário, já no suplício da cruz, Jesus aqui se dirige à sua mãe chamando-a de “mulher”:

Jesus começa agora a viver uma função diferente (a missão messiânica, Sua vida pública). E isto é muito importante: ao dirigir-se à sua mãe como “mulher”, Ele envolve-a diretamente na sua missão. Com esse nome, Jesus certamente distancia-se da sua relação anterior com Maria, a relação mãe-filho. Mas, ao mesmo tempo, abre uma nova perspectiva: inicia com ela - para além da relação materno-filial, uma relação diferente no âmbito do mistério da salvação.¹⁵¹

O título “mulher” nos remete à primeira mulher, Eva (Gn 3) na tradição. Mas também encontramos no Novo Testamento referência à mulher que luta contra o dragão (Ap. 12). Aqui, a mulher concreta, Maria, a mãe de Jesus, é a realização histórica da figura simbólica a quem os Profetas, o Salmo 87 e outros escritos bíblicos chamam de “Filha de Sião”, “Mãe de Sião”, “Virgem de Israel” (Zc 9, 9; Sf 3, 14; Jr 31, 3-22). A Sião ideal dos tempos escatológicos.

Ao falar de Maria nas Escrituras, o Papa Bento XVI diz que a figura mariana é tecida pelos fios do Antigo Testamento, apontando-nos três linhas da tradição que são utilizadas para apresentar o mistério de Maria:

¹⁵⁰ MURAD, A., Maria, toda de Deus e tão humana, p. 94.

¹⁵¹ DE LA POTTERIE, I., María en el misterio de la Alianza, p. 244. (T.A)

Em primeiro lugar, assume-se, para a sua descrição, a figura das grandes mães do Antigo Testamento: Sara, e especialmente Ana, a mãe de Samuel. Em seguida, é utilizada toda a teologia da filha de Sião, na qual, os Profetas expuseram, acima de tudo, o mistério da eleição e da aliança, o mistério do amor de Deus para com Israel. No Evangelho de João pode-se, talvez, reconhecer uma terceira linha: também a figura de Eva, a “mulher”, é utilizada para a interpretação de Maria.¹⁵²

Em virtude da intervenção de sua mãe, Jesus oferece o vinho bom para as bodas messiânicas. A mãe de Jesus representa a personificação de Israel, com as palavras dirigidas aos servidores: “*Fazei tudo o que Ele vos disser*” (Jo 2,5). Evoca a resposta dada pelo povo de Israel quando se concluía a Aliança. E hoje, atenta, ajudando os discípulos e discípulas de seu Filho:

Ela ajuda os discípulos a ter fé em Jesus e a se reunir em torno d’Ele. A palavra de Maria continua atual. Ela nos diz hoje: “Vale a pena buscar fazer a vontade de Jesus, ouvir suas palavras e tomar atitudes concretas”. O gesto de Maria continua a ecoar nos corações dos seguidores de Cristo. Como mãe e pedagoga, ela conduz todos a Jesus, no seio de sua comunidade. Ela é a mãe da festa da alegria reconquistada.¹⁵³

Maria, ao convidar os servidores a obedecer a Jesus, exerce já, de certo modo, sua maternidade espiritual. Ela é a colaboradora e, ao mesmo tempo, a esposa na história da salvação. E, na função de mãe de Jesus, se converte em imagem da Igreja, povo de Deus, exortando a todos os servidores e servidoras a escutar, acolher e viver o “Fazei tudo o que Ele vos disser”:

Não podemos receber plenamente a Virgem como Mãe sem sermos dóceis à sua palavra, que nos mostra Jesus como Mestre da Verdade que deve ser escutada e seguida: “Fazei o que Ele vos disser”. Esta palavra é continuamente repetida por Maria, quando leva o seu Filho nos braços ou O indica com o seu olhar. Ela quer fazer-nos partícipes da sua mesma bem-aventurança por termos acreditado como ela (Lc 1, 45), por termos escutado e cumprido a Palavra e a vontade do Senhor (Lc 8, 21). Escutar e viver a Palavra! Eis aqui o segredo de uma devoção à Virgem que nos permite participar plenamente do seu amor maternal, até que ela possa formar, em cada um de nós, o próprio Cristo.¹⁵⁴

Maria, em Caná da Galileia, está presente, assim como permanece junto à cruz de Jesus e segue hoje presente como o espelho no qual vemos o reflexo da perfeita discípula seguidora, que, com o seu “sim”, assume o projeto de ser no mundo um sinal da presença materna de Deus, que, no seu ventre, se fez “um”

¹⁵² BENTO XVI, J. R., A Filha de Sião, a devoção mariana na Igreja, p. 9.

¹⁵³ MURAD, A., Maria, toda de Deus e tão humana, p. 95.

¹⁵⁴ JOÃO PAULO II, PP., Homilia em 08 de março de 1983 no Santuário de Nossa Senhora de Suyapa em Honduras.

conosco. Em Caná, convida-nos a sermos servidores e, aos pés da cruz, acompanha-nos como a mãe que, a cada dia, cuida e forma seus filhos à imagem de Jesus.

No episódio das Bodas de Caná, a intenção do narrador, ao mencionar a figura da mãe de Jesus, reitera e confirma “o novo significado da pessoa e da própria maternidade, no contexto do seguimento e do discipulado.”¹⁵⁵

Com o dom do vinho novo e abundante, nasce o novo povo de Deus. “A comunidade escatológica fundada na fé, da qual Maria é testemunha e modelo.”¹⁵⁶ “A fé é a resposta ao amor de Deus manifestado em Jesus, que se traduz na adesão pessoal a Ele.”¹⁵⁷

Sigamos nossa reflexão com o caminho experiencial do cristão – inspirado na experiência de Maria.

2.5 Caminho experiencial do cristão – inspirado na experiência de Maria

À luz de Maria nos Evangelhos, com seu conteúdo teológico, associada à profunda experiência de Deus, buscamos encontrar elementos de uma mística marial, que transparece nessa mulher forte na fé. Dinâmica, por sua participação ativa, junto com Jesus, no mistério da Salvação, como criatura, sendo ela como todos os seres humanos, imagem e semelhança de Deus:

Toda antropologia cristã recebe a luz das palavras de Maria, porque elas permitem a leitura do mistério da vida humana iluminada pela Redenção, descobrindo a sua grandeza e a sua dignidade pelo amor do Pai, que a criou à sua imagem e semelhança; do Filho que se encarnou para ser o seu modelo perfeito; do Espírito Santo, que a santifica com os seus dons e os seus carismas, para que possa alcançar a plenitude do próprio ser, segundo a natureza e segundo a graça.¹⁵⁸

Temos presente que a mística se trata de uma experiência integral do mistério, em que qualquer interpretação mostra-se insuficiente para expressar a experiência vivida.¹⁵⁹ Por isso mesmo, buscaremos elementos de uma mística marial a partir da “Maria dos Evangelhos”.

¹⁵⁵ PUERTO, M. N., *Los rostros bíblicos de María*, p. 272. (T.A)

¹⁵⁶ FORTE, B., *Maria, a mulher ícone do Mistério*, p. 89.

¹⁵⁷ MATEOS, J.; BARRETO, J., *O Evangelho de João*, p. 140.

¹⁵⁸ DEL GAUDIO, D., *Maria de Nazaré*, p. 43-44.

¹⁵⁹ Acreditamos ser importante destacar o que afirma Lúcia Pedrosa em seu artigo “Mística, Mística Cristã e Experiência de Deus”, p. 351: Os místicos não escrevem para um grupo restrito e seletivo de cristãos, mas ao contrário, de maneira universal. Eles compartilham a mesma fé dos irmãos. Não se trata de algo alheio a ela, ou mesmo espúrio e suspeito, onde se encontram toda classe de

Trata-se, em verdade, de uma tentativa. Um caminho, com todos os seus desafios: observar a experiência de Maria, a partir de sua vida cotidiana, em sua realidade, sua identidade de mulher, filha, esposa e mãe, ou seja, a experiência de fé vivida por Maria.

É preciso destacar, de saída, que a experiência mística não separa a imanência da transcendência. Trata-se de uma questão acima de qualquer juízo ou avaliação. É a pura presença divina, inerente a todo ser humano:

A experiência humana é como o raio policromático que se concentra numa luz branca que brilha e deslumbra. É simples, precisamente porque reúne numa pericorese humana múltiplas dimensões da pessoa: envolve o nosso corpo, a nossa alma e o nosso espírito, pondo-nos em contato com a Vida, com a realidade.¹⁶⁰

Por sua vida de fé, na acolhida da Palavra, por seu amor de mãe e unida à comunidade em oração, a serviço da vida, do anúncio do Evangelho, Maria viveu uma profunda experiência de Deus, sentida em seu corpo, em sua mente e em seu coração. Na Exortação Apostólica *Marialis Cultus*, de Paulo VI, encontramos referências às sólidas virtudes de Maria:

A fé e a dócil aceitação da Palavra de Deus (cf. Lc 1, 26-28; 1, 45; 11, 27-28; Jo 2, 5); a obediência generosa (cf. Lc 1, 38); a humildade genuína (cf. Lc 1, 48); a caridade solícita (cf. Lc 1, 39-56); a sapiência reflexiva (cf. Lc 1, 29-34; 2, 19.33.51); a piedade para com Deus, entusiasta no cumprimento dos deveres religiosos (cf. Lc 2, 21, 22-40, 41), reconhecida pelos dons recebidos (cf. Lc 1, 46-49), oferente no Templo (cf. Lc 2, 22-24) e orante na comunidade apostólica (cf. At 1, 12-14); a fortaleza no exílio (cf. Mt 2,1 3-23) e no sofrimento (cf. Lc 2, 34-35. 49; Jo 19,25); a pobreza levada com dignidade e confiança em Deus (cf. Lc 1,48; 2, 24); a solicitude vigilante para com o Filho, desde a humilhação do berço até ignomínia da cruz (cf. Lc 2, 1-7; Jo 19, 25-27); a delicadeza previdente (cf. Jo 2, 1-12); a pureza virginal (cf. Mt 1, 18-25; Lc 1, 26-38) e enfim, o forte e casto amor sponsal. Destas virtudes da Mãe se poderão também revestir os filhos que, com firmes propósitos souberem observar no seu exemplo e atitudes, para depois os traduzir na própria vida.¹⁶¹

A partir destas virtudes registradas nas referências evangélicas, seguimos nossa busca por elementos de uma mística marial, de uma forma de experiência de fé cristã vivida por Maria.

fenômenos extraordinários. Os místicos não tratam seus escritos como se fossem um setor à parte da vida cristã.

¹⁶⁰ PANIKKAR, R., De la Mística, p. 161. (T.A)

¹⁶¹ MC 57.

Conforme Panikkar¹⁶², a experiência compreende quatro momentos, distintos, mas não separados: 1º) a experiência pura, que é o momento vivido, experimentado e imediato; 2º) a memória desse momento, que nos permite falar da experiência, mas que não se trata da experiência pura (a memória não pode ser separada e nem confundida com experiência); 3º) a interpretação, que nos leva a descrever a experiência vivida como dolorosa, sensível, amorosa, espiritual de Deus, associada intimamente com a experiência; e 4º) a recepção em um mundo cultural, posto que toda experiência é reconhecida como válida se inserida num ambiente cultural: “A mística é uma experiência integral da vida, e o místico é aquele que vive aberto à banda larga da realidade, atento e comprometido com a dor do mundo”¹⁶³

A partir dos Evangelhos e sob a visão dos momentos apresentados acima, olhemos para Maria, primeiro, em sua dimensão humana, recorrendo ao mistério da Encarnação.

2.5.1

Experiência da escuta e da alegria, na acolhida do mistério

No texto da Anunciação (Lc 1, 26-38), encontramos a raiz humana de Maria: uma virgem de Nazaré, prometida em casamento a um homem chamado José. Esta, por sua vez, recebe a visita do Mensageiro de Deus, o Anjo Gabriel. Maria dialoga com o enviado de Deus, e este a chama primeiro de “cheia de graça”, aquela que foi escolhida, em sua existência humana, para ser a mãe do Filho de Deus Encarnado. Após escutar, questionar e mostrar-se temerosa, responde “Sim”, aceitando o projeto de Deus, à Vida, à Encarnação de Jesus Cristo. Experiências essas vividas pela jovem Maria, inserida em uma realidade e época concretas: Nazaré da Galileia, sob a tradição e cultura judaica.

Podemos, a partir dessa experiência de Maria na Anunciação, perceber que ela se abriu à graça de Deus, esvaziou-se de si, num ato de fé e de acolhida ao mistério, vivendo uma experiência única: a de um caminhar na fé, na confiança absoluta n’Aquele que a chamou para essa missão:

¹⁶² Raimon Panikkar, em sua obra: *Mística y espiritualidade 2*, p. 43. (T.A)

¹⁶³ MENDONÇA, J.T. *A Mística do Instante*, p.32

Quando era muito jovem, recebeu o anúncio do Anjo e não deixou de fazer perguntas (Lc 1, 34). Mas ela tinha uma alma disponível e disse: “Eis aqui a serva do Senhor” (Lc 1, 38). O “sim e o desejo de servir foram mais fortes que as dúvidas e as dificuldades”.¹⁶⁴

No texto, Maria vive um processo humano e espiritual, o que somente é possível pela fé: por uma vida interior profunda, de confiança, de abertura à presença do mistério. Como vimos no início, Maria viveu como uma mulher judia comum, junto a seu povo, em oração na sinagoga, na espera da realização da promessa de Deus.

Ao receber a visita do próprio Deus, na imagem do Anjo Gabriel, Maria se coloca integralmente diante do mistério de Deus: “*Entrando onde ela estava, disse...*”. O “estar” pode significar uma disponibilidade ativa, uma abertura consciente desta presença que dialoga, escuta, acolhe.

“Alegra-te, ó cheia de graça! O Senhor está contigo” (v.28). Maria ficou intrigada e refletiu sobre significado dessa saudação, visto que se tratava de uma pessoa consciente, questionadora, em busca de respostas: “*Não temas, Maria! Encontraste graça junto de Deus*” (v.30). Há amor mútuo, pois Maria ama a Deus de todo o coração, de toda sua alma. Um amor, uma alegria interior, que nasce do mais profundo do ser humano. E Deus a ama com ternura de Pai:

A alegria para a qual somos convidados não é nem otimismo forçado, nem autoengano fácil. É a alegria interior que nasce naqueles que enfrentam a vida com a convicção de que não estão sozinhos. Uma alegria nascida da fé. Deus nos acompanha, nos defende e procura sempre o nosso bem. Podemos queixar-nos de muitas coisas, mas nunca podemos dizer que estamos sozinhos, porque isso não é verdade. Dentro de cada um de nós, nas profundezas do nosso ser, existe Deus, o nosso Salvador.¹⁶⁵

Com alegria e liberdade, Maria acolhe o amor de Deus: “*Eu sou a serva do Senhor. Faça-se em mim segundo a tua palavra*” (v.38). A fé manifestada como um ato livre, um ato de amor, não apenas um enunciado que se considera certo. Mas que vem de uma experiência de amor, vivida com alegria, e que permanece e gera atitudes que transparecem no testemunho e na gratuidade:

Quis, porém, o Pai das Misericórdias que a Encarnação fosse precedida pelo gesto de aceitação daquela que era predestinada a ser a Mãe de seu Filho. Para que, assim

¹⁶⁴ CV 43 e 44.

¹⁶⁵ PAGOLA, J. A., El camino abierto por Jesús. 3 - Lucas, p. 21. (T.A)

como uma mulher contribuiu para a morte, outra mulher contribuiu para a vida. O que, de modo excelentíssimo, vale para a Mãe de Jesus, a qual deu ao mundo a própria Vida, que tudo renova... enriquecida que foi por Deus com dons dignos para tamanha função.¹⁶⁶

A alegria¹⁶⁷, como primeira experiência vivida por Maria, é alimentada pela fé, e por sua história de vida junto aos pobres de seu tempo, os *anawins*,¹⁶⁸ que permaneciam fiéis à promessa de Deus.

Após a visita do Anjo, Maria sai apressadamente para ir cuidar e estar junto a quem necessita. Vemos aqui a experiência de fé vivida e traduzida em ação. A experiência pura vivida por Maria na Anunciação, que não pode ser guardada somente para si: é traduzida em vida, em alegria.

No encontro com Isabel, transparece a ação de Deus na vida de duas mulheres de fé. Ambas grávidas, carregam em seus ventres a esperança. Maria, pela ação do Espírito Santo leva em seu ventre o próprio Deus: “A Palavra se fez carne e veio morar no meio da Humanidade” (Jo 1, 14). Isabel, por sua vez, simboliza-nos o cumprimento da promessa de Deus: “*para Deus, com efeito, nada é impossível*” (v.37).

No encontro com Isabel (Lc 1,39-56), Maria é portadora de alegria e comunica essa alegria que brota de seu Filho Jesus. Ela irradia a Boa Notícia de Jesus Cristo, o Cristo que sempre levará consigo. Por isso, a Igreja afirma ser ela o modelo de uma evangelização alegre.

A saudação à Maria feita por Isabel, “Feliz aquela que acreditou” (v.45), pode também hoje ser dirigida a cada pessoa que, no mais profundo do coração, crê em Jesus Cristo, o Filho de Deus e Filho de Maria.

A Fé que move Maria vai sendo fortalecida na missão de ser a mãe do Filho de Deus Encarnado. Fé que cresce frente aos desafios do medo, da incompreensão, mas que faz transbordar a alegria, a disponibilidade do cuidar, com amor de mãe.

¹⁶⁶ LG 56.

¹⁶⁷ GAITAN, J. D., Dicionário de Mística, verbete alegria, p. 29-30. Alegria é um dos sentimentos fundamentais da alma humana, ela é experimentada diante da esperança, como um bem em si mesmo, ou então em perspectiva mais comunitária e solidária, um bem para os outros. - a antropologia cristã afirma que foi Deus quem pôs no homem, no momento da criação, a capacidade de se alegrar, isto é, procurar e sentir alegria. -a alegria de Deus é uma das metas fundamentais que a fé cristã propõe, não somente para o além da vida (escatologia), mas também para a vida presente. (caminho ascético-místico).

¹⁶⁸ Anawin é uma palavra hebraica, encontrada em muitos textos da Sagrada Escritura e que significa “os pobres de Javé”, ou seja, os pobres de Deus.

Em visita à casa de Isabel, Maria canta o Magnificat, um hino de ação de graças a Deus pelo que Ele realizou em sua vida e na vida de seu povo. Podemos dizer então que Maria, por sua experiência profunda de Deus, vive os quatro momentos citados por Panikkar: a experiência pura, a memória, a interpretação e a recepção.

Da experiência do mistério de Deus ela se expressa, revelando a consciência e recepção ativa do mistério que a habita: “*Minha alma engrandece o Senhor e meu espírito exulta em Deus, meu Salvador*”. (v. 46)

A alegria não é fácil. Ninguém pode forçar alguém a ser alegre. A alegria não se impõe desde fora, sendo um presente bonito, mas frágil. Um dom que temos de cuidar com humildade e generosidade. A verdadeira alegria nasce do mais profundo do nosso ser. Por isso, dizemos de Maria: é a cheia de graça:

Maria cheia de graça: Esta expressão aplicada à Mãe de Deus é verdadeira em toda sua extensão. De onde resulta que é toda bela: *tota pulchra es*, e a mancha original não sujou sua alma: *et macula originalis non est in te*. Concebida sem pecado, nunca cometeu a menor falta. Ao contrário, se houvesse dado um “esvaziar” da graça nela, a palavra do Anjo não seria exata. É totalmente santa na sua alma, totalmente santa em seu corpo, e em sua vida inteira. E é assim tanto quanto uma pura criatura pode sê-lo, porque de outro modo não seria cheia de graça. Recebeu, pois, em sua plenitude todas as graças possíveis à sua natureza e aos seus sublimes destinos. E como consequência, esteve dotada da plenitude de virtudes.¹⁶⁹

A alegria de Maria é a alegria de uma mulher plena de fé, que crê e se alegra em Deus, o Salvador. N’Aquele que levanta os humilhados, dispersa os soberbos, alimenta os que têm fome e sede de justiça. A alegria verdadeira só é possível em um coração que busca por justiça, a fraternidade para todos. Maria, aquela quem canta a esperança dos pobres e abandonados.

2.5.2 Experiência de amor, entrega e compaixão Maria, mãe solidária com os que sofrem

A experiência de Maria, junto à cruz. O permanecer de pé, diante do Filho que gerou, amamentou, cuidou, ensinou, acompanhou. E agora, suspenso numa cruz.

¹⁶⁹ CHAMINADE, G. J., Breve tratado del conocimiento y amor de Maria, p. 97. (T.A)

Experiência amarga, terrível, que somente pela fé se pode vivenciar! Pela fé, expressão de força na fragilidade, do amor incondicional até ao ponto da entrega. Da solidariedade nos momentos de dor. Demonstra a coragem da alma ativa, na fidelidade para estar ali, junto, em todos os momentos. No silêncio do Calvário, a mãe experimenta sentimentos de dor, tristeza, frustração, de abandono. Sensação de estar só:

É a solidão fecunda da fé, nada desesperadora e profundamente corredentora. Esta fecundidade de Maria dá à luz a Igreja, após a ressurreição de seu Filho. Em Atos 1, 14, lemos que Maria estava presente no núcleo original da primeira comunidade cristã, em oração, juntamente com os apóstolos e as primeiras testemunhas ¹⁷⁰

A fecundidade de Maria é fruto de sua experiência de Deus. Da vivência na fé e com o espírito alimentado pela oração, silêncio, solidariedade. Alimentada na fonte do poder de Deus, que dá força e ânimo nos momentos difíceis de dor, sua fecundidade dá à luz a uma nova família: a dos que creem no Cristo Ressuscitado. Maria, como mãe de Jesus, se faz presente onde quer que estejam os discípulos do Senhor. “Em qualquer lugar onde se reúnam esses seguidores do Mestre, animados pelo Espírito para se tornarem testemunhas do Ressuscitado.”¹⁷¹

No seu peregrinar na fé, Maria terá de superar toda forma usual de se compreender a fé para seguir Jesus, assumindo sua cruz e negando-se a si mesma (Lc 9, 23).

Maria respondeu a Deus com o seu *fiat* (faça-se), o “sim” da Encarnação, proferido ao Anjo, comprometendo-se a manter o seu gesto, a dar a sua vida pelo Filho, mesmo sob o suplício da cruz, e a carregar no seu coração a espada de dor, conforme o que profetizou Simeão.

Tendo experienciado a dor vivida com amor e entrega, diante da cruz, Maria não se entrega ao desespero: assume o caminho da vida e do serviço ao próximo. Ela vai se descentrando de si, para centrar-se no amor aos demais:

A espada de Maria não é inútil, o seu choro não é estéril. A semente de dor tornou-se dentro da sua alma uma colheita redentora: ela transformou o sofrimento na origem da felicidade. Todos aqueles que amam Maria devem traduzir a sua devoção, num gesto de forte amor pelos aflitos e marginalizados da Terra. A contemplação do

¹⁷⁰ KULANDAISAMY, D. S.; DI GIROLAMO, L., Maria de Nazaré, tra Bibbia e Teologia, p. 41 (T.A).

¹⁷¹ KULANDAISAMY, D. S.; DI GIROLAMO, L., Maria de Nazaret tra Bibbia e Teologia, p. 41. (T.A)

sofrimento de Maria deve traduzir-se num movimento de proximidade humana e de ação redentora.¹⁷²

Ao mesmo tempo, diante da dor, do sofrimento e da solidão, Maria não se fecha sobre si mesma. Vive um movimento de solidariedade a Deus e à Humanidade. Sua missão de ser a mãe do Filho de Deus Encarnado se expressa como fonte e dinamismo de esperança e vida, mesmo diante da solidão e da dor:

A solidão pode ser uma oportunidade para uma vida interior que nos convida a olhar para dentro, onde o cristão vê e fala com Cristo. Precisamos estar vigilantes e lutar para que a solidão não nos faça ver os outros como estranhos, mas como irmãos e irmãs. É fecundo tentar aceitar o nosso próprio sofrimento e o dos outros, não como uma fatalidade e sem uma razão, mas como um modo de vida.¹⁷³

Neste ponto, pode-se conjecturar que a cruz, em termos do cotidiano, pode expressar-se de várias maneiras. Para Maria, se converteu em fonte de vida e esperança, de amor e entrega: a cruz do silêncio e da escuta, do meditar e guardar no coração os acontecimentos da vida.

Podemos, então, dizer que existem cruces inevitáveis: as tensões internas de nossa personalidade, as doenças, a morte de familiares e amigos, a difícil relação com a natureza e o cuidado com a casa comum, a dificuldade de comunicação e comunhão.

Mas e quanto as cruces que carregamos e que foram causadas pelos próprios seres humanos? Tratam-se de sofrimentos nascidos do egoísmo, da insensibilidade, do desejo de poder, do ódio, da intolerância, da agressividade, da inveja. É importante discernir as cruces verdadeiras das que não o são e não seguir afirmando que tudo é vontade de Deus:

A cruz como expressão de amor, surge do amor verdadeiro quando se aproxima e partilha a vida e a dor do irmão. A dor do outro, que é a falta de pão ou trabalho, da ocorrência de uma doença ou crise, solidão ou angústia. Esta cruz também tem manifestações: é a cruz da presença difícil e da ajuda incômoda, a cruz do silêncio e da escuta. É a cruz de planos alterados e de cansaço, quando temos que começar tudo de novo.¹⁷⁴

Ao contemplar a entrega de Jesus na cruz podemos compreender até onde pode chegar o amor aos amigos, ao servir e à solidariedade. A cruz, como símbolo

¹⁷² MADUEÑO, M., Siguiendo a Jesús con María, p. 164. (T.A)

¹⁷³ KULANDAISAMY, D. S.; DI GIROLAMO, L., Maria de Nazaret tra Bibbia e Teologia, p. 41. (T.A)

¹⁷⁴ MADUEÑO, M., Siguiendo a Jesús con María, p. 165. (T.A)

de amor e entrega incondicional. Por isso, podemos dizer que a cruz de Jesus nos liberta de nosso egoísmo, nossa intolerância, nossa indiferença e de tudo o que nos impede de viver o amor, a empatia e compaixão pelos que sofrem.

Maria, aos pés da cruz, por sua fé, se compadeceu da dor daqueles que a rodeavam. Identificou-se com o sofrimento de seu povo e escutou seu clamor por libertação. Heroicamente, sofreu junto, solidária com seu Unigênito. E, com ânimo materno, se “associou ao Seu sacrifício”¹⁷⁵: consentiu resignadamente, amorosamente, com o sacrifício do Filho, por ela mesma gerado.

Novamente, podemos ver na experiência do mistério de Deus vivido por Maria junto à cruz os momentos descritos por Panikkar: a expressão do amor e entrega incondicional, a vivência da compaixão e da empatia e a identificação com o sofrimento do Filho. À luz da fé, Maria acolhe no silêncio do seu coração toda a experiência vivida junto ao Filho, que agora ali está, desfigurado, suspenso em uma cruz. Ali está o Filho, o mesmo que ela carregou no ventre, cuidou, ensinou, acompanhou. Ela o entrega em uma atitude de desprendimento e abertura ao mistério humano e divino.

Podemos dizer que, nesse momento de dor, no silêncio de seu coração de mãe, ela recorda todos os acontecimentos vividos junto ao seu amado Jesus. É então que Maria, em seu amor materno, guia-nos em direção a Jesus e alimenta nossa vida espiritual. O “lugar” pessoal de Maria é fortemente marcado, pois “coloca-a num tipo de relação com os cristãos em que ela se faz tanto mais próxima deles, quanto mais intensamente compartilha do destino de seu Filho.”¹⁷⁶

2.5.3

Experiência do serviço e da missão A mãe atenta, sensível ao cuidado da vida

Em Caná, nas bodas (Jo 2, 1-122), Maria é esposa e mãe, uma presença discreta e atenta. Mulher sensível e solidária, percebendo uma situação embaraçosa, é incisiva no seu pedido ao Filho: *Eles não têm mais vinho* (Jo 2, 3). E aos servidores: *Fazei tudo o que Ele vos disser* (Jo 2, 5).

Maria, nessa passagem do Evangelho de João, mostra iniciativa e confiança ao buscar uma solução para o problema da falta de vinho. Passa ao Filho o

¹⁷⁵ LG 50.

¹⁷⁶ ROUET, A., Maria e a vida cristã, p. 52.

sentimento de preocupação pelo ocorrido, o que será entendido e atendido por Jesus. Essa percepção de Maria é fruto de sua profunda vida interior, centrada na fé, na oração, no amor aos necessitados:

O papel que Maria desempenha na festa de casamento de Caná não é apenas como mãe cuidando de seus filhos. Mas também como mulher atenta às necessidades dos outros e atenta às dificuldades das pessoas. No presente relato sobre a festa de casamento em Caná da Galiléia, Maria dá um valioso exemplo de cuidado, sensibilidade e amor pelos outros.¹⁷⁷

Ao dizer ao Filho “*Eles não têm mais vinho*” (Jo 2, 3), Maria sente que algo está acontecendo. Expressa a compaixão e o cuidado pela dificuldade dos noivos e toma a iniciativa de dirigir-se a Jesus, antecipando Sua hora. Confia na intervenção do Filho. A segunda frase, Maria diz aos servos: “*Fazei tudo o que Ele vos disser.*” (Jo 2, 5):

Com essas palavras, a Mãe de Jesus torna-se mestra da fé. Ela nos ensina o segredo do crescimento interior, que consiste no ato de colocar em prática essa simples exortação. Maria a experimentou na sua vida e, naquele momento, com segurança, nos ensina o segredo da confiança, fruto da intimidade de uma relação intensa com Jesus.¹⁷⁸

Em Caná, reafirma-se, Maria, a Mãe de Jesus, é uma mulher atenta. Estimula a ação e transformação junto a Jesus e aos servidores. Move-a a fé do coração, que brota de sua intimidade com o Pai. Fiel à sua missão de educadora no cuidar, ensinar e acompanhar a Jesus. Suas palavras, “*Fazei tudo o que Ele vos disser*”, continuam a ecoar na vida dos discípulos e discípulas de Jesus Cristo:

Maria ajuda a manter vivas as atitudes de atenção, de serviço, de entrega e de gratuidade, que devem distinguir os discípulos de seu Filho. Indica, além do mais, qual a pedagogia para que os pobres, em cada comunidade sintam-se como que “em casa”. Cria comunhão e educa para um estilo de vida, compartilhada e solidária, em fraternidade. Sempre na atenção e acolhida ao outro, especialmente se é pobre ou necessitado.¹⁷⁹

Maria, a mãe da Igreja, tal como uma mãe que cuida, ensina e acompanha, se esforça a cada momento em nos “revestir” da semelhança de Jesus Cristo. A ela

¹⁷⁷ KULANDAISAMY, D. S.; DI GIROLAMO, L., Maria de Nazaret tra Bibbia e Teologia, p. 79. (T.A)

¹⁷⁸ DEL GAUDIO, D., Maria de Nazaré, p. 51.

¹⁷⁹ DAp 272.

competete não só a honra de dar a vida e a educação física ao Filho de Deus, mas também a glória de O formar, desde o ponto de vista humano. Ele deverá crescer aos olhos dos homens.

Em Maria, a fé atingiu sua plenitude e perfeição. Ela acreditou, fundamentada na Palavra divina. E acreditou, a tal ponto que, pela força de sua fé, chegou a ser a escolhida para mãe de Deus e de toda a Humanidade.

Maria desenvolve em sua alma uma confiança em Deus à prova de toda dor e sofrimento. Nem as humilhações e intimidações que sofreu seu Filho, nem a morte na cruz abalaram essa confiança. O escândalo da cruz foi o triunfo de sua esperança. A vida vencendo a morte.

Sua caridade para com Deus esteve à altura de sua fé e de sua esperança. Viveu um amor singular e forte para com Deus e para com os necessitados. Sua vida inteira foi um ardente ato de entrega por amor.

Sua prudência, sua fortaleza, sua justiça, foram completamente divinas. Sua humildade foi de insondável magnitude. Virgem discreta e prudente, mulher do silêncio e da oração contínua a Deus. Sua postura era o escutar a si mesma, a “meditar e guardar no coração” os acontecimentos da vida.

A educadora na fé, sensível e atenta às necessidades de todos. Sempre pronta para servir, tomar iniciativa, postar-se junto aos que sofrem,

Em Maria, o amor gera a perfeição e a harmonia de todas as suas virtudes. Por sua fé, confiou e abandonou-se nas mãos de Deus, e por ele sendo habitada Deus. Viveu numa intimidade com Deus, abertura ao mistério, à Palavra, através da escuta, do diálogo, do questionamento. Seu “sim” foi uma resposta de entrega, de amor sem reservas e condicionamentos. *“Eu sou a serva do Senhor. Faça-se em mim segundo a tua Palavra.”* Um “sim” que foi desde a Encarnação até a Cruz. Sua vida, um peregrinar na fé, com um esvaziamento, descentramento. Seu coração, sempre aberto, sensível ao cuidado com a vida: “Tudo o que a fé diz sobre a realização da redenção, da salvação, da graça, da plenitude, realiza-se em Maria.”¹⁸⁰

Sigamos com a experiência mística que envolve Maria.

2.6

A experiência mística que envolve Maria

¹⁸⁰ RAHNER, K., *María, madre del señor*, p. 47 (T.A).

A mística marial, como caminho de fé, a partir de um olhar à “Maria dos Evangelhos”, em sua experiência de fé, leva-nos, primeiro, a conhecer Maria (Lc 1, 26-38) em sua humanidade. A partir desta dimensão humana, somos levados a amá-la como nossa mãe, na ordem da graça (Jo 19, 25-27) e, amando-a, a seguir o seu aconselhamento, como diz em Caná da Galileia (Jo 2, 1-11): “Fazei tudo o que Jesus vos disser.”

Como primeiro ponto a considerar, o *conhecer* Maria em sua humanidade é olhar e ver a mulher, Maria, que viveu uma história junto ao seu povo, em uma época em que as mulheres não possuíam qualquer voz ativa. Observação esta que pode, ainda, ser transposta ao nosso presente: como vivem as mulheres de nosso tempo?

Em seu cântico do *Magnificat* (Lc 1, 46-56), Maria canta a ação de Deus em sua vida. Ela está grávida de esperança de um novo tempo de justiça e integração humana, em comunhão com toda a criação.

O *Magnificat*, seu cântico profético que encerra o anúncio do Evangelho da inversão de todos os valores, explode com mais veemência em nossos dias, momento em que procuramos formar comunidades que reflitam a inter-relação mística de toda a realidade e, assim sendo, que cuidem da Justiça, Paz e Reverência para com o Cosmos, e, assim, toda a Criação. Seu cântico, um louvor a Deus pela compaixão que se fez carne em seu ventre, perdura em meio às estruturas injustas e excludentes e explode com novo significado, enfatizando o cuidado para com os excluídos e descartados de nosso mundo.¹⁸¹

Assim viveu Maria em Nazaré: na completa pobreza material. Mas ela foi também aquela que, permanecendo fiel ao projeto de Deus, de amor e vida para todos, foi capaz de esvaziar-se, para assumir a missão de ser a mãe do Filho de Deus Encarnado. Sua origem está em Deus, por isso é a cheia de graça:

Virgem e Mãe: este não é um amor espiritualizado, um afeto desencarnado, mas um amor eminentemente humano. Maria, criatura perfeita na sua natureza humana e divina é a guia oculta que atrai naturalmente todos os que procuram um mínimo da perfeição humana integral.¹⁸²

¹⁸¹ COYLE, K., Maria tão plena de Deus e tão nossa, p. 100-101.

¹⁸² PANIKKAR, R., Mística y espiritualidad 2, p. 177 e 173. (T.A)

No nº 268 do Documento de Aparecida, encontramos a citação de que “Maria, Mãe da Igreja, além de modelo e paradigma para a Humanidade, é artífice de comunhão”. É aquela que, por sua fé, escuta, acolhe e vive a Palavra.

O segundo ponto de reflexão neste caminho de fé é *amar* Maria. Conhecendo Maria podemos amá-la. Ela viveu para Jesus:

Segundo o plano de Deus, em Maria “tudo se refere a Cristo e tudo depende d’Ele” (MC 25). Toda a sua existência é uma plena comunhão com seu Filho. Ela deu seu “sim” a esse desígnio de amor. Aceitou-o livremente, na Anunciação. E foi fiel à palavra dada até o ponto do martírio, no Gólgota. Foi fiel companheira do Senhor em todos os caminhos. A maternidade divina levou-a a uma entrega total. Foi uma doação generosa, cheia de lucidez e unida a uma história de amor a Cristo, íntima e santa. Uma história única que culmina na glória.¹⁸³

A cruz é a imagem deste segundo momento do *amar* Maria (Jo 19, 25-27). Maria amou seu Filho até a entrega, na cruz, atravessando o sofrimento e dor da perda. A fé como atitude básica do mistério e do itinerário de Maria, o amor a seu Deus e Filho, operam como o motor e o segredo desse mistério. Maria ama porque acredita, mas, sobretudo, crê porque ama. Seu amor a Jesus é comunhão, é fidelidade. É um acompanhamento com perseverança e entrega generosa.¹⁸⁴

Ela recebeu aos pés da cruz a maternidade universal, como vimos acima, na citação da carta encíclica *Fratelli Tutti*, do Papa Francisco. Ela é a mulher que se torna mãe na ordem da graça:

Maria é uma mulher: cada autor literário de cada época pode simbolizá-la da forma que melhor lhe convém, mas no fundo, ela sempre será ela mesma e representará a necessidade do eterno feminino: a necessidade de uma vida complementar, a necessidade de que exista na Terra e no Céu um só e único amor.¹⁸⁵

Voltemos ao mistério de uma mulher, Maria, mãe do Filho de Deus e nossa mãe. Dos textos dos Evangelhos, transparece a fé profunda desta mulher, que se deixou plasmar totalmente pelo Senhor e soube acompanhar seu Filho pelo caminho de uma existência marcada pelos misteriosos desígnios de Deus.¹⁸⁶

Maria foi uma mulher meditativa e de profunda fé. Experimentada no silêncio e na escuta da Palavra, foi forte na dor, na mais pura tradição das grandes mães

¹⁸³ DP 292.

¹⁸⁴ MADUEÑO, M. P., *Siguiendo a Jesús con María*, p. 94 e 95. (T.A)

¹⁸⁵ PANIKKAR, R., *Mística y espiritualidad 2*, p. 193. (T.A)

¹⁸⁶ FORTE, B., *Maria, a mulher ícone do mistério*, p.145.

judias. Mulher que soube ir além da relação natural de sua maternidade terna e afetuosa. Ela é a mulher rica em delicadezas, capaz de antecipar-se à necessidade alheia e de prestar ajuda, assim como fez com a prima Isabel (Lc 1, 39-46). É essa mulher humilde e forte, silenciosa e decidida nas palavras que proferiu nas passagens do Evangelho. É confiada ao “discípulo do amor”, por vontade do Filho agonizante. Este é o amor tipicamente materno: amor de ternura, sensível, não pretencioso, nem possessivo, respeitoso, aberto à reciprocidade.¹⁸⁷

E, por fim, como terceiro momento na mística marial como caminho de fé, há de se considerar as Bodas de Caná (Jo 2, 1-11): a dimensão do *servir*, o estar atento para escutar, acolher e atender o convite de Maria: a “*fazer tudo o que Ele pedir*” (Jo 2, 5).

O povo cristão aprende com Maria a contemplar a beleza do rosto de Cristo, e a experimentar a profundidade de Seu amor. Ela ajuda a manter vivas as atitudes de atenção, de serviço, de entrega e de gratuidade, que devem distinguir os discípulos de seu Filho. Indica, além do mais, qual é a pedagogia para com os pobres, em cada comunidade cristã, para que eles se sintam como que “em casa”: “Ela enriquece a dimensão materna da Igreja que, em sua atitude acolhedora, se converte em casa e escola da comunhão, e em espaço espiritual que prepara os cristãos para a missão.”¹⁸⁸

Perpassadas as características humanas e a dimensão da mulher, da mãe Maria, somos convidados a ser discípulos de seu Filho. É a imagem deste terceiro momento: o corpo. O valor do corpo inclui o valor dos sentimentos humanos, da pureza humana, de todos os sentidos, da cultura, do conjunto de valores corporais. Nosso corpo expressa nosso jeito de ser e de estar no mundo. Quando caminhamos ao encontro, caminhamos com todo o nosso ser, com as cicatrizes da vida, as potencialidades, as fragilidades. É a partir dele que experimentamos nossa vulnerabilidade:

É mediante a corporeidade que o ser humano se relaciona com o mundo circundante e, especialmente, com as outras pessoas. O corpo humano é a mediação do conhecimento espiritual, bem como do amor interpessoal. É pelo corpo que a pessoa se expressa, se faz presente e se comunica com os outros seres humanos; é pelo corpo igualmente que a pessoa humana intervém no mundo das coisas, transformando-as e criando cultura.¹⁸⁹

¹⁸⁷ FORTE, B., Maria, a mulher ícone do mistério, p.145, 146, 213.

¹⁸⁸ DAp 272.

¹⁸⁹ RUBIO, A. G., Unidade na pluralidade, p. 281.

Em Caná, na festa das bodas, os corpos que se encontram vibram com a vida, mas entristecem-se com a falta do vinho. Os sentimentos, os movimentos, a preocupação, o cuidado, a sensibilidade, assim como todos os sentidos são experimentados: o olhar, o escutar, o falar, o tocar, o sentir. O corpo, como presença e caminho para Deus, interage também no caminho para o próximo.

Como foi dito no início, a fé cristã católica é uma fé sacramental. Pelo nosso batismo, se diz que fomos batizados em Cristo, para sermos incorporados a Ele, a fim de nos constituirmos, com Ele, um só corpo, em união com os outros. (1Cor 12, 27). Incorporados em Cristo, somos enviados em missão: “Ide, portanto, e fazei meus discípulos todos os povos e nações” (Mt 28, 19). E Maria, como a primeira discípula missionária, nos acompanha:

Graças à fé, Maria transcendeu o empírico, mas não o dispensou: ao levá-lo em conta e convertê-lo em seu coração, ela chegou à dimensão última, à profunda realidade contida nos atos e ditos do Salvador. Acolhendo-o na fé, ela aceitou os caminhos do verdadeiro Messias, assim como a Salvação de Deus com a qual Jesus se identificou.¹⁹⁰

Essa atitude de desprendimento lhe possibilitou incorporar-se gradualmente aos critérios e sentimentos profundos do Messias, vendo-se associada à Sua obra redentora: “Jesus sempre tomou a iniciativa, e Maria aceitou com fé o caminho que seu Filho, o verdadeiro Senhor da história, lhe indicou. Ela O aceitou em cada um dos passos decisivos de sua vida, a que chamamos de mistérios.”¹⁹¹

Neste seu caminhar na fé, por sua experiência profunda de Deus, podemos considerar Maria como a perfeita discípula. Isto porque, na Virgem de Nazaré, podemos ver o ser humano integrado, redimido, que vive e atua de acordo com aquilo em que crê: em perfeita coerência de vida e amor, na missão de ser, no mundo, a imagem e semelhança do Criador.

Um caminho experiencial para nós cristãos inspirados em Maria, composto pelos quatro momentos da experiência do Mistério apresentados por Panikkar. Esta é a experiência de fé vivida por Maria, onde vemos uma proposta de caminho para uma formação humana e espiritual.

¹⁹⁰ GARCÍA-MURGA, J. R., Jesucristo, Hijo de María mujer en misión, figura de la Iglesia, p. 84. (T.A)

¹⁹¹ GARCÍA-MURGA, J. R., Jesucristo, Hijo de María mujer en Misión, figura de la Iglesia, p. 83. (T.A)

Recordemos os quatro momentos da experiência do mistério de Deus: a experiência pura, a memória, a interpretação e a recepção. Nesse caminho humano e espiritual, Maria vive a experiência pura, sendo habitada por Deus no mistério da Encarnação. Esvaziando-se, descentrando-se e acolhendo esse mistério de Deus no Filho, Maria assume uma recepção ativa: logo que pronuncia o seu “sim”, sai às pressas para ir visitar sua prima Isabel, a fim de acompanhá-la, envolver-se em sua realidade, e para que, juntas, celebrassem a vida.

No cântico do *Magnificat*, sua alma engrandece o Senhor, porque olhou para a humildade de sua serva. Podemos dizer que Maria faz memória da presença amorosa de Deus, que cuida, acompanha.

Contemplamos Maria que “meditava e guardava no coração todos esses acontecimentos”. Assim, no silêncio do coração, interpretava os fatos e acolhia a novidade do mistério humano e divino no Filho. Ela, sua perfeita discípula e seguidora, modelo e espelho para os cristãos no caminho do seguimento de Jesus.

2.7 Conclusão

Neste segundo capítulo: “Mística marial, experiência de fé de Maria, a mulher de Nazaré”, iniciamos com o tema da mística.

1º. Como experiência do Mistério de Deus.

2º. A mística cristã, experiência do Mistério de Deus em Cristo: a Encarnação, como experiência de humanização; a Cruz, como experiência de compaixão; e a Ressurreição como experiência de encontro e seguimento.

3º. Tratamos da Mística marial, a experiência de Deus no Filho, vivida por Maria. Mas, questiona-se: qual Maria?

A “Maria dos Evangelhos”. No Evangelho de Mateus, vimos Maria, a mulher como símbolo do povo fiel. Em Marcos, Maria como a peregrina na fé. E em Lucas, Maria, a mulher habitada por Deus. A mulher que se abriu ao projeto do Pai em nome de toda a Humanidade e que é a testemunha da Encarnação, pela ação do Espírito Santo. É a mulher que sai às pressas para ir visitar sua prima Isabel, vivendo um momento de alegria, nesse encontro de duas mulheres cheias de vida e de esperança.

No Evangelho de João, Maria é a mulher sensível e solidária. Assim, abordamos primeiro o texto da Cruz, como solidariedade e compaixão, mas também de integração humana espiritual: luz e trevas, alegrias e tristeza. E, por fim, o texto das Bodas de Caná – a sensibilidade à necessidade humana, na atenção e cuidado com a vida. Uma resposta, nos dias de hoje, ao *“Fazei tudo o que Ele vos disser.”*

No caminho experiencial do cristão, inspirado em Maria, tratamos da experiência da escuta e da alegria na acolhida do mistério. Maria, a mãe solidária com os que sofrem, a que vivencia, podemos dizer, uma experiência de amor, entrega e compaixão. Com Maria, a mãe atenta, sensível ao cuidado da vida, como experiência do serviço e da missão. E, por fim, tratamos a experiência mística que envolve Maria.

Maria, em sua humanidade, viveu uma experiência do Mistério de Deus em Cristo, por sua fé ativa, mesmo diante do sofrimento e da dor vivida aos pés da cruz. Por isso, todo cristão e cristã pode também viver uma experiência do Mistério de Deus em Cristo: aprender com Maria, a primeira e perfeita discípula, seguidora e missionária. E, desse modo, estar pronto para acolher o *“Fazei tudo o que Ele vos disser.”* Fazer “tudo”, importante esclarecer, significa assumir as alegrias, as tristezas, as frustrações, as incertezas. Mas, acima de tudo, a certeza do amor de Deus e a esperança do caminhar juntos, no cuidado e atenção à vida, principalmente dos mais necessitados. E o cuidado com o nosso espaço no mundo, a casa comum.

Passemos agora ao terceiro capítulo da tese: Mística marial como caminho de fé – Diálogo entre o Beato Chaminade e o Papa Francisco. Este é um relato da experiência de fé do Beato Guilherme José Chaminade, sacerdote francês que viveu momentos difíceis durante o período da Revolução Francesa. Esteve exilado por três anos e, ao retornar à França, após ter vivido uma experiência profunda de Deus, aos pés da Virgem do Pilar, mergulha no estudo do papel de Maria no mistério de Cristo e da Igreja. Como missionário apostólico, retoma as atividades pastorais junto às Congregações Marianas. Funda congregações religiosas e, no contexto da França pós-Revolução, volve seu olhar de preocupação para com a formação humana e espiritual dos jovens e dos leigos.

3

Maria na vida e missão do Beato Chaminade

Neste terceiro capítulo, a proposta é dar a conhecer a vida, vocação e missão do Pe. Chaminade. Durante seus 89 anos de vida, deixou um legado significativo para a Igreja e para a família religiosa por ele fundada, família que se divide em quatro ramas: as Comunidades Leigas Marianistas (1800), a Congregação das Filhas de Maria Imaculada (1816), a Companhia de Maria (1817) e a Aliança Marial (1960).

Pe. Chaminade foi um homem cuja vida, marcada pelos desafios impostos pela Revolução Francesa, também se fizera marcar pela profundidade de sua fé e amor à Igreja. Homem de visão profética, atento e aberto aos sinais do tempo, tinha o olhar posto no futuro, persistente na busca de fazer a vontade de Deus.

A presença da Virgem Maria foi constante em sua vida e missão. Durante o difícil período do exílio, em plena Revolução Francesa, viveu em Zaragoza, na Espanha, onde vivenciou uma profunda experiência de Deus, diante da imagem de Nossa Senhora do Pilar, padroeira espanhola. Podemos dizer que ele vivenciou a experiência de uma mística marial, um caminho inspirado na experiência de Maria, conforme vimos no segundo capítulo. Esse fato transformou sua vida, missão e suas atitudes, sob a bênção da presença de Maria, a mulher de fé, a primeira missionária.

A partir dessa experiência, torna-se claro como o Pe. Chaminade irá desenvolver em seu apostolado missionário um novo estilo, uma pedagogia em que transparece a experiência do mistério de Deus no Filho, vivida por Maria.

Este terceiro capítulo tem como objetivo, portanto, propor um caminho de crescimento humano e espiritual para a formação na fé a partir da experiência e dos ensinamentos do missionário Chaminade.

Pe. Chaminade ensina-nos que a primeira missão para os cristãos é a formação na fé, para assim viverem e atuarem de acordo com o que creem. Para isso, faz-se necessário acompanhar o processo de cada ser humano, ao que legaramos um método de oração e um sistema de virtudes, valiosos instrumentos de apoio para se trilhar o caminho para uma experiência do mistério de Deus em Cristo.

Cientes estamos, porém, dos limites temporais desta pesquisa. Afinal, Pe. Chaminade vivera na transição do século XVIII para o XIX, situação histórica

distinta da materialidade do mundo contemporâneo. Por isso, desenvolve-se, a seguir, uma proposta analítica que nos permita “atualizar” os ensinamentos de Chaminade ao nosso contexto.

Para chegarmos a trilhar o caminho de uma mistagogia marial, iremos primeiro tratar do contexto histórico no qual viveu Pe. Chaminade. Sua experiência mística do mistério de Deus, vivida no exílio, em Zaragoza. O momento da graça ocorrido no Santuário, perante a imagem da Virgem do Pilar. E a experiência de fé, considerando a época de Pe. Chaminade em contraposição à época atual de nossa história. Tudo isso, para chegarmos à experiência de Jesus Cristo, Filho de Deus, feito Filho de Maria, para a Salvação da Humanidade.

Com a finalidade de chegarmos ao objetivo aqui proposto, iremos utilizar a metodologia bibliográfica com a hermenêutica dos textos do Pe. Chaminade, bem como os escritos que sobre ele publicaram diversos autores, estudiosos de sua vida e obra.

Para o Pe. Chaminade, a experiência vivida no exílio lhe compôs um período de aprimoramento humano e espiritual, assim como um tempo de amadurecimento de sua vocação missionária. Assim, apresentam-se, a seguir, alguns aspectos interessantes e bastante atuais para a vida e missão do cristão dos dias de hoje:

1º) O sentido de uma missão recebida de Deus, confirmada pela Igreja com o aval que recebeu pelo título de Missionário apostólico;

2º) A vida em comunidade como princípio geral para os cristãos, para que, pela educação na fé, se multiplique o contingente de seguidores de Jesus, ao estilo das primeiras comunidades;

3º) A imitação do modelo de Maria, a mãe de Jesus e nossa mãe, a primeira discípula missionária.

Ensina-nos Pe. Chaminade que a devoção à Maria se fundamenta no respeito, na fé, na confiança, na esperança e no amor que ele chamou de “piedade filial mariana”. Neste ínterim, o missionário elaborara um método progressivo das virtudes para formar cristãos que saibam renunciar a si mesmos para abrir-se às virtudes teologais, inspirado por um espírito de fé que se traduz em um verdadeiro amor a Deus e ao próximo.

Pe. Chaminade enfatiza a relação filial que devemos ter com Maria, para nos deixarmos formar por ela, à semelhança de seu filho Jesus. Em suma, um caminho

que leve à conformidade com Cristo. Sigamos com o contexto histórico do Pe. Chaminade.

3.1 Contexto histórico do Pe. Chaminade

Para apresentar o contexto histórico do Pe. Chaminade, vamos dividi-lo em três etapas:

1º) O seu nascimento, os primeiros anos de vida, o convívio com a família e sua formação na fé; seus estudos e formação para o sacerdócio. Período que se estende de 1761 a 1790;

2º) O período entre os anos de 1791 a 1800, no qual há a experiência da Revolução Francesa (1789-1799). Chaminade é, ainda, um jovem sacerdote que se nega a jurar pela Constituição Civil do Clero.¹⁹² Viveu momentos difíceis em que precisou se disfarçar para poder seguir em missão. Nesse período, exila-se por três anos, em Zaragoza (1797-1800), marcando um tempo de intensa experiência de Deus, no qual estuda e se aprofunda no conhecimento da missão e o papel da Virgem Maria, no mistério de Cristo e da Igreja¹⁹³. É nesse período em que Chaminade, aos pés da Virgem do Pilar, vivera uma experiência mística que transformou sua vida e missão apostólica.

3º) Por último, o retorno do exílio e o início de um diligente trabalho na missão apostólica. Etapa esta que estende-se de 1801 até sua morte, em 1850.

Queremos, ainda que de forma breve, apresentar o legado deixado por Chaminade, para a Igreja, como fundador de uma grande família religiosa e como formador e educador na fé – de um jeito novo, ao estilo de Maria, a mãe de Jesus.

Seguiremos com uma breve história sobre a espiritualidade mariana, e o caminho trilhado pelo Pe. Chaminade sobre essa experiência. Discorreremos sobre o método de oração e o sistema de virtudes como instrumento para a formação e educação na fé, segundo sua piedade filial mariana.

¹⁹² A Constituição Civil do Clero foi votada em 12 de julho e promulgada em 24 de agosto de 1790, na qual os bispos e sacerdotes passaram a ser funcionários do estado, e não mais deviam obediência ao Papa. Os irmãos Chaminade negam-se a jurar a Constituição.

¹⁹³ Podemos dizer que Chaminade antecipa o que mais tarde dirá o Concílio Vaticano II, conforme capítulo 8º do documento *Lumen Gentium*.

3.1.1

Experiência de fé do jovem Chaminade Na família, nos estudos e na missão como sacerdote

Guilherme Chaminade nasceu em Perigueux, na França, no dia 8 de abril de 1761. Em meio a uma família numerosa, era o mais jovem filho de Blas Chaminade e Catalina Bethon, que ganhavam a vida em um comércio de tecidos, integrando a pequena burguesia provincial da cidade.

Cresceu em um ambiente espiritual e religioso, no qual, desde pequeno, aprendeu sobre a mística da oração e a vivência de atitudes cristãs. De seus pais, recebeu os primeiros ensinamentos da fé cristã.

Nesse ambiente familiar de profunda fé, quatro filhos entraram para o seminário e se tornam sacerdotes: João Batista, Blas, Luís Javier e finalmente o mais novo, Guilherme, que, aos dez anos, ingressa no Colégio Seminário de São Carlos Borromeu de Mussidan, onde permanecerá por vinte anos. Lugar de formação do jovem para o sacerdócio e também o lugar em que viveu momentos importantes de sua vida, tanto no aspecto espiritual como no humano. Foi naquele seminário que recebera uma sólida formação na fé e no amor à Virgem Maria.

Foi também nesse período, no colégio, em que se preparou para a Primeira Eucaristia, através de seu irmão João Batista, que, à época, já era sacerdote e diretor do seminário.

Nesse tempo, havia no catecismo diocesano o seguinte questionamento: “A quem te diriges, depois de Deus, para obter a graça de comungar bem?” Resposta: “Eu me dirijo particularmente à Santíssima Virgem, a quem Nosso Senhor Jesus Cristo, escolheu por mãe e a quem Ele mesmo se ocupou de preparar em corpo e alma.” Às vezes, Guilherme Chaminade se propunha a “uma grande devoção para com a Santíssima Virgem, não deixando passar nenhum dia sem honrá-la com alguma oração e, sobretudo, pela imitação de alguma de suas virtudes.”

Segundo os relatos sobre sua biografia, um dado importante que podemos destacar na vida de Guilherme Chaminade era sua devoção à Santíssima Virgem. O missionário sentia essa presença materna, da mãe que cuida e intercede. Conta-se que, em uma dada ocasião, logo nos primeiros anos de sua formação no Colégio Seminário de Mussidan, sofrera um acidente que quase o deixou aleijado para a vida. Fez grande esforço para se fortalecer e animar ainda mais seu amor pela Virgem Santíssima. Eis como o fato ocorreu:

Um dia, em um passeio com seus colegas de classe, eles pararam perto de uma pedreira para brincar. Ele ficou ao pé da pedreira, enquanto os outros se divertiam correndo por todo o lugar. Um deles, enquanto corria, fez rolar uma grande pedra do topo da pedreira, que atingiu o tornozelo do pequeno Guilherme e o deslocou. Ele teve que ser levado para casa, onde foi atendido e cuidado com desvelo e carinho. Passaram-se mais de seis semanas, e a enfermidade estava piorando... Foi então que seu irmão lhe sugeriu que recorresse à Virgem Maria – que nunca é invocada em vão –. Ele aceitou imediatamente a proposta. Com grande alegria os dois irmãos fizeram de imediato uma promessa de juntos, ir em peregrinação a Nossa Senhora de Verdelaís (Gironda), se a Santíssima Virgem se dignasse a obter para ele a cura que eles pediam de sua bondade. Como poderia Nossa Senhora ignorar a voz daquele que haveria de trabalhar tanto pela glória dela? A cura não demorou muito para chegar: foi tão rápida que nosso Bom Pai sempre a considerou milagrosa. Pouco tempo depois, ele pôde ir com seu irmão, a pé, até Verdelaís para saldar sua dívida de gratidão para com Maria.¹⁹⁴

O jovem Chaminade não fez desta experiência o centro de sua missão, mas a teve presente em toda sua vida. Foi o que o motivou a seguir se aprofundando no conhecimento e amor à Virgem Maria. A intercessão de Nossa Senhora de Verdelaís, por sua cura, não fez dele apenas um verdadeiro devoto de Maria, mas o levou a uma perfeita devoção, no jeito de viver sua relação filial com Maria. Uma piedade filial mariana, na imitação das virtudes de Maria, para chegar à conformidade com Cristo.

Para Pe. Chaminade, uma perfeita devoção deveria reproduzir, em cada cristão, um jeito de viver e atuar sob as ordens de Maria, para fazer crescer o Reino de Deus:

A verdadeira devoção a Maria, consiste num profundo respeito, uma confiança completa e um amor preferencial e afetuoso para com a Santíssima Virgem. A prática desta devoção consiste essencialmente em produzir atitudes internas e externas de respeito, de confiança, e de amor para com Maria. O bom congregante tem sempre a perfeição desta devoção, isto é, a imitação das virtudes da Santíssima Virgem, sua Augusta Patrona.¹⁹⁵

Ao mesmo tempo, em seus escritos, Chaminade nos adverte que o culto à Virgem Maria deve ser prudente:

O culto deve consistir principalmente na imitação de suas virtudes. Ilusão dos cristãos que dão a Maria o que a ela não pertence. Ao chamar Maria de “esperança nossa”, tenhamos presente que é por Jesus que ela é nossa esperança; ao chamá-la de “refúgio dos pecadores”, devemos considerar que somente o será para quem abandonar o

¹⁹⁴ CARDENAS, E., Itinerario Mariano de Guilherme Jose Chaminade, Misionero de Maria, p. 30. (T.A)

¹⁹⁵ CHAMINADE, G. J., Escritos Marianos II, n. 324, p. 105. (T.A)

pecado e não para os que a amam. “Mãe de misericórdia”, porque deu à luz a “nossa misericórdia”.¹⁹⁶

Podemos afirmar que essa experiência de sua infância no Colégio Seminário de São Carlos Borromeu o levou a seguir se aprofundando no estudo e na presença da Virgem Maria em sua vida, na vida de cada cristão e na missão da Igreja. Contudo, não nos é possível conhecer a origem do clima mariano que caracterizava o Colégio São Carlos Borromeu de Mussidan, e que tanto influenciou a vida do jovem sacerdote Guilherme Chaminade.

No ano de 1771, após receber o sacramento da Confirmação, acrescenta ao nome Guilherme, seu nome de Batismo, um segundo nome, “José”. E, desde então, prefere ser chamado de Guilherme José. Em seus escritos irá assinar, apenas, G. José:

Guilherme José vestiu a túnica e recebeu a tonsura provavelmente no curso de 1772-1773, integrando-se cada vez mais no espírito eclesial, passando a participar da Congregação de Sacerdotes e Eclesiásticos de São Carlos, em 1776. Felizmente possuímos um precioso documento que recolhe a parte ascética de suas constituições, às quais o jovem Chaminade acrescentou algumas reflexões pessoais. Vemos que sua espiritualidade é fundamentalmente trinitária e cristológica, no meio de frequentes alusões a Maria. Porém, não falta o capítulo intitulado “Amor a Jesus e Maria”. Estas regras também contêm uma série de indicações referentes a Maria, que Guilherme José leu cuidadosamente, estudou e examinou se ele poderia observá-las seriamente ao longo de sua vida.¹⁹⁷

Nas regras de Guilherme José, encontramos um caminho ascético para um conhecimento humano e espiritual: a determinação de nunca deixar de rezar o rosário e outras orações em honra ao Sagrado Coração de Jesus e de Maria, a oração do Ofício Parvo da Imaculada Conceição, algumas novenas em honra à Santíssima Virgem, a São José - além de alguns sinais externos, como o uso do escapulário. Estar ocupado, empenhado unicamente no conhecimento, imitação e amor à Santíssima Virgem e a alguns santos; conhecer a sua santa Mãe, São José, os apóstolos, à Igreja e tudo o que lhe afete. Amar a Jesus Cristo. Além disso, no início de cada ato, dever-se-ia reservar um momento para pensar em como Jesus Cristo ou a Santíssima Virgem fariam o que deve ser feito.

¹⁹⁶ CHAMINADE, G. J., Escritos Marianos I, n. 34, p. 157-158. (T.A)

¹⁹⁷ CARDENAS, E., Itinerario Mariano de Guillermo José Chaminade, Misionero de Maria, p. 30-31. (T.A)

Tal era seu roteiro de regras¹⁹⁸:

- 1- Quando você se levanta de manhã, pense no conhecimento de Maria e José sobre Jesus.
- 2- Antes do almoço, pense em como Maria e José imitaram Jesus com perfeição.
- 3- Antes do jantar, quão perfeitamente Maria e José amavam Jesus.
- 4- Na hora de ir dormir, o quanto Maria e José estavam unidos a Jesus. Ter a confiança para obter a graça de conhecer, imitar e amar Jesus, e estar unido a Ele, por intercessão de Maria e José.
- 5- E, por fim, pensar: quando não se pode compreender algo, não murmurar, se não recorrer à Santíssima Virgem, ao Anjo da Guarda, interiormente.

Em 1785, Chaminade é ordenado sacerdote. Com 24 anos, já é doutor em Teologia. Após sua ordenação, segue como ecônomo e professor de Matemática e Física em Mussidan, destacando seu apostolado junto à juventude, com a imposição de algumas regras e imprimindo um modo mariano de educar os jovens. Normas estas que vigoravam no Colégio Seminário de Mussidan, como o hábito de chamar Maria de “Mãe da Juventude”:

- 1- Considerar a educação da juventude como um dos primeiros e principais meios de alcançar a salvação das almas; 2- trabalhar na educação da juventude, sem desejo de se envolver em outras obras de zelo, como a pregação, a confissão; 3- estar feliz por não ter outra ocupação para a vida a não ser trabalhar para a educação da juventude; 4- pedir para dedicar toda a sua vida à educação da juventude, se não se sentir dotado para algo diferente; 5 - não desperdiçar nada que coloque os jovens em condições de receber uma boa educação cristã.¹⁹⁹

Válido destacar que Pe. Chaminade sempre se preocupara com a educação e a formação, tanto no aspecto formal, como informal e cristão, principalmente dos jovens, tal como se percebe na seguinte passagem:

O coração terno da augusta Maria deve ter se tornado muito sensível aos doces nomes de Mãe dos cristãos (...). Mas hoje, é de certa forma uma nova glória que ela recebe, pelo novo título que as almas inocentes lhe dão em inspiração: quantas vezes por dia esta Mãe Imaculada é invocada com o gentil nome de “Mãe da Juventude”!²⁰⁰

¹⁹⁸ CARDENAS, E., Itinerario Mariano de Guillermo José Chaminade, Misionero de Maria, p. 31. (T.A)

¹⁹⁹ CARDENAS, E., Itinerario Mariano de Guillermo José Chaminade, Misionero de Maria, p. 32-33 Reglas para la educación de la juventud. (T.A)

²⁰⁰ CHAMINADE, G. J., Escritos Marianos II, n. 390, p. 130. (T.A)

Nesse ambiente de educação na fé, viviam os três irmãos Chaminade, na missão do Colégio Seminário de São Calos em Mussidan. João Batista era o Diretor. Luiz se ocupava da formação intelectual dos alunos, enquanto Guilherme José era administrador e professor, ambos na missão da formação dos jovens alunos nas virtudes cristãs.

Em 1789, inicia-se o enfrentamento dos sacerdotes com os bispos, com a convocação dos Estados Gerais. A situação se torna difícil e desconfortante aos irmãos Chaminade. Com a Revolução Francesa, ocorrem as grandes reformas e os desafios para a sociedade e para a Igreja. Em meio a todas as dificuldades e inquietudes, morre seu irmão João Batista, em 1790. Diante da instável situação política do país, Pe. Chaminade busca refúgio em Bordeaux.

Em 12 de julho é votada, em assembleia, a Constituição Civil do Clero,²⁰¹ aprovada pelo rei Luís XVI em agosto. Todos os sacerdotes deveriam, então, prestar juramento a essa Constituição, o que Pe. Chaminade se negara a fazer, considerando ser aquela lei completamente injusta, ainda que firmada pelo bispado.

Tem-se, aqui, o início de uma nova etapa na vida do Pe. Chaminade, onde o local para seu novo apostolado se torna Bordeaux, cidade com fecunda atividade comercial e de grande riqueza na época. “Com um clero bastante aberto às novas idéias, se percebia uma certa oposição a doutrinas avançadas do filosofismo.”²⁰² “Soube com satisfação que todos os párocos do país estavam determinados a não fazer o juramento, exceto com as restrições necessárias: você pode estar certo de que, neste país, existe uma firmeza digna dos primeiros séculos da Igreja.”²⁰³

Em 2 de fevereiro de 1791, Pe. Chaminade escreve a um antigo aluno seu, o qual estava a ponto de prestar o juramento. Na mensagem da carta, deu a entender que o momento vivido se assemelhava ao testemunho dos mártires, na história da Igreja. É o que veremos a seguir: a experiência do Pe. Chaminade quando é perseguido, tendo que se esconder e se exilar. Nesse ano de 1791, inicia-se um novo momento de sua vida, que prolonga-se até a época de seu regresso à França, em 1800.

²⁰¹ A Constituição Civil do Clero, assinada por Luís XVI, em 24 de agosto de 1790, pela qual os padres passaram a ser funcionários civis, subordinados e pagos pelo Estado. Os padres deveriam prestar um juramento à Constituição. Também foram confiscados os bens da Igreja, declarado o fim dos votos perpétuos e suprimidas as ordens religiosas.

²⁰² DARBON, M., Un hombre con visión de futuro, p. 34. (T.A)

²⁰³ CHAMINADE, G. J., Fundador da Família Marianista. Cartas I, - 1784-1825, p. 30. (T.A)

3.1.2

Experiência de fé vivida durante a Revolução Francesa e no exílio em Zaragoza

Inicia-se uma nova etapa para o jovem sacerdote, formador e educador. Pe. Chaminade, não havendo jurado a Constituição Civil do Clero, não poderia mais exercer seu sacerdócio. Contudo, lhe era permitido acompanhar os oratórios particulares. Assim, com criatividade, projeta e decora, em um pequeno quarto, uma capela doméstica. Em sua decoração, estavam duas estátuas de madeira: a da Virgem e do Anjo da Anunciação. Aqui vemos seu estilo e jeito mariano no cuidado às coisas de Nossa Senhora: a capela, ainda que particular.

A partir de julho de 1789, deflagra-se um novo período de dificuldades e instabilidades que transformam a vida de Pe. Chaminade. O jovem sacerdote, que até pouco tempo contava com uma vida estável e tranquila junto ao Colégio Seminário de São Carlos, em Mussidan, perde seu irmão João Batista, seu superior no seminário. Nesse contexto, retirado de uma condição confortável, nega-se a jurar pela Constituição Civil, regime imposto ao clero da Igreja Católica em 1789 e que impôs confisco e revenda das propriedades da Igreja, além da extinção do dízimo – uma tentativa de reorganizar a Igreja francesa. Para Pe. Chaminade essa decisão era compatível com uma postura opressora, semelhante à perseguição sofrida pelos primeiros cristãos, mártires da história da Igreja:

O sentimento religioso fora pequeno em 1789, mas o anticlericalismo havia sido considerável... Muitos clérigos encararam também a introdução da tolerância para com os protestantes como uma agressão à Igreja. Fosse essa ou não a intenção, a política eclesial da Assembleia Constituinte se configura certamente como um repúdio a um Antigo Regime no qual a Igreja Católica, abastada e controlada pelos nobres, desfrutava do monopólio da veneração pública e dominava o atendimento, tanto da educação, quanto da assistência aos pobres.²⁰⁴

Com isso, o Estado se recusa a reconhecer qualquer associação religiosa e muitas regiões da França, em 1794, são assoladas por um movimento de descristianização. Até os revolucionários, que se opunham a essas posições extremistas, passam a interpretar o Antigo Regime como uma época de superstição e de fanatismo.

²⁰⁴ DOYLE, W., O Antigo Regime, p. 13.

A Revolução Francesa foi gestada por um longo período. Suas ideias não nasceram de súbito, mas desenvolveram-se e aprimoraram-se conforme a marcha dos acontecimentos políticos, sociais, econômicos e culturais. O Antigo Regime, com suas arbitrariedades, era o que os revolucionários pensavam estar destruindo em 1789 e nos anos seguintes.

É preciso demarcar que o primeiro significado associado ao Antigo Regime era de natureza política. Para os revolucionários, o rei governava com poder arbitrário, sem instituições representativas, segundo o modelo de monarquia absoluta. “A maioria ainda acreditava, em 1789, que as tendências despóticas do velho governo provinham mais das ambições desenfreadas dos conselheiros, ministros e representantes do rei, do que das próprias tendências do monarca.”²⁰⁵

A Constituição de setembro de 1791 pretendia encarnar o oposto de tudo o que representava o Antigo Regime. Ela cultuava o império da lei, a separação dos poderes, a soberania de uma Nação, governo eletivo, representativo, e uma ampla gama de garantias de direitos individuais.

Para Lefebvre, a Revolução de 1789 significou, em primeiro lugar, a queda da monarquia e o advento da liberdade, garantida por um governo constitucional. Todavia, o advento da igualdade perante a lei, sem a qual a liberdade seria um privilégio exclusivo dos poderosos:

A Revolução de 1789-1794 marcou o advento da sociedade moderna, burguesa e capitalista, na história da França. Sua característica essencial é ter realizado a unidade nacional do país sobre a base da destruição do regime senhorial e das ordens feudais privilegiadas.²⁰⁶

No contexto do Pe. Chaminade, também nos interessa, numa perspectiva da história social, o estudo do Iluminismo, estágio historicamente importante no desenvolvimento do pensamento burguês ocidental:

O Iluminismo francês foi um movimento das elites letradas e para as elites letradas. Tirante a eterna exceção de Rousseau, seus representantes mais influentes não acreditavam que o esclarecimento das massas fosse possível ou desejável. A educação popular deveria se limitar ao mínimo ou desejável a uma medida de instrução física, ocupacional e moral, pois o objetivo primário era promover a utilidade econômica e a estabilidade social – nada mais.²⁰⁷

²⁰⁵ DOYLE, W., O Antigo Regime, p. 10-11.

²⁰⁶ LEVEBvre, G., 1789, p. 219.

²⁰⁷ BLANNING, T. C. W., Aristocratas versus burgueses? p. 32. (T.A)

O Iluminismo considerava que a Razão seria a única e verdadeira fonte da Verdade. Uma razão crítica que examinaria e trataria de dirigir todas as abrangências da realidade e do conhecimento. Uma segunda característica do Iluminismo – que, aliás, o define –, é que se trata de um nível da cultura, com a elaboração de doutrina em que a razão é a luz que guia e devolve a claridade do conhecimento, deixando de lado os dogmatismos tradicionais para instaurar a luz do conhecimento, substituindo a superstição pela razão.

A Revolução Francesa, inspirada nos valores de Liberdade, Igualdade e Fraternidade – que refletem a dogmática da tradição cristã –, promoveu, no ser humano, um processo de “saída” de sua culpabilidade, para ter a autonomia de pensar por si mesmo. Processo esse que será apresentado como o caminho para uma razão crítica, com a pretensão de analisar e descobrir todas as injunções da vida, o papel e função da sociedade e das instituições, para possibilitar ao homem libertar-se para que consiga crescer de forma plena. Se o homem medieval e do Antigo Regime estava amarrado pelas prescrições das autoridades religiosas e civis, sem poder ser dono e responsável por suas ações, em contrapartida, o homem ilustrado, que se atreveu a pensar por si mesmo, é decidido sobre suas ações e responsabilidades, e pode discutir e agir de acordo com sua consciência.²⁰⁸

O conhecimento de si mesmo, do mundo e de Deus na pessoa, não somente se alcança pela instância da razão, senão pela totalidade das potências e faculdades da alma; também o desejo do amor, da esperança e a força da memória oferecem argumentos e motivos à razão.²⁰⁹

Noutros meandros, mas versando acerca desta razão oitocentista, para o Pe. Chaminade, mestre de oração, a fé penetraria na oração até chegar o ponto de convertê-la em uma oração de presença de Deus. Para isso, deve-se dar razão à fé, para deixá-la chegar ao coração e, assim, viver e atuar de acordo com aquilo em que se crê.

Mais tarde, Pe. Chaminade irá desenvolver sua atividade missionária sobre dois pilares:

1. A herança tridentina e barroca de sua formação em Mussidan;

²⁰⁸ RUEDA CALERO, J. M., Guillermo Jose Chaminade y el Pensamiento moderno, critica a la indiferencia religiosa, p. 36-41. (T.A)

²⁰⁹ ARANDA, A. G., Defender y proponer la fe en la enseñanza de Guillermo Jose Chaminade, p. 265. (T.A)

2. O desafio apostólico diante um cenário de indiferença religiosa, produzido, por um lado, pela Revolução Francesa e, por outro, pelo filosofismo moderno, ou seja, a filosofia racionalista e a ideologia liberal burguesa, nascidas da ilustração e que foram a causa da secularização das mentalidades e dos costumes, na nova cultura europeia:²¹⁰

Chaminade concebeu seu projeto recristianizador em oposição ao efeito secularizador do racionalismo moderno, o filosofismo, com sua crítica à fé cristã. A partir daí compreenderemos a valorização filosófica e teológica de Chaminade a essa corrente de pensamento, e sua proposta contrária consistindo em instruir nas verdades da fé.²¹¹

Deve-se destacar que Chaminade não se opõe a esses elementos, mas sim aos efeitos que causaram. Foi neste sentido em que desenvolveu seu projeto, elaborando uma síntese que lhe possibilitou seguir em frente com seu projeto de recristianização em meio aos desafios da secularização, da indiferença e do filosofismo.

Os sacerdotes que permaneceram fiéis à Igreja de Roma eram declarados como refratários e, por isso, muitos foram exilados da França. Nesse tempo, Pe. Chaminade permanece em território francês, em Bordeaux, conseguindo comprar uma casa de campo denominada “Casa de São Lourenço”. No início do ano de 1792, seus pais, já anciãos, por segurança deixam Perigueux e passam a viver com Pe. Chaminade.

Em 1792, institui-se a guilhotina em Paris, onde muitos sacerdotes acabaram mortos. Em 1793, todas as igrejas em Bordeaux são fechadas e instala-se o terror e a perseguição aos sacerdotes. Pe. Chaminade segue com seu ministério, ainda que às escondidas e, por vezes, disfarçado, para não ser reconhecido pelas autoridades:

Há um momento em que o vimos vestido como um caldeireiro. Outras vezes, o caldeireiro transformou-se em vendedor de bugigangas, e escondeu sob suas roupas o Deus da Eucaristia, que ele trouxe para os doentes e para as almas devotas. As crianças foram os seus melhores colaboradores. Quando o vendedor de bugigangas ou funileiro fingido, ia de um lado para o outro, um pequeno raptor, fingindo ser aquele que o encontrou, corria na sua direção e, ao passar, sussurrava estas palavras ao seu ouvido: “Vá para tal rua, Padre, pára em tal número”. Graças a esses meninos

²¹⁰ ARANDA, A. G., *Defender y proponer la fe en la enseñanza de Guillermo Jose Chaminade*, p. 29-31. (T.A)

²¹¹ ARANDA, A. G., *Defender y proponer la fe en la enseñanza de Guillermo Jose Chaminade*, p. 30. (T.A)

ousados, o Padre Chaminade pôde ministrar os sacramentos a uma pessoa moribunda, ouvir confissões, batizar um bebê recém-nascido...²¹²

Pe. Chaminade, em tempos difíceis na França revolucionária, segue sua missão sem alterar sua profunda paz e fortaleza. Passara seus dias confiando em Deus e em Sua Providência, sem se preocupar com o dia seguinte. Em meio a tudo, conservava sua calma e equilíbrio moral e humano. Com tal temperamento ponderado, revelava ser um homem de Deus. Diante dos encantos da Natureza, pensava na bondade e na grandeza de Deus. Mesmo vivendo na clandestinidade, e com as igrejas fechadas, sentia em seu coração que ainda existiam sacerdotes prontos para atender e confortar, com os sacramentos, seus fiéis:

Que alegria maior para este servo de Deus, que acaba de realizar atos tão heroicos e que se prepara agora para descansar um pouco na paz de sua consciência satisfeita? Essa alegria transborda de seu coração e ele se eleva ao Senhor em plena ação de graças por uma sublime vocação recebida d'Ele. Sua oração se eleva, no entanto, invisível e muda, pois, ele não tem permissão para fazê-lo publicamente.²¹³

Ainda nessa época, tem contato com três pessoas muito significativas em seu itinerário mariano: a primeira sendo Maria Tereza de Lamourous, fundadora da Obra de Misericórdia, em Bourdeaux. Pe. Chaminade foi seu diretor espiritual até que ela falecesse. A segunda foi Joseph Bouet, aspirante das ordens sagradas que, com a ajuda do Pe. Chaminade, termina sua preparação e é ordenado sacerdote em Paris – sendo posteriormente exilado junto do Pe. Chaminade. Depois do exílio, passa a integrar a comunidade Trapa, na Espanha. Por fim, a terceira pessoa foi Louis Lafargue, que acompanha Pe. Chaminade em sua volta do exílio, e que, no itinerário mariano de Chaminade, será o primeiro sinal da colaboração dos leigos na instituição da congregação, na qual, desde o início, ele exercerá um papel específico.²¹⁴

No dia 11 de setembro de 1797, Pe. Chaminade, que não consegue mais permanecer na clandestinidade, tem seu nome na lista dos que deveriam deixar a França. Parte, então, para a cidade de Zaragoza, na Espanha, onde chega no dia 11 de outubro, ali permanecendo até 1800:

²¹² COUSIN, L., Un insigne Apóstol de Maria, p. 25. (T.A)

²¹³ DARBON, M., Un hombre con visión de futuro, p. 45. (T.A)

²¹⁴ CARDENAS, E., Itinerario Mariano de Guillermo Jose Chaminade, Misionero de Maria, p. 39-41. (T.A)

Chegado a essa cidade (Zaragoza) em 11 de outubro de 1797, Chaminade se viu reduzido a uma relativa inatividade, porque qualquer ministério sacerdotal estava proibido aos sacerdotes emigrados da França. Dedicou, pois, uma grande parte de sua jornada à oração. No decurso dessas efusões piedosas que tinha, sobretudo no cenário da Santa Capela de Nossa Senhora do Pilar, o servo de Deus, escutou a palavra do Alto, em virtude da qual entregou decididamente e sem reservas as obras que realizou nos últimos cinquenta anos de sua vida: a congregação de cristãos e cristãs que viviam no mundo; a fundação das Filhas de Maria Imaculada de Agen (1816); a Companhia de Maria (1817). Compreendeu que, por meio de suas obras deveria lutar contra a indiferença religiosa, fruto da Revolução... E que tudo devia colocar sob a proteção da Santíssima Virgem, da qual Chaminade seria o apóstolo – e se necessário soldado –, no século que está se iniciando. Eram os novos combates que devia empreender pelo Reino de Deus por meio de Maria. *Nova bella elegit Dominus.*(...) Para dizer a verdade Chaminade foi por vezes interrogado por seus primeiros discípulos sobre o acontecimento de Zaragoza, de tão grande interesse para eles. Jamais detalhou as circunstâncias e jamais dissimulou sua missão especial, nem o caráter sobrenatural, imperativo, que a missão tinha.²¹⁵

O ambiente do exílio contava com cerca de trezentos sacerdotes franceses, vivendo sob circunstâncias difíceis, devido ao contexto cultural. Além das dificuldades econômicas e a preocupação constante com o futuro espiritual da França. Exilados também estavam em Zaragoza: Tomas de Casteran, administrador das dioceses de Auch e Bazas, no sul da França; e Monsenhor Tour du Pin Montauban, Arcebispo de Auch.

Pe. Chaminade, em seu retorno à França, irá se tornar administrador da Diocese de Bazas, sob a direção do Arcebispo Tour Du Pin, de quem ainda terá apoio em seu pedido junto à Santa Sé, para receber o título de “Missionário Apostólico”.

Pensando no retorno, os sacerdotes franceses organizaram um seminário para a formação de sacerdotes e o Pe. Chaminade foi um dos professores desse seminário. Contribuindo assim “para a formação do futuro clero da França.”²¹⁶

Diante do “milagroso pilar” da Virgem do Pilar,²¹⁷ símbolo da primeira aparição de Maria, em que vivenciou uma profunda experiência de Deus – uma

²¹⁵ CARDENAS, E., Itinerario Mariano de Guillermo Jose Chaminade, Misionero de Maria, p. 47-48. Testemunho de Henri Rousseau (1859-1941), assistente Geral da Companhia de Maria e grande conhecedor dessa experiência do Pe. Chaminade da “efusão filial”, que ajudou o Pe. Chaminade a compreender que deveria lutar contra a indiferença religiosa, fruto da Revolução Francesa, confiando na proteção de Maria. (T.A)

²¹⁶ CARDENAS, E., Itinerario Mariano de Guillermo Jose Chaminade, Misionero de Maria, p. 41-42. (T.A)

²¹⁷ Nossa Senhora do Pilar. Histórias da Aparição: Segundo uma antiga tradição na noite do dia 2 de janeiro do ano 40 da era cristã, a Santíssima Virgem ainda em vida na terra apareceu ao Apóstolo São Tiago Maior, que estava em Zaragoza às margens do Rio Ebro, pregando o Evangelho. Maria estava em cima de uma coluna de luz. No local foi construído o primeiro templo mariano do mundo.

mística marial –, Pe. Chaminade passava longas horas em oração. Foram momentos de efusões filiais, o coração do filho pulsando com o coração da mãe:

Encontrava ânimo em passar longas horas de oração e meditação diante da célebre estátua de Nossa Senhora do Pilar. Sofria pelos infortúnios da Igreja e da França, perguntando-se como poderia reconstruir tamanhas ruínas e prevenir a volta de semelhantes calamidades. Estava persuadido de que a ajuda mais eficaz vem por meio de Maria. Assim, não viu nada mais conveniente que oferecer-se a si mesmo a essa boa Mãe, abandonando-se sem reservas a seu serviço e à sua disposição. Durante essas efusões filiais do coração desse devoto filho diante da estátua de Nossa Senhora do Pilar, esta terna Mãe inspirou ao seu generoso servidor o santo pensamento de estabelecer, sob o nome d’Ela e os auspícios de Maria Imaculada, piedosas congregações para as pessoas que viviam no mundo, e duas congregações religiosas para almas escolhidas, que foram chamadas a esse estilo de vida pela Santíssima Virgem.²¹⁸

Viveu ainda, durante seu exílio, um tempo de prolongado retiro, que o ajudou a aprofundar seu amor e sensibilidade para com Maria, a mãe de Jesus, e que, segundo ele, foi também momento e lugar de inspiração para a fundação das congregações em honra à Virgem Maria:

Elegeu Zaragoza como lugar de seu retiro, cidade célebre pela peregrinação junto a Nossa Senhora do Pilar. Ali esperou, na serenidade e na submissão, os desígnios da Providência, para que os prazeres de Deus fizessem brilhar em sua desventurada pátria dias mais alegres. Também ali seu profundo amor a Maria aumenta sensivelmente, se faz mais intenso... E que felicidade sentia ao contar as emoções que haviam embargado seu coração à vista do milagroso pilar! Emoções que nos fizeram vislumbrar parte dos favores que a Santíssima Virgem havia designado conceder nesse santuário. Em consequência, não tememos em afirmar que também ali, por inspiração divina, concebeu o projeto – que mais tarde colocou em prática com tanto êxito –: o de estabelecer na França, se voltasse, congregações em honra da Rainha do Céu e uma ordem religiosa que estivera consagrada especialmente.²¹⁹

Inspirado por essa experiência, aprofunda seus estudos bíblicos e teológicos. Esse esforço resultara numa renovada compreensão do papel e da missão de Maria no mistério de Cristo e da Igreja. O clérigo sentia a importância de conhecer Maria em sua humanidade, como uma pessoa dinâmica, uma mulher de fé. Para ele, a formação, em nós, de um espírito interior implica: a conformação com Jesus, mas

Essa coluna de luz, ou pilar, representa a fé que sustenta e mantém a tradição e a devoção a Nossa Senhora do Pilar.

²¹⁸ CARDENAS, E., Itinerario Mariano de Guillermo Jose Chaminade, Misionero de Maria, p. 46. (T.A)

²¹⁹ CARDENAS, E., Itinerario Mariano de Guillermo Jose Chaminade, Misionero de Maria, p. 44. (T.A)

também a identificação com as virtudes de Maria. Virtudes que teriam marcado a humanidade de Jesus:

O essencial é formar dentro de nós o espírito interior. Porém, com que meios? Por três: o primeiro será o de nos formarmos segundo os traços de Jesus Cristo; o segundo, o de nos formarmos nas virtudes, a exemplo de Maria Santíssima; e o terceiro, o de nos formarmos segundo as regras do Instituto de Maria, o que vale dizer, segundo os conselhos evangélicos.²²⁰

Vemos o cuidado do Pe. Chaminade na formação na fé, a partir de uma experiência de encontro com Jesus Cristo, o Filho de Deus, feito Filho de Maria. Tal como ela gerou, formou e acompanhou Jesus, seu Filho, assim também ela nos forma e acompanha na missão de anunciar o Reino de Deus, um caminho de fé na missão de formar novos discípulos missionários.

Mesmo estando no exílio, Pe. Chaminade segue como diretor espiritual de Tereza de Lamourous, no período de 1796 a 1800, através de correspondências. Na carta datada de 27 de maio de 1796, anterior ao exílio, naquilo que ele chama de “plano de conduta espiritual”, encontramos um caminho de formação humana e espiritual. A gênese do que mais tarde virá a se tornar o *sistema de virtudes*, formatado segundo três momentos: a preparação com os cinco silêncios, a purificação e a consumação:

O sistema que concebe vem a ser todo um programa de vida. Um procedimento ativo que, pressupondo a plena cooperação com a graça, oferece os elementos necessários para uma verdadeira luta contra o “homem velho”. Tais elementos estão ordenados em um conjunto de virtudes que se vai adquirindo de forma gradativa e progressiva, cooperando na aderência-conformação com Jesus Cristo, sob a guia de Maria. Tal progressão, estabelecida de acordo com uma ordem prática, procede do exterior para o interior, quer dizer, uma busca que vai das manifestações até a raiz.²²¹

Em 1800, após três anos de exílio, Pe. Chaminade regressa à França, com um novo dinamismo missionário: uma experiência de uma mística marial,²²² como caminho de fé vivido aos pés da Virgem do Pilar. Um dinamismo que propiciou um novo jeito de evangelizar, tendo em Maria, a mulher forte na fé, a primeira

²²⁰ CHAMINADE, G. J., Escritos Marianos II, n.766, p. 263. (T.A)

²²¹ GOIG K. G., O silêncio, uma pedagogia da vontade, p. 9.

²²² SILVA, Z. M., A Experiência de uma Mística Marial, foi tema da dissertação de mestrado em Ciência da Religião, com o tema: Mística Marial, uma releitura da Espiritualidade Mariana de Chaminade em tempos de secularização, p. 70-74.

discípula, seguidora e missionária um valioso auxílio, contribuindo com o novo momento da França.

Relata-nos o Pe. Klobb – biógrafo do Pe. Chaminade – que, durante o exílio em Zaragoza, ele amadureceu seu projeto missionário, que se resumia em dois pontos: formar apóstolos para uma nova sociedade e colocar seu apostolado sob a proteção da Virgem Imaculada. Aqui vemos, nesses dois importantes pontos, a preocupação por uma formação na fé, para o enfrentamento dos desafios da sociedade; e a figura de Maria, que oferece sua proteção e presença na missão, por ser ela a primeira a viver uma experiência de discípula missionária. Ela, que acompanhara os primeiros apóstolos na missão de evangelização, conforme Atos dos Apóstolos 1, 13-14 e conforme o Documento de Aparecida, 269, onde diz: “Ela é a grande missionária, continuadora da missão de seu Filho.”

Passemos à sua missão apostólica no período de 1801 até sua morte em 1850, aos 89 anos.

3.1.3

Missão apostólica de Chaminade, formador e educador na fé

Ao regressar do exílio, em novembro de 1800, Pe. Chaminade se instala novamente em Bordeaux.

Infelizmente, o que ele logo viu em seu retorno à França, nesse início do século XIX, foi a extensão das ruínas morais e espirituais que haviam sido acumuladas por muito tempo. Nessa cidade (Bordeaux), como em qualquer outro lugar, a ignorância religiosa era generalizada: a privação de culto e a falta de organização eclesial haviam alcançado seus resultados, mais pela indiferença do que pela hostilidade declarada. A maioria das igrejas ainda continuava fechada.²²³

Nesse contexto de ruínas materiais, morais e espirituais, Pe. Chaminade se envolve diretamente, através de iniciativas próprias – como a abertura de um oratório pessoal – com às necessidades que se colocavam no momento. Ele, sentindo e almejando ser um autêntico missionário, busca ajudar a fazer brotar novamente a chama do amor de Deus.

O desafio requer de um empreendedor grande habilidade, flexibilidade e ânimo. Para esse fim, coloca em movimento um grupo de pessoas que se

²²³ DARBON, M., Un hombre con visión de futuro, p. 75. (T.A)

dedicassem, com ardor, a multiplicar os cristãos. Nesse ponto, instituíra um novo apostolado, adaptado a seu presente, mas com vistas ao futuro.

Em 2 de fevereiro de 1801, constituem-se, oficialmente, as congregações sob a proteção e o nome de Maria, que já haviam começado a se reunir no oratório pessoal do Pe. Chaminade, em 8 de dezembro de 1800, e que agora congregam membros definitivos, sob uma orientação oficial, contemplando regras para a vida e missão. Tais congregações já haviam existido em Bordeaux, fundadas em 1563 no Colégio Romano, pelo Pe. Jean Leunis, jesuíta. Com o advento da Revolução, todas as congregações religiosas e movimentos foram suprimidos e deixaram de existir:

Eis como a Providência permitiu que isso acontecesse. As desgraças e os excessos do século deram origem a certos encontros secretos entre cristãos perseguidos: o turbilhão da tempestade reuniu assim todas as virtudes proscritas pelo mundo, juntamente com uma piedade celestial, assim como uma instrução sadia e suficiente. No meio de tudo isso veio aquela calma inestimável que uma consciência libertada do mal inspira e que a esperança de uma palma imortal fortalece. Esse grupo existia quando começamos a perceber que a tempestade, que Deus levanta e acalma, de acordo com Sua vontade, estava diminuindo. Pensou-se, então, que era necessário preservar o que já existia. E para essa mesma reunião também foram convocados todos aqueles que vários obstáculos, estranhos a seus corações, mantinham afastados uns dos outros. Foi então que os sobreviventes de tão longas destruições, e seus filhos, e os filhos daqueles que haviam perecido, se uniram: foi então que a Congregação foi erguida como um monumento - tanto para a geração atual como para sua posteridade - como um memorial vivo da ira do Senhor, assim como de Sua misericórdia.²²⁴

Em Bordeaux, os congregantes se reuniam na Igreja da Madeleine, local em que, aos domingos, Pe. Chaminade, os instruía e os enviava em missão, sob a proteção de Maria. Dentre as inúmeras atividades que realizavam estava, primordialmente, a ocupação pelos pobres e pelos jovens que, carentes de instrução e cuidados, perambulavam pelas ruas recolhendo o que conseguiam para sobreviver. Diante dessa necessidade, surgem, dentre os próprios congregantes, pessoas que querem consagrar sua vida à obra da educação.

As obras educacionais tinham como objetivo estar junto ao povo, satisfazer suas necessidades, reavivar sua fé e, em última instância, ensejar a formação de uma nova e regenerada sociedade. Essas instituições não se destinavam a atuar

²²⁴ CHAMINADE, G. J., *Écrits et Paroles* I, 93, p. 336-337. (T.A)

isoladamente, mas sim a assumir uma influência social, com a dimensão missionária de formar na fé, para multiplicar os cristãos.

Em março de 1801, Pe. Chaminade é nomeado Missionário Apostólico, pela Congregação Romana de Propaganda – *Fidei* –, título que o investia de uma missão eclesial, podendo assim restabelecer as congregações marianas – vendo, nesse título, uma derivação e uma participação no apostolado de Jesus Cristo. Trinta e oito anos depois dessa nomeação, escreve ao Papa Gregório XVI, traçando o conjunto de seu itinerário espiritual:

Em oposição à poderosa corrente do mal, o Céu me inspirou no princípio deste século, a solicitar a Santa Sé cartas patentes de Missionário Apostólico, com o fim de reavivar e voltar a acender por todas as partes a divina chama da fé, apresentando em todas as partes, diante de um mundo de assombrada massa imponente de cristãos católicos de todas as idades, sexo e condição social, que, reunidos em associações especiais, praticassem sem vaidade e sem respeito humano, nossa santa religião, em toda a pureza de seus dogmas e sua moral. Envolvido por esse pensamento e instigado por dignos prelados abri minha alma inteira com humildade e súplica aos pés do Papa Pio VII, que, se dignando a escutar favoravelmente o meu pedido, me concedeu os mais amplos poderes, através de um Decreto de 28 de março de 1801.²²⁵

Nesse mesmo ano de 1801, sentira a necessidade de criar um instrumento que contribuísse e facilitasse a identidade, iniciação e formação dos membros da congregação. Escrevera, então, um manual com uma coleção de orações e práticas para servir ao culto da Virgem Maria, com citações bíblicas aplicadas à Maria. Ilustrado com a explicação sobre a maternidade espiritual de Maria, Chaminade partira da Encarnação:

Jesus queria que recebêssemos por meio dela a vida do Espírito, assim como Ele recebeu por meio dela a vida do corpo, e que dependêssemos dela para a conservação e crescimento de nossa vida espiritual, como Ele havia dependido dela para a conservação e crescimento de sua vida corporal: Feliz dependência!²²⁶

Essa nossa dependência de Maria tem uma função ativa e dinâmica na formação e crescimento na vida de fé: “Se queremos ser cristãos, devemos ser marianos”,²²⁷ ou seja, devemos reconhecer a relação essencial e vital, providencial que une Maria com Jesus e que nos abre o caminho que conduz a Ele.

²²⁵ CHAMINADE, G. J., Cartas IV, p. 513. Carta 1076 de 16 de setembro de 1838, ao Papa Gregório XVI. Breve explicação da proposta das fundações religiosas do Pe. Chaminade. (T.A)

²²⁶ CHAMINADE, G. J., Escritos Marianos, I, n. 88, p. 176. (T.A)

²²⁷ PAULO VI, PP. Homilia em 24 de abril de 1970 em peregrinação ao Santuário de Nossa Senhora de Bonária em Cagliari.

A maternidade espiritual de Maria ocupa um lugar central na mariologia do Pe. Chaminade. Para ele, *a priori*, Maria devia ser nossa mãe com toda verdade, como consequência de nossa união com seu Filho, no corpo místico de Cristo. Graças a essa união, formamos mais que um só Cristo com Ele, de maneira que os membros e a cabeça formam mais que um só corpo humano: “A Mãe do Cristo (que é nossa cabeça), tem que ser, ela, a mãe de todos os membros de Cristo. Ela será a mãe do Cristo total.”²²⁸

Não se conhece o mistério de Cristo se não se enxerga n’Ele Maria, em toda a economia da religião. Jesus Cristo colocou tudo na religião de maneira que a Santíssima Virgem de tudo participe, e em tudo coopere.²²⁹

Em 1808, Pe. Chaminade conhece Adela de Trenquelléon (1789-1828), jovem da nobreza francesa, coordenadora de uma associação juvenil que vivia uma experiência semelhante à das congregações marianas dirigidas por ele. Junta-se, então, essa jovem a ele numa missão comum. As jovens, orientadas por Adela, se associam às congregações marianas e, juntos, Pe. Chaminade e Adela fundam, em 1816, a Congregação das Filhas de Maria Imaculada, as marianistas, na cidade de Agen, França. Um sonho antigo, alimentado por Adela.

Um ano depois, em 1817, nasce a Companhia de Maria, os marianistas (segmento masculino), na cidade de Bordeaux, França. Assim, Pe. Chaminade vê tornarem-se realidade as intuições que teve aos pés da Virgem do Pilar: dois institutos religiosos consagrados a Deus, a serviço de Maria.

Pe. Chaminade escreve à Adela, em 1814, tratando do projeto de vida religiosa que vai se consolidar em 1816, com a fundação da Congregação das Filhas de Maria Imaculada:

As religiosas chamadas Filhas de Maria, não são senão congregantes chamadas a cumprir de um modo especial e mais perfeito os três grandes deveres da devoção à Santíssima Virgem e sobretudo o último, pela imitação atual das virtudes de Maria. O Amor de Jesus Cristo, Filho de Deus e Filho de Maria, inspira essa ardente caridade pela salvação das almas, que é o objeto de todas as suas ocupações. A virtude do zelo por Maria e a confiança em sua poderosa proteção sustentam contra todas as dificuldades que possam experimentar no exercício de sua vocação. Podem fazer votos perpétuos; porém, depois de haver passado cinco anos no Instituto: dois de noviciado e os votos trienais, que se renovarão todos os anos na Festa da Imaculada Conceição da Santíssima Virgem.²³⁰

²²⁸ NEUBERT, E., *Nuestra piedad Filial Mariana*, p. 23. (T.A)

²²⁹ CHAMINADE, G. J., *Escritos de Fundación I*, n. 118, p. 160. (T.A)

²³⁰ CHAMINADE, G. J., *Cartas I*, p. 158-159, de 01 de dezembro de 1814. Carta 53 à senhorita Adela de Trenquelléon, castelo de Trenquelléon (T.A)

Novamente, podemos observar o caráter cristocêntrico e mariano que está na base do estado religioso como concebeu Pe. Chaminade, expresso por uma fórmula contida na Consagração a Maria: o amor a Jesus Cristo, Filho de Deus e Filho de Maria, que irá se constituir numa característica do Pe. Chaminade para a família marianista. Tal era a motivação da Consagração à Maria, que apresentava a proposta para um dinamismo de vida tanto interior, como, também, exterior, na forma do “apostolado vivido por todo marianista, que tem como centro a figura de Jesus como o Cristo, e além disso, na interessante união das duas naturezas de Cristo, na dupla filiação: de Deus e de Maria.”²³¹

Pe. Chaminade, ao estudar a história da Igreja e ao meditar a maternidade divina de Maria, teve o vivo pressentimento do papel apostólico que a Virgem estava chamada a desempenhar nos tempos modernos. Por isso, religiosos e religiosas vivem uma aliança com Maria, na qual todos são chamados à missão primeira de deixar-se formar por Maria, à semelhança de Jesus – o que se traduz em uma aliança com Maria, impulsionando-os para a missão de evangelizar.

Pe. Chaminade seguiu seu legado de fundador até sua morte, como mestre espiritual, acompanhando e orientando os membros de suas fundações, deixando em seus escritos: a devoção a Maria – o viver uma perfeita devoção para chegar à conformidade com Cristo; os métodos de oração; e o *sistema de virtudes*, que vem a ser um caminho de formação na fé, com uma pedagogia para acompanhar e orientar o processo humano e espiritual.

Algumas características de Pe. Chaminade merecem aqui, destaque: atitude de constante abertura ao Espírito e de acolhimento dos sinais que lhe manifestavam a vontade de Deus; o estar conectado com a realidade: “vinho novo em odres novos”, ou seja, realidade nova, novos desafios a serem enfrentados com criatividade; um amigo de Deus e pai da fé; um guia espiritual; um fiel filho da Igreja; um amante dos jovens; um devoto de Maria, com uma devoção manifestada na dedicação e no compromisso; devoção em Maria no centro dos mistérios da Salvação, por estar ao lado de seu Filho. Ela não é o centro, mas uma figura central por ter gerado o centro da fé cristã, Jesus Cristo. Por isso:

Maria é uma escola de fé destinada a nos conduzir e fortalecer no caminho que conduz ao encontro com o Criador do Céu e da Terra. (...) Permaneçam na escola de

²³¹ CARDENAS, E., Itinerario Mariano de Guillermo Jose Chaminade, Misionero de Maria, p.183. (T.A)

Maria. Inspirem-se em seus ensinamentos. Procurem acolher e guardar dentro do coração as luzes que ela, por mandato divino, envia a vocês do alto.²³²

Nos últimos dez anos de sua vida, Pe. Chaminade enfrentou uma série de situações de injustiça, acusações e mal-entendidos apresentados contra ele, até o extremo de se ver forçado a apresentar sua demissão do cargo de Superior Geral da Companhia de Maria. Esse doloroso crisol de uma longa purificação, vivera com grande serenidade e uma fé inquebrantável.

Pe. Chaminade morreu aos 89 anos de idade, em 22 de janeiro de 1850, ao cabo de uma longa missão à frente da família marianista, que tanto amou e em que tanto se empenhou para fazer crescer. Essa família é chamada a viver o mesmo espírito que o animou em sua vida missionária apostólica, a viver esse mesmo dinamismo diante dos desafios atuais. Foi beatificado em 3 de setembro de 2000, pelo Papa São João Paulo II, e em março desse mesmo ano, as Comunidades Leigas Marianistas – as antigas congregações marianas –, foram oficialmente reconhecidas pela Santa Sé.

3.1.4

Aliança com Maria, vivida pela família marianista

A Família Marianista é constituída por homens e mulheres chamados a seguir Jesus Cristo, Filho de Deus, feito Filho de Maria, para a salvação da Humanidade. São comunidades de vida e missão que vivem em aliança com Maria, em espírito de família, com sentido eclesial. Todos são missionários e têm como proposta trabalhar pela vida, justiça e fraternidade. O essencial é o interior: e o interior é o espírito de Maria. Chamados a ajudar a multiplicar os cristãos por todo o mundo, em diferentes formas de apostolado, educação, saúde, formação integral, acompanhamento de comunidades, retiros de espiritualidade.

Pe. Chaminade, assim escreveu à Adela, em 8 de outubro de 1814, referindo-se ao projeto missionário que teve seu início com os grupos de congregantes leigos, no final do ano de 1800:

Vou dizer-te por inteiro o meu segredo: poderia um pai colocar limites à sua confiança, quando trata com uma filha que se abandona sem reservas à sua direção? Faz catorze anos que voltei à França, na qualidade de Missionário Apostólico para toda a nossa pobre pátria. Porém sempre me submeti à autoridade ordinária dos

²³² DAp 270.

lugares. Não acredite que pudesse desempenhar melhor essas funções senão estabelecendo uma congregação, como a que agora existe. Cada congregante, de qualquer sexo, de qualquer idade, de qualquer estado que seja, deva chegar a ser um membro ativo na missão. Vários congregantes de cada corpo da congregação constituirão uma pequena comunidade religiosa, espalhada pelo mundo. Nessa comunidade sempre haveria os responsáveis, de ambos os sexos, para dirigir a congregação. Vários desses religiosos quiseram viver juntos: não há mais que vantagem para o nosso fim. Atualmente, vários quiseram viver em comunidade regular, abandonando todo assunto temporal: há que seguir esta inspiração: porém deve se ter o devido cuidado para que não viciem a obra da congregação, senão que esteja a seu serviço. Vários congregantes ingressaram em diferentes comunidades religiosas. Isto vimos com agrado. Quando algum dos responsáveis me disse com certo pesar, desta decisão, contestei para consolar: “temos que julgar quem perde e quem ganha”. Porém, agora se trata de algo muito distinto: se trata de religiosas congregantes, ou melhor, de congregantes que, permanecendo sempre congregantes ativas, querem viver regularmente como religiosas.²³³

Pe. Chaminade desenvolvera todo um ensinamento sobre os momentos privilegiados da nova e eterna aliança, instaurada definitivamente pela Encarnação de Jesus Cristo, selada por seu sangue, sua morte de cruz e renovada a cada dia na celebração da Eucaristia como memorial dessa aliança. Assim, ao tratar da consagração a Maria como uma aliança, diz:

Uma consagração sincera ao culto da Santíssima Virgem, cria entre a pessoa que se consagra e a Virgem Imaculada, que recebe a consagração, uma aliança verdadeira. Por uma parte a augusta Maria recebe sob sua poderosa proteção a alma fiel que se joga nos braços de sua ternura maternal e ela o adota como seu filho. Por outro lado, o novo filho de Maria contrai com sua augusta mãe as obrigações mais dóceis e mais amáveis.²³⁴

As raízes bíblicas – tal como Pe. Chaminade as mencionou – permitiram elaborar uma doutrina sobre a aliança, na qual a aliança com Maria não é mais que uma aplicação: a maneira de explicitar e viver o fato de que em Cristo Jesus nos tornamos filhos e filhas de Deus. Assim sendo, conseqüentemente fazemo-nos, também, filhos e filhas de Maria.

Pe. Chaminade propusera, então, selar e viver esta relação filial como Aliança com Deus, dizendo-nos, também, no mesmo sentido, na relação com Maria: Aliança com Maria. “O Instituto de Maria é um verdadeiro estado religioso. Nele se acrescenta a aliança íntima com Deus, a aliança íntima com Maria.”²³⁵

²³³ CHAMINADE, G. J., Fundador da Família Marianista. Cartas I, 1784-1825, p. 157-168. (T.A)

²³⁴ CHAMINADE, G. J., Escritos Marianos II, n. 395, p. 132. (T.A)

²³⁵ CHAMINADE, G. J., Escritos Marianos I, n. 8º. p. 135. (T.A)

A relação típica de Deus com os homens e dos homens com Deus é apresentada em toda a Bíblia como uma aliança, na qual Deus toma sempre a iniciativa. O arco-íris após o dilúvio é o primeiro sinal da aliança de Deus com os homens (Gn 9, 13). Deus faz aliança com Abraão e com Moisés, e o texto do livro do Deuteronômio, traduzindo esse conteúdo, era tomado regularmente pelo Pe. Chaminade para abordar e introduzir a aliança com Maria. Nestes termos, para o Pe. Chaminade, a aliança com Maria se fundamenta naquela do povo da Bíblia. (Dt 26, 17-18)

Pe. Chaminade, apresenta dois momentos da aliança com Maria: o primeiro é a Aliança na Encarnação, e, o segundo, a Aliança no Calvário. Na Aliança da Encarnação, a Encarnação do Verbo de Deus, que se fez carne no ventre de Maria, é a aliança primordial que fundamenta o Novo Testamento (Hb 9). Na aliança tudo é dom de Deus em seu Filho, um dom de amor, acolhido com alegria pelos seus, a exemplo e em continuidade com Maria.

Podemos considerar a Encarnação como aliança em duplo ponto de vista: em Jesus Cristo, em Sua pessoa em quem são aliadas duas naturezas, a divina e a humana. Conclui-se, assim, na Sua pessoa divina a aliança original do Criador com a criação da Humanidade. Jesus Cristo se fez Filho de Adão, para fazer-se Filho de Deus, Seu Pai. “É um duplo liame, pelo qual Jesus se une a nós.”²³⁶. Em alinhavo: “Desde a nova aliança concluída entre o Céu e a Terra e selada com o sangue de Cristo, Deus Pai não reconhece mais que a seu Filho, não ama mais que a seu Filho, nem adota mais que em Seu Filho, nosso irmão mais velho”.²³⁷

Também nosso nascimento cristão tem raízes nessa aliança fundamental da Encarnação que nos dá Jesus; nascimento realizado concretamente pelo batismo e pela fé em cada cristão. “O batismo e a fé inauguram em nós a vida de Jesus Cristo, e por Ele somos concebidos por obra do Espírito Santo. Porém devemos, como o Salvador, nascer da Virgem Maria.”²³⁸ Nós somos homens, porque o que nasceu da carne é carne, porém, estamos, de certo modo, divinizados, porque o que nasceu do Espírito é Espírito (Jo 3, 6):

Pelo batismo nos tornamos participantes da natureza divina.”²³⁹ Assim, todos nós, pelo batismo somos chamados filhos e filhas de Deus; filhos e filhas do mesmo Pai,

²³⁶ CHAMINADE, G. J., Escritos Marianos I, n. 82, p. 174. (T.A)

²³⁷ CHAMINADE, G. J., Escritos Marianos II, n.732, p. 250. (T.A)

²³⁸ CHAMINADE, G. J., Escritos Marianos II, n. 657, p. 225. (T.A)

²³⁹ CHAMINADE, G. J., Escritos Marianos II, n.689, p. 236. (T.A)

e Pai de Jesus. Pe. Chaminade acrescenta ainda: e filhos e filhas da mesma mãe, a mãe de Jesus, que é nossa mãe desde a Encarnação. “Maria é nossa mãe, não só porque nos adotou ao pé da cruz, se não também pela profusão de graças, pois ao mesmo tempo em que recebe em seu seio Jesus Cristo, com uma vida divina e humana, assim também recebe uma vida de influência para seus membros místicos.”²⁴⁰

“Pela Encarnação Maria se faz realmente, e com propriedade, mãe de Deus. Pois a esse Deus, Homem, estamos unidos pela aliança que contraiu conosco ao revestir-se de nossa carne.”²⁴¹ “Ao conceber naturalmente o Salvador, em seu seio virginal, concebeu espiritualmente em sua alma por seu amor e por sua fé, os cristãos membros da Igreja – e, por consequência, membros de Jesus Cristo –.”²⁴²

A novidade que convém assinalar é que se trata da primeira vez em que Deus faz aliança com uma mulher. Segundo a Sagrada Escritura, Maria, pelo seu “sim”, aceitou ser a mãe de Jesus e de toda a Humanidade. Ela é, desde a Encarnação, a mulher-Igreja, Maria-Igreja, conforme descreve mais amplamente o capítulo 12 do Livro do Apocalipse de São João, em que se descobrem as gerações cristãs, chamando Maria “a Eva da Nova Aliança”.

Ao apresentar Maria como essa “verdadeira esposa de Jesus Cristo, que é a Igreja,”²⁴³ Pe. Chaminade expõe a doutrina mais pura e tradicional. Designa Maria simplesmente como a “Mulher por excelência”. Referindo-se ao texto do Livro do Gênesis 3, 15-20, destaca como Maria, graças à Aliança da Encarnação, é a que representa toda a Humanidade. Não é outra aliança que a descendência da mulher, chamada, desde as origens, “a mãe dos viventes”, título que Maria realiza melhor que Eva: por ser a mãe do Salvador, de quem recebemos a verdadeira vida.²⁴⁴ E, sublinhando o papel de Maria como interlocutora válida de Deus – e associada a Jesus em toda sua história – , Chaminade a apresenta como tipo e modelo da Igreja, A mulher prometida e, ao mesmo tempo, redentora.²⁴⁵

Fazer aliança com Maria significa, pois, reconhecer simplesmente esta situação da mulher, chamada Maria, e querer explicitar os laços que já nos unem a ela e que nos permitem, como membros mais conscientes da Igreja, unidos à Maria-

²⁴⁰ CHAMINADE, G. J., Escritos Marianos I, n. 118, p. 186. (T.A)

²⁴¹ CHAMINADE, G. J., Escritos Marianos I, n.351, p. 270. (T.A)

²⁴² CHAMINADE, G. J., Escritos Marianos II, p. 163. (T.A)

²⁴³ Encontramos as referências nos EM. I, n. 214. p. 218.

²⁴⁴ Encontramos as referências nos EM. I n. 90, p.177 e EM. II n. 470, p. 159.

²⁴⁵ AMBRUSTER, J. B., Connaître, Aimer, Servir Marie, p. 130-136. (T.A)

Igreja, participar – com o que nos cabe –, de sua missão tão cheia de esperança. Outra consequência dessa aliança primordial da Encarnação: Maria é admitida de maneira única, como mãe do Filho, e, no sublime mistério de Deus, participa de uma íntima aliança com as pessoas da Santíssima Trindade.²⁴⁶

Acrescenta ainda Pe. Chaminade, que Maria, na Anunciação, não é uma pessoa passiva, senão que ela entra livremente nessa aliança. Se a proposta vem de Deus, ela a aceita conscientemente e com todo o seu ser de Virgem Imaculada.

O que não cesso de admirar desde há muito tempo – e me parece que desde tão pouco tempo –, é que Maria no Mistério da Encarnação foi associada à fecundidade do Pai por sua fé, animada de uma caridade inconcebível e engendrou a humanidade da qual se revestiu seu adorável Filho.²⁴⁷

Depois de tratar da Aliança da Encarnação, Pe. Chaminade apresenta a Aliança do Calvário, dizendo que é a segunda circunstância em que Maria nos dá a luz pela graça: “é quando, no alto do Calvário, com o coração despedaçado pela dor, oferece Seu Filho único ao Pai Eterno, em holocausto pelos nossos pecados.”²⁴⁸ Sobre a cruz, ratificou-se a nova aliança que Deus quis fazer com os homens. Com o sangue do Mediador se firmou nossa paz e nossa reconciliação. O Filho derramou Seu sangue para a remissão dos pecados (Mt 26, 28). Os homens podem, daqui por diante, com toda a verdade, chegar a ser filhos de Deus no único Filho, Jesus Cristo.²⁴⁹

Aos pés da cruz, Maria entrega seu Filho, seu único Filho, em um imenso impulso de amor, que se une com o do Pai, para associar-se com Ele. Por esta oferenda maternal, em nome de toda a Humanidade, a Igreja a faz sua. Continua-a e a atualiza em cada celebração eucarística, renovando a nova e eterna Aliança. O vínculo entre Maria no Calvário e a Igreja na celebração da Eucaristia se torna, assim, evidente. Podemos afirmar que as palavras de Jesus à Sua mãe e ao discípulo amado são também palavras de aliança, de um compromisso da Humanidade de levar, a cada dia, a vida em conformação com Jesus Cristo, o Filho de Maria:

Daria seu Filho por nós, se não nos amasse como seus filhos? Devemos ter uma santa semelhança com Cristo para devolvê-lo a Maria em nossa pessoa. Façamos viver em nossas almas esse Filho que agora ela perde por nosso amor. Porém Deus O devolveu

²⁴⁶ CHAMINADE, G. J., Escritos Marianos I, n.287. p. 243. (T.A)

²⁴⁷ CHAMINADE, G. J., Escritos Marianos II, n.116, p. 58. (T.A)

²⁴⁸ CHAMINADE, G. J., Escritos Dirección, n. 342, p. 150. (T.A)

²⁴⁹ AMBRUSTER, J. B., Connaître, Aimer, Servir Marie, p 137-140. (T.A)

glorioso, ressuscitado, imortal... Ainda O possui na glória, não deixa de buscá-Lo em cada um de nós.²⁵⁰

Cada pessoa é chamada a inventar sua resposta diante do gesto de amor que Deus tem para com cada um. Pois Ele tem sempre a iniciativa, já que nos amou por primeiro. Efetivamente, aquilo que subjaz a toda tentativa de aliança é a reciprocidade: o ir e voltar. Essa reciprocidade, que encerra a síntese do amor, que tem sua plenitude no “amai-vos uns aos outros”, “levai os fardos uns dos outros”, Pe. Chaminade a destaca também pelo amor que nos une a Maria. Não devemos ser apenas consumidores do amor maternal e da proteção que Maria nos concede, mas nos afigurarmos como filhos e filhas ativos, generosos, empreendedores. Maria, nossa mãe, espera de nós uma resposta, algum gesto, algum sinal de compromisso. Essa reciprocidade é explicada por Chaminade seu ensinamento sobre Maria, no qual insistira sobre a consagração, apresentada como um vínculo recíproco, uma forma de aliança.

Aprender a discernir na consagração esse duplo movimento de Maria até nós e de nós até ela, é saber compreender, no mais íntimo, o pensamento do Pe. Chaminade sobre o tema, em cujo entendimento, viver a consagração como uma aliança recíproca, não é outra coisa senão o prolongar em nossa vida o testamento de Jesus na cruz. O apostolado mariano é, portanto, fruto da aliança com Maria. “Escutaremos sempre a Santíssima Virgem que não cessa de nos recomendar que façamos tudo o que Jesus nos disser.”²⁵¹ Fazer o que Ele nos disser significa: “fazer qualquer coisa que Ele nos mande, mesmo que a razão disso seja estranha. É como se Maria nos dissesse: Tende fé n’Ele”²⁵²:

Estas são também as palavras que dirige a Virgem para nós, seus filhos: “o que meu Filho lhes diga.” Porém como nos falará Jesus Cristo? Pela fé: escutemos o que nos diz a fé, recorramos a fé e ponhamos em prática o que ela nos ensina: assim estaremos fazendo o que Jesus nos disser.²⁵³

Chaminade seguiu seu lema e carisma de fundador da família marianista, com um importante fundamento mariano: a maternidade espiritual de Maria. E tudo o que decorre disso: a consagração a Maria, a aliança com ela para a missão, e seu

²⁵⁰ CHAMINADE, G. J., Escritos Marianos I, n. 84 p. 175. (T.A)

²⁵¹ CHAMINADE, G. J., Escritos Marianos II, n. 653, p.225. (T.A)

²⁵² CHAMINADE, G. J., Escritos Marianos II, n. 833, p.281. (T.A)

²⁵³ CHAMINADE, G. J., Escritos Marianos II, n. 834, p.281. (T.A)

seguimento como a imitação das suas virtudes para chegar a conformidade com Cristo. O que nos propõe acerca de Maria é o mesmo que ele viveu primeiro em sua tarefa de Missionário Apostólico de Maria. Acompanhou o desenvolvimento de cada membro e comunidade como guia espiritual, cuidando tanto da dimensão espiritual como da material, promovendo o protagonismo da pessoa, tanto dos religiosos e religiosas, como dos membros das congregações marianas. Em suas meditações sobre a Virgem Maria, Pe. Chaminade apresenta-nos duas considerações: primeiro, que Maria viveu da fé como nenhuma outra pessoa; segundo, na vida de fé da Igreja, Maria tem uma missão própria, por isso ao fazer uma aliança com Maria, na consagração nos associamos a seu apostolado pela extensão e fortalecimento da fé no mundo, como ela e com ela.

Sigamos com a dimensão mariana de Chaminade, com alguns dados históricos e teológicos significativos no estudo da devoção mariana, bem como no desenvolvimento dessa teologia.

3.2 A dimensão mariana na vida do Pe. Chaminade

Neste tópico, trataremos da espiritualidade mariana e seu desenvolvimento no decorrer da história, considerando, também, o momento vivido pelo Pe. Chaminade.²⁵⁴ Incluem-se, aqui, autores cujos escritos influenciaram sua experiência mariana.

A história da espiritualidade mariana pode nos ajudar a compreender mais profundamente o pensamento teológico do Pe. Chaminade, pois fora a partir de sua experiência no Santuário da Virgem do Pilar, que o missionário desenvolveu uma nova forma de se viver a devoção à Maria e sua participação no mistério de Cristo e da Igreja. Para o Pe. Chaminade, a meditação dos mistérios de Maria fortalecem a fé em Jesus Cristo e cria na pessoa que medita um desejo de santidade.²⁵⁵ Meditação dos mistérios de Maria associados aos mistérios de Jesus Cristo, Filho de Deus e Filho de Maria.

²⁵⁴ SILVA, Z. M., A experiência de uma Mística Marial, foi tema da dissertação de mestrado em Ciência da Religião, com o tema: Mística Marial, uma releitura da Espiritualidade Mariana de Chaminade em tempos de secularização, p. 54-58.

²⁵⁵ CHAMINADE, G. J., Escritos Marianos I, p. 84 (T.A)

3.2.1

A espiritualidade mariana e a devoção a Maria

Iniciemos a história da espiritualidade mariana pelo período compreendido entre os séculos XVI e XVIII, no que diz respeito à piedade mariana. Destacam-se alguns pontos: a ratificação do culto a Maria pelo Concílio de Trento (1545-1563); o tratado completo sobre a Virgem Maria, escrito por Pedro Canisio, “a Incomparável Mãe de Deus”, e Berulle (+ 1628) oferecendo uma doutrina fortemente teocêntrica que exalta a dignidade da mãe de Deus e a obra do Espírito Santo.

A fundação do Seminário de São Sulpício para a formação sacerdotal com enfoque mariano teve também grande influência para uma devoção e estudo sobre Maria. Contudo, foi com a iniciativa de São Luís Maria Grignon de Monfort (+ 1716) – que escreveu “o verdadeiro tratado de uma devoção autêntica a Maria”, textos que só foram descobertos em 1842 e publicados em 1843 – que se colocou em destaque o papel de Maria na santificação dos fiéis e na edificação da Igreja. Em sua visão, reflexo de uma experiência ao mesmo tempo pessoal e apostólica, Maria está orientada, principalmente, à extensão do Reino de Deus. É o próprio cerne de sua mariologia: “Maria, mãe do Corpo Místico e, por conseguinte, mãe da Igreja.”²⁵⁶

Na Itália do século XVIII, o destaque é para Santo Afonso Maria de Ligório (1696-1787), fundador da Congregação do Santíssimo Redentor, e autor de um livro mariano adaptado à sua época, e considerado uma obra prima: “Glórias de Maria”, um tratado mariano na forma de um “comentário” sobre a oração da “Salve Rainha”, escrito ao longo de 15 anos. Nele, Santo Afonso se propõe a esclarecer certos pontos da devoção à Nossa Senhora, especialmente o recurso à sua intercessão. Maria é apresentada como alguém que vive presente em nossa vida e na de toda a Igreja - reflexões estas que se entrelaçam com as passagens da Sagrada Escritura e com os textos dos santos e teólogos.

A presença de Maria é mais do que nunca evidente nesse período, que vai do século XVIII ao XX, em meio às mudanças políticas, sociais e culturais provocadas pela Revolução Francesa, em 1789.

²⁵⁶ PEROAS, L., Vida e obra de São Luís Maria Grignon de Monfort, p. 70-74.

Mesmo diante das perseguições à Igreja, novas fundações religiosas marianas surgem (cerca de 700 congregações femininas – séculos XIX e XX). A referência mariana exprime uma espiritualidade e o lugar de Maria na busca da santidade – viver a vida de Maria, imitação e identificação, com J. C. Colin (+1875), fundador dos padres maristas –; e na ação apostólica concebida como aliança com Maria, para colaborar em sua missão, voto de consagração, com Pe. Guilherme José Chaminade (+ 1850), fundador da família marianista.

Ainda nesses dois séculos, o que nos impressiona são as célebres aparições, a multiplicação dos santuários e os centros de peregrinação surgidos depois dessas aparições, sendo as mais conhecidas: Nossa Senhora das Graças, ou manifestação da Medalha Milagrosa (1830), em Paris; La Salette (1846); Lourdes (1858); Pontmain (1871); em Fátima, Portugal (1917); Beauraing, na Bélgica, (1932); Banneux (1933); o santuário de Nossa Senhora das Lágrimas, de Siracusa (1953). Foram identificadas, até o momento, 232 aparições entre os anos de 1930 e 1975, segundo o trabalho de catalogação de Dom Billet.²⁵⁷

O Concílio Ecumênico Vaticano II (1962-1965) representou, para a devoção mariana, o advento de uma nova era, proclamando: a urgência da fé em Deus, em Cristo; a confiança na oração, na comunhão dos santos, em uma presença de amor de Maria em cada país, para a união na única família de Deus. Isto é o que a Igreja pede às nações e a cada pessoa humana.

O Papa São João XXIII (1881-1963) abriu solenemente o Concílio Vaticano II, em 11 de outubro de 1962, enquanto Paulo VI o concluiu na vigília da Imaculada Conceição, em 8 de dezembro de 1965. A Constituição Dogmática *Lumen Gentium*, no seu capítulo VIII, além de estimular o diálogo ecumênico, pôs em relevo os fundamentos bíblicos e tradicionais da doutrina mariana, levando em conta os estudos dos padres e teólogos.

A verdadeira devoção à Maria aparece como uma moção para a fé e o amor de Jesus. Na promulgação da *Lumen Gentium*, Paulo VI insistiu muito na importância dessa conclusão mariana, para a melhor compreensão da natureza e missão da Igreja, através de Maria.

Por seu turno, na exortação apostólica *Marialis Cultus* de 2 de fevereiro de 1974, o Papa Paulo VI remete-nos ao futuro da devoção mariana. Pela doutrina,

²⁵⁷ BOFF, C., *Mariologia Social*, p. 596-597.

devemos compreender o mistério de Maria à luz da cristologia, eclesiologia e pneumatologia.

Na *Marialis Cultus*, para o culto à Virgem Maria, vemos orientações sob quatro aspectos: o bíblico, o litúrgico, o ecumênico e o antropológico, para, assim, tornar mais vivo e mais sentido o vínculo que nos une à mãe de Cristo e mãe nossa, na comunhão dos santos.

Mais adiante, o Papa São João Paulo II (1978-2005) exortou-nos a considerar o fim do século XX como um período de preparação para o ano 2000. Dizia ele: “...preparar o mundo para o mistério do Natal, que celebra a contínua vinda de Cristo entre nós”. Maria é a mãe que viveu o advento decisivo, regulador de todos os adventos da história.

Na sua carta encíclica *Redemptoris Mater* – a Mãe do Redentor –, São João Paulo II, ainda na introdução, nos diz:

Confortada pela presença de Cristo (Mt 28, 20), a Igreja caminha no tempo, no sentido da consumação dos séculos e procede para o encontro com o Senhor que vem... Mas nessa caminhada – desejo realçá-lo – desde já a Igreja procede seguindo as pegadas do itinerário percorrido pela Virgem Maria, a qual avançou na peregrinação da fé, mantendo fielmente a união com seu Filho, até a cruz.

Em sua conclusão número 52, nos diz da “Encarnação de Cristo na história e da presença de Maria nesse mistério.”

A Igreja vê a bem-aventurada mãe de Deus no mistério salvífico de Cristo e no seu próprio mistério; vê-a radicada profundamente na história da humanidade, na eterna vocação do homem, segundo o desígnio providencial que Deus predispôs eternamente para ele; vê-a presente como mãe a participar dos múltiplos e complexos problemas que hoje acompanham a vida das pessoas individualmente, das famílias e das nações; vê-a como auxílio do povo cristão, na luta incessante entre o bem e o mal, para que não caia ou, se caiu, para que se erga.²⁵⁸

Podemos constatar, assim, que na história da espiritualidade mariana, houveram momentos importantes sob a reflexão teológica.

Nos aproximemos, agora, de um recorte específico. Entre os anos de 1854 e 1950, vemos um período maximalista de expansão da mariologia, com a definição (instituição) dos dogmas da Imaculada Conceição e da Assunção de Maria, e a ratificação das aparições de Lourdes e de Fátima. Porém, a manifestação dessa

²⁵⁸ RM 52.

espiritualidade mariana era originária de uma atitude anti-reforma, de especulações, uma mariologia de resultados.

Tivemos também um período minimalista de retração, provocada na época pré-conciliar, uma crise marial do setor da reflexão teológica da Igreja, que não atingiu a devoção popular. Entretanto, a crise foi sendo superada graças a uma verdadeira espiritualidade mariana, na qual Maria está inserida no mistério de Cristo e da Igreja e os dogmas marianos se articulam com a cristologia e a eclesiologia. Maria, a chave da compreensão de Cristo e da Igreja.

Como diz Paulo VI, o conhecimento da verdadeira doutrina católica sobre Maria constituirá sempre uma chave para a exata compreensão do mistério de Cristo e da Igreja: “Maria, entrando intimamente na história da Salvação, concentra em si e, de certo modo reflete, as supremas normas da fé. Quando proclamada e cultuada, leva os fiéis a seu Filho, ao sacrifício do Filho e ao amor do Pai”.²⁵⁹

Articulando tais construções ao anteriormente exposto, que novidade sobre a espiritualidade mariana nos é apresentada pelo Pe. Chaminade em seu momento histórico? Chaminade preocupava-se e conferia atenção ao seu contexto histórico, aos seus desafios na busca de novos caminhos para a sociedade e para a Igreja, e, ao mesmo tempo, era sensível à realidade humana do cristão, posto que fala do coração, dos sentimentos, propondo um jeito novo de ver Maria em sua condição humana, como mulher. Em sua espiritualidade, ele exorta a nós, cristãos, a imitar e reproduzir as virtudes de Maria, condição para chegarmos à conformidade com Cristo.

A espiritualidade mariana do Pe. Chaminade mostra seu cristocentrismo ao destacar a expressão Maria, de quem *natus est Jesus*: Maria, da qual nasceu Jesus, que é chamado Cristo (Mt 1, 16). Pe. Chaminade descobre a dupla consequência dessa realidade para o culto mariano. Ele diz que essa regra da devoção a Maria, mãe de Jesus, nos salva dos perigos e riscos extremos do culto mariano.

Essas duas atitudes de perigo e risco são: primeiro, a de fecharmo-nos ao culto em limites muito estreitos, destruindo, assim, o sólido fundamento de nossa confiança e privando-nos de um dos meios mais poderosos de nossa salvação; e, segundo, é a de darmos uma importância excessiva a algumas práticas exteriores, estando mais atentos em honrar suas virtudes do que as imitar.²⁶⁰

²⁵⁹ LG 65.

²⁶⁰ CHAMINADE, G. J., *Escritos de Fundación I*, p. 160.

E segue sua reflexão, dizendo que o culto à Maria é inferior ao que termina em Deus, sendo Deus o principal objeto de culto. E diz ainda que não é o culto que condena, mas seu excesso, e um zelo excessivo sem regras. Para ele, à Maria se deve um culto especial tão somente por ter gerado Jesus, Filho de Deus. Fora isso, são excessos.

Por outra parte, que Maria é Mãe de Deus, escolhida entre seus servidores; que Jesus veio a nós por Maria. A que conclusão chegar? Que o culto a Maria é superior e se distingue do culto aos Anjos e aos santos. Porém se diz: Não é o culto o que condena, são os excessos de um zelo excessivo e sem regra. As más intenções dos inimigos de Maria, artifício e maldade. Se recriminaram certas práticas, para ter o direito de abolir todas.²⁶¹

Pe. Chaminade apresentara consciência do cuidado devido acerca da devoção e do culto à Maria, ressaltando a importância da imitação das virtudes de Maria, não apenas a vivência de práticas exteriores e sentimentalistas:

O cuidado de nossa veneração será, primeiro, procurar não limitar o culto a Maria, evitando, assim, destruir o sólido fundamento de nossa confiança – e precioso meio de nossa salvação –; e, em segundo lugar, procurar evitar o excesso das práticas exteriores, mais atentos em honrar suas virtudes do que as imitar, servindo-se apenas de um sentimentalismo piedoso e justificando as desordens interiores.²⁶²

Em seu itinerário espiritual, Pe. Chaminade nutria uma intensa experiência de filiação, daí a ênfase na piedade filial. Será sua característica “chamar a todos de filhos de Maria”. Ser filho de Maria será o deixar-se formar por ela à semelhança de seu filho Jesus Cristo. Assim, para Ele todos somos filhos de Maria e todos temos alguns direitos e, ao mesmo tempo, deveres de um filho para com a Mãe. A devoção, portanto, implica uma ação. Esta é a originalidade da concepção da devoção à Maria. “Nossa piedade é uma piedade filial apostólica”.²⁶³ É a imitação de Jesus Cristo e a missão de estar a serviço dos demais – ponto onde se apresenta o caráter cristocêntrico e apostólico da devoção a Maria:

Entre os católicos a devoção a Maria é uma virtude que desde o primeiro momento agrada a todos. Mas nossa devoção a Ela tem um caráter singular: não é simplesmente a atitude do fiel que honra e ama a Mãe de Deus e recorre a Ela. Desde este ponto de vista apenas se diferenciaria da devoção aos Santos senão por um fervor maior. É algo completamente à parte: é a reprodução da piedade filial de Jesus

²⁶¹ CHAMINADE, G. J., Escritos Marianos I, n.36, p. 158. (T.A)

²⁶² CHAMINADE, G. J., Escritos Marianos I, n. 31, p. 157. (T.A)

²⁶³ NEUBERT, E., Nuestra Piedad Filial Mariana, p. 299. (T.A)

para com sua Mãe. Dessa piedade filial que depois da piedade filial para com Seu Pai, é a mais fundamental de suas disposições. E esta reprodução não é uma simples imitação dos traços exteriores, como é o modelo ordinário; é inclusive uma participação, uma extensão, um prolongamento da piedade filial de Jesus para com Maria. É Jesus que por nós continua honrando, amando a Maria.²⁶⁴

Pe. Chaminade destaca, ainda, que nesta relação filial, é importante o conhecimento de Maria. Por isso menciona a importância da instrução acerca da Santíssima Virgem. A mulher forte na fé, podendo ser um espelho, um modelo nesse caminho de fé, pois carregou em seu ventre o mistério de um Deus que se tornou Filho e necessitou de sua ajuda em sua educação, precisou dos cuidados de uma mãe para crescer até chegar à morte, por Sua entrega na cruz.

Maria é esta mulher: a virgem que é mãe e esposa que vive uma relação de amor e intimidade com seu Filho Jesus e com Deus Pai e Criador - a devoção, como concebida pelo Pe. Chaminade, de uma relação filial: o fiel é chamado a entrar nesse mistério de um Deus que se faz “um” conosco no ventre de Maria, pela grande fé dessa mulher. Portanto, podemos dizer que, em sua perspectiva, a verdadeira devoção se trata de colocar-se diante de Maria para que ela, como mãe do Filho, conduza o devoto a uma experiência profunda de Deus, sendo ela um espelho que reflete um caminhar na fé, uma mística marial. Experiência de fé proporcionada por uma aproximação junto à Maria, a mãe do Filho de Deus Encarnado.

Se no mistério da Encarnação Maria é receptiva e dá seu “sim” incondicional ao Amor gerador de vida, a Mãe é a que comunica o mistério da Encarnação, vivendo uma intimidade com Deus e com cada fiel que se aproxima dela e que, com ela, vivencia uma relação filial.

Essa maternidade divina constitui, para Maria, sua missão essencial na história da Salvação: ser a Mãe do Filho de Deus Encarnado. Pe. Chaminade destaca, então, a qualidade da Mãe de Deus e sua capacidade de comunicação com Deus e com cada fiel:

Maria é o firme apoio de nossa esperança, depois de Jesus, porque sua qualidade de Mãe de Deus lhe dá uma grandeza que a aproxima de Deus e a faz capaz de tirar dos tesouros de Deus, por sua qualidade de mãe, tem uma bondade e um afeto tal que a coloca a nosso alcance. Comunica, pois, com Deus e conosco.²⁶⁵

²⁶⁴ NEUBERT, E., Nuestra Piedad Filial Mariana, p. 105. (T.A)

²⁶⁵ CHAMINADE, G. J., Escritos Marianos I, n.93, p. 178. (T.A)

Vemos que Maria está associada ao Filho e, como mãe, aproxima-nos de Deus, ajudando-nos a seguir com confiança e esperança frente a tantos desafios do nosso cotidiano. Sigamos com a experiência mariana do Pe. Chaminade.

3.2.2

A experiência mariana do Pe. Chaminade

Conforme vimos anteriormente, Pe. Chaminade vivera uma experiência profunda de Deus no exílio em Zaragoza. A partir dessa experiência, ele irá transmitir, em seus escritos, um novo dinamismo missionário, numa sociedade marcada pela secularização e indiferença religiosa.

Como apóstolo dos leigos, usando de sua experiência galgando uma nova evangelização na França naquela conjuntura, Chaminade inicia um trabalho aberto à participação de todos: sacerdotes, seculares, homens, mulheres, jovens, guiados segundo um firme propósito: o de viver como os primeiros cristãos, agregados em comunidades. E esses agregados deveriam cultivar um caráter mariano, um espírito comunitário, bem como o dinamismo missionário. Uma comunidade formadora na fé e comunidade apostólica fecunda.

Pe. Chaminade foi um homem de seu tempo e aberto aos novos tempos. *Nova bella elegit Dominus*.²⁶⁶ “situações novas exigem táticas e métodos novos.” para descobrir que Deus inspira nova forma de evangelizar. O Senhor escolheu novas batalhas e uma nova maneira de fazer a guerra, porque colocou no comando do exército uma mulher (Débora) e tomou como soldados homens desarmados.

Assumindo com fé e criatividade os desafios e riscos circundantes, percebemos seu dinamismo e entusiasmo pela vida, marcada por uma vivência de filiação com Maria. É dessa experiência, tendo Maria como caminho de fé e dinamismo evangelizador, que surgirá um método, uma pedagogia responsável por promover a pessoa nas dimensões física, intelectual e espiritual, integrando corpo, mente e espírito. O vinho novo do contexto pós-Revolução Francesa, em pleno processo de secularização, exigiu do Pe. Chaminade um novo olhar para essa

²⁶⁶ Pe. Chaminade tinha como sua citação bíblica favorita: *Nova bella elegit Dominus* (Juízes 5, 8, citadas em Escritos y Palabras III, 2014, p. 501) que foi traduzida como “O Senhor escolheu uma nova forma de lutar; ainda que exista uma tradução que foi não exata, o Pe. Chaminade a utilizou

realidade. Desse novo olhar, podemos dizer que surgem os novos odres, um novo jeito de se viver seu apostolado com uma pedagogia e métodos novos, em que a pessoa é protagonista na sua busca por uma experiência de fé. Nesse caminho que percorre, a partir do seu mais íntimo, de encontro ao mistério de um Deus que se faz “um” conosco.

Para Pe. Chaminade, a pessoa que se engaja em uma espiritualidade atravessa diferentes etapas, que, gradualmente, levam à perfeição, sendo estas as vias: purgativa, iluminativa e unitiva, comuns às espiritualidades clássicas.

Avançando em seus estudos, escrevera um pequeno tratado, no qual propôs três degraus sucessivos que conduziriam a uma experiência interior, sendo eles: as virtudes de preparação, de purificação e de consumação. A pessoa poderia, segundo esse modelo, trilhar um caminho para o autoconhecimento, para o amor e para o serviço, através do exercício do *sistema de virtudes*. De uma forma cíclica e gradativa, o caminho parece ter um dinamismo de circularidade. Na vida tudo está interligado e misturado. Podemos viver, assim, um processo de crescimento humano e espiritual no contexto em que estamos inseridos. Para isso é importante a sensibilidade, o cuidado com a vida e o desejo de crescer em humanidade, na graça de Deus que já está em cada pessoa criada à imagem e semelhança d’Ele.

Esse novo jeito de formar e acompanhar as pessoas em seu processo humano e espiritual tem um novo sabor quando favorece o crescimento humano diante dos desafios que se apresentam à realidade daquele momento. Métodos novos que podem potencializar a criatividade e a sensibilidade para as necessidades existentes.

Pe. Chaminade observara tais possibilidades como um caminho para o dinamismo da fé, um fortalecer na fé e na vivência de uma devoção à Maria. Mas não com atitudes exteriores, e sim com uma moção interior, com um espírito interior. A pessoa é, neste itinerário, convidada a viver um caminho iniciado pelo conhecimento pessoal de si mesmo, para chegar ao amor pelo serviço e pela missão perante aos demais, assumindo atitudes de respeito, acolhida e cuidado com a vida em todas as suas dimensões: da pessoa com relação a ela mesma, com os seus semelhantes e com a natureza.

Esses três degraus sucessivos propostos pelo Pe. Chaminade podem, por sua vez, serem associados a três imagens bíblicas que apresentam Maria: na Anunciação, aos Pés da Cruz e nas Bodas de Caná – imagens estas sob a dinâmica de três verbos que suscitam atitude: conhecer, amar e servir. O caminho perfeito

para um crescimento humano, na busca por uma experiência de fé, de encontro com o mistério humano e divino.

Com essa trilogia do conhecer, amar e servir a Maria, Pe. Chaminade pretende que o conhecimento da Mãe de Jesus – como pessoa viva e não simples objeto de estudo –, seja uma proposta de vida, que possa ser sustentada em sólidas verdades da fé, de forma que a relação do crente com Maria seja, claramente, conforme o Evangelho e os ensinamentos da Igreja.

Para ele é necessário conhecer Maria para imitar suas virtudes, e nesse processo, de um verdadeiro conhecimento de Maria, caminhar para um mais elevado conhecimento de Jesus. Pois, afinal, Maria é o modelo e a imagem mais perfeita de Jesus. Trata-se, ainda, de um processo teológico, de uma teologia mariana. Pretendia, com isso, que os cristãos, conhecendo Maria, pudessem amá-la e servi-la adequadamente:

Nosso Senhor Jesus Cristo, o verdadeiro modelo dos cristãos... A Santíssima Virgem é também nosso modelo, sem dúvida, por ser uma cópia muito exata e muito perfeita de Nosso Senhor Jesus Cristo, seu adorável Filho. O conhecimento de Nosso Senhor Jesus Cristo nos leva ao conhecimento da Santíssima Virgem, do mesmo modo que se pode dizer que o conhecimento da Santíssima Virgem nos leva a um conhecimento mais profundo de Nosso Senhor Jesus Cristo.²⁶⁷

Para Chaminade, o amor a Maria, tem sua origem na fé e esse conhecimento e amor se traduzem na missão apostólica, com e como Maria, a primeira discípula e seguidora de Jesus.

A partir deste percurso, apresentamos, a seguir, o *sistema de virtudes* como um caminho de crescimento humano e espiritual, que pode conduzir a uma mistagogia marial. Nessa proposta dos três degraus sucessivos do Pe. Chaminade, apresentamos como caminho de fé – que se orienta para uma experiência do Mistério de Deus em Cristo –, no mistério que representa cada pessoa, pelo exercício e vivência do sistema de virtudes.

Na Encarnação, Deus presente na história assume nossa humanidade, ensinando-nos a, novamente, viver um processo humanizador: primeiro, em cada pessoa e depois em sua relação com os outros: “O mistério da Encarnação, na verdade diz que, uma vez que tudo foi tocado por Deus desde dentro, então tudo

²⁶⁷ CHAMINADE, G. J., Escritos Marianos II n. 42, p. 25-26. (T.A)

tem valor positivo. Nada é menos digno, menos nobre, menos valioso porque está situado no meio do século”.²⁶⁸

Abaixo, seguem-se as chamadas *virtudes de preparação*: um convite a um caminhar para o autoconhecimento, sendo a pessoa protagonista de seu processo humano e espiritual.

3.2.3 Caminho para o autoconhecimento - virtudes de preparação

No mistério da Encarnação de Deus encontra-se o mistério de cada ser humano, sustentado por sua respectiva e irrepetível história pessoal, ao que o Pe. Chaminade, em sua formulação de um *sistema de virtudes*, convida-nos ao preparo e disposição necessários para vislumbrarmos um conhecimento acerca de nós mesmos. Na sustentação deste empreendimento, deste caminho rumo ao autoconhecimento, a imagem da Anunciação é evocada, marcada pelo protagonismo assumido por Maria em sua missão como Mãe do Filho de Deus Encarnado.

Nesse percurso, o indivíduo é instado a também assumir o protagonismo de sua própria história a partir de um *itinerário espiritual*, almejando mimetizar e reproduzir as virtudes marianas, tendo em mente a conformidade com Cristo.

Destaca-se, neste íterim, que o presente estudo assume como *virtude* a habilidade interior de atuar de maneira reta ou de se fazer aquilo social e culturalmente considerado bom, perspectivas centrais quando há uma busca pelo contínuo crescimento em conformidade com os ensinamentos de Jesus de Nazaré.

A partir do exposto e alicerçados no que fora apresentado pelo Pe. Chaminade, a chamada *virtude de preparação* seria composta por quatro virtudes basilares: o silêncio, o recolhimento, a obediência e o suportar as mortificações.

A primeira virtude, o silêncio, pode ser elaborada tanto em sua forma exterior, verificada no comedimento das palavras e dos sinais, quanto no silêncio interior, pertinente à consciência humana, à imaginação e às paixões. Assim, em uma personalidade formada à semelhança de Jesus, haveria a possibilidade de domínio dos chamados *cinco silêncios*: o das palavras, o dos sinais, o da mente, o da imaginação e o das paixões, os quais supõem o conhecimento de Deus, baseando-

²⁶⁸ BINGEMER, M. C., O mistério e o mundo, p. 105.

se na fé. Propiciam, neste sentido, um crescimento na fé, operando, harmoniosamente, a construção de um caminho capaz de fazer pulsar aquilo que de melhor há no indivíduo. Sobre este assunto, comenta o Pe. Chaminade:

Pode ser que o silêncio não chegue jamais a estabelecer-se perfeitamente em alguns indivíduos, de maneira que seu estudo tenha por objetivo estabelecer enquanto se possa e dar-se conta do que se conseguiu e das resistências a que ultrapassam nossas formas.²⁶⁹

Em resposta a esta reflexão, Pe. Chaminade, incita-nos ao exercício dos cinco silêncios, desenvolvidos de forma mais aprofundada a seguir:

1º) O primeiro, o *silêncio da palavra*: trata-se do falar apenas quando necessário. O que significa dizer, ao mesmo tempo, que há a necessidade premente de ajustarmos o nosso querer aos nossos deveres como forma de um exercício da vontade. A *educação da vontade*, assim, supõe uma consciência de si mesmo, posto que a vontade retamente exercida seria um requisito crucial para o viver em uma dimensão verdadeiramente de liberdade. A escuta educada no silêncio interior, necessariamente, haveria de ser fruto de uma atenção total, posto que não nos comunicamos somente por meio de palavras oralizadas.²⁷⁰

2º) O segundo seria o *silêncio dos gestos*, a linguagem dos corpos. Por meio do corpo expressam-se sentimentos, pensamentos e vivências. Assim, nos relacionamentos interpessoais e em face às múltiplas fronteiras do mundo exterior, interagimos por meio deste corpo, a partir do qual fazemo-nos entender perante ao *outro*. Este silêncio consistirá em dispor o corpo e seus gestos sob o comando da própria vontade. Uma ação orientada segundo o mesmo princípio do silêncio da palavra: o *educar a vontade*. Como o silêncio da palavra, este também deve nos levar a um processo libertador dos automatismos e das tensões musculares, alterando e beneficiando a fisiologia do sistema nervoso – resultado este que pode ser atingido por meio de movimentos conscientemente dirigidos. Ao cuidarmos de nosso corpo e de suas expressões, torna-se possível avançarmos em direção à plena *integração*. Ampliando o sentido deste *silêncio dos gestos*, podemos incluir o desafio de evangelização de nosso corpo, perante o qual somos chamados à santidade do corpo e da alma. Afere-se, portanto, que o corpo não pode estar aquém

²⁶⁹ CHAMINADE, G. J., Escritos de Dirección I, n. 403, p. 89. (T.A)

²⁷⁰ DOIG K, G., O silêncio uma pedagogia da vontade, p. 19-39.

de um trabalho espiritual, considerando que nossa vida interior repercute nas expressões corpóreas.

3º) O terceiro silêncio, o *silêncio da mente*. A mente humana expressaria a capacidade (ou faculdade) de pensar, entender, perceber, etc. Graças a ela, captamos a(s) realidade(s), as quais podemos interpretar, evocar e amalgamar com recordações longevas. Nossa mente opera em tempo integral e ainda que não estejamos nos comunicando com outrem, estamos permanentemente proferindo palavras para o nosso interior. O exercício deste silêncio, portanto, não seria o autocontrole da mente, mas o *estar consciente* daquilo que se está fazendo. Trata-se do saber desfrutar e viver o momento presente, em sua integridade, unificado perante a Deus e em relação aos demais. A busca consciente por uma harmonia interior, pelo (re)equilíbrio da vida.

4º) O quarto silêncio seria o da *imaginação*, um intrínseco poder humano de enriquecimento de nossa vida e do mundo que nos rodeia. Uma habilidade que permite-nos ver o mundo para além de “como ele é”, abrindo as portas para as possibilidades oníricas. Podemos, assim, ser originais, criativos, projetar o novo, lançar-nos para além da realidade presente. Entretanto, noutra tempo, Santa Teresa fazia-nos um alerta ao referir-se à imaginação como “a louca da casa”. Isto porque muitas vezes não utilizamos esse poder da forma mais adequada. Neste sentido, para o exercício deste silêncio, exorta-se a “sair do habitual”, alimentando a imaginação do “novo”, de tentar vislumbrar como poderiam ser as coisas de outra maneira. Isto, em certo sentido, ajuda-nos a projetar o futuro, ao exercício da criatividade e a despertar o profeta que habita em cada um. Assim, compreende-se que dispomos do instrumento da imaginação para colocarmo-nos a serviço da humanidade do Reino.²⁷¹

5º) Por fim, o quinto silêncio: o do *coração*, o núcleo mais íntimo da pessoa humana, segundo a linguagem bíblica e a teologia espiritual. Seguimos, da periferia ao centro da pessoa, à fonte de onde brotam as palavras, os sinais, juízos, bem como os desejos. Adentramos em um terreno humano e também sagrado, conhecido e desconhecido, coabitado por bem e mal, o ordenado e o desordenado. Para alcançar a plenitude deste silêncio, o objetivo seria chegar a um “conhecer-se e ser dono de si mesmo”, de descobrir a quem, ou a que está apegado nosso coração e evitar que

²⁷¹ CASALÁ, L., *Habitar el silencio*, p. 101-117. (T.A)

paixões destrutivas ou desordenadas sejam o motor de nosso serviço. Quando nosso coração silencia, nossas palavras, nossos sinais e mesmo os pensamentos podem ser observados como veículos de unidade, de paz e de comunhão e assim crescemos na capacidade de amar: de amar a todos e amar de verdade.²⁷² Amar como amou Jesus, exercitando os seus mesmos sentimentos (Fl 2, 5). Sobre isso, comenta Casalá:

Fazer silêncio e aceitar o silêncio de Deus é o que permite crescer no conhecimento de Deus purificando as falsas imagens e representações que fabricamos de Deus. Isto é o que permite a união com o Deus verdadeiro que vive no mais profundo de nosso ser.²⁷³

Em alinhavo a esta leitura, julga-se válido evocar os ensinamentos de Maria, alicerçados em uma atitude religiosa a mais honesta, sincera e verdadeira possível, a partir da *observação* e da *meditação no coração*. (Lc 2, 19,51) Um modo próprio de adentrar ao mistério de Deus e experimentar Sua paz.

Retomemos as virtudes trabalhadas pelo Pe. Chaminade. A segunda virtude, o *recolhimento*, seria a responsável por promover coesão à vida, de modo que se possa viver intensamente aquilo que se está fazendo. Trata-se de sentir o que se faz desde o coração:

Ao estudar a necessidade de exercitar-se no silêncio empenhemos nele cada uma de nossas faculdades. Eu disse que a alma pode ser comparada a um órgão cujos tubos devem soar somente pela vontade do organista e dentro do plano do concerto. Ao trabalhar sobre o silêncio, vemos que alguns tubos soam sem nenhuma ordem e outros são consistentes e estão em ordem. Recolher-se, no silêncio mais amplo, seria não ouvir, não escutar as vozes indiscretas que se levantam em nós, contra nossa vontade e sem nosso consentimento. O recolhimento então resulta difícil, e incompleto e não dura muito.²⁷⁴

Já a terceira virtude, a *obediência*, modelaria em nós a prontidão para servir ao invés de ser servido, sendo esta virtude um exercício de discricção e discernimento:

Conhecido já o indivíduo, como supõe e submetido à vontade de um chefe hábil, não tardará em endireitar suas torcidas tendências e esquecer seus maus hábitos contraídos. Pronto saberá como defender-se das preocupações do espírito, das paixões do coração, e dos espelhos da imaginação. O chefe, conhecedor do seu ofício, encontrará remédio para o caráter de cada qual. Quase sempre tem que colocar

²⁷² CASALÁ, L., *Habitar el silencio*, p. 121-135. (T.A)

²⁷³ CASALÁ, L., *Habitar el silencio*, p. 94. (T.A)

²⁷⁴ CHAMINADE, G. J., *Escritos de Dirección I*, n. 437-438, p. 95 (T.A)

na direção oposta os hábitos recebidos. Tem que trabalhar com moderação e prudência. Se às vezes precisar certa veemência, às contrariedades, deve ser de curta duração e pronto deve suavizar-se com alguns consolos.²⁷⁵

E, por último, a virtude de suportar as mortificações, os sofrimentos interiores, as provas, as críticas e as penitências (aqui entendidas não como sacrifícios buscados por cada pessoa, mas como a capacidade de suportar com compostura e perseverança todas as experiências dolorosas e desagradáveis que nos sucedem na vida e no trabalho):²⁷⁶

No ponto no qual nos encontramos neste plano de conduta é fácil compreender que o suportar as mortificações é a disposição favorável para vencer o que os outros exercícios não puderam fazer. A contrariedade, o desgosto do espírito, o cansaço e até certas dores do corpo são às vezes necessárias para domar o espírito e os sentidos. Tudo isto é o que chamamos mortificações. Se soubessem quanta paciência adquirimos com o hábito e com o suportar as mortificações e como sensivelmente aumenta nosso valor, não deixariam os amigos da perfeição humana de se exercitar, nem de se alegrar em abraçar as mortificações.²⁷⁷

Mediante tais virtudes de preparação, Pe. Chaminade contribui na formação do indivíduo a partir da aceitação de sua corporeidade, bem como de suas possibilidades e limitações, de seus sentimentos, seu amor, para chegar à conformidade com Jesus, Filho de Maria.

Aproximando esses ensinamentos à sociedade ocidental contemporânea, podemos ter o cuidado com a vida em sua plenitude, sem exageros, desde que amparados na ética e no compromisso com o respeito. Somente a partir do conhecimento e respeito próprio pode-se também viver o respeito pelos outros, afinal, tanto um como outro pode haver sido tocado por Deus.

Passemos, neste âmbito, às *virtudes de purificação*, caminho de integração das potencialidades e acolhida das fragilidades.

3.2.4 Caminho para o amor, virtudes de purificação

Pe. Chaminade, na virtude de purificação, aponta-nos seis obstáculos inevitáveis que ameaçam a permanência do indivíduo ou mesmo causando-lhe

²⁷⁵ CHAMINADE, G. J., Escritos de Dirección I, n. 461-462, p. 99. (T.A)

²⁷⁶ HAKEMEWERTH, Q., Creciendo em las virtudes de Jesús, p. 88. (T.A)

²⁷⁷ CHAMINADE, G. J., Escritos de Dirección I, n. 465-466, p. 100. (T.A)

algum desânimo no caminho de sua meta. Na prática desta virtude, a imagem que nos ampara é a da Cruz, a entrega por amor. Na vida, deparamo-nos com os sofrimentos inevitáveis e a tendência comum é desanimarmos ou, então, a inatividade perante situações de dor, sofrimento, tristeza.

Dos seis obstáculos, três deles são limitações que procedem do próprio interior e três chegam até a pessoa de fora. A cada um desses obstáculos, Chaminade propõe uma maneira de tratar a dificuldade, de modo que, através da purificação desses entraves, cada pessoa possa crescer até uma fé mais profunda, uma esperança mais firme e um amor mais forte e, assim, chegar a uma maior semelhança com Jesus, o filho de Maria.²⁷⁸ A purificação consiste em atacar e destruir, no interior da alma, as coisas que tendem a enraizar o mal e as que impedem o progresso da virtude²⁷⁹:

As coisas mais gerais que nos levam ao mal e dificultam a virtude são: por nossa parte: 1 – nossas debilidades, 2 – nossas inclinações naturais, 3 – nossas incertezas. A causa exterior: 1 – as contrariedades do mundo, 2 – as sugestões, 3 – as tentações do inimigo de nossa salvação. Estas são as verdadeiras causas de nossas faltas e de nossas recaídas, porém por não conhecer de antemão estas causas, por não compreender como deveríamos sua malícia, permanecemos durante quase toda nossa vida como éramos na época de nossa reforma: débeis, terrenos, inseguros em muitas coisas, sem saber vencer nem as debilidades nem as inclinações, nem as contrariedades, nem as tentações, em uma palavra, não sabíamos como purificar cada dia mais.²⁸⁰

A partir de tais pontos, segue com três considerações que devem orientar, principalmente, no desígnio de purificação da alma para seguir adiante, livrando-se da malícia das causas que paralisam os hábitos; das debilidades, inclinações e incertezas que debilitam os esforços; e das contrariedades, dos condicionamentos e das tentações que nos arrastam.

É importante compreender, aqui, a diferença entre preparação e purificação: na preparação, a pessoa domina os obstáculos e livra-se deles; na purificação, vive-se em meio a eles, para que a pessoa cresça para uma vida nova, com bons resultados:

Existe alguns obstáculos na virtude que escapam de nosso controle para disciplinar ou corrigir. Vem de fontes inacessíveis a nossa consciência (como os impulsos de nosso ego), ou não estão sujeitos ao nosso domínio (como as decisões de outros que

²⁷⁸ HAKEMEWERTH, Q., *Creciendo en las virtudes de Jesús*, p. 97. (T.A)

²⁷⁹ CHAMINADE, G. J., *Escritos de Dirección I*, n. 475, p. 102. (T.A)

²⁸⁰ CHAMINADE, G. J., *Escritos de Dirección I*, n. 476, p. 102. (T.A)

nos afetam). Sejam quais forem os problemas que tiverem, terão que seguir vivendo consigo mesmo e no mundo tal como o encontramos. A boa notícia é que podemos aprender a fazer isso com as disposições de Jesus.²⁸¹

Em nosso tempo, vivemos em constante tensão e sob situações de estresse que, algumas vezes, ultrapassam os limites a que os recursos humanos são capazes de lidar. No melhor dos casos, o indivíduo sente sua debilidade diante da tensão e do estresse e, quando isto acontece, dois caminhos se revelam: mudar os rumos para evitar sentir aquelas limitações novamente, ou decidir confiar em algum poder maior. Outra maneira possível seria escolher permanecer na segurança do próprio meio, ou, então, arriscar chegar além dos próprios meios, apoiando-se na fortaleza de outros. Aqui, quem decide é a própria pessoa, em sua autonomia e liberdade.

Com o trabalho de preparação, a pessoa adquire certo número de qualidades, ao mesmo tempo em que desenvolve algumas fortalezas, as quais, darão maior confiança e uma boa imagem de si mesma; porém, o ego pode debilitar essa virtude, afinal, sabe-se que o ego tende a operar fora de nosso controle. Por isso a importância de um autoconhecimento para melhor viver as virtudes de purificação:

Aperfeiçoamo-nos e purificamos nosso interior, remediando a debilidade de todas as nossas virtudes com uma total confiança somente na força de Deus, fugindo de nossas inclinações ao mal, crendo por natureza ser incapazes de todo o bem; livrando-nos de incertezas, ao recorrer a Deus e a todos os santos conselhos que nos mantém na sua graça. O meio de anular as ocasiões do mal, que provém do exterior, e vencer as contrariedades com muita paciência, as sugestões, reiterando os bons propósitos muitas vezes tomados, as tentações que não podemos fugir, com atos contrários ao objeto da tentação.²⁸²

Com a imagem de Maria aos pés da cruz, para as virtudes de purificação, que perpassam os sofrimentos e limites da vida, a cruz se apresenta como um caminho para o encontro com a essência que é cada pessoa em sua transcendência até Deus. A cruz é sinal de sofrimento, mas também de solidariedade entre todos os seres humanos. É caminho de integração humana e certeza do amor de Deus por cada pessoa.

A cruz nos lembra que o seguimento de Cristo significa sempre também tomar sua cruz, dizer sim àquilo que nos cruza e contraria dia após dia, dizer sim ao sofrimento que nos atinge. O seguimento da cruz significa que o mundo está crucificado para nós, que o mundo já não tem poder sobre nós, que não nos definimos com base na

²⁸¹ HAKEMEWERTH, Q., *Creciendo en las virtudes de Jesús*, p. 95. (T.A)

²⁸² CHAMINADE, G. J., *Escritos de Dirección I*, n. 518-519, p. 109. (T.A)

busca de poder, vanglória, riqueza ou comodidade, mas que vivemos a partir de uma outra realidade, a partir da realidade do amor que o Cristo crucificado nos coloca diante dos olhos de maneira inédita.²⁸³

Após preparação com o autoconhecimento, a purificação como caminho para o amor, chegamos às virtudes de consumação, caminho para o serviço, o consumir no serviço aos demais, com o cuidado com a casa comum, colocando-se ao cuidado da vida, assim como Jesus, que veio para que todos tivessem vida e vida em abundância. (Jo 10,10)

3.2.5 Caminho para o serviço - virtudes de consumação

Virtudes de consumação: o consumir entendido como o ato de levar à plenitude o cumprimento da perfeição. Em apoio a esta virtude, a imagem das Bodas de Caná, na qual Maria é sensível à necessidade do momento, o estar atento à necessidade dos demais, o se colocar a serviço. Estas virtudes, se bem acompanhadas, orientadas e vividas, proverão o necessário para que cada pessoa atue habitualmente com a fé, a esperança e o amor de Jesus.

Para o Pe. Chaminade, a consumação equivale a viver as virtudes de maneira plena, eliminando a influência do egoísmo para que a vida seja sempre motivada e caracterizada pela fé, a esperança e a caridade:

As virtudes necessárias para este objetivo são as quatro assinaladas como virtudes de consumação. Chama-se: humildade, modéstia, abnegação de si mesmo, renúncia ao mundo. Estas quatro virtudes são as que se deve cultivar em relação ao aniquilamento do homem velho para realizar a perfeição consumada.²⁸⁴

Pe. Chaminade vê na obra consumada por Jesus não somente o trabalho de pregar, curar, perdoar e de formar a seus discípulos, mas o viver todas as virtudes necessárias para a salvação, até o ponto da consumação: “O sentimento da humildade cristã do ser humano vê-se impedido, não somente pela debilidade de sua natureza, senão por outras causas que vêm do exterior.”²⁸⁵ A humildade cristã expressa-se, assim, na forma do reconhecimento de nosso nada presente em tudo:

²⁸³ GRUN, A., A cruz, a imagem do ser humano redimido, p. 110-111.

²⁸⁴ CHAMINADE, G. J., Escritos de Dirección I, n. 601, p. 123. (T.A)

²⁸⁵ CHAMINADE, G. J., Escritos de Dirección I, n. 611, p. 125. (T.A)

“Porém nos enganaríamos se acreditássemos que sua aplicação até chegar a ser uma virtude consumada é sempre simples e fácil.”²⁸⁶

O sentimento do nosso nada trata-se de um fruto mais da razão do que da prática, onde o ser humano é inserido em seu mistério de ser um nada diante do Mistério de Deus, por sua humildade e desejo de viver e atuar de acordo com sua fé.

Seguindo este percurso, a segunda virtude da consumação seria a modéstia, a qual consiste no modo de aceitar e manter as qualidades que acredita ter ou que são indevidas:

A modéstia, é um sinal exterior, que pode ser às vezes a expressão da humildade que acabamos de explicar, bem porque ao sentir o nada de nossas qualidades interiores ou à parte nossas próprias pretensões e nos faça rechaçar o elogio bem porque o conhecimento de algumas vantagens exteriores do corpo não vai ocultar de nós mesmos a menos que se ponha no oculto de qualquer olhar protegidos pelo pudor. Esta modéstia exterior, provém da humildade, já que é uma disposição natural ou é adquirida, é uma qualidade estimada no mundo dos juízos entendidos.²⁸⁷

A modéstia é, aqui, a virtude da alma que pode chegar à perfeição na busca pela delicadeza e de sensibilidade na realização do amor, caminho para um amor que é serviço e relação com os demais: “O sentimento e a prática da modéstia neste estado chegarão à consumação que esta virtude pode alcançar.”²⁸⁸

A terceira virtude da consumação é a abnegação de si mesmo. A humildade e a modéstia desenvolvem as disposições necessárias para esta vida imersa na bondade de Deus. A abnegação conduz ao abandono total em Deus, eliminando todo egoísmo, centrado e fechado em nós para ir ao encontro de algo que transcende e conduz a uma liberdade plena de vida. Na virtude de consumação com a imagem de Maria nas Bodas de Caná, o estar pronta a “Fazer tudo o que Ele vos disser.” (Jo 2,5)

Após trilhar um caminho passando pelas virtudes de preparação que conduz a um autoconhecimento, favorecendo as descobertas das potencialidades pessoais, passamos às virtudes de purificação na busca por uma integração dos desafios pessoais com as luzes e as trevas, as tristezas e as alegrias para chegar a um amor

²⁸⁶ CHAMINADE, G. J., Escritos de Dirección I, n. 602, p. 123. (T.A)

²⁸⁷ CHAMINADE, G. J., Escritos de Dirección I, n. 619, p. 127. (T.A)

²⁸⁸ CHAMINADE, G. J., Escritos de Dirección I, n. 633, p. 129. (T.A)

gratuito. E, por último, as virtudes de consumação que tem seu dinamismo no serviço aos demais.

Neste caminho está Maria, nas três imagens bíblicas que vimos: Anunciação, aos pés da Cruz e em Caná. A mulher Maria de Nazaré, mulher forte na fé, nos acompanha e nos conduz a uma experiência de Deus, porque ela é a primeira a acolher por sua fé, o mistério de um Deus que se faz um conosco, por isso é espelho para a vida e missão de todo cristão, sendo, no mundo, sinal de esperança, em meio aos desafios do nosso cotidiano.

3.3

Experiência de fé e seguimento de Jesus Cristo Filho de Deus e Filho de Maria

Pe. Chaminade, preocupado com a formação na fé dos membros de suas comunidades, desenvolveu o método de oração sobre o Creio, onde fala-nos da importância da fé do coração, da fé em Maria e da fé de Maria, a fé como base de nossa devoção à Maria, a educação na fé:

E assim a fé em Maria era plena, ou seja, mais perfeita do que aquela que valeu ao santo Patriarca Abraão o título e a qualidade de Pai dos crentes. A fé dos profetas, dos Apóstolos e de toda a Igreja, não se aproxima nem mesmo da sua. Ela acreditava, baseado na palavra divina, naquilo que será sempre na terra o desconhecido da razão fraca. E ela acreditava de tal forma que pela força de sua fé, esperando contra toda a esperança, ela se tornou a Mãe de Deus e da humanidade.²⁸⁹

Insistia, ainda, que, sem a fé, o apostolado mais ativo correria o risco de converter-se em ativismo e em desperdício de forças. Somente uma fé motivada é capaz de imunizar de tudo o que impede de viver o espírito das bem-aventuranças.

Sua preocupação era preparar apóstolos para a Igreja com um dinamismo suficiente para enfrentar todos os ambientes, sem deixar-se contaminar pela “indiferença”²⁹⁰ e pelo ateísmo reinante em seu tempo.

3.3.1

Maria, formadora na fé, a perfeita discípula seguidora

²⁸⁹ CHAMINADE, G. J., Escritos Marianos II, n. 518, p. 177. (T.A)

²⁹⁰ Pe.Chaminade definiu a indiferença religiosa de seu tempo como uma situação pessoal e social, caracterizada pela perda da fé, tanto em termos pessoais, quanto sociais.

Pe. Chaminade escreve no Manual do Servidor de Maria, livro para os congregantes, algumas orientações a respeito da vida de Maria, começando pela fé em Maria, plena e perfeita. Aquela que acreditou de tal maneira pela força de sua fé que chegou a ser a Mãe de Deus e dos homens, permanecendo na esperança - a Mãe da santa Esperança:

A esperança na bem-aventurada Virgem participava da força e extensão de sua fé. Foi tão perfeita que desenvolveu em sua alma uma confiança em Deus à prova dos mais terríveis ataques. Nem as humilhações e intimidações sofridas por Deus, seu Filho, nem as perseguições atroz de que Ele foi vítima durante Sua vida mortal, nem a morte sobre o Calvário, nada pôde fazer vacilar esta invencível confiança de Maria na Palavra divina. O escândalo da cruz foi o triunfo de sua esperança, como tinha sido, muitos anos antes, a dúvida de José quando a reconheceu grávida. E podia, por acaso, ser de outro modo, já que Maria é a Mãe da santa Esperança?²⁹¹

Prosseguindo com a caridade em Maria, reitera que esta estivera à altura de sua fé e de sua esperança:

Sua caridade para com Deus esteve à altura de sua fé e de sua esperança: ela, a alma e vida de todas as virtudes. Mãe da caridade, como mãe da esperança, realizou os atos da mesma maneira inefável. Maria amou mais a Deus em um só instante – dizem os santos doutores –, do que o que O amaram todos os anjos e homens reunidos durante toda a eternidade. O amou com um amor singular e forte, que se deixava imolar sem cessar pela glória d’Ele sobre o altar de seu coração. E o que é mais sublime ainda é que, como Mãe o amou até imolar em honra do Pai, o fruto de suas entranhas, como reparação dos ultrajes dos homens. Sua vida inteira foi um ardente ato de amor, até que esse amor consumido no Filho de sua existência mortal, a arrebatou como em um carro de fogo até o mesmo trono de seu Filho.²⁹²

Ao que acrescenta: a religião, em Maria, não pode ser compreendida senão pela mesma de Jesus Cristo. Como seu divino Filho, ela não teve senão dois sentimentos para com o eterno Pai: respeito e amor. Deus é tudo, só Ele é perfeito.

Seguindo com sua reflexão sobre Maria, diz-nos que todas as suas virtudes morais foram admiráveis, em consequência e efeito de sua fé, de sua esperança, de sua caridade, de sua religião. E foram plenamente divinas em Maria a prudência, a fortaleza, a temperança, a justiça. Acrescenta, ainda, que sua humildade foi de insondável profundidade:

Virgem discreta e prudente, foi inimiga irreconciliável do brilho e do barulho. O silêncio, os colóquios contínuos com Deus, o escutar a si mesma (...); todas estas

²⁹¹ CHAMINADE, G. J., Breve tratado del conocimiento y amor de Maria, p. 98. (T.A)

²⁹² CHAMINADE, G. J., Breve tratado del conocimiento y amor de Maria, p. 98-99. (T.A)

virtudes crucificantes para a natureza degradada fizeram suas delícias e se elevaram nela a uma incrível perfeição.²⁹³

Maria, Mãe de Deus, mistério profundo e insondável pelo qual é dado a uma pobre criatura chamar a um Deus de Filho seu, Maria, Mãe de Jesus. Pelo Filho, aprendemos a conhecer a Mãe. É o que a fé nos ensina:

Maria, Mãe de Deus, e também sua mestra. A Ela lhe compete, não só a honra de dar a vida e a educação física ao Filho de Deus, mas também a glória de formá-lo desde o ponto de vista humano. Deus, seu Filho, deve crescer aos olhos dos homens em idade e sabedoria. Não certamente porque ignore algo, nem tenha necessidade de aprender nada, posto que n'Ele estão todos os tesouros da sabedoria e da ciência; mas como Ele se aniquilou na forma de servo, deve passar pelas diferentes etapas da vida humana e tomar exteriormente do homem tudo o que não é pecado; tudo, até as aparências da ignorância e da fragilidade de uma criança.²⁹⁴

Jesus, assumindo a nossa condição humana, se assemelha a todo ser humano, exceto no pecado. Assim, Maria, sua mãe, tem a missão de acompanhar e formar, na fé, os cristãos, seus filhos e filhas, chamados a integrar sua escola e aprender dela e com ela, a mãe dos cristãos na ordem da fé:

Somos, pois, filhos de Maria. Pertencemos a ela, como um filho a sua mãe. Nela e por ela Jesus Cristo, ao comunicar-nos Sua vida, nos fez partícipes de Sua natureza, de tal forma que temos nascido espiritualmente de Maria como consequência de sua inefável união com Jesus Cristo.²⁹⁵

Para Pe. Chaminade, Maria esforça-se a todo momento para revestir-nos, formar-nos à semelhança de Jesus Cristo, procurando penetrar-nos com Suas ideias e sentimentos, para fazer efetivo, em cada uma das pessoas, o título de cristãos – o que significa dizer, discípulos e imitadores de Jesus Cristo.

De quais meios Maria se serve?

Em primeiro lugar, por meio da voz doce e poderosa de seus exemplos. Sua vida é uma catequese simples, eloquente, ao alcance de todos. Retrato de seu Filho, reproduz todas as suas virtudes e sentimentos. Desta maneira, veremos chegar à semelhança divina uma simples criatura.

O segundo meio de que se serve Maria para desenvolver em cada pessoa a vida de Jesus Cristo, conforme a vontade do Pai Eterno, é sua mediação. A Igreja,

²⁹³ CHAMINADE, G. J., Breve tratado del conocimiento y amor de Maria, p. 100. (T.A)

²⁹⁴ CHAMINADE, G. J., Breve tratado del conocimiento y amor de Maria, p. 49-50. (T.A)

²⁹⁵ CHAMINADE, G. J., Breve tratado del conocimiento y amor de Maria, p. 72. (T.A)

os santos padres e toda a tradição nos apresenta a augusta Virgem como nossa advogada e mediadora.²⁹⁶

Maria, a mulher da fé e formadora da fé, como mãe de todos os viventes, os orienta e acompanha no caminho da fé. Por seu peregrinar na fé, esteve no início da vida de Jesus. Por ser a mãe do Filho de Deus, está presente na vida de Jesus em momentos relevantes: Encarnação, Mistério Pascal e Pentecostes. Ela está inserida no próprio mistério da Salvação.

Três dimensões destacam-se em Maria: Virgem, Mãe e Esposa, dimensões estas que parecem ser, para o Pe. Chaminade, relevantes no conhecimento de Maria, pois, em sua instrução sobre ela, sempre a apresenta recorrendo a estas imagens. Para ele, Maria é a Virgem filha do Pai, Mãe de Jesus e Esposa do Espírito Santo.

Pe. Chaminade ainda acrescenta que “Maria foi agraciada por quatro favores do Pai, de Jesus – o Filho, e do Espírito Santo.”²⁹⁷ Nessas três imagens Maria está associada aos mistérios de Cristo e da Igreja. Através dessas três características, ela nos ensina a saber e a acolher a novidade com espírito de aceitação; a comunicar a presença e o amor de Deus nos acontecimentos cotidianos e, sobretudo, a promover o diálogo pelo respeito e amor ao diferente, privilegiando a comunhão, a fraternidade nas diferenças existenciais.

Os quatro favores de Deus Pai, a que já nos referimos, são:

- 1º) Seu nascimento e presença eterna;
- 2º) Sua Imaculada Conceição, pois Maria é santa desde seu nascimento;
- 4º) A Anunciação, em que São Gabriel, o maior dos anjos, se coloca diante dela;
- 5º) A Encarnação, favor que supera a todos os demais.

Por sua vez, os quatro favores do Filho são:

- a) Permanecer em suas castas entranhas durante nove meses e nascer, sem macular a virgindade, por um milagre insigne;
- b) Ser alimentado por seu leite: “Feliz o ventre que Te carregou e os peitos que Te amamentaram.” (Lc 11, 27) A carne de Jesus é a carne de Maria, sem nenhuma alteração;

²⁹⁶ Porém existe uma circunstância que passa bastante despercebida, talvez, e que importa assinalar. Nos referimos a que esta mediação é necessária para a Salvação, mas não no mesmo grau, nem pelo mesmo título que a de Jesus Cristo, porém de uma maneira real, como consequência das disposições da Providência.

²⁹⁷ CHAMINADE, G. J., Escritos Marianos II, n. 794-795, p. 269-270. (T.A)

- c) Fazer dela Sua conselheira, e não fazendo nada sem a aprovação dela; Jesus quis que a Santíssima Virgem, depois de sua morte e ascensão fosse guia de Seu corpo místico, que é a Sua Igreja.
- d) Fazer dela uma colaboradora, que acompanhou Sua missão, nas Suas alegrias e sofrimentos até Sua morte na cruz;

Por fim, os quatro favores do Espírito Santo:

1º) Fazer de Maria, Mãe e Virgem a um só tempo. Trata-se do milagre da Encarnação, o mais elevado dentre os demais, por unir a divindade com a humanidade;

2º) Conservá-la em perfeita pureza de alma e corpo;

3º) Levá-la ao céu em corpo e alma;

4º) Fazê-la Rainha do Universo;

3.3.2

Maria, a educadora da fé

Dinamismo missionário no cotidiano da vida

Pe. Chaminade buscava imprimir um senso de comunidade e fraternidade em suas obras. Apoiado pela presença ativa de Maria, estava convencido de que ela, em seu papel de mãe e educadora da fé, deu origem ao seu trabalho missionário.

A maternidade de Maria fortalece a fraternidade unindo os irmãos, fazendo crescer o sentimento de pertença e o espírito de família.

Há uma estreita ligação entre os institutos religiosos e a congregação leiga, que favorece descobrir espaços de evangelização, a serem preenchidos no trabalho conjunto, em estreita colaboração entre religiosos e leigos. Uma união sem confusão, uma unidade na diversidade.

E isto não significa uniformidade, mas complementariedade, sem que cada uma das ramas perca sua própria identidade, e sua maneira específica de viver o Evangelho, trabalhando juntos no serviço missionário da Igreja. Cada rama da família marianista está inserida nas realidades do mundo. Vivem pela fé e em estado de missão permanente, com o propósito de fazer Cristo presente entre as pessoas, seguindo o exemplo de Maria, deixando se formar por ela a semelhança de Jesus.

Todos os membros da família marianista vivem o seguimento de Jesus Cristo, Filho de Deus, feito filho de Maria para a salvação da humanidade. Para, assim,

responder ao “*Vem e segue-me!*” do Evangelho, pois somente o seguimento de Cristo justifica a pertença à família marianista.

Pe. Chaminade, com seu dinamismo missionário e empreendedor, tem claro que a formação não se trata, simplesmente, de instrução, embora seja um importante meio para a formação, principalmente se há uma sólida instrução de fé, imprescindível para progredir no caminho espiritual e, conseqüentemente, na missão de evangelizar. Nessa proposta espiritual, Maria ocupa um lugar importante, por ser a primeira crente, podendo, assim, ser modelo para todos os cristãos e cristãs.

Para o Pe. Chaminade a fé do Creio, a fé das instruções, não pode ficar apenas no intelecto, na razão: é preciso que passe a ser a fé do coração e, para isso, ajuda a meditação das verdades da fé:

A chave para não separar fé e vida, teoria e prática, é alcançar a fé do coração. Somente quando as verdades da fé estão incorporadas, somente quando se gosta do que se acredita, somente quando se ama o que se professa com os lábios, a conduta se torna consistente com o credo que se recita.²⁹⁸

A fé do coração é, então, o assentir ou crer com a razão. O abrir do coração para, assim, amar e atuar de acordo com o que se crê. É a fé feito vida, e a vida feito fé.

Maria viveu a fé do coração, por isso, todo cristão e cristã pode chegar a viver a fé do coração, a viver e atuar de acordo com o que professa: uma coerência de vida, um testemunho cristão:

Maria é um modelo desta fé do coração, da qual tenho falado com vocês. Ela amava tanto as coisas em que acreditava, que se pode dizer que ela gerou o Filho de Deus em seu coração e não em seu ventre. Com toda a Igreja podemos dizer-lhe: “*Feliz é você porque acreditou*”. Feliz é você, Maria, porque ouviu a Palavra de Deus e a pôs em prática.²⁹⁹

Quão grande e admirável é a fé de Maria! Um Anjo revela o mistério mais desconcertante: um Deus menino, uma virgem Mãe, uma mulher, mãe de Deus. Ela escuta e acredita sem dúvidas, sem incertezas, mas com a simplicidade de coração e a firme segurança de alguém que crê que para Deus nada é impossível.

²⁹⁸ GONZÁLEZ PAZ, A., *Escorzos de una vida*, p. 125. (T.A)

²⁹⁹ GONZÁLEZ PAZ, A., *Escorzos de una vida*, p. 126. (T.A)

Esse dinamismo da fé do coração, o crer e o amar e o viver a missão são, para Pe. Chaminade, estados de missão permanente:

Todos vocês são missionários. Cumpram sua missão! Talvez o nome de missão possa perturbar alguns que pensam que para sermos missionários temos que ir pregando de cidade em cidade, de paróquia em paróquia, porque não fazem ideia de uma missão estável e permanente. É preciso corrigir as ideias que não sejam assim. Mas talvez perguntem: Como executar e sustentar essa missão? Que sucesso podemos aguardar? Vou dar algumas ideias das quais podem tirar algum proveito: 1- Os verdadeiros missionários não devem, de forma alguma confiar em si mesmos, em seus talentos, em sua habilidade, mas devem colocar toda a sua confiança no auxílio da Santíssima Virgem; 2- Todos devem estar imbuídos da importância da salvação das almas, redimidas pelo sangue de Jesus Cristo; 3- O objetivo principal que cada um deve estabelecer para si mesmo em todos os seus exercícios – mas especialmente nos seus exercícios espirituais –, deve ser a salvação das almas, a correção dos seus vícios e o seu progresso na virtude.³⁰⁰

Vemos uma vez mais a preocupação do Pe. Chaminade com a formação para melhor viver e atuar de acordo com a fé que professamos. Por isso, instruiu-nos e deixou um meio eficaz na oração do Credo, método que pode vir a contribuir para a formação na fé de discípulos, missionários.

Todo o Credo, toda a fé da Igreja sempre foi o fundamento completo do ensinamento mariano de Pe. Chaminade. Ensino constante, principalmente em suas homilias aos domingos e dias de festa, na Igreja da Madeleine em Bordeaux. Seus ensinamentos abarcavam a totalidade do mistério de Cristo, associado à Maria. Para ele, um meio privilegiado para formar uma pessoa na fé é a oração de fé, que consiste: 1- contemplar as verdades reveladas (na Sagrada Escritura, nos mistérios de Jesus Cristo e da Virgem Maria, ou no Credo), aceitar com as luzes do dom da inteligência; 2- amar essas verdades, com o mesmo amor com que amamos Deus, com toda força da caridade derramada em nossos corações pelo Espírito Santo; 3 - confrontar as verdades com nossos atos, nossa conduta, nossas motivações profundas. Em uma palavra: interiorizar a fé por meio do amor, para viver segundo Deus. Percebemos o mesmo dinamismo de formação humana e espiritual que vimos no sistema de virtudes, com a trilogia dos verbos conhecer, amar e servir. Aqui temos o contemplar, amar e confrontar.

Se percorrermos seus escritos, encontraremos muitos ensinamentos sobre a fé, o que demonstra sua preocupação pelo testemunho de uma vida cristã, a partir da

³⁰⁰ CHAMINADE, G. J., Escritos Marianos II, n. 54-55, p. 30-31. (T.A)

fé, a exemplo das primeiras comunidades cristãs e, principalmente, de Maria, a mãe do Filho de Deus Encarnado. Um caminho de formação integral, humana e espiritual, tendo Maria como modelo e espelho, por ser ela a perfeita discípula seguidora.

Para Pe. Chaminade, todas as obras marianistas são uma missão, pois todos somos missionários e que a cada um se confia a tarefa de trabalhar para a salvação de nossos irmãos e irmãs. Afirma ainda que nossa obra é grandiosa, magnífica e que recebemos o convite que Maria faz aos seguidores de Jesus: “*Façam tudo o que Ele lhes disser.*” (Jo 2, 5)

Destaca, ainda, a importância da prática da presença de Deus. Quando queremos nos beneficiar da influência de alguma pessoa, ele insiste no mesmo princípio quando se trata de Deus: viver na presença de Deus é fundamental para alcançar o objetivo de nossa vocação. Precisamos manter contato com Deus em nossa vida diária. Viver na presença de Deus não significa que tenhamos que estar pensando, especificamente, em Deus. Significa que nos tornamos tão acostumados com Sua presença, tão familiarizados com Ele, que Sua presença influencia, constantemente, nossas atitudes e comportamentos.³⁰¹

Para Pe. Chaminade, a formação em uma mesma espiritualidade seria o fato de sermos chamados a viver as virtudes de Jesus neste mundo e, assim, transformá-lo. Isto é particularmente importante no período contemporâneo, porque o pecado social, que existe e é mantido pela ação coletiva, deve ser combatido pela graça social que existe e opera através de uma comunidade. Uma espiritualidade comum nos dá as bases para uma experiência comum da presença de Jesus entre nós e torna possível o testemunho coletivo de Jesus e o esforço conjunto para realizar Sua obra, a importância da formação comum, e da comunidade formadora.³⁰²

E quando nos referimos à espiritualidade, é importante e conveniente falar sobre o espírito. O espírito é o que dá vida a um ser: é a energia que permite que ele se mova desde seu interior. A vida do nosso espírito se manifesta através de pensamentos, decisões e ações. Quando trabalhamos, falamos ou pensamos, nosso espírito está se manifestando humanamente. Em outras palavras, o espírito é o que nos torna vivos, fazendo-nos um ser único, um corpo vivente. Mas, quando nos referimos ao interior mais profundo do nosso ser aberto e atento, estamos falando

³⁰¹ HAKENEWERTH, Q., Manual de Espiritualidad Marianista, p. 16-17. (T.A)

³⁰² HAKENEWERTH, Q., Manual de Espiritualidad Marianista, p. 8. (T.A)

do Espírito Santo que traz a vida divina ao ser humano e faz o ser humano e Deus uma única realidade. Não renunciamos à nossa personalidade, nem nos tornamos outra pessoa: simplesmente nos tornamos filhos de Deus, e experimentamos uma profunda transformação pessoal. Os dons e frutos do Espírito Santo são evidentes em nosso pensamento, nossas atitudes e nossas ações. Se lhe deixarmos um campo livre e colaborarmos com ele, o Espírito Santo torna-se “um” conosco e transformamos, mediante uma vida nova em plenitude:

Esse Espírito Santo desce sobre nós no batismo, nos lava do pecado original, nos fortalece na confirmação. É ele quem se derrama em nossos corações, em nossos espíritos. Quando precisamos de luz, é Ele que nos ilumina e nos dirige na nossa conduta; que nos revigora, que nos anima com seu fogo divino, que nos dá a força e a graça necessárias para resistirmos às tentações e praticarmos a virtude. Ele é quem derrama sobre nós os dons de sabedoria, ciência, inteligência, conselho, fortaleza, piedade, e temor de Deus, os quais chamamos dons do Espírito Santo.³⁰³

No batismo, o Espírito Santo desce sobre nós; em Jesus, está no começo de sua existência humana, sua concepção não foi um ato humano abençoado por Deus, mas um ato do Espírito de Deus em um ser humano, Maria. “O Espírito Santo virá sobre ti” (Lc 1, 35). Em sua conduta, Jesus manifesta a ação do Espírito Santo, por sua natureza humana. Que meios temos para manter e mesmo aumentar em nós a união com Jesus Cristo?

Nós O temos na fé, íntima e sempre unida à esperança. *Fides est sperandarum substantia rerum*: a fé é a garantia dos bens esperados, (cf, Hebr 11, 1) caridade e comunhão. Neles está toda a Santa Humanidade de Jesus Cristo: espírito, coração e corpo. A sagrada comunhão é o verdadeiro alimento do cristão, é o verdadeiro pão da vida.³⁰⁴

Essa união com Jesus Cristo nos incorpora em Sua missão de anunciar o Reino de Deus e nos faz discípulos missionários, a serviço do povo de Deus.

3.3.3

Maria, a pedagoga no cuidado da vida e no caminho de santidade

Como vimos acima, Pe. Chaminade fundamenta sua proposta espiritual em uma sólida verdade de fé, que tem como base a Sagrada Escritura e o Credo. Essa

³⁰³ CHAMINADE, G. J., Escritos de Dirección II, n. 21, p. 37 (T.A)

³⁰⁴ CHAMINADE, G. J., Escritos sobre la fe, n. 1271, p. 381. (T.A)

verdade é cristológica, com uma perspectiva mariana. E é a partir dessa verdade que nos propõe sua antropologia de santidade.

Nesse caminho para a santidade, Maria vai surgindo gradativamente, nos escritos do Pe. Chaminade. No início, encontra-se apenas um convite ao exercício de devoção mariana, ainda não articulado ao restante do plano de acompanhamento espiritual. A primeira imagem de Maria que aparece é a da Imaculada Conceição, com um convite a deixar o pecado e abrir-se à graça. E na aliança contraída com Maria, o congregante espera encontrar por parte de sua Mãe a proteção que o iluminará para avançar para o caminho do céu. Outra imagem registrada é a Mãe aos pés da Cruz, que contribui ativamente para uma renovação e um novo nascimento para a graça. É o acolher Maria como mãe, na sua maternidade espiritual, para assim acompanhar e formar nessa mais alta perfeição que é uma opção pessoal.

Pe. Chaminade, segue sua reflexão sobre a santidade. Primeiro, falará do viver e formar no sistema de virtudes: preparação, purificação e consumação. Posteriormente, irá propor as virtudes teologais e morais. Mesmo aqui, Maria ainda não ocupa um papel importante: apenas certas devoções e orações à Virgem Maria. Somente nos retiros de 1827 Pe. Chaminade fala de Maria como a que forma os filhos concebidos pelo Espírito Santo e os acompanha para chegar à semelhança com Cristo. Volta a tratar das virtudes teologais e da fé do coração. Nesse caminho, Cristo e Maria ocupam um lugar íntimo na vida daqueles que avançam para a santidade. Unida ao Espírito Santo, Maria é a que forma e dirige espiritualmente o cristão e sofre as dores de parto apostólicas, até que Cristo seja formado em seus filhos e filhas:

Se Maria é nossa mãe, sua presença em nossas vidas deve exercer uma influência formativa. A sua presença é a condição mais favorável e necessária para que a vida de Jesus se desenvolva em nós. Maria exerce uma influência ativa para modelar nossa vida segundo Jesus. É uma vida de influência.³⁰⁵

Maria nos forma, cuida e acompanha no caminho da santidade, ela é a primeira na ordem da graça a estar junto Deus, por estar associada aos mistérios de Cristo e da Igreja. A Igreja é um corpo, o corpo de Cristo. O batismo nos faz membros da Igreja e nos converte em irmãos e irmãs de Jesus Cristo, participantes

³⁰⁵ HAKENEWERTH, Q., Manual de Espiritualidad Marianista, p. 49. (T.A)

de seu corpo místico. Uma vez que todos os crentes formam um só corpo, o bem de uns é comunicado aos outros. Assim, é preciso crer que há uma comunhão dos bens da Igreja. Mas o membro mais importante da Igreja é Cristo, por ser a cabeça. Assim, o bem de Cristo é comunicado a todos os membros e essa comunicação se faz através dos sacramentos da Igreja. Cristo é o grande sacramento do Pai.

Quando falamos em comunhão, nos remetemos à íntima comunhão entre o Pai, o Filho e o Espírito Santo. Cristo, que nos revela o Pai, nos dá seu Espírito. O Pai que nos cria por amor, e o Espírito Santo que nos ilumina e fortalece na missão de cada dia. A Trindade, perfeita comunhão, modelo de comunidade, unidade dos três na diversidade de função e missão de cada pessoa. Assim como nós cristãos, que formamos comunidades de fé e vida pela participação e vida da Igreja – povo de Deus.

A Igreja é, aos olhos da fé, Santa, pois Cristo, Filho de Deus, com o Pai e o Espírito Santo é proclamado o “único Santo”. Amou a Igreja como Sua esposa. Por ela, Se entregou com o fim de santificá-la. Uniu-a, a Si como Seu corpo e cumulou-a com o dom do Espírito Santo, para a glória de Deus. A Igreja é, portanto, “o Povo Santo de Deus” e seus membros são chamados “santos”. Todos os cristãos batizados são incorporados a Cristo e chamados a viver uma identificação, a ter e viver os mesmos sentimentos de Cristo. A comunhão dos santos configura a própria Igreja, com seus santos e santas e com todos os que dela participam e são chamados a viver a santidade. Santos e santas, homens e mulheres que procuram viver o Evangelho – a Boa Nova de Jesus – em sua plenitude de graça, de amor, no cotidiano da história:

Quando o Símbolo dos Apóstolos nos faz confessar que Jesus, o Cristo e o Filho de Deus foi concebido do Espírito Santo e nasceu da Virgem Maria, ele recolhe ao coração da mensagem da Anunciação. Maria é mencionada em razão da função que desempenha no mistério da Salvação para o qual foi escolhida. Maria virgem, mãe e serva, nos precede na fé no Verbo Encarnado.³⁰⁶

Para Pe. Chaminade, a comunhão dos santos abrange todos os tempos, assim como todos os lugares. Mas que vantagens nos traz a comunhão externa da Igreja? Nossa força nessa união, nosso apoio nas orações da Igreja, nossa defesa em seus pastores, nosso consolo em seus sacramentos, nossa edificação em seus santos

³⁰⁶ GRUPO DE DOMBES, Maria no desígnio de Deus e na comunhão dos Santos. No. 157, p. 85.

exercícios. Somente entrando na comunhão dos santos é que alguém participa da remissão dos pecados. “A vida eterna no céu será a feliz consumação desta comunhão dos santos, e a ressurreição do corpo é o caminho que nos conduz a ela. Eis por que este artigo do Creio precede os três últimos.”³⁰⁷. Acrescenta, ainda, que a mensagem de Jesus, Sua doutrina santifica a todos os que a seguem. A graça e santidade derivam dos sacramentos que são os canais.

Outro importante tema para esse caminho de santidade é a fraternidade, o caminhar junto, a dimensão comunitária que, para o Pe. Chaminade, tem seu início quando começa sua missão junto aos primeiros congregantes. Nas reuniões participavam pessoas de diferentes classes sociais, iluminados pela religião praticada publicamente, de boa-fé, e em toda sua pureza; tudo isso dá-nos uma ideia representativa. As assembleias públicas nas quais procedem de maneira que a religião seja ensinada de maneira interessante e que sejam benéficas, proveitosas, tanto para os que ouvem quanto para os que pregam. Demonstrava, assim, uma preocupação por uma pedagogia ideal:

Em nossas Congregações existem simples artesãos que, sem ir além da modéstia própria de sua condição, conhecem a religião o suficiente para ensiná-la a outros trabalhadores e a seus filhos, e são capazes de defendê-la quando necessário. Nessas assembleias, os jovens que haviam se formado jovens, que hoje se tornam sacerdotes e prestam notáveis serviços à Igreja.³⁰⁸

Os grupos contavam um dinamismo por sua composição, inspirado pelas primeiras comunidades cristãs, compostas por uma diversidade de pessoas. As instruções cristãs eram públicas e podiam ser vigiados tanto pela Igreja, quanto pelo Estado. Como homem prático, de sólido bom senso, o Pe. Chaminade era a favor daquelas verdades do comum dos mortais: o grupo vale mais do que os indivíduos isolados; em grupo, se defendem uns aos outros; em equipe, grandes obras podem ser empreendidas, mesmo que nenhum dos membros do grupo seja de valor extraordinário.

O apostolado é um trabalho da Igreja, no qual se combina o binômio – leigos – sacerdotes, explicitamente. Toda preparação ou processo se realiza em grupo ou comunidades, sendo assim útil a todos. A Igreja é um povo reunido com seus sacerdotes e leigos e um rebanho que se mantém associado a seu pastor.

³⁰⁷ CHAMINADE, G. J., Escritos sobre la fe, n. 393, p. 129. (T.A)

³⁰⁸ HAKENEWERTH, Q., Manual de Espiritualidad Marianista, p. 27. (T.A)

Pe. Chaminade foi um homem da Igreja: a Igreja foi inspiradora, o seu modelo e a garantia da sua inspiração. Por isso, entregou-se totalmente durante a sua vida a essa Igreja, à qual se sentia unido, a ponto de oferecer a sua vida e correr os riscos da guilhotina.³⁰⁹

Uma das características que Pe. Chaminade queria dar as suas obras é o sentido comunitário e isto não apenas por adaptação ao tempo da França, com a liberdade, igualdade e fraternidade, mas porque vê que essa inspiração de seu tempo são valores do Evangelho, para os cristãos e para a Humanidade. “Todos tinham um só coração e uma só alma”. O Evangelho pode ser vivido hoje com o mesmo dinamismo das primeiras comunidades cristãs.

O conhecimento de Maria é um caminho de crescimento humano e da vida cristã. A pessoa de Maria, suas atitudes diante da vida, sua experiência de primeira discípula e seguidora de Jesus e sua missão maternal na Igreja são um dom de Deus e um caminho de fidelidade.

Amar a Maria. O amor de Jesus à Maria é o amor de um filho à sua mãe. Um filho que admira e respeita e descobre o cuidado e o carinho no rosto e na atitude de sua mãe e deixa-se cuidar. Servir a Maria é fazer nossa a sua missão, a missão de estender o Reino. A missão de estar atenta à necessidade dos demais, e o estar pronto para responder ao “Fazei tudo o que Ele vos disser.”

3.3.4

Maria, a mistagoga

A experiência mística do Pe. Chaminade e seu projeto missionário

Neste último tópico do terceiro capítulo, trazemos à tona a experiência do mistério de Deus vivido pelo Pe. Chaminade. Como vimos no segundo capítulo, a mística como experiência do mistério de Deus, mística cristã, a experiência do mistério de Deus no Filho, e a mística marial, experiência do mistério de Deus no Filho vivida por Maria.

Conforme Panikkar, tais são os quatro passos da experiência do mistério de Deus: a experiência pura, a memória, a interpretação e a recepção. Assim, pode nos ajudar, nesse caminho vivido pelo Pe. Chaminade, sua experiência do mistério de Deus, vivido diante de Maria, na imagem da Virgem do Pilar.

³⁰⁹ AMBRUSTER, J. B., Itinerario espiritual de nuestro fundador, p. 35. (T.A)

Essa experiência vivida no exílio foi, para ele, um momento de abertura e acolhida do mistério, expressado, conforme vimos, como “efusões filiais” - experiência esta que nunca conseguiu expressar com outras palavras. Pe. Chaminade viveu esta experiência e, durante sua vida, vai recordar o momento como algo sempre novo e presente, trazendo na memória a experiência vivida diante de Maria, na imagem da Virgem do Pilar.

O exílio foi, para ele, um tempo de silenciar, para viver uma intimidade com o Mistério de Deus, na busca pela união com Deus, tempo de oração e meditação. Nesse tempo, viveu um contato direto com Deus, tendo Maria, a Virgem do Pilar, como inspiração para um processo de libertação.

Essa experiência mística vivida pelo Pe. Chaminade desdobrou-se em uma proposta de missão evangelizadora, tendo Maria como inspiração. Pe. Chaminade, aos pés da Virgem do Pilar – conforme testemunho que vimos no início –, viveu a experiência de uma presença do mistério de Deus, o que o levou a viver um contato profundo com seu “eu”, liberando novas energias para enfrentar os momentos difíceis da Revolução Francesa.

Inspirado por essa experiência, Pe. Chaminade aprofundou seus estudos bíblicos e teológicos, em um esforço que resultara numa renovada compreensão do papel e da missão de Maria no mistério de Cristo e da Igreja: Chaminade vê a importância de conhecer Maria em sua humanidade, como uma pessoa dinâmica uma mulher de fé.

Os novos sentimentos do Pe. Chaminade o levaram à fundação de uma Família Religiosa, tendo os leigos como protagonistas dessa nova forma de evangelizar, de modo que teriam mais condições de responder ao momento que se vivia na França de sua época. A família, por ele fundada, teria uma missão: conservar-se unida à Maria, imitando e reproduzindo suas virtudes para chegar à conformidade com Cristo.

A inefável experiência vivida no exílio se traduz nos escritos do Pe. Chaminade em um itinerário espiritual marcado por três elementos: a Encarnação, a Cruz e as Bodas de Caná. Como vimos no decorrer deste capítulo, Pe. Chaminade, revelou-se um homem de fé, sensível às necessidades de sua época e em conformidade com suas intuições ou verdades perenes, que nascem precisamente da fé e que podem, perfeitamente, ser atualizadas para qualquer época, pois estão além do momento em que são formuladas. O missionário partira do princípio de

que são inspirações recebidas de sua experiência do mistério de Deus, as quais transcendem tempo e espaço.

Podemos destacar alguns aspectos relevantes para a vida e missão da Igreja dos dias de hoje, dentre os quais, a participação dos leigos e leigas na missão da Igreja, ou seja, a importância de incluir a todos no dinamismo missionário. Se nos aprofundarmos no estudo das comunidades do Pe. Chaminade, veremos que, para ele, o espírito missionário é uma característica de todos os batizados:

Em muitos aspectos, que vão além de uma visão clerical da missão, dando ao cristão leigo a oportunidade de assumir responsabilidades e lhe possibilitando entender o batismo sob uma visão dinâmica, como um envio para agir no mundo tal e qual um autêntico missionário, e não para ser um simples receptor de ordens a cumprir.³¹⁰

Os membros das comunidades do Pe. Chaminade não eram apenas pessoas piedosas e devotas, como os queriam considerar alguns dos remanescentes das antigas congregações. Para Pe. Chaminade, era importante que cada congregante tivesse uma missão adaptada às suas possibilidades, favorecendo, assim, a inclusão de todos. “Em virtude da comum dignidade batismal, o fiel leigo é corresponsável, juntamente com os ministros ordenados e com os religiosos e religiosas, da missão da Igreja”³¹¹:

As características essenciais da Congregação, Pe. Chaminade assim as definia: como sendo uma associação de cristãos fervorosos, que imitando os cristãos da Igreja primitiva, tendem, através das suas reuniões frequentes, a ter um só coração e uma só alma, e formar uma só família, não só como filhos de Deus, irmãos de Jesus Cristo e membros do seu corpo místico, mas também como filhos de Maria, através de uma consagração especial a seu culto e uma profissão aberta às bênçãos da Imaculada Conceição.³¹²

É bom lembrar que, na época do Pe. Chaminade, ainda não havia sido proclamado o Dogma da Imaculada Conceição. Entretanto, Maria, a Imaculada Conceição, tem uma presença marcante e significativa em sua vida, a partir do seu retorno do exílio. Percorrendo seu itinerário mariano³¹³, encontramos quatro imagens da Imaculada Conceição, que são:

³¹⁰ OTAÑO, I., Misión Marianista, p. 3. (T.A)

³¹¹ CL 15.

³¹² SIMLER, J., Guillermo-Jose Chaminade, tomo I, p. 208. (T.A)

³¹³ CARDENAS, E., Itinerario mariano de Guillermo Jose Chaminade, Misionero de Maria, p. 413-414. (T.A)

1º) A primeira, em 1801, a Imaculada Conceição é a Mãe da Juventude, modelo de pureza e santidade, de vitória sobre o pecado para seus jovens filhos;

2º) A segunda, em 1815, a da Nova Eva, a Imaculada Vitoriosa e Mãe dos Viventes;

3º) A terceira, em 1839, a Imaculada Conceição é a Mulher, sinal eclesial de alegria, esperança e vida;

4º) A quarta, em 1847, a Imaculada Conceição é Maria, sinal da perseverança final.

Podemos observar, nestas imagens de Maria, a Imaculada Conceição como a Mãe, a Mulher e a Maria em sua humanidade, que também vimos no decorrer deste capítulo. É significativo lembrar que Pe. Chaminade irá desenvolver estas imagens após a experiência do mistério de Deus no Filho inspirada por Maria, que viveu no exílio.

Pe. Chaminade também fala da união sem confusão, ao reunir em suas congregações pessoas de diferentes classes, idades, condições e para viver esta união sem confusão, também são necessárias a prudência e a flexibilidade:

União de verdade de todos os estados de vida honestos e de todas as classes da sociedade: união, sem confusão. União que apresenta ao mundo um espetáculo mais edificante, tão semelhante à união dos primeiros cristãos que tanto impressionava os pagãos.³¹⁴

Pe. Chaminade ainda expressa claramente, em seu programa de Missionário Apostólico, que a missão é um estado permanente. E comenta, em uma carta enviada à Adela, em 1814:

Vou contar-te o meu segredo... Há quatorze anos voltei a entrar na França com o caráter de Missionário Apostólico para toda nossa infeliz pátria (...). Pensei que não havia melhor forma de exercer estas funções que criando uma congregação como agora existe. Cada congregante, independentemente do seu sexo, idade e estado de vida, deve ser um membro ativo da missão.³¹⁵

Um outro aspecto de que relevo no projeto missionário do Pe. Chaminade e que também nos é atual, se trata de seu sentido comunitário. Chaminade restabelecera as congregações com um novo estilo, ao perceber que o cristão solitário é desamparado e também porque quer comunidades que sejam para a

³¹⁴ OTAÑO, I., Misión Marianista, p. 100. (T.A)

³¹⁵ OTAÑO, I., Misión Marianista, p. 81. (T.A)

missão “o homem que não morre”, ou seja, que se consolidem no tempo, evitando tanto os caprichos individuais, quanto circunstanciais, para garantir a continuidade. “O ideal das primeiras comunidades, no perfil descrito nos Atos dos Apóstolos é também tanto para os congregantes quanto os religiosos e religiosas, cada um com sua particularidade e com um chamado à comunidade de vida, de fé e missão”³¹⁶:

Sobretudo num mundo secularizado, as várias formas agregativas podem representar para muitos uma ajuda preciosa em favor de uma vida cristã coerente com as exigências do Evangelho e de um engajamento missionário e apostólico. Para além destes motivos, a razão profunda que justifica e exige o agregar-se dos fiéis é de ordem teológica: uma razão eclesiológica, como abertamente reconhece o Concílio Vaticano II, ao apontar o apostolado associado com um sinal da comunhão e da unidade da Igreja em Cristo.³¹⁷

Encontramos registrado, ainda nas “Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil”, que, nas pequenas comunidades eclesiais missionárias, “os cristãos leigos e leigas, a partir da participação na vida da Igreja, do senso de fé, dos carismas, dos ministérios e do serviço cristão à sociedade, vivem sua vocação e sua missão em comunhão e solidariedade.”³¹⁸

Um terceiro aspecto a ser ressaltado: o caráter mariano da missão, que está presente em toda missão apostólica do Pe. Chaminade, como vimos, e em toda a tarefa missionária da Igreja, porque Maria atrai os fiéis ao seu Filho. Maria, entrando intimamente na história da Salvação, de certo modo, “une em si e reflete as supremas normas da fé. Quando é proclamada e cultuada, leva os fiéis ao Filho.”³¹⁹

No Documento de Aparecida, Maria é a grande missionária, continuadora da missão de seu Filho e formadora de missionários:

Como mãe de tantos, fortalece os vínculos fraternos entre todos, estimula a reconciliação e o perdão e ajuda os discípulos de Jesus Cristo a se experimentarem como família, a família de Deus. Em Maria, encontramos-nos com Cristo, com o Pai e com o Espírito Santo, e da mesma forma com os irmãos e irmãs.³²⁰

³¹⁶ OTAÑO, I., Misión Marianista, p. 5. (T.A)

³¹⁷ CL 29.

³¹⁸ DEAE 36.

³¹⁹ LG 65.

³²⁰ DAp 267.

Pe. Chaminade, em seu itinerário humano e espiritual, deixou-se formar e acompanhar por Maria, a primeira discípula missionária. Seu apostolado missionário foi um caminhar na fé e se traduz num caminho de formação humana e integral da pessoa. Ele, na França pós-Revolução, vê a necessidade de bem formar as pessoas, especialmente os jovens. Formação esta que se estende além da formação espiritual e na fé, abrangendo, também, uma formação de caráter civil, cidadã, para responder aos desafios do momento.

Sua pedagogia é uma educação, sob a ética do cuidado, da justiça, da paz, integridade e preservação da Criação e o cuidado da casa comum. Esses princípios da educação ideal se mantêm até os dias atuais nos colégios marianistas, existentes em diversos países, e em outras obras que realizam e vivem a família marianista procurando responder aos novos desafios: “Vinho novo em odres novos”. Momento novo, novos projetos. Sua sensibilidade humana, expressa no cuidado e respeito a todos, se mostrando um homem atento, aberto aos sinais dos tempos e adaptação necessária para o momento novo. Em termos de sua biografia, certa vez teriam lhe perguntado se um aluno protestante podia ser admitido no colégio católico. E sua resposta foi “sim”:

Minha resposta é sim. Os professores farão por eles o que eles fazem por alunos católicos. Não há nenhum tipo de discriminação. A única sugestão é que, segundo a prudência, se possa suspender momentaneamente, este ou aquele exercício para este ou aquele indivíduo. E nunca, fora da aula, os alunos católicos devem dizer nada contra seus colegas protestantes nem vice-versa. Para que ambos percebam que não existe a menor diferença. Se o colégio se comportar assim, com certeza não haverá problemas, mas terá vantagens. Sejam católicos com firmeza e até a efusão de nossa última gota de nosso sangue, mas sejam também sempre modestos, moderados, e verdadeiramente caridosos para com todos, e com uma doçura sem alguma raiz de amargura.³²¹

Vemos aqui outra dimensão da vida do Pe. Chaminade: o olhar ecumênico, com o respeito e o cuidado para com todos.

3.4 Conclusão

³²¹ FERRO, P., Guillermo José Chaminade, p. 405-406. Carta do Pe. Chaminade de 29 de novembro. (T.A)

Neste capítulo, destacamos a vida e a missão do Pe. Chaminade, em seu contexto histórico, focalizando sua vida de fé, missão apostólica e sua experiência do mistério de Deus, vivido no exílio.

Perpassamos por uma breve história da espiritualidade mariana, observando os autores que o influenciaram, bem como a piedade filial mariana e a aliança com Maria, vivida pela família marianista. Com a necessidade de uma formação na fé, Chaminade elabora um método de oração e o sistema de virtudes como ferramentas para acompanhar e formar na fé novos cristãos.

Pe. Chaminade viveu uma experiência do mistério de Deus no Filho, inspirada por Maria, que o levou a se aprofundar em seus estudos teológicos, no papel e missão de Maria no mistério de Cristo e da Igreja. Podemos dizer que, para Pe. Chaminade, Maria é a formadora na fé, por isso é a perfeita discípula seguidora; Maria é a educadora da fé, com seu dinamismo missionário vivido no cotidiano de sua vida; Maria é a pedagoga no cuidado da vida e no caminho da santidade.

O dinamismo missionário do Pe. Chaminade tem aspectos atuais: como o protagonismo dos leigos e leigas, a dimensão comunitária, o caminhar junto, o viver a fraternidade. E a dimensão mariana, vivida como uma Consagração a Maria, uma aliança com Maria. Que, em sua fórmula, se destaca o estado de missão permanente. Que é o seguimento de Jesus Cristo, Filho de Deus, feito Filho de Maria para a Salvação da humanidade.

Após tratarmos de Maria na vida e missão do Pe. Chaminade, iremos, no próximo capítulo, tratar de: “Maria na vida e missão do Papa Francisco”, sua experiência de fé e sua experiência mariana.

Iniciaremos pelo contexto histórico, alcançando sua missão na Igreja, como sucessor de Pedro, explorando seu Pontificado até o momento atual. Papa Francisco, lembra-se, é o primeiro Papa latino-americano, um argentino. O mundo todo ficou surpreso com sua eleição em 2013, quando da renúncia do Papa Bento XVI.

4

Maria na vida e missão do Papa Francisco

Neste quarto capítulo, nos concentraremos na experiência de fé e nas inspirações marianas do Papa Francisco, na presença de Maria em sua vida. Mas, qual Maria? A “Maria dos Evangelhos”, a menina, a mulher, a irmã, a mãe, a esposa. Aquela que “se deixou habitar por Deus”³²² e que segue acompanhando todos os que buscam viver próximos da grande experiência do Mistério de Deus no Filho, inspirada por Maria, como vimos no segundo capítulo.

Quais as imagens de Maria encontradas nos escritos do Papa Francisco? O que aprendemos quando nos aproximamos dessa mulher, Maria de Nazaré, que é também a Nossa Senhora das diferentes devoções? A mulher, Maria, que viveu uma vida simples, dinâmica, orante, em Nazaré, junto ao seu povo. E que hoje pode nos conduzir a um caminhar para sermos uma Igreja da ternura da proximidade. Ela é o modelo e tipo da Igreja, como afirma a *Lumen Gentium* n.º. 64.³²³ Para trilharmos esse caminho com Francisco, iniciamos pelo seu contexto histórico, sua experiência de fé e experiência mariana.

Eleito Papa em 2013, o então Arcebispo de Buenos Aires, Jorge Mario Bergoglio, foi muito próximo do povo, em especial dos mais necessitados. Vivia com simplicidade, atento e sensível às pessoas que dele se aproximavam. Atitude de acolhida e humildade, revelando o amor misericordioso do Pai.

Para o desenvolvimento deste capítulo, iniciaremos pela história de vida de Jorge Mario Bergoglio: os primeiros anos, família, estudos, a experiência de fé, a presença de Maria em sua vida e as imagens de Maria que despontam em seu pontificado, suas intuições marianas para uma Igreja “em saída”: “Sair da própria comodidade é ter a coragem de alcançar todas as periferias que precisam da luz do Evangelho.”³²⁴

Assim diz o Papa Francisco, em uma entrevista no seu primeiro ano de Pontificado: “Tive a graça de crescer numa família na qual se vivia a fé de forma simples e concreta; mas foi sobretudo minha avó, mãe de meu pai, que marcou meu

³²² FRANCISCO, PP., Ave Maria, p. 24.

³²³ Como Virgem e Mãe, Maria é tipo da Igreja, e ocupa um lugar eminente e singular, em virtude de sua maternidade divina e da missão unida a seu Filho está intimamente relacionada à Igreja, pois também a Igreja é, com razão, chamada mãe e virgem.

³²⁴ EG 20.

caminho de fé.”³²⁵ Vemos qual foi a primeira formação na sua vida de fé, de forma simples e com a participação de sua família: o primeiro lugar de sua experiência de fé.

Neste caminho, resgataremos sua formação, seus estudos e sua vocação ao sacerdócio na Companhia de Jesus, os jesuítas. Sua experiência como professor e formador, sua eleição ao episcopado da Argentina e sua participação nas Conferências Gerais do Episcopado Latino-Americano, de maneira especial a quinta conferência, realizada em Aparecida, em 2007.

Tal percurso desemboca em sua eleição em março de 2013, como Sucessor de Pedro, o 266º Papa, eleito após a renúncia de Bento XVI, assumindo o nome de Francisco. Sua experiência mariana, presente desde o convívio familiar e nas peregrinações da época de juventude ao Santuário de Luján, mas, especialmente, a Maria que aparece nos seus documentos é, aqui, focalizada. Um caminhar até chegar à Maria, que desponta na vida e missão da Igreja dos dias de hoje, Povo de Deus, com seus desafios e esperança.

A missão da Igreja é sempre dirigida ao povo de Deus. Ser cristão é saber que se é parte de um povo, o Povo de Deus, expresso em diferentes nações e culturas, mas que transcende todas as fronteiras de raças e línguas. Neste ínterim, é válido “lembrar a cada nação que existe um bem comum da Humanidade que supera o de qualquer povo em particular, pois o todo é sempre maior que as partes, e a unidade deve transcender o conflito.”³²⁶

Com esse olhar ao Povo de Deus e à missão da Igreja, na qual Maria é modelo e espelho para os cristãos – pois, como a primeira missionária, aquela que saiu ao encontro da prima Isabel, em atitude de serviço –, nós podemos nos inspirar em Maria, no seu exemplo de vida. Podemos observar e imitar seu jeito de viver o amor, e a acolhida ao projeto de Deus ao colocar-se disponível para a missão de ser a mãe do Filho de Deus.

No cântico do *Magnificat*, Maria proclama sua experiência de fé e anuncia a esperança dos pobres e carentes de cuidados; necessitados da proximidade e da presença alegre, disponível. Uma nova esperança que escuta, respeita e dialoga. Um anúncio da revolução da ternura.

³²⁵ MELLO, A. Awi., “Ela é minha mãe!” p. 24.

³²⁶ FRANCISCO, PP., Vamos sonhar juntos, p. 115.

O objetivo deste capítulo é buscar, nos escritos do Papa Francisco, elementos para a formação de discípulos missionários de uma Igreja “em saída”, tendo como inspiração Maria, a primeira discípula missionária. Trata-se de alcançar uma mistagogia marial, a partir de Francisco. A experiência de fé vivida por Maria, como inspiração para os cristãos e cristãs dos dias atuais.

A metodologia que nos orientará, por sua vez, é a bibliográfica-documental: escritos de Francisco e também de outros autores, estudiosos do Papa e de seu pontificado.

Ao abordarmos o contexto histórico de Jorge Mario Bergoglio, iniciaremos com os primeiros anos de sua vida, sua família, estudos e profissão laboral. Como fio condutor desta narrativa: sua experiência de fé, o chamado para a vida e missão sacerdotal.

Seguiremos com a formação para o sacerdócio na Companhia de Jesus e a missão como jesuíta, professor, formador, superior. Sua sagração episcopal e sua presença e participação na 5ª Conferência de Aparecida.

Veremos, em seguida, a eleição de Francisco e a *Evangelii Gaudium*, trazendo o dinamismo missionário e evangelizador; e Maria, a Estrela da Nova Evangelização. Abordaremos também o amargo contexto da pandemia de Covid-19 e o sonho de “caminhar juntos”. E, por fim, a presença de Maria no pontificado de Francisco.

4.1

O contexto histórico de Jorge Mario

Neste primeiro tópico, partiremos dos primeiros anos da vida de Bergoglio, sua família e sua experiência de fé. Seguiremos com a formação para o sacerdócio na Companhia de Jesus e a missão como jesuíta, professor, formador, superior. Sua Consagração Episcopal e sua presença e participação na 5ª Conferência de Aparecida.

Como ponto de chegada, a eleição do Cardeal Bergoglio e sua escolha do nome “Francisco”, para a missão de conduzir a Igreja. Serão resgatadas sua primeira homilia como Papa - na qual se pode perceber o caminho que haveria de traçar para a Igreja – e a primeira Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*, conteúdo

programático de seu programa no ministério da Igreja, como sucessor de Pedro - no qual vemos, claramente, refletido seu sonho de uma Igreja “em saída”:

Saiamos, saiamos para oferecer a todos a vida de Jesus Cristo! Repito aqui, para toda a Igreja, aquilo que muitas vezes disse aos sacerdotes e aos leigos de Buenos Aires: prefiro uma Igreja acidentada, ferida e enlameada por ter saído pelas estradas, a uma Igreja enferma pelo fechamento e a comodidade de se agarrar às próprias seguranças.³²⁷

Nesse chamado à Igreja “em saída”, Francisco diz, ainda, “que cada cristão e cada comunidade há de discernir qual o caminho que o Senhor lhe pede, mas todos somos convidados a aceitar essa chamada.”³²⁸

Nestes dez anos de pontificado (2013 – 2023), Francisco viveu um momento difícil durante a pandemia Covid-19, responsável por paralisar o mundo. Vemos em suas catequeses “Curar o mundo”, realizadas nas audiências de 5 de agosto a 30 de setembro de 2020, um chamado a viver as virtudes teológicas: a fé, a esperança e a caridade; e o cuidado e atenção para com todos, especialmente os pobres e descartados da sociedade. Enfrentando o desafio do cuidado com a vida, durante a pandemia, e que se estende hoje para o cuidado da casa comum, da vida ameaçada do planeta que habitamos.

Desde o início de seu pontificado, Francisco nos propõe um caminhar como Igreja, com a participação de um maior número de leigos e leigas, nas situações que antes sempre foram atribuições apenas de clérigos. Seu cuidado com a juventude, demonstrado na realização das “jornadas mundiais da juventude”, e a inclusão dos jovens na economia de Francisco, orientando um novo jeito de cuidar de questões econômicas com a participação de jovens economistas merecem atenção. Também a preocupação pelo cuidado com a “casa comum”, explicitada na encíclica “*Laudato Si*”; e o caminho do diálogo e respeito para com todas as religiões, conforme a *Fratelli Tutti*, sobre a fraternidade e a amizade social.

Sigamos com os primeiros anos de Jorge Mario Bergoglio, o histórico de sua família e sua experiência de fé.

4.1.1

Os primeiros anos, família, estudos, trabalho e sua vocação “o ser encontrado por Deus”

³²⁷ EG 49.

³²⁸ EG 20.

No ano de 1929, a família de Giovanni Bergoglio e Rosa Margherita Vasallo desembarcou no porto de Buenos Aires, Argentina, vinda da região de Piemonte, no norte da Itália, pertencente a um povo chamado Portacomaro, ainda marcado pelas feridas da Primeira Guerra Mundial. Em Buenos Aires já estavam, desde 1922, três irmãos de Giovanni, os quais haviam construído um edifício de quatro andares, onde, em cada andar, residia um irmão. Nessa época, Giovanni e Rosa, futuros avós de Jorge Mario, contavam seus 21 anos. “Na origem da transferência para a Argentina, havia a ideia, muito europeia – e em particular muito italiana –, de manter a família unida.”³²⁹

Os pais de Jorge Mario – Jose Mario Bergoglio e Regina Maria Sivori –, se conheceram em 1934 em uma missa, no Oratório Salesiano de Santo Antônio, e se casaram no ano seguinte, em 12 de dezembro, na Basílica de Nossa Senhora Auxiliadora e São Carlos Borromeu, no bairro de Almagro. Regina “era filha de uma piemontesa e de um argentino descendente de genoveses.”³³⁰

Um ano depois, em 17 de dezembro de 1936, nasce o primeiro filho do casal, que recebeu o nome de Jorge Mario. No dia de natal desse mesmo ano, o menino é batizado na mesma Basílica de Nossa Senhora Auxiliadora e São Carlos Borromeu, pelo Pe. Enrique Pozzoli. Quando Jorge Mario tinha 13 meses, nasce seu irmão, sucedido por outros três, somando cinco, no total: Jorge Mario, Oscar Adrián, Marta Regina, Alberto Horácio e Maria Elena:

Quando eu tinha 13 meses – lembrou o futuro papa –, minha mãe teve seu segundo filho: somos cinco, no total. Nossos avós moravam muito perto e, para ajudar minha mãe, vovó vinha me pegar pela manhã, me levava à casa dela e me trazia de volta para casa à noite.³³¹

Assim, passando grande parte de sua infância com seus avós, Giovanni e Rosa – que falavam piemontês entre eles –, Jorge Mario aprendeu a falar como eles e a avó, Rosa, o ensinou a rezar – fato que marcou a sua vida de fé. Bergoglio afirma ter sido a avó “a mulher que maior influência teve em sua vida.”³³². Em seu testamento, assim escrevera a avó Rosa assim escreveu aos netos:

³²⁹ TORNIELLI, A., Francisco, p. 62.

³³⁰ RUBIN, S.; AMBROGETTI, F., El jesuita, p. 29. (T.A)

³³¹ TORNIELLI, A., Francisco, p. 62.

³³² MELLO, A. Awi., “Ela é minha mãe!” p. 25.

Que estes meus netos, a quem dei o melhor de meu coração, tenham uma vida longa e feliz, mas se em algum dia de dor, a doença ou a perda de uma pessoa amada os encha de desconsolo, que recordem que um suspiro no Tabernáculo, onde está o maior e mais augusto mártir, e um olhar a Maria ao pé da Cruz, podem fazer cair uma gota do bálsamo sobre as feridas mais profundas e dolorosas.³³³

A avó Rosa, mulher que maior influência teve em sua vida, continuou a acompanhá-lo em sua vocação ao sacerdócio. E ele recordará:

Uma vez, quando estava no seminário, minha avó me disse: ‘Não esqueças nunca que estás por converter-te em sacerdote e a coisa mais importante para um sacerdote é celebrar a Missa. Celebra a Missa, cada Missa, como se fosse a primeira e a última.’³³⁴

Jorge Mario, ao terminar o sexto ano da escola primária, com apenas 13 anos de idade, começa a trabalhar durante o período de férias. Seu primeiro trabalho foi em uma fábrica de meias, fato que lhe causou bastante espanto, mas permanecendo obediente ao seu pai. Ao concluir o ensino fundamental, seu pai o chamou e disse-lhe: “Olha, já que você vai começar o ensino médio, convém também que comece a trabalhar, nas férias. Irei lhe arranjar algo. Jorge, com apenas 13 anos, o olhou, um tanto desconcertado”.³³⁵

Mais tarde, ao recordar este fato, irá avaliar o quanto fora positiva para sua formação aquele primeiro trabalho. Algum tempo depois, Bergoglio trabalhara em um laboratório, após formar-se, no ensino secundário, em Técnico em Química. “Sou muito grato ao meu pai por ele ter me mandado trabalhar. O trabalho foi uma das coisas que me fizeram melhor na vida e, particularmente, no laboratório aprendi o bem e o mal de todas as tarefas humanas”.³³⁶

Para Francisco, o trabalho é uma experiência humana de dignidade: o ganhar o sustento com o suor do trabalho. Pois comemos e mantemos o sustento da família com o que ganhamos. E irá dizer:

O trabalhador é o centro. Hoje, em muitos casos, não é assim. É facilmente descartado, se não produz conforme o esperado. Torna-se uma coisa, não é levado em conta como pessoa. A Igreja denunciou, nas últimas décadas, uma desumanização do trabalho. Portanto, não é necessário olhar o trabalho apenas pelo

³³³ ACI/EWTN. O Papa Francisco leva sempre consigo estas palavras de sua avó Rosa. Notícias, Vaticano 11 mar. 2015.

³³⁴ ACI/EWTN. O Papa Francisco leva sempre consigo estas palavras de sua avó Rosa. Notícias, Vaticano 11 mar. 2015.

³³⁵ RUBIN, S.; AMBROGETTI, F., El jesuíta, p. 33. (T.A)

³³⁶ RUBIN, S.; AMBROGETTI, F., El jesuita, p. 34. (T.A)

funcional. O centro não é lucro, nem capital. O homem não é para o trabalho, mas o trabalho para o homem.³³⁷

Em 21 de setembro de 1953, quando Jorge Mario tinha 17 anos e preparava, junto com seus amigos, um piquenique para celebrar o Dia do Estudante – que acontecia na primavera –, houve um encontro que marcou para sempre sua vida. Durante uma confissão na igreja paroquial de São José de Flores, por ele frequentada, descobriu “sua vocação religiosa. Percebeu que havia sido chamado.”³³⁸. Deus o esperava.

Podemos dizer de uma experiência profunda de Deus no encontro, primeiramente consigo mesmo, na sua intimidade, e, ao mesmo tempo, na infinita presença do amor misericordioso de Deus, durante o sacramento da confissão. Foi o despertar de sua fé. Assim expressou Francisco sobre sua experiência de haver sido encontrado por Deus:

Durante aquela confissão, aconteceu algo raro comigo, não sei dizer exatamente o quê, mas foi uma coisa que mudou minha vida. Diria mesmo que foi como se tivessem me surpreendido enquanto baixava a guarda. Foi a surpresa, o estupor de um encontro; percebi que estavam esperando por mim. Essa é a experiência religiosa: o estupor do encontro com alguém que nos espera. Daquele momento em diante, Deus se tornou para mim alguém que nos precede. A gente O procura e Ele nos procura primeiro. A gente quer encontrá-Lo, mas Ele vem ao nosso encontro primeiro.³³⁹

Mesmo sentindo no coração o chamado de Deus – “o haver sido encontrado por Deus”, como afirmou Francisco –, Bergoglio seguiu trabalhando no laboratório de análises e concluiu seus estudos. Quatro anos se passaram, enquanto o jovem Jorge Mario meditava, no coração, o acontecimento vivido. Experiência essa nunca compartilhada por ele, naquela época: “Vivi a experiência da solidão, uma solidão passiva, daquelas em que sofremos sem motivo aparente ou por uma crise ou perda”.³⁴⁰ É neste ínterim em que expressa o que seria a vocação religiosa para ele, novamente se referindo à confissão: “momento em que estão muito presentes a misericórdia e o amor de Deus.”. Em alinhavo:

A vocação religiosa é uma chamada de Deus a um coração que está esperando, consciente ou inconscientemente. Sempre fiquei impressionado com a passagem

³³⁷ RUBIN, S.; AMBROGETTI, F., *El jesuita*, p. 38. (T.A)

³³⁸ TORNIELLI, A., *Francisco*, p. 70.

³³⁹ RUBIN, S.; AMBROGETTI, F., *El Jesuita*, p. 45-46. (T.A)

³⁴⁰ TORNIELLI, A., *Francisco*, p. 71.

evangélica na qual se lê que Jesus olhou para Mateus com uma atitude que, traduzida, poderia ser interpretada como lhe oferecendo misericórdia e o escolhendo... Esse foi exatamente o modo como me senti: olhado por Deus durante aquela confissão. Olha, existe quem te quer bem, quem te chama pelo nome, quem te escolheu. A única coisa que pede a ti é que te deixes amar.³⁴¹

Para Francisco, Deus sempre “primeira”, como no seu encontro com Deus, no sacramento da confissão. Deus o encontrou primeiro e o amou. E foi misericórdia. Vemos que Francisco, em sua vida e missão, sempre irá recordar e resgatar a memória dessa experiência do chamado, do ser encontrado por Deus. Fato que irá acompanhá-lo, evocando-o mais tarde como tema e inspiração para sua missão episcopal e, posteriormente, pontifical. Sua palavra-força é “misericórdia”, em cujo sentido, mais adiante, iremos aprofundar.

Seguindo o coração e o chamado de Deus, ingressa no seminário de Villa Devota, período de sua vida abordado a seguir.

4.1.2

A enfermidade e a vocação ao sacerdócio na Companhia de Jesus

Após quatro anos do episódio do “sentir no coração que Deus o havia encontrado”, Jorge Mario, já então com 21 anos, ingressa no seminário da Diocese de Villa Devota. Logo quando de seu ingresso no seminário, fora acometido por uma grave pneumonia, a qual o levava, conseqüente, ao desenvolvimento de três cistos no pulmão. Jorge Mario. “(...) precisou se submeter a uma ablação da parte superior do pulmão direito. As semanas de convalescença foram difíceis: as dores intensas, devido ao método então utilizado para se retirar a água acumulada no pulmão”³⁴².

Durante o tempo de enfermidade, por ocasião das visitas que recebia, foi percebendo que as frases ditas não lhe traziam qualquer consolo; somente quando recebeu uma visitante especial – uma religiosa chamada Irmã Dolores, que o havia preparado para a Primeira Eucaristia – é que passou a entender o sentido desse momento delicado. Ela lhe disse: “Você está imitando Jesus.”³⁴³ Assim compreendeu ele o que era viver a dor e o sofrimento:

³⁴¹ RUBIN, S.; AMBROGETTI, F., *El Jesuita*, p. 49. (T.A)

³⁴² TORNIELLI, A., *Francisco*, p. 72.

³⁴³ TORNIELLI, A., *Francisco*, p. 72.

A dor não é uma virtude por si mesma, mas pode ser virtuosa na maneira como a vivemos. Nossa vocação é a plenitude e a felicidade e, nessa busca, a dor é um limite. Por isso, nós compreendemos o sentido da dor verdadeiramente através da dor de Deus que se fez homem, Jesus Cristo.³⁴⁴

Depois do difícil momento vivido durante a enfermidade, já no ano de 1958, ingressa no noviciado da Companhia de Jesus. Comenta o porquê de se ter decidido pelos jesuítas:

Decidi pela Companhia de Jesus porque fui atraído pelo fato de ela ser uma força avançada da Igreja, na qual se usava uma linguagem militar e determinada pela obediência e pela disciplina. Eu a escolhi também porque a Companhia era direcionada ao serviço missionário. Com o tempo, senti desejo de viajar como missionário ao Japão, onde os jesuítas realizavam uma obra muito importante há tempos. Mas, por causa do sério problema de saúde que trazia comigo desde minha juventude, não fui autorizado.³⁴⁵

Determinado, disciplinado e obediente, Bergoglio seguiu sua formação na Companhia de Jesus durante dois anos (1961 e 1962). Realizou estudos humanistas no Chile, voltando para a Argentina e, em 1963, obtendo o diploma de licenciatura em Filosofia. Lecionou Literatura e Psicologia, entre 1964 e 1966, no Colégio Imaculada, em Santa Fé e no Colégio Salvador, em Buenos Aires. Bergoglio havia estudado Psicologia quando cursou Filosofia, mas era mais adepto à Literatura e, para lecionar, se preparou durante o verão.

Francisco recorda, assim, do seu tempo de professor: “lembra que procurava dar aulas o mais flexíveis possível: escolhia um autor e um período, mas se alguém preferisse outro do mesmo período – ou mesmo de outro –, ele deixava mudar.”³⁴⁶

Estudou Teologia por três anos, no Colégio Máximo São José, de São Miguel e, em 13 de dezembro de 1969, foi ordenado sacerdote pelo Arcebispo Ramón Castellano.

Em 1970, licencia-se em Teologia. Nesse mesmo ano, viaja para a Espanha, onde permanece por três anos e, “após ter completado a terceira provação na Companhia de Jesus, em Alcalá de Henares, no dia 22 de abril de 1973, faz sua profissão perpétua”³⁴⁷ e é nomeado mestre de noviços da Província de Argentina.

³⁴⁴ TORNIELLI, A., Francisco, p. 72.

³⁴⁵ TORNIELLI, A., Francisco, p. 74.

³⁴⁶ RUBIN, S.; AMBROGETTI, F., El Jesuita, p. 56. (T.A)

³⁴⁷ TORNIELLI, A., Francisco, p. 76.

Em 31 de julho, aos 36 anos de idade, é eleito provincial dos jesuítas da Argentina, cargo que ocupou por seis anos, até 1979.

Durante os anos de 1970 a 1980, Pe. Bergoglio, por sua vez, exerceu atividades acadêmicas e pastorais, sendo diretor espiritual e mestre de noviços por três anos. Ocupando-se, assim, em diferentes atividades, demonstrava versatilidade e capacitação às mais diversificadas funções que assumiu como sacerdote jesuíta. Durante seu mandato de provincial, viveu tempos difíceis, face à instável situação política do seu país:

Foi um período crucial da ditadura de Jorge Rafael Videla Redondo, que deteve o poder na Argentina de 1976 a 1981, depois de um golpe de Estado contra Isabelita Perón. Seu regime foi marcado pela violação sistemática dos direitos humanos, com tortura e assassinato de milhares de pessoas, os chamados “desaparecidos”.³⁴⁸

Pe. Bergoglio foi provincial por seis anos (1973 - 1979, durante o período em que a Argentina lidava com as consequências de um golpe de estado, seguido por uma ditadura, responsável por desaparecimentos e mortes de opositores. Nessa época, Bergoglio, em seus 40 anos, sofreu acusação com relação a dois confrades. Mais tarde, assim respondeu ao ser questionado: “Fiz aquilo que podia, o que estava nas minhas possibilidades para a idade que tinha... E pelas poucas relações que mantinha, a fim de interceder e libertar pessoas sequestradas.”³⁴⁹

Muitas são as recordações que Pe. Bergoglio carrega em sua memória e no coração acerca das experiências traumáticas tecidas durante aquela ditadura. Entre tantas, situações de pessoas a quem não pode ajudar. Entretanto, recorda, em especial, o episódio de um jovem catequista sequestrado durante a ditadura, e que conseguiu ver novamente sua família – pois muitas famílias não tiveram mais notícias e nem contato com os desaparecidos. Assim relata Pe. Bergoglio sobre tal experiência.

Lembro-me do caso de um jovem catequista que havia sido sequestrado e pelo qual fui chamado a interceder. Também neste caso me movi dentro das minhas poucas possibilidades. Não sei até que ponto minhas investigações influenciaram, mas a verdade é que, graças a Deus, o menino foi solto pouco depois. Como sua família era feliz! Por isso, repito: depois de situações como esta, como não entender a reação de tantas mães que viveram uma terrível provação? Mas que, ao contrário deste caso, nunca mais viram seus filhos com vida...³⁵⁰

³⁴⁸ TORNIELLI, A., Francisco, p. 77.

³⁴⁹ TORNIELLI, A., Francisco, p. 83.

³⁵⁰ RUBIN, S.; AMBROGETTI, F., El Jesuíta, p. 148. (T.A)

E segue, dizendo, que devemos nos colocar no “lugar das mães”³⁵¹ que tiveram seus filhos sequestrados e nunca mais souberam deles. Tampouco souberam por quanto tempo seus filhos estiveram presos, o que suportaram diante das torturas sofridas, como morreram. Daí a busca, dessas mães, por respostas. Como as autoridades as acolheram? Como a Igreja reagiu a tudo isso? Defendeu os direitos humanos durante os anos de ditadura?

Para responder a perguntas como esta sobre a Igreja e sua atuação no momento da ditadura, Pe. Bergoglio diz que temos que ter em conta que a Igreja é formada por todos os batizados. Como em toda sociedade, foi se conhecendo aos poucos tudo o que estava se passando, não havendo uma clara consciência logo no início - além das limitações para interpretar tudo o que estava acontecendo. Sim, a Igreja falou através de uma carta pastoral de 15 de maio de 1976, na qual refletira a preocupação dos bispos; e uma, de abril de 1977, em que adverte contra a tortura:

No entanto, apesar dos esforços reservados, as declarações do Episcopado não suscitam dúvidas. E todos podem lê-las, porque foram resumidas em um livro, que apresentamos no 25º aniversário do nosso documento, Igreja e Comunidade Nacional. No terceiro capítulo, intitulado: A Igreja e os direitos humanos.³⁵²

Para Pe. Bergoglio, o caminho para curar as feridas desse tempo difícil é a busca por uma autêntica reconciliação. É o viver uma experiência de perdão, o saber perdoar e acolher o perdão, para assim experimentar uma profunda paz.

No ano de 1980, após terminar sua missão de provincial, Pe. Bergoglio assume, como reitor, o Colégio Máximo São José, bem como a Paróquia de São José, da Diocese de São Miguel.

Em 1986, transfere-se para a Alemanha, almejando a produção de uma tese de doutorado, porém, não concluiu o curso. Assim relata o Papa Francisco:

Mesmo que não tenha conseguido defender minha tese, o estudo que fiz ajudou-me muito por tudo aquilo que veio depois. Inclusive a Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*³⁵³ (A alegria do Evangelho), visto que toda a parte sobre os critérios sociais é tirada da tese sobre Guardini.³⁵⁴

³⁵¹ Se refere às mães da Plaza de Mayo, de Buenos Aires, que ainda hoje aguardam respostas sobre os filhos sequestrados, desaparecidos.

³⁵² RUBIN, S.; AMBROGETTI, F., El Jesuita, p. 141. (T.A)

³⁵³ Na *Evangelii Gaudium* existe uma citação de Guardini, de seu ensaio “La fine dell’epoca moderna. e se encontra nos números 217 a 237. Na qual o Papa Francisco ilustra os quatro critérios que a seu juízo, devem promover o bem comum e a paz social. Romano Guardini (1923-1968) foi sacerdote, escritor e teólogo. Com grande influência na teologia católica-romana no século XX.

³⁵⁴ BORGHESI, M., Jorge Maio Bergoglio, p. 112.

Pe. Bergoglio permaneceu na Alemanha até 1988, quando retornou à Argentina novamente como professor, agora de Teologia Pastoral no Colégio Máximo São José. Em 1990, é enviado para a residência dos jesuítas, no centro de Córdoba, como diretor espiritual e confessor no templo, onde permaneceu por um longo período, como em um retiro silencioso - um período considerado como seu “exílio”. Entretanto, quando o arcebispo de Buenos Aires, Cardeal Antonio Quarracino, em sua passagem por Córdoba, conheceu o Pe. Bergoglio, ficou admirado com a capacidade desse jesuíta sereno e preciso. “E, sem nenhuma pretensão, o cardeal havia afinal encontrado o homem ideal para sucedê-lo no arcebispado da capital portenha.”³⁵⁵. Assim, Pe. Bergoglio foi indicado para receber a sagração episcopal, tornando-se bispo, em 1992.

4.1.3 O Bispo Bergoglio e seu estilo simples e austero

Vivendo em Córdoba, Pe. Bergoglio recebeu a chamada do então Núncio Apostólico, Monsenhor Ubaldo Calabresi. Eles tinham entre si um bom relacionamento e, via de regra, o Monsenhor Calabresi consultava Pe. Bergoglio, acerca de alguns sacerdotes que eram candidatos a bispos.

No dia 13 de maio de 1992, o Núncio Apostólico pediu para reunir-se com Pe. Bergoglio no aeroporto de Córdoba, pois estava a caminho de Buenos Aires. Ali se reuniram, conversaram sobre várias questões e minutos antes de sair seu voo, o núncio lhe dissera: “Ah! Uma última coisa, você foi nomeado bispo auxiliar de Buenos Aires e a nomeação será publicada no dia 20. Reação e comentário de Pe. Bergoglio, ao receber essa notícia: Simples assim, ele me disse. Me bloqueei.”³⁵⁶

Em 20 de maio de 1992, o Papa João Paulo II o nomeia como bispo titular de Auca e auxiliar em Buenos Aires. Em 27 de junho, Pe. Bergoglio é sagrado bispo, escolhendo como lema *miserando atque elegendo* – uma expressão do monge inglês Beda, o Venerável (673-735). Em seu brasão de armas, o símbolo da Companhia de Jesus, *IHS*.

Tornou-se vigário episcopal da Zona de Flores, onde nasceu, e, em dezembro de 1993, assume o cargo de vigário geral da Arquidiocese. Em 3 de junho de 1997,

³⁵⁵ QUEVEDO, L. R., Jorge Mario Bergoglio / Papa Francisco um testemunho.

³⁵⁶ RUBIN, S.; AMBROGETTI, F., El Jesuita, p. 125. (T.A)

em decorrência do falecimento do Cardeal Quarracino, foi promovido a arcebispo co-auditor de Buenos Aires. Apenas nove meses após ser promovido a arcebispo, Pe. Bergoglio o sucedeu em fevereiro de 1998, como arcebispo primaz da Argentina e ordinário para os fiéis de rito oriental. Em 2001, o Papa João Paulo II o constituiu cardeal:

Em outubro de 2001, foi nomeado relator-geral adjunto na 10ª. Assembleia Geral Ordinária do sínodo dos bispos, dedicada ao ministério episcopal. Uma função que lhe foi dada no último instante, ao substituir o Cardeal Edward Michael Egan, arcebispo de Nova York, obrigada a voltar para a pátria por causa dos ataques terroristas às Torres Gêmeas, em 11 de setembro.³⁵⁷

Sua participação no sínodo colocou em evidência a missão profética do bispo: o seu “ser profeta” da justiça, com seu dever de pregar incessantemente a doutrina da Igreja, demonstrando um juízo autêntico, em matéria de fé e de moral.

Na ocasião em que era bispo de Buenos Aires, no final dos anos 1990, a cidade estava sendo atingida por níveis altíssimos de violência, sobretudo homicídios. O desânimo, a insegurança e a desconfiança assustavam os argentinos, em especial a partir dos escândalos de corrupção na administração do então presidente Juan Carlos Menem (1989-1999):

Uma pesquisa da época fala da ocorrência de um assalto a cada 45 segundos e de 4 homicídios por dia. A assembleia plenária dos bispos afirmava que “as muitas faces da pobreza e da exclusão, como consequência dos critérios somente econômicos, são uma afronta moral que fere a Humanidade.”³⁵⁸

Diante dessa situação, os bispos argentinos ergueram a voz e se envolveram com a crise vivida pelo país, tomando como desafio a reconstrução da pátria. No final de 2001, a Comissão Permanente da Conferência Episcopal descrevia que o país estava à beira de uma anarquia imprevisível.

Em dezembro daquele mesmo ano, manifestações explodem, com um saldo de 16 mortos e milhares de feridos. O então presidente do país, De la Rúa – que havia sucedido a Menem –, foi obrigado a deixar o cargo. O país vivia um momento dramático.

³⁵⁷ STRAZZARI, F., Para conhecer o Papa Francisco, p. 79-80.

³⁵⁸ STRAZZARI, F., Para conhecer o Papa Francisco, p. 80.

Em janeiro de 2002, após reuniões extraordinárias, a Comissão Permanente dos Bispos Argentinos divulga um breve documento, intitulado “Reconstruir a pátria”:

Que a pátria esteja gravemente enferma – escreviam os bispos –, devido a uma vasta infecção moral que se reflete em diversos campos: econômico, político, cultural, isto é inegável. Mas é igualmente certo que o momento de grande humilhação de um povo pode se transformar no início de seu renascimento. Com tal fim é suficiente reconhecer a situação com honestidade, unir os esforços e não perder tempo a acusar-se reciprocamente pelo que aconteceu, sem por isso obstruir o caminho da justiça.³⁵⁹

Nesse momento, na Argentina, o contingente de pobres e indigentes contabilizava 19 milhões. Por ocasião do feriado nacional pelo Dia da Pátria, em 25 de maio de 2002, o arcebispo de Buenos Aires, Cardeal Bergoglio, durante a celebração do *Te Deum*, proferiu uma homilia que teve ampla repercussão em toda Argentina. Segue a homilia de Bergoglio:

Como no caso de Zaqueu, pode surgir em nós a consciência de nossa dificuldade em viver com elevação espiritual: sentir o peso do tempo desperdiçado, das oportunidades perdidas, enquanto surge dentro de nós o repúdio pela impotência que nos impede de tomar em nossas mãos o nosso destino, encerrados em nossas próprias contradições.

Parece que as nossas culpas esmagaram nossa boa disposição. Um triste pacto interior foi urdido no coração de muitos daqueles que estavam destinados a defender os nossos interesses, com consequências dramáticas: a culpa de suas confusões cabe a nossas feridas e, em vez de invocar a cura, persistem no erro e se refugiam no acúmulo do poder, consolidando os fios de uma teia que os impede de ver a realidade, sempre mais dolorosa.

Temos vivido muitas ficções, acreditando fazermos parte do primeiro mundo; fomos atraídos pelo bezerro de ouro da estabilidade consumista e do turismo “tudo incluído”, à custa do empobrecimento de milhões de pessoas. Quando obscuras cumplicidades interiores e exteriores se transformam em álibis para justificar comportamentos irresponsáveis, que não hesitam em impulsionar a situação aos limites, sem se preocupar com as consequências danosas de nada serve a tentação de encontrar um bode expiatório em nome do nascimento de uma classe melhor, pura, mágica.

A querer sempre ter razão, a manter intactos os privilégios; é preciso renunciar à vida fácil e ao ganho fácil; deixar de se comportar como parvos, anões de espírito.

Já não suportamos o bastante para finalmente nos decidirmos a romper os velhos esquemas, a renunciar a atitudes tolas tão arraigadas e a deixar o caminho livre para as nossas verdadeiras potencialidades? É necessário que escorra mais sangue para que o nosso orgulho ferido pelos fracassos reconheça a própria derrota?

Hoje, como nunca antes, quando o perigo da desagregação nacional bate à porta, não nos insensibilize e as ameaças nos intimidem. Nenhum talento, nenhuma riqueza podem remediar a baixa moral; e, todavia, se o problema não é moral, não há saída para aquele que tem o olhar baixo, sem esperança, resignado diante dos próprios limites, desprovido de criatividade.

³⁵⁹ STRAZZARI, F., Para conhecer o Papa Francisco, p. 82.

É preciso dar tempo ao tempo e à constante organizadora e criadora: recorrer menos à reclamação estéril, às ilusões, às promessas e nos dedicarmos à ação firme e perseverante.

Por este caminho floresce a esperança, aquela esperança que não decepciona porque é um dom de Deus para o coração do nosso povo.³⁶⁰

Conclui enfatizando com um forte apelo a “recorrer menos às reclamações estéreis, às ilusões, e a dedicar a ação firme e perseverante, neste caminho em que floresce a esperança.”

Não obstante as críticas, a hierarquia decidia continuar a apoiar a iniciativa do diálogo, mesmo que alguns padres pedissem que a hierarquia tomasse uma posição a favor dos pobres e contra a pobreza - pois, para a Igreja, dialogar não quer dizer se render ou ser conivente com nenhum setor: “A guinada para o alto, desejada e corajosamente expressa por Bergoglio, não parecia de forma alguma abatida.”³⁶¹

No ano seguinte, em 25 de maio, toma posse o novo presidente, Néstor Carlos Kirchner Ostoic, que permaneceu no cargo até 2007:

Falou-se do fenômeno Kirchner: um estilo totalmente pessoal e direto do presidente de enfrentar os graves problemas de uma população extenuada e à deriva. Ele disse no discurso programático de 25 de maio: não teria aceitado nenhum tipo de pressão da parte de grupos de poder nas mãos de poucos e teria tentado pôr fim à corrupção, prometendo postos de trabalho. Entretanto, buscou o apoio do Clarín, o jornal mais vendido na Argentina, e fez uma aliança com esse poderoso grupo.³⁶²

Por outro lado, a Igreja, com a Conferência Episcopal, continuava a denunciar a difícil situação econômica, de corrupção, de pobreza e de desemprego do país:

A corrupção, que parece persistir graças à impunidade, ao descaramento daqueles que transferem os seus capitais para o exterior, sem nenhum controle do Estado, a falência do sistema jurídico, somada à desobediência às leis, à insegurança e o aumento da discrepância que existe entre os poucos privilegiados com grandes possibilidades, e a marginalização de multidões excluídas até mesmo dos mínimos recursos para conduzir uma vida digna.³⁶³

Contudo, Bergoglio e o presidente Néstor Kirchner se encontram, expressando a existência de pontos em comum entre eles - o que, de certa forma, poderia favorecer a vida e o desenvolvimento do país. Porém, em 25 de maio de

³⁶⁰ STRAZZARI, F., Para conhecer o Papa Francisco, p. 84-85.

³⁶¹ STRAZZARI, F., Para conhecer o Papa Francisco, p. 86.

³⁶² STRAZZARI, F., Para conhecer o Papa Francisco, p. 88.

³⁶³ STRAZZARI, F., Para conhecer o Papa Francisco, p. 88-89.

2005, o presidente não participou do *Te Deum*. Havia uma tensão entre eles: Bergoglio, em sua homilia, criticou o “exibicionismo” do novo governo e Kirchner, ao que parece, não aceitava ouvir do púlpito que sua política não era a favor do povo. Assim se expressara Bergoglio em sua homilia:

Não são poucas as vezes em que o mundo olha, estupefato, para um país como o nosso, cheio de possibilidades, que se perde em atitudes e crises emergentes e não aprofunda os aspectos sociais culturais e espirituais, e que não quer entender as causas, que se desinteressa pelo futuro.

Estamos preparados para a intolerância. Estamos cansados dos nossos discursos e contestações, dispostos a acusar os outros antes de olhar para nós próprios.

Abramos os olhos por um momento: uma guerra surda está se desenvolvendo em nossas ruas, a pior de todas: aquela que os inimigos que convivem e não se veem entre si porque seus interesses se cruzam dirigidos por organizações sórdidas, dedicadas à delinquência.

Sabemos bem que este povo poderá aceitar humilhações: porém não a mentira de ser julgado culpado, por não reconhecer a exclusão de vinte milhões de irmãos com fome e com a dignidade pisoteada.³⁶⁴

Nesse clima de tensão, Bergoglio assume a presidência da Conferência Episcopal da Argentina, entre 2006 e 2012. Por outro lado, o presidente Néstor Kirchner, não foi candidato a reeleição, em 2007, deixando espaço para sua mulher, Cristina Kirchner:

A cúpula do episcopado argentino, com o presidente Bergoglio como chefe, reuniu-se com Cristina algumas semanas depois de sua ascensão à presidência, em 2007.

Logo surgiram grandes dificuldades de entendimento. Bergoglio estava fortalecido por uma intervenção do Papa Bento XVI, que tinha denunciado o escândalo da pobreza na Argentina. O cardeal denunciava: “Há anos o país não se responsabiliza pelas pessoas”.³⁶⁵

Nessa situação de dificuldades e busca por caminhos novos para o povo argentino, Bergoglio se manteria firme em três princípios, que marcaram a política de colaboração acordada antes com Néstor e que se mostrou mais equilibrada do que na época de Cristina: 1º) a necessidade do diálogo; 2º) a luta contra a pobreza; 3º) a batalha contra a corrupção.:

Bergoglio se comportava com um estilo austero, mas esse era o estilo que tinha para com todos: empresários, políticos, jornalistas, sindicatos, teólogos e padres. E com esse estilo se encontrava com todos aqueles que iam falar-lhe dos problemas do país.

³⁶⁴ STRAZZARI, F., Para conhecer o Papa Francisco, p. 90-91.

³⁶⁵ STRAZZARI, F., Para conhecer o Papa Francisco, p. 92.

Cristina não entendeu o seu estilo. Sempre pensou que, além de ser arcebispo e o primaz da Argentina, ele fosse um opositor político.³⁶⁶

Contudo, Cristina participou, em Roma, da cerimônia de investidura de Bergoglio, como Bispo de Roma. Ele a recebeu e a presenteou com o Documento de Aparecida. Podemos perceber a importância da Conferência de Aparecida para o Cardeal Bergoglio, desde seu tempo de arcebispo em Buenos Aires, até posteriormente em seu ministério, como papa.

Na Argentina, a recepção por parte dos bispos do Documento de Aparecida foi a partir da divulgação de uma carta pastoral, em agosto de 2009, que, logo no início, em seu número 1, diz: “o evento de Aparecida foi para a Igreja um convite a renovar nosso ardor apostólico, e nosso fervor. Cada um de nós sabe o que significa “evangelizar” e o que implica esta vocação na Igreja. E segue, afirmando que “o Espírito sempre sopra convidando-nos a buscar o novo.”³⁶⁷:

Esta é a maravilha da presença do Espírito na Igreja. O Espírito sempre sopra para encontrar o novo no ordinário, renovando o cotidiano, porque é Cristo quem faz novas todas as coisas: “Estou prestes a fazer algo novo: já está germinando, não percebe?” (Is 43, 19).³⁶⁸

Assim, os bispos seguem reafirmando a necessidade da renovação pastoral, a partir da chamada de Aparecida na perspectiva missionária. A missão, como um estado permanente – como já o haviam expressado em outro documento pastoral de maio de 2003, cujo título é “Navegar Mar Adentro” –, e que logo em sua introdução vemos a Nova Evangelização como um caminho diante da situação do país naquele momento:

Diante da situação crítica do país, elegemos a Nova Evangelização como a melhor contribuição que a Igreja pode oferecer para superá-la. Entregamos “Navegar Mar Adentro”, esperando que cada agente de pastoral se sinta orientado e impulsionado a provocar o protagonismo de todos os batizados para evangelizar mais profundamente o nosso povo.³⁶⁹

³⁶⁶ STRAZZARI, F., Para conhecer o Papa Francisco, p. 93.

³⁶⁷ COMISIÓN PERMANENTE. Carta Pastoral de los obispos argentinos con ocasión de la Misión Continental n. 1.

³⁶⁸ COMISIÓN PERMANENTE. Carta Pastoral de los obispos argentinos con ocasión de la Misión Continental, n.2

³⁶⁹ CONFERÊNCIA EPISCOPAL ARGENTINA. Navegar mar adentro, n. 1.

O documento “Navegar Mar Adentro” expressa uma firme intenção de assumir o estilo evangélico de Jesus Cristo, que requer, do evangelizador, uma conversão pastoral, tendo assim a capacidade de acolher as pessoas, exercitando a misericórdia, a disponibilidade, a bondade e a atenção para com as necessidades humanas, assumindo viver o mesmo entusiasmo dos primeiros cristãos:

Mais uma vez repetimos que hoje a pátria exige algo inédito para superar a situação em que nos encontramos. Ao mesmo tempo, reconhecemos um firme apelo do Espírito, através do Papa João Paulo II, que nos impulsiona a inaugurar com firmeza e perseverança uma nova etapa na evangelização do nosso povo. O mandato missionário nos introduz no terceiro milênio, convidando-nos a ter o mesmo entusiasmo dos cristãos dos primeiros séculos. Para isso temos a força do Espírito, que foi enviado no Pentecostes, e que hoje nos impulsiona a partir, animados pela esperança.³⁷⁰

Novamente está a presença e a força do Espírito que anima e faz novas todas as coisas. O documento ainda apresenta orientações para acompanhar as pessoas em sua experiência de fé, reconhecendo o valor da religiosidade popular. Por fim, sinaliza três ações de caráter abrangente, com um grande potencial evangelizador, para atingir um maior número de pessoas: 1º) fazer da Igreja casa e escola de comunhão; 2º) acompanhar todos os batizados rumo ao encontro pleno com Jesus Cristo; e 3º) assumir o papel de Igreja servidora para uma sociedade responsável e justa.

É nessa Igreja, com seu dinamismo evangelizador, missionário, que Bergoglio viveu e desenvolveu seu ministério como padre e bispo.

O Bispo Bergoglio viveu o lema proposto no início de seu ministério como bispo e, depois, como cardeal: a misericórdia. “Jesus olhou Mateus com amor misericordioso e o escolheu”³⁷¹; e este lema segue acompanhando-o em seu pontificado. A misericórdia de Jesus “renova e redime, porque é o encontro de dois corações: o de Deus, e o nosso coração humano, que vai ao Seu encontro.”³⁷²

Bergoglio foi um arcebispo muito popular, estando sempre próximo do povo. Para ele, a Igreja do Povo é a Igreja que facilita a fé das pessoas, em vez de regulá-la. Em 2008, na Festa de São Caetano, Bergoglio, em sua homilia, dialogou com o povo:

³⁷⁰ CONFERÊNCIA EPISCOPAL ARGENTINA. Navegar Mar Adentro, n. 98.

³⁷¹ MV 8.

³⁷² MeM 16.

Faço uma pergunta a vocês: a Igreja é um lugar aberto só para os bons? Não! Há lugar para os maus também? Sim! Aqui colocamos alguém para fora porque é mau? Não, pelo contrário, o acolhemos com mais afeto. E quem nos ensinou isso? Foi Jesus quem nos ensinou. Imaginem então, como o coração de Jesus é paciente com cada um de nós.³⁷³

Bergoglio demonstra, assim, proximidade e cuidado para com todos, especialmente os pobres, manifestando o desejo de que não se apague a tradição presente nas áreas remotas da Argentina, nos lugares e vilarejos onde os padres não estão presentes ou onde chegavam poucas vezes durante o ano:

Ali a piedade popular sente que as crianças devem ser batizadas o mais cedo possível; então, existem figuras, que podem ser homens e mulheres, conhecidos por todos como “*bautizadores*”, que batizam as crianças quando nascem, enquanto aguardam a chegada do padre. Quando este chega, as crianças são levadas para que ele as marque com o óleo santo, terminando o rito.³⁷⁴

Aqui vemos o *sensus fidei* – sentido da fé. O povo simples percebe e vive a realidade dos sacramentos com mais clareza, pois os sacramentos são para a vida das pessoas. Assim disse Bergoglio:

Olhar a nossa gente, não como deveria ser, mas como de fato é, e perceber o que é necessário. Sem previsões nem receitas, mas com abertura generosa. Para as feridas e as fragilidades, Deus falou. Permitir ao Senhor que Ele fale. Em um mundo no qual não conseguimos prender o interesse pelas palavras que dizemos –, somente a presença d’Ele, que nos ama e que nos salva, pode interessar–. O fervor apostólico se renova porque testemunha Aquele que nos amou primeiro.³⁷⁵

Percebemos, aqui, o sentido da fé dos fiéis, a fé vivida, experimentada. É essa experiência do mistério de Deus no mistério humano que mantém viva a fé. Uma experiência de encontro pessoal, mas também vivido no encontro com outros, na comunidade. No desejo de Bergoglio, está a Igreja que vai até o povo fiel:

Alguém que veio para compartilhar, não para exercer um poder sagrado. Alguém que veio para atrair com o sorriso da misericórdia, e não para regular a fé. Alguém enviado para facilitar o encontro com Jesus. Proximidade, misericórdia e ternura, paciência: são essas as palavras de Bergoglio, um pastor que confessou ser sua maior dor, como bispo, a constatação de que alguns padres não batizam as crianças de mães solteiras porque não foram concebidas na santidade do matrimônio.³⁷⁶

³⁷³ TORNIELLI, A., Francisco, p. 97.

³⁷⁴ TORNIELLI, A., Francisco, p. 98.

³⁷⁵ TORNIELLI, A., Francisco, p. 99.

³⁷⁶ TORNIELLI, A., Francisco, p. 10-11.

O sorriso de misericórdia de Bergoglio revela seu amor sincero e filial por Maria, o qual aprendeu, primeiro, com sua avó Rosa: “Desde quando éramos pequenos, nos ensinava em casa a rezar as três ave-marias e a realizar pequenas devoções”.³⁷⁷ A devoção à Virgem de Luján, padroeira da Argentina, não vem de sua infância, mas de quando iniciou sua missão como bispo de Buenos Aires. Foi participando das peregrinações diocesanas, especialmente a peregrinação juvenil iniciada em 1975, pela Comissão Arquidiocesana de Piedade Popular.

Assim expressou Bergoglio, em sua homilia na 25ª Peregrinação Juvenil a Luján, em 1999, na qual destaca o olhar da Virgem:

Hoje nós, depois de um longo caminho, viemos a este lugar de descanso - porque o olhar de Nossa Senhora é um lugar de descanso -, para contar-lhe nossas coisas. Nós necessitamos de seu olhar terno, seu olhar de Mãe, essa que destapa a nossa alma. Seu olhar que está cheio de compaixão e de cuidado. E por isso hoje dizemos: “Mãe, presenteia-nos o teu olhar”. Porque o olhar da Virgem é um presente, não se compra. É um presente dela. É um presente do Pai e um presente de Jesus, na cruz. Mãe, presenteia-nos o teu olhar! O olhar de Maria nos ensina a olhar os que naturalmente olhamos menos, e que mais necessitam: os mais desamparados, os que estão sozinhos, os doentes, os que não têm com que viver, os meninos de rua, os que não conhecem Jesus, os que não conhecem a ternura de Nossa Senhora, os que estão mal. Que não nos roubem o olhar de Nossa Senhora, que é olhar de ternura e olhar que nos fortalece, a partir de dentro. Olhar que nos faz fortes, de fibra, que nos faz irmãos, que nos faz solidários. “Mãe, (...) que este olhar me ajude a olhar os demais, a me encontrar com Jesus Cristo, a trabalhar para ser mais irmão, mais solidário, mais encontrado com os demais. E assim, juntos, possamos vir a esta casa de descanso sob a ternura do teu olhar. Mãe, presenteia-nos o teu olhar!”³⁷⁸

Bergoglio, nos ensina que Maria, a mãe de Jesus e mãe do povo fiel, com seu olhar de ternura e cuidado, é um convite a viver estas atitudes para com os demais. Esse olhar de mãe fortalece a cada pessoa a partir do seu interior, espaço habitado por Deus, que pode nos conduzir a um encontro pessoal com Jesus Cristo, seu filho. É o viver uma profunda experiência de Deus, no Filho, inspirada por Maria.

Na 5ª Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe, realizada em Aparecida, no ano de 2007, podemos ler nas entrelinhas dos escritos de Bergoglio uma experiência vivida nas peregrinações junto ao povo que peregrina para visitar o santuário. Na pequena imagem de Aparecida, existe uma comunhão entre o povo fiel de Deus – a Igreja – e a mãe, que olha e recebe olhares, oração e contemplação, presença do mistério de Deus no Filho, inspirada por Maria.

³⁷⁷ MELLO, A. Awi., “Ela é minha mãe!” p. 25.

³⁷⁸ MELLO, A. Awi., “Ela é minha mãe!” p. 54-55

4.1.4

Bergoglio e a Conferência de Aparecida Maria, modelo de discípula missionária que leva a Cristo

Neste tópico, focaremos a 5ª Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe – CELAM, realizada em Aparecida, no ano de 2007.

Antes disso, em 2005, com a morte do Papa João Paulo II, é eleito Papa o Cardeal Joseph Ratzinger, que assume o pontificado com o nome de Bento XVI, permanecendo na missão de governar a Igreja como sucessor de Pedro até sua renúncia, em fevereiro de 2013.

Seu ministério como Papa será atravessado, em maio de 2007, 5ª Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe, sediada no Brasil, na cidade de Aparecida. Considerada um marco para a Igreja Latino-Americano e Caribenha, a Conferência foi orientada pelo projeto de uma missão continental, uma nova evangelização:

Com a luz do Senhor ressuscitado e com a força do Espírito Santo, nós os bispos da América nos reunimos em Aparecida, Brasil, para celebrar a 5ª Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe (...). Com alegria estivemos reunidos com o Sucessor de Pedro, Cabeça do Colégio Episcopal, Sua Santidade Bento XVI, que nos confirmou no primado da fé em Deus, de Sua verdade e amor, para o bem das pessoas e dos povos.³⁷⁹

Assim, encontramos na introdução do documento final de Aparecida, com a presença de Bento XVI, que diz, na apresentação, que nesse documento há numerosas e oportunas indicações pastorais, motivadas por ricas reflexões à luz da fé e do atual contexto social. O documento final está dividido em três partes:

1º) Na primeira, trata da vida de nossos povos hoje;

2º) Na segunda, com foco na vida de Jesus Cristo, nos discípulos missionários;

3º) Na terceira, a vida de Jesus Cristo para nossos povos.

O então cardeal de Buenos Aires, Jorge Mario Bergoglio, participou ativamente, sendo um dos redatores do documento final da Conferência. Em seus relatos, diz que, em Aparecida, viveu uma experiência que está em sua memória e em seu coração:

³⁷⁹ DAp 1-2.

Pode-se dizer que o Documento de Aparecida nasceu justamente de uma experiência de encontro, a saber: do encontro entre os trabalhos dos Pastores e a fé simples dos romeiros, sob a proteção maternal de Maria. É de Maria que se aprende o verdadeiro discipulado. E por isso, a Igreja sai em missão na esteira de Maria.³⁸⁰

Bergoglio certamente sentiu em seu coração a presença materna de Maria, na imagem de Aparecida, com sua ternura e cuidado, e sentiu o amor do povo fiel para com a mãe de Jesus Cristo e sua - ali vivendo uma experiência de Deus no Filho, inspirada por Maria.

A história da Igreja na América Latina é marcada por um dinamismo evangelizador em meio a uma mescla cultural profunda que enriquece sua vida e missão e com a beleza de sua diversidade cultural e étnica. E, de maneira especial neste continente, marcado pelo sofrimento e pobreza, exploração e discriminação, grande desigualdade social, encontramos um profundo desejo de encontro, de fraternidade, de alegria. Um ardor missionário que impulsiona e gera esperança de abertura a caminhos novos, em meio aos desafios existenciais, políticos, sociais, econômicas e eclesiais.

A 5ª Conferência de Aparecida viera na esteira das quatro anteriores:

- a) Na primeira, realizada no Rio de Janeiro, Brasil, em 1955, se fizeram ecoar as vozes do laicato promotor de um catolicismo preocupado com a Doutrina Social da Igreja no contexto latino-americano, a questão trabalhista e a vivência social da fé.³⁸¹
- b) A segunda conferência, em Medellín, na Colômbia, no ano de 1968. Podemos dizer que foi a recepção do Concílio Ecumênico Vaticano II, realizado de 1962 a 1965. Entender e viver a fé cristã na perspectiva dos pobres fará surgir para essa região uma reflexão teológica libertadora, embora diversificada.³⁸²

Medellín pode ser entendida como a grande recepção continental do Concílio Vaticano II. Cerca de 750 bispos reuniram-se ao redor do tema “A Igreja na atual transformação da América Latina à luz do Concílio”. Junto à recepção conciliar, eles quiseram fazer uma recepção adequada da situação social, a partir da qual surgiram os temas de reestruturação eclesial, as comunidades de base e um novo método

³⁸⁰ MELLO, A. Awi., “Ela é minha Mãe!” p. 136-137.

³⁸¹ TEOLOGIA LATINO-AMERICANA. Enciclopédia Digital. Conferência do Conselho Episcopal Latino-americano (CELAM).

³⁸² MIRANDA, M. F., A reforma de Francisco, p. 45.

teológico, com fundamento na preocupação para com os pobres e pela libertação. A partir dos pressupostos bíblicos e pastorais.³⁸³

c) Na terceira conferência, realizada em Puebla, no México, em 1979: a evangelização no presente e no futuro da América Latina, na qual se consolidam as comunidades eclesiais de base como caminho de uma Igreja em comunhão e participação; e se promove a participação ativa do leigo e o desenvolvimento dos ministérios. Há, aqui, um debate sobre a recuperação da consciência histórica, com a compreensão da evangelização da cultura e da piedade popular e, novamente, a opção preferencial pelos pobres e oprimidos, pelos jovens e pela dignidade das pessoas. “A Igreja, por força de um autêntico compromisso evangélico, deve fazer ouvir a sua voz, denunciando e condenando estas situações, sobretudo quando os governos ou responsáveis se confessam cristãos”.³⁸⁴

Se nas duas primeiras Conferências, do Rio de Janeiro e de Medellín, Maria foi apenas invocada, em Puebla, segundo Lina Boff,

(...) tiveram avanço considerável a teologia que fundamenta as práticas devocionais da piedade popular – o culto e a veneração a Maria histórica e a Maria da fé. Nossos bispos propõem Maria como mãe de Deus, modelo da Igreja e como mulher que precede o serviço eclesial de nossos povos.³⁸⁵

Nestes meandros, a

Concepção da maternidade de Maria como mãe de Deus na piedade do povo é um acervo de valores que responde, com sabedoria cristã, às grandes questões da existência humana. A sabedoria popular tem uma capacidade de síntese vital. Essa engloba o divino e o humano, Cristo e Maria, espírito e corpo, comunhão e instituição, pessoa e comunidade, fé e pátria, inteligência e afeto.³⁸⁶

d) Na quarta conferência, realizada em Santo Domingo, em 1992, a Igreja assume os três temas propostos pelo Papa João Paulo II:

1. Nova Evangelização dos povos;
2. Promoção humana, cultura cristã – Jesus Cristo ontem, hoje e sempre;

³⁸³ TEOLOGIA LATINO-AMERICANA. Enciclopédia Digital. Conferências do Conselho Episcopal Latino-americano (CELAM).

³⁸⁴ DP 42.

³⁸⁵ BOFF, L.A figura da Virgem Maria, p.94

³⁸⁶ BOFF, L.A figura da Virgem Maria, p.118

3. A valorização da catequese e liturgia, como canais da inculturação do Evangelho:

Os três temas propostos pelo Santo Padre constituem para nós as três grandes linhas pastorais que assumimos para nossas Igrejas (...) 1. Uma nova evangelização dos nossos povos. 2. Uma promoção integral dos povos latino-americanos e caribenhos. 3. Uma evangelização inculturada.³⁸⁷

Nesta Conferência, Maria está incluída na Nova Evangelização entre os discípulos e as discípulas do Senhor. “Em comunhão com nossos povos, os bispos proclamam que a Virgem Maria, mãe de Cristo e mãe da Igreja, é a primeira crente, a mulher, plenamente evangelizada e a perfeita discípula evangelizadora”.³⁸⁸

Após este breve recorrido histórico, chegamos à 5ª Conferência do CELAM, realizada em Aparecida, Brasil, de 13 a 31 de maio de 2007. Quinze anos separam a quarta da quinta conferência, período este em que ocorreram grandes mudanças no âmbito eclesial e social.

No âmbito eclesial, vemos o surgimento de novos movimentos religiosos, mudando, assim, o perfil confessional, antes marcado pelas comunidades de base. Já no âmbito social, tanto a América Latina como o Caribe, são afetados pela nova ordem mundial, caracterizada pelo neoliberalismo, como sistema econômico, e a globalização. Um cenário que tem incorrido no aumento dos níveis de pobreza e de distanciamento social.

Como já vimos, Cardeal Bergoglio foi um dos redatores do documento de Aparecida e, como redator, conjuntamente com outros bispos e teólogos, teve uma importante participação no desenvolvimento dos temas de que trata o documento.

Destacamos, aqui, alguns pontos que julgamos relevantes para os propósitos desta nossa pesquisa:

A palavra que mais se repete em todo o documento é vida (mais de 600 vezes). No centro do documento está a atividades evangelizadora apresentada como uma oferta de vida digna e plena para os povos. O documento insiste bastante numa missão alegre e generosa que atinja as periferias e enfatiza as verdades mais importantes e mais belas do Evangelho, sobretudo a pessoa de Jesus Cristo. Estimula a crescer como discípulos humildes e disponíveis, amigos dos pobres e apaixonados pelos povos latino-americanos.³⁸⁹

³⁸⁷ SD 291-292.

³⁸⁸ BOFF, L. A figura da Virgem Maria, p. 121

³⁸⁹ STRAZZARI, F., Para conhecer o Papa Francisco, p. 98.

Além da dignidade da vida dos pobres, a missão alegre que pode alcançar até as periferias, a centralidade está, aqui, na insistência por um encontro pessoal com Jesus Cristo, bem como num processo de formação mistagógica dos discípulos missionários. “Trata-se de uma experiência que introduz o cristão numa profunda e feliz celebração dos sacramentos, com toda a riqueza de seus sinais, capacitando-o, desse modo, a transformar o mundo.”³⁹⁰:

Conhecer a Jesus Cristo pela fé é nossa alegria; segui-Lo é uma graça, e transmitir esse tesouro aos demais é uma tarefa que o Senhor nos confiou ao nos chamar e nos escolher. Com os olhos iluminados pela luz de Jesus Cristo Ressuscitado, podemos e queremos contemplar o mundo, a história, os nossos povos da América Latina e do Caribe, e cada um de seus habitantes.³⁹¹

O documento apresenta o potencial da santidade e da justiça social, a piedade popular e a devoção à Virgem Maria: ela que reúne todos os povos latino-americanos:

Interlocutora do Pai em seu projeto de enviar o Verbo ao mundo para a Salvação humana, com sua fé, Maria chega a ser o primeiro membro da comunidade dos crentes em Cristo, e também se faz colaboradora no renascimento espiritual dos discípulos. Sua figura de mulher livre e forte, emerge do Evangelho, conscientemente orientada para o verdadeiro seguimento de Cristo.³⁹²

No número 35, encontramos a citação de que “existe um valor incomparável no ânimo mariano de nossa religiosidade popular, que nos conduz a Cristo, Senhor da vida, em Quem se realiza a mais alta dignidade de nossa vocação humana”:

A piedade popular é uma maneira legítima de viver a fé, um modo de sentir-se “da Igreja” e uma forma de ser missionário, na qual se recolhem as vibrações íntimas da América profunda. É parte de uma originalidade histórico-cultural dos pobres deste continente, e fruto de uma síntese entre as culturas e a fé cristã. Essa experiência espiritual e esse sentido de pertença foram gerados e acompanhados pela Mãe do Povo de Deus na nossa história.³⁹³

Outra expressão que registrada no Documento de Aparecida é “espiritualidade popular”: a ação do Espírito e a iniciativa gratuita do amor de Deus. Na expressão de fé, encarnada na cultura do povo, especialmente dos mais simples:

A piedade popular contém e expressa um intenso sentido da transcendência, uma capacidade espontânea de se apoiar em Deus e uma verdadeira experiência de amor

³⁹⁰ DAp 290.

³⁹¹ DAp 18.

³⁹² DAp 266.

³⁹³ GALLI, C. M., Cristo, Maria, a Igreja e os povos, p. 41.

teologal. É também uma expressão de sabedoria sobrenatural, porque a sabedoria do amor não depende diretamente da ilustração da mente, mas da ação interna da graça. Por isso, a chamamos de “espiritualidade popular”... Ou seja, uma espiritualidade cristã que, sendo um encontro pessoal com o Senhor, integra muito o corpóreo, osensível, o simbólico e as necessidades mais concretas das pessoas. É uma espiritualidade encarnada na cultura dos simples, que nem por isso é menos espiritual, mas que o é de outra maneira.³⁹⁴

O que nos ajuda, em verdade, a fazer teologia é o pensar uma teologia inculturada, que nos leva a assumir a sabedoria da fé de todos os batizados, aprendendo com as variadas expressões da piedade popular: verdadeira expressão da fé cristã, como lugar teológico.

Podemos, ainda, falar de uma mística popular, a experiência vivida pelo povo, o amor que contempla o mistério e desfruta dele em silêncio. Trata-se de uma experiência pessoal única e somente quem a vive testemunha e se deixa transformar:

Destacamos as peregrinações onde é possível reconhecer o Povo de Deus a caminho. Aí o cristão celebra a alegria de se sentir imerso em meio a tantos irmãos, caminhando juntos para Deus que os espera. O próprio Cristo se faz peregrino e caminha ressuscitado entre os pobres. A decisão de caminhar em direção ao santuário é uma confissão de fé: o caminhar é um verdadeiro canto de esperança e a chegada é um encontro de amor. O olhar do peregrino se deposita sobre a imagem que simboliza a ternura e proximidade de Deus. O amor se detém, contempla o mistério, desfruta dele em silêncio. Também se comove, derramando todo o peso de sua dor e de seus sonhos. A súplica sincera, que flui confiante, é a melhor expressão de um coração que renunciou à auto-suficiência, reconhecendo que sozinho nada pode. Um breve instante condensa uma viva experiência espiritual.³⁹⁵

Há um mistério no olhar do peregrino diante da imagem de Maria, um intercâmbio de olhares entre a Mãe de Deus e seus filhos e filhas que peregrinam aos santuários. Momento de simplesmente contemplar e estar na presença do mistério e experimentar o ser alcançado pela ternura dos olhos da Mãe de Deus, no qual se reflete a ternura do próprio Deus.

Podemos recordar, aqui, o primeiro capítulo sobre “A mística, experiência do mistério de Deus”; “Mística cristã, a experiência do mistério de Deus em Cristo”; e “A mística marial como a experiência do cristão, inspirada por Maria”. Momento marcado pela experiência pura, pela memória do vivido – que já não é mais –, a interpretação e a recepção da experiência. E essa experiência pessoal conduz à

³⁹⁴ DAp 263.

³⁹⁵ DAp 259.

liberdade, a novos sentimentos, ao amor. Experiência vivida e sentida em todos o ser, corpo, mente e espírito.

Nesse experimentar o mistério de Deus, pelo peregrinar, pelas expressões de fé do povo fiel, a missão é acompanhar, orientar e celebrar a experiência vivida, como um caminho para se tornar discípulo missionário, como Maria de Nazaré, a primeira discípula e missionária, “aquela que sai em missão”.³⁹⁶

É “o permanecer na escola de Maria”,³⁹⁷ tendo como inspiração seus ensinamentos sua vida e missão. “Com os olhos postos em seus filhos e em suas necessidades (...), Maria ajuda a manter vivas as atitudes de atenção, de serviço, de entrega e de gratuidade, que devem distinguir os discípulos de seu Filho.”³⁹⁸

E para este caminho de discipulado, encontramos no documento de Aparecida a orientação de uma formação harmônica que integre as dimensões: humana e comunitária; espiritual; intelectual; e a dimensão pastoral e missionária.

Ressalta-se que a dimensão humana e comunitária está centrada no desenvolvimento pessoal que vai amadurecendo na medida em que a pessoa se abre à experiência do Mistério de Deus.

Já a dimensão espiritual, ou seja, a experiência do mistério de Deus em Cristo, o cristão vive, pela fé, o seguimento de Jesus Cristo, sendo conduzido pelo Espírito; é um colocar-se em marcha, com o coração e na fé, pelos caminhos alegres, luminosos, dolorosos e gloriosos de Jesus Cristo, Mestre e Senhor, tal como o fez a Virgem Maria.³⁹⁹

A dimensão intelectual, por seu turno, é o capacitar para o discernimento e o diálogo sobre a realidade e a cultura, por um conhecimento bíblico teológico e das ciências humanas: é a sua fé professada e vivida, coerência de vida e testemunho.

E, por fim, a dimensão pastoral e missionária:

Um autêntico caminho cristão preenche de alegria e esperança o coração e leva o fiel a anunciar Cristo de maneira constante na própria vida e ambiente. Projeta para a missão de formar discípulos e missionários, para o serviço ao mundo. Habilita a propor projetos e estilos de vida cristã atraentes, com intervenções orgânicas e de colaboração fraterna, com todos os membros da comunidade.⁴⁰⁰

³⁹⁶ BOFF, L. A figura da Virgem Maria, p. 125

³⁹⁷ DAp 270.

³⁹⁸ DAp 272.

³⁹⁹ DAp 280b.

⁴⁰⁰ DAp 280d.

Nesse processo de formação, cinco aspectos importantes são postos em destaque no Documento de Aparecida, no número 278: primeiro, o encontro com Jesus Cristo, marcado pelo anúncio do *querigma* como um fio condutor; segundo, a conversão; terceiro, o discipulado; quarto, a comunhão; quinto, a missão. A centralidade é, aqui, a experiência de um encontro pessoal com Jesus Cristo, pela fé vivida e experimentada:

Para esse crescimento na fé, também é conveniente aproveitar pedagogicamente o potencial educativo, presente na piedade popular mariana. Trata-se de um caminho educativo que, cultivando o amor pessoal à Virgem – verdadeira educadora na fé, que nos leva a assemelhar-nos cada vez mais a Jesus Cristo –, provoque a apropriação progressiva de suas atitudes.⁴⁰¹

O Documento de Aparecida reconhece os leigos e leigas “como verdadeiros sujeitos eclesiais e competentes interlocutores entre a Igreja e a sociedade; e entre a sociedade e a Igreja.”⁴⁰². Estes, porém, necessitam de uma sólida e adequada formação, sendo parte ativa e criativa na elaboração e execução de projetos pastorais a favor da comunidade. Para isso, os bispos devem abrir-lhes “espaços de participação” e confiar-lhes ministérios e responsabilidades.⁴⁰³ Com a promoção da dignidade da vida humana –, em especial o cuidado e atenção para com os pobres –, a experiência de um encontro pessoal com Jesus Cristo, tendo como modelo de primeira discípula missionária, a Virgem Maria.

No processo de formação permanente, associado à presença ativa dos leigos e leigas na vida da Igreja, no anúncio do *querigma* e do testemunho da fé cristã, o Documento de Aparecida ainda nos convoca para uma missão continental e a conversão pastoral, para um caminhar juntos na comunhão, participação e missão.

Sigamos para o tópico: Eleição do Papa Francisco; seus primeiros pronunciamentos; e o documento *Evangelii Gaudium*.

4.2 A eleição do Cardeal Bergoglio e a *Evangelii Gaudium*

Abordaremos a eleição do Cardeal Bergoglio, em 2013, como sucessor de Pedro na cátedra de Roma. Seus primeiros passos como papa e a *Evangelii Gaudium*

⁴⁰¹ DAp 300.

⁴⁰² DAp 497a.

⁴⁰³ DAp 211,212,213.

– sua primeira exortação apostólica, sobre “o anúncio do Evangelho no mundo atual”. Iniciaremos pela eleição de Bergoglio como o primeiro papa latino-americano, perpassando sua primeira homilia aos cardeais, na qual já despontam os rumos de sua missão no Pontificado.

Galli⁴⁰⁴ observa que, desde 1974, Pe. Bergoglio expõe a doutrina conciliar sobre o *sensus fidei fidelium* e a infalibilidade *in credendo* do Povo santo de Deus. Indica que, assim como o magistério e a teologia expõem fielmente o conteúdo em que cremos – por exemplo, acerca de Maria como Mãe de Deus –, a piedade popular manifesta, de um modo vivo, como a Igreja crê e ama a Virgem Maria.

Eleito o Cardeal alemão Joseph Ratzinger, este assumiu a missão da sucessão de Pedro, com o nome de Bento XVI, permanecendo no pontificado até 28 de fevereiro de 2013, quando renunciou, demonstrando humildade e espírito de aceitação de sua incapacidade de continuar na missão, pela sua longevidade e a fragilidade de sua saúde.

Assim expressa Bento XVI, ao concluir sua missão, renunciando no dia 12 de fevereiro de 2013:

Bem consciente da gravidade deste ato, com plena liberdade, declaro que renuncio ao ministério de bispo de Roma, sucessor de Pedro, que me foi confiado pela mão dos cardeais em 19 de abril de 2005, de modo que, a partir de 28 de fevereiro de 2013, às 20h, a Sé de Roma, a Sé de São Pedro, ficará vacante, e deverá ser convocado, por aqueles a quem tal compete, o conclave para a eleição do novo Sumo Pontífice.⁴⁰⁵

Entretanto, segundo o jornalista do Vaticano Andrea Tornielli, o Cardeal Bergoglio, no Conclave que elegeu o Cardeal Ratzinger, em 2005, teve uma participação notável, e garante que ele obteve, no segundo escrutínio – dos três que houve –, cerca de 40 votos, um resultado inédito para um cardeal latino-americano, colocando-se imediatamente após Ratzinger – o mais votado, e o que se elegeu Papa⁴⁰⁶. Sigamos com o Conclave e a eleição do Cardeal Bergoglio.

4.2.1 A eleição do Cardeal Bergoglio e a escolha do nome Francisco

⁴⁰⁴ GALLI, C. M., Cristo, Maria, a Igreja e os povo, p. 24-25.

⁴⁰⁵ TORNIELLI, A., Francisco, p. 25.

⁴⁰⁶ RUBIN, S.; AMBROGETTI, F., El Jesuita, p. 12-14. (T.A)

No dia 28 de fevereiro de 2013, com a Sede Apostólica vacante, inicia-se o processo para a realização do Conclave – o chamado pré-Conclave, no qual os cardeais convocados têm reuniões com as congregações gerais, em que discutem assuntos como as necessidades da Igreja, seus desafios, seu futuro.

Segundo Tornielli, os dias que antecederam o Conclave foram difíceis, marcados por tentativas de pressão e por acusações embaraçosas envolvendo o cardeal escocês Keith O’Brien e o arcebispo emérito de Los Angeles, Roger Mahony, pelo insucesso no enfrentamento dos casos de padres abusadores de crianças e adolescentes.⁴⁰⁷

Nesse clima de desafios, na terça-feira, dia 12 de março de 2013, iniciou-se o Conclave, com a apuração da primeira votação para a escolha do sucessor de Bento XVI. Com a presença de 115 cardeais votantes, era exigível que se apurassem dois terços (2/3) dos votos válidos (77 votos) em favor de alguém, para ser eleito. Resultado: não foi alcançado o número mínimo necessário.

Em 13 de março, no quinto escrutínio do Conclave, subiu pelos ares do Vaticano a fumaça branca: após momentos de espera e ansiedade, ouviu-se na janela da grade central da Basílica de São Pedro, o anúncio do nome escolhido: “*Annuntio vobis gaudium Magnum; habemus Papam: Eminentissimum ac Reverendissimum Dominum Georgium Mariam, Sanctae Romanae Ecclesiae Cardinalem Bergoglio, que sibi nomen imposuit Franciscum*”,⁴⁰⁸ sendo eleito papa, aos 76 anos, o cardeal argentino Jorge Mario Bergoglio, para a sucessão de Bento XVI, escolhendo o nome de Francisco.

A preferência pelo nome Francisco: nome que nenhum papa anterior havia escolhido, nome que caracteriza a missão de Bergoglio. Foi acolhido conforme a recomendação do Cardeal Cláudio Humes, que recorda a frase de São Paulo, para “não esquecer dos pobres.” (Gl 2,10)

Com a escolha do nome Francisco, o papa buscou assumir os três traços característicos de São Francisco de Assis: “o amor aos pobres, a partir do abraço à Senhora Pobreza; o carisma pacificador, condensado no lema: “Paz e Bem”; e a fraternidade com os seres criados, expressa no louvor do Cântico das Criaturas.”⁴⁰⁹ O Cardeal Bergoglio sinaliza um caminho de fraternidade, amor e confiança para

⁴⁰⁷ TORNIELLI, A., Francisco, p. 43-45.

⁴⁰⁸ TORNIELLI, A., Francisco, p. 17.

⁴⁰⁹ GALLI, C. M., Cristo, Maria, a Igreja e os povo, p. 33.

toda a Igreja, conforme vemos no seu primeiro pronunciamento, logo após sua eleição, já como Papa Francisco, por ocasião da bênção *Urbi et Orbi*. Ele nos diz:

Vós sabeis que o dever do Conclave era dar um Bispo a Roma. Parece que os meus irmãos cardeais tenham ido buscá-lo quase ao fim do mundo... Eis-me aqui! Agradeço-vos o acolhimento: a comunidade diocesana de Roma tem o seu Bispo. Obrigado! E, antes de mais nada, quero fazer uma oração pelo nosso Bispo emérito Bento XVI. Rezemos todos juntos por ele, para que o Senhor o abençoe e Nossa Senhora o guarde. E agora iniciamos este caminho, Bispo e povo... este caminho da Igreja de Roma, que é aquela que preside a todas as Igrejas na caridade. Um caminho de fraternidade, de amor, de confiança entre nós. Rezemos sempre uns pelos outros. Rezemos por todo o mundo, para que haja uma grande fraternidade. Espero que este caminho de Igreja, que hoje começamos e no qual me ajudará o meu Cardeal Vigário, aqui presente, seja frutuoso para a evangelização desta cidade tão bela!⁴¹⁰

Com este pronunciamento, o Papa Francisco sinaliza os rumos da Igreja: o caminhar juntos na caridade, na fraternidade e no amor, para a evangelização, juntos, o Bispo de Roma e o povo fiel de Deus.

No dia seguinte à sua eleição, na missa com os cardeais, Francisco, na homilia, refletiu sobre o movimento, como um tema comum na liturgia daquele dia:

1º) Na primeira leitura, o movimento no caminho (cf. Is 2, 2-5);

2º) Na segunda leitura, o movimento na edificação da Igreja (cf. 1Pd 2, 4-9);

3º) Na leitura da Palavra – o Evangelho, o movimento na confissão (cf. Mt 16, 13-19): caminhar, edificar e confessar. E diz ele, sobre este Evangelho:

Continua com uma situação especial: o próprio Pedro que confessou Jesus Cristo com estas palavras: Tu és o Cristo, o Filho de Deus vivo, diz-lhe: Eu sigo-Te, mas de Cruz não se fala. Isso não vem a propósito. Sigo-Te com outras possibilidades, sem a Cruz. Quando caminhamos sem a Cruz, edificamos sem a Cruz ou confessamos um Cristo sem Cruz, não somos discípulos do Senhor: somos mundanos, somos bispos, padres, cardeais, papas, mas não discípulos do Senhor.⁴¹¹

Francisco faz, ainda, um apelo à coragem de caminhar na presença do Senhor, com a Cruz do Senhor e de edificar a Igreja sobre o sangue do Senhor, que é derramado na Cruz:

Eu queria que, depois destes dias de graça, todos nós tivéssemos a coragem, sim a coragem, de caminhar na presença do Senhor, com a Cruz do Senhor; de edificar a Igreja sobre o sangue do Senhor, que é derramado na Cruz; e de confessar, como

⁴¹⁰ FRANCISCO, PP., Bênção Apostólica “*Urbi et Orbi*”. Primeira Saudação do Papa Francisco de 13 mar. 2013.

⁴¹¹ FRANCISCO, PP., Santa Missa com os Cardeais. Homilia do Papa Francisco na Capela Sistina em 14 mar. 2013.

nossa única glória, Cristo Crucificado. E assim a Igreja vai para diante. Faço votos de que, pela intercessão de Maria, nossa Mãe, o Espírito Santo conceda a todos nós esta graça: caminhar, edificar, confessar Jesus Cristo Crucificado.⁴¹²

Pode-se dizer que estas primeiras palavras de Francisco nos dizem muito do caminho trilhado pela Igreja. Bergoglio o vivera no seu ministério como Bispo em Buenos Aires e, agora, como Bispo de Roma, confirmando, assim, o que o Rabino Abraham Skorka, dissera:

Prefiro chamar o Jesuíta de “o Pastor”, que é próximo de muitos com quem partilhou o seu percurso existencial e, sobretudo, de seu rebanho, o povo fiel. Que, com humildade nutria o desejo de compreender e sentir o próximo, especialmente o sofredor.⁴¹³

O ser Igreja, o sentir com o povo, especialmente os pobres e sofredores, é um caminhar, edificar, confessar Jesus Cristo Crucificado. É um seguimento marcado pela Cruz de Cristo, que está associada aos sofrimentos dos pobres e descartados da sociedade.

Na primeira Carta Encíclica do Papa Francisco, *Lumen Fidei*, sobre a fé, encontramos uma imagem que nos diz do seguimento de Cristo, que se transmite por contato, pela luz que se irradia de cada cristão e cristã que vive uma experiência do mistério de Deus, em Cristo: “A fé transmite-se, por assim dizer, sob a forma de contato, de pessoa a pessoa, como uma chama que acende outra chama. A luz de Jesus brilha no rosto dos cristãos como em um espelho”.⁴¹⁴ A transmissão da fé, pela proximidade, escuta, atenção e amor. “A fé vivida e experimentada nos leva a uma transformação interior e nos dá um novo jeito de olhar a realidade, com olhos novos”.⁴¹⁵ Assumindo a Cruz de Cristo, como um caminho de integração humana e abertura ao mistério de Deus.

O primeiro evento internacional acompanhado e conduzido pelo Papa Francisco ocorreu no Brasil, na cidade do Rio de Janeiro, de 23 a 28 de julho de 2013: a XXVIII Jornada Mundial da Juventude. Tratou-se de sua primeira visita apostólica, tendo o tema da jornada sido inspirado no Evangelho de Mateus 28, 19: “Ide, pois, e fazei discípulos entre todas as nações!”

⁴¹² FRANCISCO, PP., Santa Missa com os Cardeais. Homilia do Papa Francisco na Capela Sistina em 14 mar. 2013.

⁴¹³ TORNIELLI, A., Francisco, p. 10-11.

⁴¹⁴ LF 37.

⁴¹⁵ LF 26.

No decurso da Jornada, além de participar dos eventos programados, Francisco visitou hospitais e comunidades pobres. Visitou Aparecida e celebrou missa no Santuário Nacional. Recordou momentos ali passados, quando de sua participação na 5ª Conferência do CELAM, realizada naquela cidade, no ano de 2007. Alegrou-se e se emocionou na casa da Mãe Aparecida, e disse: “A Igreja, quando busca Cristo, bate sempre à casa da Mãe, e pede: Mostrai-nos Jesus.”

É de Maria que se aprende o verdadeiro discipulado. E por isso, “a Igreja sai em missão, sempre na esteira de Maria”.⁴¹⁶

Em sua homilia em Aparecida destacou três posturas que o cristão deve assumir:⁴¹⁷

A primeira: conservar a esperança, pois Deus caminha ao nosso lado, nunca nos deixa desamparados! Nunca percamos a esperança! Nunca deixemos que ela se apague nos nossos corações!

A segunda: deixar-se surpreender por Deus. É a grande esperança que Deus nos dá: sabemos que, mesmo em meio às dificuldades, Deus atua e nos surpreende. E segue dizendo que a história de Aparecida serve de exemplo: o episódio em que três pescadores, depois de um dia de trabalho sem conseguir apanhar peixes, encontram algo inesperado: uma imagem de Nossa Senhora da Conceição.

E a terceira postura: viver na alegria. Se caminhamos na esperança, deixando-nos surpreender pelo vinho novo que Jesus nos oferece, haverá alegria no coração e não podemos deixar de ser testemunhas dessa alegria.

Finalizando sua homilia, nos recorda as palavras de Maria, nas Bodas de Caná: *Fazei tudo o que Ele vos disser!*” (Jo 2, 5). E exorta-nos ao comprometimento com o *fazer com esperança*, confiantes nas surpresas de Deus e cheios de alegria.

Acompanhamos os primeiros passos do Papa Francisco, seu projeto evangelizador missionário para a Igreja: o caminhar juntos com esperança, deixando-nos surpreender por Deus; o anunciar com alegria o amor misericordioso do Pai, que ama e cuida de todas as pessoas.

4.2.2

***Evangelii Gaudium* e a Igreja “em saída”**

⁴¹⁶ BERGOGLIO, J. M., Pronunciamentos do Papa Francisco no Brasil, p. 14.

⁴¹⁷ BERGOGLIO, J. M., Pronunciamentos do Papa Francisco no Brasil, p. 15-16.

Em 2011, o então Papa Bento XVI instituiu um Ano da Fé, a iniciar-se em 11 de outubro de 2012, por ocasião da celebração do 50º Aniversário do Concílio Ecumênico Vaticano II. Assim se expressou, ao proclamar o Ano da Fé:

Precisamente para dar um renovado impulso à missão de toda a Igreja, de conduzir os homens para fora do deserto – em que muitas vezes se encontram –, rumo ao lugar da vida, da amizade com Cristo que nos dá a vida em plenitude, gostaria de anunciar, nesta celebração eucarística, que decidi proclamar um “Ano da Fé”, que poderei explicar mediante uma especial Carta Apostólica. Esse “Ano da Fé” começará no dia 11 de outubro de 2012, no 50º Aniversário da inauguração do Concílio Vaticano II, e terminará a 24 de novembro de 2013, Solenidade de Cristo Rei do Universo. Será um momento de graça, e de compromisso para uma conversão a Deus, cada vez mais completa, para fortalecer a nossa fé n’Ele e para O anunciar com alegria, ao homem do nosso tempo.⁴¹⁸

Na missa de abertura do Ano da Fé, vemos a continuidade da caminhada da Igreja conciliar, nos dias de hoje, com o atualizado desafio de um olhar e um viver para as orientações propostas pelo Concílio Ecumênico Vaticano II:

Se nos colocarmos em sintonia com a orientação autêntica que o Bem-Aventurado João XXIII queria dar ao Vaticano II, poderemos atualizá-la ao longo deste Ano da Fé, no único caminho da Igreja que quer aprofundar continuamente a “bagagem” da fé que Cristo lhe confiou. Os Padres conciliares queriam voltar a apresentar a fé de uma forma eficaz, e, se quiseram abrir-se com confiança ao diálogo com o mundo moderno, foi justamente porque eles estavam seguros da sua fé, da rocha firme em que se apoiavam. Contudo, nos anos seguintes, muitos acolheram acriticamente a mentalidade dominante, questionando os próprios fundamentos da *Depositum fidei*, a qual infelizmente já não consideravam como própria, diante daquilo que tinham por verdade.⁴¹⁹

Tivemos, no transcurso do Ano da Fé, a eleição de Francisco, que, em junho de 2013, alguns meses após sua eleição, lança seu primeiro documento: *Lumen Fidei*, para o Ano da Fé. No dia 24 de novembro de 2013, no encerramento do Ano da Fé, a Igreja recebeu a Exortação *Evangelii Gaudium* – a Alegria do Evangelho – sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual, com o projeto de uma Nova Evangelização.

O Papa Francisco segue com o desafio de atualizar as propostas do Concílio Ecumênico Vaticano II e o anúncio do Evangelho no mundo atual, expressos na Exortação *Evangelii Gaudium*, dirigida aos fiéis cristãos como um convite a uma

⁴¹⁸ FRANCISCO, PP., Santa Missa para a Nova Evangelização. Homilia do Papa Bento XVI na Basílica Vaticana em 16 out. 2011.

⁴¹⁹ BENTO XVI, PP., Santa Missa para Abertura do Ano da Fé. Homilia do Papa Bento XVI em 11 out. 2012.

Nova Evangelização, centrada na experiência de um encontro pessoal com Jesus Cristo: a alegria que renasce, vive, permanece e se comunica. Um retorno à experiência de Jesus Cristo, Filho Deus e Filho de Maria, com um dinamismo conciliar e sinodal. Um caminho para a renovação da Igreja com uma preferencial opção pelos pobres e o cuidado da casa comum.

Francisco recordou que a Nova Evangelização interpela a todos nós, em três âmbitos:

1º) Primeiro, no âmbito da pastoral ordinária, “animada pelo fogo do Espírito, a fim de incendiar os corações dos fiéis que frequentam a comunidade no dia do Senhor e, juntos se alimentam da Sua Palavra e do Pão da Vida Eterna.”⁴²⁰

2º) Segundo, no âmbito das pessoas batizadas, que, embora pertencendo à Igreja, não a vivem com o sentimento da pertença. A Igreja, “Mãe sempre solícita no esforço para que vivam uma conversão que lhes restitua a alegria da fé e o desejo de se comprometer com o Evangelho e a vida da Igreja.”⁴²¹

3º) Terceiro, no âmbito “daqueles que não conhecem Jesus Cristo, ou que sempre O recusaram, âmbito este essencial da Evangelização, que é o anúncio do Evangelho a todos, sem excluir ninguém.”⁴²²

A partir da doutrina da Constituição Dogmática *Lumen Gentium*, do Vaticano II, Francisco elege os seguintes temas para a *Evangelii Gaudium*: a reforma da Igreja em saída missionária; as tentações dos agentes de pastoral; a Igreja vista como a totalidade do povo de Deus que evangeliza; a homilia e a sua preparação; a inclusão social dos pobres; a paz e o diálogo social; e as motivações espirituais para o compromisso missionário.⁴²³

Os temas foram desenvolvidos ao longo dos cinco capítulos da Exortação da qual trataremos a seguir, destacando alguns aspectos que consideramos importantes para esta pesquisa.

No primeiro capítulo – A transformação missionária da Igreja –, encontramos os seguintes temas:

- uma Igreja em saída;
- a Pastoral em conversão;

⁴²⁰ EG 14.

⁴²¹ EG 14.

⁴²² EG 14.

⁴²³ EG 17.

- a partir do coração do Evangelho;
- a missão que se encarna nas limitações humanas;
- e, por fim, uma mãe de coração aberto.

Neste percurso, podemos vislumbrar um caminho que leva à conversão, para uma *Nova Evangelização* a partir de uma Igreja “em saída”, que vai ao encontro das pessoas, nas periferias existenciais, e que está aberta ao acolhimento de todos.

Nesta imagem da Igreja em saída, após fundamentar o termo “saída” conforme a Sagrada Escritura,⁴²⁴ Francisco diz que “a Igreja em saída é a comunidade de discípulos missionários que primeiramente, que se envolvem, acompanham, frutificam e festejam”⁴²⁵. São características de todos os que vivem uma experiência do mistério de Deus em Cristo, movidos pela graça e força do Espírito Santo. Reunidos em uma comunidade de fé e alimentados pela Palavra e a Eucaristia, são chamados a ser sinais do amor e da misericórdia do Pai. Com sua fragilidade humana, mas com potencial criativo, agraciados com os dons recebidos de Deus, colocam-se a serviço de todos os que deles necessitam. Por isso, são discípulos missionários.

É a própria Igreja, povo fiel de Deus, “que sai para anunciar o Evangelho a todos, em todos os lugares, em todas as ocasiões. Resoluta, destemida e sem repugnâncias”⁴²⁶, porque primeiro experimentou o amor, e o Senhor tomou a iniciativa: precedeu no amor.⁴²⁷ Por isso são capazes de sair, tomar a iniciativa na ação evangelizadora, no “hoje” de nossa história.

Após o tema da Igreja em saída, Francisco trata da questão da Pastoral em conversão. Neste momento, não atende-nos uma simples administração. “Constituímo-nos em estado permanente de missão, em todas as regiões da Terra.”⁴²⁸

Se, em Aparecida, tratava-se de uma missão continental, aqui desvela-se uma missão universal em busca de mudanças das estruturas eclesiais, balizada por um

⁴²⁴ Encontramos na *Evangelii Gaudium* nos números 20, 21, 22: O dinamismo de saída que Deus provoca em todos os que tem fé, a começar por Abraão. E a alegria que enche a vida de todos os que vivem a experiência de saída.

⁴²⁵ EG 24. Encontramos a descrição de cada uma das atitudes dos discípulos missionários da Igreja em saída: o primeirar (tomar iniciativa), envolver, acompanhar, frutificar e festejar. Que culmina na beleza da liturgia, ação de Deus até o povo, e do povo até Deus. Que está presente na ação evangelizadora e missionária, no encontro e na proximidade, no sentir e no experimentar Deus. No encontro, na escuta, na acolhida, no ato de visitar, na fraternidade e no amor.

⁴²⁶ EG 23

⁴²⁷ EG 24.

⁴²⁸ EG 25.

sonho como opção missionária, “capaz de transformar tudo, para que os costumes, os estilos, os horários, a linguagem e toda a estrutura eclesial se tornem um canal direcionado mais à evangelização do mundo atual, que à autopreservação.”⁴²⁹

E segue, dizendo que a reforma das estruturas requer uma conversão pastoral: com iniciativas que favoreçam o dinamismo missionário, com vistas a uma pastoral aberta, comunicativa. Com seus agentes em estado de missão permanente. Missionários com atitude de saída, anunciando e propiciando a que todos conheçam Jesus e experimentem Sua presença amiga, misericordiosa.

Daí o convite a todos a ousar e serem criativos na hora de repensar os objetivos, os métodos de evangelização e as estruturas.

Nesse processo, torna-se essencial o discernimento, a purificação e a reforma. Por isso é importante a participação, abertura e coragem dos pastores.⁴³⁰ “Importante é não caminhar sozinho, mas ter sempre em conta os irmãos e, de modo especial, a guia dos Bispos, num discernimento pastoral sábio e realista.”⁴³¹

Tal caminho de discípulos missionários de uma Igreja em saída é um contínuo processo de conversão, de abertura e cuidado a partir da experiência de um encontro pessoal com Jesus Cristo, coração da evangelização. O Evangelho, antes de tudo, nos convida a respondermos a Deus que nos ama e salva e, reconhecendo-O nos outros, sairmos de nós mesmos para procurar o bem de todos, concentrando-nos no “núcleo essencial do Evangelho, que é aquele algo que lhe confere sentido, beleza e fascínio”.⁴³²

Desse modo, centrada no Evangelho, a Igreja em saída é uma Igreja de portas abertas, uma mãe de coração aberto, que sai em direção aos outros para chegar às periferias humanas, existenciais. Toda a Igreja é chamada a assumir esse dinamismo missionário, extensivo a todos, sem exceção, cumprindo fielmente as orientações do Evangelho. Extensivo, mas, sobretudo, aos pobres e aos doentes, àqueles que, muitas vezes, são desprezados e esquecidos, àqueles que não têm com que retribuir. E hoje, mais do que nunca, Jesus repete sem cessar: “Dai-lhes vós mesmos de comer.” (Mc 6, 37)⁴³³

⁴²⁹ EG 27.

⁴³⁰ EG 27 a 33 – Uma renovação eclesial inadiável: encontramos orientações para a pastoral em conversão, na missão de promover as mudanças necessárias e os meios para a evangelização hoje.

⁴³¹ EG 33.

⁴³² EG 34.

⁴³³ Na *Evangelii Gaudium* 46 a 49, uma mãe de coração aberto, com um claro apelo a assumir o dinamismo missionário, e chegar a todos, especialmente aos mais pobres. E neste tempo atual, com

No segundo capítulo da Exortação, intitulado “Na crise do compromisso comunitário”, Francisco apresenta algumas questões que considera fundamentais para a ação evangelizadora, diante do contexto da crise comunitária, dos riscos e desafios que podem desencadear um processo de desumanização. Nesse ínterim, aponta-nos que o discernimento evangélico é um meio eficaz para enfrentar as crises e incertezas e que deve ser nutrido pela luz e força do Espírito Santo.

Mesmo sendo um documento de 2013, a Exortação continua sendo atual. Seguimos vivendo um contínuo processo de desumanização, ilustrado nos episódios de aporofobia, na imigração forçada, na insegurança alimentar, nos conflitos armados.

Francisco olha primeiro os desafios do mundo atual, como o cenário econômico, o excessivo apego ao dinheiro e aos bens materiais, e diz que o dinheiro deve servir, não governar. Aponta-nos, ainda, a desigualdade social que gera violência, assumindo a corrupção existente em muitos países como um câncer social. Face aos desafios culturais, da inculturação da fé e das culturas urbanas, reconhece que, em uma conjuntura social em que cada um pretende ser portador de uma verdade subjetiva própria, torna-se difícil que os cidadãos queiram inserir-se num projeto comum para além dos benefícios e desejos pessoais e acrescenta que viver a fundo a realidade humana e inserir-se no coração dos desafios como fermento de testemunho – seja na cultura ou na cidade –, melhora os cristãos e fecunda a cidade.⁴³⁴

Ainda no segundo capítulo, consideramos “as tentações dos agentes de pastorais”: primeiro Francisco reconhece e agradece a todos os que exercem atividades, na Igreja. E diz: “Agradeço ao belo exemplo que me dão tantos cristãos que oferecem a sua vida e o seu tempo com alegria. Esse testemunho me faz sentir bem e me apoia na minha aspiração pessoal de superar o egoísmo, para uma dedicação maior”.⁴³⁵

a grave situação de insegurança alimentar e milhões na pobreza, como responder a este desafio? E Francisco segue repetindo como o fazia aos sacerdotes e aos leigos em Buenos Aires: prefiro uma Igreja acidentada, ferida e enlameada por ter saído pelas estradas, a uma Igreja enferma pelo fechamento e comodidade de se agarrar às próprias seguranças.

⁴³⁴ EG 52-75.

⁴³⁵ EG 76.

Após agradecer, reconhecendo o testemunho de todos os cristãos e cristãs – que são para Francisco os que ajudam na sua missão –, chama a atenção para algumas tentações dos agentes, propondo responder a elas com dois “sim” e três “não”, acrescentando que, mesmo diante dos desafios e dificuldades na vida e missão, nunca devemos abandonar o entusiasmo missionário, jamais descartando a alegria da evangelização, a esperança, a fraternidade, a comunidade e o Evangelho.

O primeiro “sim”, em Francisco, responde ao desafio de uma espiritualidade missionária e ao convite a que “não nos deixemos roubar o entusiasmo missionário!”⁴³⁶ Dizendo “não” à acédia egoísta, em que, diante do cansaço interior que gera escuridão e consome o dinamismo apostólico – ele insiste –, que não deixemos que nos roubem a alegria da evangelização. Um “não” ao pessimismo estéril, que gera uma sensação de derrota, com uma desconfiança ansiosa e egocêntrica: que não nos roubem a esperança!⁴³⁷

No segundo “sim” às novas relações geradas por Jesus Cristo, com uma experiência mística de viver juntos, o encontrar, abraçar, misturar, não se fechar em si mesmo, pois o Evangelho convida a uma verdadeira fé no Filho de Deus Encarnado, fé no mundo e na realidade. Convite a viver a revolução da ternura, a sempre optar pela fraternidade, não deixando que nos roubem a comunidade! Por fim, dirá “não” ao mundanismo espiritual, “não” à guerra entre nós⁴³⁸:

Deus nos livre de uma Igreja mundana sob vestes espirituais ou pastorais! Esse mundanismo asfixiante cura-se saboreando o ar puro do Espírito Santo, que nos liberta de estarmos centrados em nós mesmos, escondidos numa aparência religiosa vazia de Deus. Não deixemos que nos roubem o Evangelho!⁴³⁹

Ainda neste segundo capítulo da *Evangelii Gaudium*, Francisco trata dos desafios eclesiais, destacando:

1º) A importância da participação dos leigos e leigas que, mesmo diante do crescimento da consciência da sua identidade e da sua missão na Igreja, não têm um mesmo reflexo desse crescimento na esfera social, política e econômica. Sendo este, portanto, um desafio: “a formação dos leigos e leigas e a evangelização das categorias profissionais e intelectuais.”⁴⁴⁰

⁴³⁶ EG 78-80.

⁴³⁷ EG 81-91.

⁴³⁸ EG 87-101.

⁴³⁹ EG 97.

⁴⁴⁰ EG 102.

2º) A presença e participação da mulher na vida da Igreja e na sociedade, “nos lugares onde se tomam importantes decisões, tanto sob o aspecto eclesial, quanto social.”⁴⁴¹

Vemos que os passos são lentos e desafiadores e que existe um caminho novo com Francisco.⁴⁴² No número 104 da *Evangelii Gaudium*, o pontífice desafia e questiona o que se refere à presença da mulher nos diferentes ministérios da Igreja e destaca o serviço como a missão essencial do sacerdócio:

Não se esqueça que, quando falamos da potestade sacerdotal, estamos na esfera da função, e não na da dignidade e da santidade. O sacerdócio ministerial é um meio que Jesus utiliza ao serviço do seu povo, mas a grande dignidade vem do Batismo, que é acessível a todos. A configuração do sacerdote com Cristo Cabeça, isto é a fonte principal da graça. (...) As funções não dão justificação à superioridade de uns sobre os outros.⁴⁴³

Segundo essa leitura, complementa o pontífice, quanto à figura feminina: “Uma mulher, Maria, é mais importante do que os Bispos. Mesmo quando a função do sacerdócio ministerial é considerada hierárquica, há que ter bem presente que se ordena integralmente à santidade dos membros do corpo místico de Cristo.”

Por fim, a juventude! Diante das mudanças sociais não encontra respostas às suas necessidades e preocupações, nos espaços eclesiais. É necessário encontrar novos caminhos, como ações sociais, atividades missionárias. Pois muitos jovens são solidários às necessidades das pessoas, vivendo uma experiência de adesão ao voluntariado, contribuindo com sua participação em movimentos de ajuda aos pobres.

Francisco diz que tanto os jovens, quanto os idosos, são a esperança dos povos. “Os idosos que fornecem a memória e a sabedoria da experiência acumulada, que convida a não repetir tontamente os erros do passado”⁴⁴⁴.

Os jovens chamam-nos a um despertar e aumentar da esperança, porque trazem consigo novas tendências da Humanidade e abrem-nos ao futuro; de modo que não

⁴⁴¹ EG 103

⁴⁴² Pela primeira vez na história da Igreja, teremos a participação de leigos e leigas no sínodo da sinodalidade, a ser realizado de outubro de 2023 a outubro de 2024. Foi um pedido do próprio papa de que, dos 70 participantes não-bispos, metade seja de mulheres – com uma atenção também à participação dos jovens. Porém, ainda é um desafio a presença da mulher em espaços eclesiais, mesmo na função ministerial.

⁴⁴³ EG 104.

⁴⁴⁴ EG 108.

fiquemos enclachados na nostalgia de estruturas e costumes que já não são fonte de vida, no mundo atual.⁴⁴⁵

Já o terceiro capítulo da Exortação – o anúncio do Evangelho –, divide-se em três partes: todo o povo de Deus anuncia o Evangelho; a homilia; a preparação da pregação e uma evangelização para o aprofundamento do *querigma*.

Falemos, em primeiro lugar, de *todo o povo de Deus anuncia o Evangelho*. Francisco aborda o tema da inculturação, na qual o ser humano está sempre situado em uma cultura, intimamente interligada à natureza: “A graça supõe a cultura, e o dom de Deus encarna-se na cultura de quem o recebe.”⁴⁴⁶. Recorda, ainda, que o cristianismo não dispõe de um único modelo cultural e que o rosto da Igreja é multiforme: “Nos diferentes povos que experimentam o dom de Deus, segundo a própria cultura, a Igreja exprime a sua genuína catolicidade e mostra a beleza desse rosto pluriforme.”⁴⁴⁷ Portanto, a Nova Evangelização implica um novo protagonismo de todos os batizados, que, por virtude do batismo, são membros do Povo de Deus. Sendo assim, cada cristão é missionário na medida em que se encontrou com o amor de Deus, em Cristo Jesus e a força santificadora do Espírito que o leva a evangelizar,⁴⁴⁸ a anunciar a alegria do Evangelho:

Cada porção do povo de Deus, ao traduzir na vida o dom de Deus, segundo a sua própria índole, dá testemunho da fé, recebida e enriquece-a com novas expressões que falam por si. Pode-se dizer, que o povo se evangeliza continuamente a si mesmo.⁴⁴⁹

Aqui vemos a força evangelizadora da piedade popular, verdadeira expressão de fé, e da atividade missionária livre e espontânea do povo de Deus. Um povo em sua simplicidade e profunda vida imersa no mistério de Deus, vivido na experiência do caminhar juntos aos santuários. Peregrinando pelo caminho do “sair de si”.

Trata-se de uma verdadeira espiritualidade encarnada na cultura do simples. Uma espiritualidade ou mística popular. Tais expressões, por sua vez, não são vazias de conteúdo: “Não vazias de conteúdos, mas descobre-os e exprime-os mais

⁴⁴⁵ EG 108.

⁴⁴⁶ EG 115.

⁴⁴⁷ EG 116.

⁴⁴⁸ EG 119 e 120.

⁴⁴⁹ EG 122.

pela via simbólica do que pelo uso da razão instrumental e, no ato de fé. Acentua mais o *Credere in Deum* que o *Credere Deum*.⁴⁵⁰

Como vimos no segundo capítulo desta tese, a piedade popular tem muito o que nos ensinar, enquanto lugar teológico em que há uma verdadeira manifestação teologal, animada pela ação do Espírito Santo, que pode – somente Ele – suscitar a diversidade, a pluralidade; realizar a unidade, a comunhão. Francisco, incentiva e encoraja a pesquisa dos teólogos e teólogas: “que essa pesquisa tenha a finalidade evangelizadora e que não fique restrita a uma teologia de gabinete.”⁴⁵¹

Em segundo lugar, *o anúncio do Evangelho pela homilia*. Francisco segue com o tema da homilia e da preparação da pregação. Ao tratar da homilia, diz que deve ser breve e evitar que seja uma aula. Ou seja, que revele a capacidade de comunicar com palavras que façam arder os corações. Não deverá ser apenas homilia, pregação com teor puramente moralista, doutrinal.

E destaca a importância da preparação, pois um pregador, além de preparar sua pregação para que chegue ao coração do fiel, deverá ter o cuidado pessoal, espiritual, para não ser desonesto e irresponsável diante dos dons recebidos. Deverá ter coerência, cuidado, paciência, além de acompanhar, com misericórdia, as pessoas em seu processo. Para Francisco, uma boa homilia deve conter uma ideia, um sentimento e uma imagem. Além de uma linguagem positiva, que ofereça esperança e oriente para o futuro, livre de toda negatividade.⁴⁵²

Em terceiro lugar, a *evangelização para o aprofundamento do querigma*. Uma importante característica da pregação deve ser a linguagem positiva, pois, “o anúncio do Evangelho nos orienta a atitudes positivas de proximidade, abertura ao diálogo, paciência, acolhimento cordial.”⁴⁵³. Além de aprofundar o *querigma*, Francisco, diz da necessidade de uma renovação *mistagógica*. Assim, *querigma e mistagogia* se tornam características importantes da catequese. Além de estarem centradas na Palavra, se tornam necessárias a essas características: primeiro, uma ambientação adequada; e segundo uma motivação que seja atraente. Que se utilizem símbolos e experiências que contribuam para o crescimento e integração de todas

⁴⁵⁰ EG 124.

⁴⁵¹ EG 133.

⁴⁵² EG 135-159.

⁴⁵³ EG 165.

as dimensões da pessoa para um caminho pessoal e comunitário, de escuta e resposta, de serviço e gratuidade, de alegria e esperança.⁴⁵⁴

No capítulo quarto, *a dimensão social*, onde Francisco afirma que, a partir do coração do Evangelho, existe uma íntima conexão entre a evangelização e a promoção humana, que deve se desenvolver e ser expressão de toda ação evangelizadora. Afirma, ainda, que os pastores devem acolher as contribuições das diversas ciências – principalmente a que diz respeito à vida da pessoa, pois a tarefa da evangelização deve centrar-se na promoção integral de cada ser humano. Francisco também defenderá que a conversão cristã exige rever, especialmente, tudo o que diz respeito à ordem social e o bem comum.⁴⁵⁵ Para a Igreja, a opção pelos pobres é mais que uma categoria teológica, antes de ser sociológica:

Por isso desejo uma Igreja pobre para os pobres. Estes têm muito para nos ensinar. Além de participar do *sensus fidei*, nas suas próprias dores conhecem Cristo Sofredor. É necessário que todos nos deixemos evangelizar por eles. A nova evangelização é um convite a reconhecer a força salvífica das suas vidas e colocá-los no centro do caminho da Igreja.⁴⁵⁶

Francisco segue dizendo que até que não se resolvam radicalmente os problemas dos pobres, “não se resolverão os problemas do mundo e que a desigualdade é a raiz de todo mal da sociedade.”⁴⁵⁷

A política, tão denunciada, é uma vocação e uma das formas mais preciosas de caridade, porque busca o bem comum. Rezo ao Senhor para que nos dê mais políticos que tenham verdadeiramente diante dos olhos a vida dos pobres, e qualquer comunidade da Igreja que se esquecer dos pobres, correrá o risco de sua dissolução.⁴⁵⁸

Neste capítulo, encontramos o chamado a cuidar dos mais fracos, dos sem teto, dos dependentes de drogas, dos refugiados, dos povos indígenas; dos idosos, cada vez mais abandonados e sozinhos. E também dos migrantes, que, para Francisco, “representam um desafio especial, capaz de uma abertura generosa, e força para se criar sínteses culturais.”⁴⁵⁹ Prossegue comentando das vítimas do

⁴⁵⁴ EG 160-175.

⁴⁵⁵ EG 182-183.

⁴⁵⁶ EG 198.

⁴⁵⁷ EG 202.

⁴⁵⁸ EG 205-207.

⁴⁵⁹ EG 210.

tráfico e das novas formas de escravidão, das máfias criminosas e aberrantes, do sangue que muitos carregam nas mãos, devido a uma cômoda e muda cumplicidade. Comenta, ainda, a situação das mulheres, que, duplamente pobres, padecem situações de exclusão, maus-tratos e violência. Por fim, conclui dizendo que todos os cristãos, assim como São Francisco de Assis, são chamados a cuidar da fragilidade do povo e do mundo em que vivemos, nossa casa comum.⁴⁶⁰

Por último, neste quarto capítulo: *o bem comum e a paz social*. No tema da paz, Francisco afirma que se faz necessária uma voz profética e, para avançar na construção de um povo em paz, justiça e fraternidade, indica quatro princípios:

- 1- O tempo é superior ao espaço: é o trabalhar a longo prazo, sem obsessão pelos resultados;
- 2- A unidade prevalece sobre o conflito: significa operar para que os opostos atinjam uma unidade multifacetada, que gera nova vida;
- 3- A realidade é mais importante do que a ideia: significa reduzir a política e a fé a simples narrativas;
- 4- O todo é superior à parte: significa colocar em conjunto globalização e localização.⁴⁶¹

Francisco relaciona tais ideias a um poliedro, assim o descrevendo:

O modelo é o poliedro, que reflete a confluência de todas as partes que nele mantêm a sua originalidade. Tanto na ação pastoral, quanto na ação política procurem reunir nesse poliedro o melhor de cada um. Ali entram os pobres com sua cultura, os seus projetos e suas próprias potencialidades.⁴⁶²

Após tratar o tema da paz, segue dizendo que à evangelização também implica um caminho de diálogo, em que a Igreja pode colaborar com as realidades políticas, sociais, religiosas e culturais. O diálogo ecumênico, que é importante, é um caminho imprescindível à evangelização. Não se trata de somente receber informações, mas recolher o que o Espírito semeou em todos os cristãos, como um dom para os católicos. Citemos o exemplo do diálogo com os ortodoxos: o aprender deles o significado da colegialidade episcopal e a experiência da sinodalidade.⁴⁶³ O diálogo com o Judaísmo, “e a amizade com os filhos de Israel, que fazem parte da

⁴⁶⁰ EG 210-216.

⁴⁶¹ EG 218-234.

⁴⁶² EG 236.

⁴⁶³ EG 238-246.

vida dos discípulos de Jesus.”⁴⁶⁴ E o diálogo inter-religioso: o viver uma atitude de abertura na Verdade e no Amor, condição necessária para a Paz no mundo. A verdadeira abertura implica conservar-se firme nas próprias convicções, com uma identidade clara e feliz para assim compreender às dos outros que não são cristãos. Aqui também adquire grande importância a relação dos cristãos com o Islã, porque o verdadeiro Islã tem que ser uma interpretação adequada do Alcorão, que é oposição a toda violência, sem fundamentalismo.⁴⁶⁵ E, por fim, a importância do respeito pela liberdade religiosa, direito humano fundamental. O respeito às minorias agnósticas ou não-crentes.

Reafirmamos, assim, a importância – neste caminho da evangelização –, do diálogo e da aliança entre crentes e não-crentes: todos construindo um caminho de Paz, com liberdade e respeito.

O quinto e último capítulo da Exortação *Evangelii Gaudium* é dedicado aos evangelizadores com Espírito – que são todas as pessoas que se abrem sem medo à ação do Espírito Santo. O Qual “infunde a força para o anúncio da novidade do Evangelho em voz alta, (...) em todo tempo e lugar: sob todos os riscos e desafios, como verdadeiras testemunhas, cuja vida é transfigurada pela presença de Deus.”⁴⁶⁶

Os evangelizadores com Espírito são pessoas que rezam e trabalham, nutridos por uma vida de oração, de silêncio de escuta da Palavra, na certeza de que a missão está marcada por uma experiência profunda do mistério de Deus em Cristo; por uma paixão por Jesus, e, ao mesmo tempo, por uma paixão pelo povo. Essa experiência é uma mística encarnada na miséria humana: a de tocar a carne sofredora dos outros. Podemos, então, dizer que há uma recíproca relação entre teologia pastoral e espiritualidade, que aqui se traduz em uma espiritualidade missionária:

O amor às pessoas é uma força espiritual que favorece o encontro em plenitude com Deus, E cada vez que nos encontramos com um ser humano no amor, ficamos capazes de descobrir algo de novo sobre Deus. Cada vez que os olhos se abrem para reconhecer o outro, ilumina-se mais a nossa fé para reconhecer a Deus.⁴⁶⁷

Francisco segue dizendo que cada ser humano é objeto da ternura infinita do Senhor, e que Ele mesmo habita na sua vida. É maravilhoso ser povo fiel de Deus.

⁴⁶⁴ EG 248.

⁴⁶⁵ EG 250-253.

⁴⁶⁶ EG 259.

⁴⁶⁷ EG 272.

A fé significa acreditar que Jesus Ressuscitado está vivo, caminha conosco e amamos verdadeiramente.⁴⁶⁸ Por isso, diante das falhas ou escassos resultados, não devemos desanimar, pois a fecundidade se apresenta, muitas vezes, invisível, indescritível, e devemos saber apenas que o dom de nós mesmos é necessário.⁴⁶⁹

4.2.3 Maria, lugar do encontro

Maria, lugar do encontro. Francisco a Exortação *Evangelii Gaudium* com forte apelo a uma experiência mística do encontro com Jesus Cristo. “A Alegria do Evangelho enche o coração e a vida inteira daqueles que se encontram com Jesus.”⁴⁷⁰ Alegria que se renova e comunica, alegria que renasce sem cessar. “O bem tende sempre a comunicar-se. Toda experiência autêntica de verdade e de beleza procura, por si mesma, a sua expansão.”⁴⁷¹ Neste caminho da Exortação somos chamados a viver experiências de encontros pessoais: com Jesus Cristo, com a comunidade de fé, com a cultura, com os pobres e com Maria.

Na Exortação *Evangelii Gaudium*, Francisco termina com a imagem de Maria, a Mãe da Evangelização. Intuímos que Francisco tem Maria, como sua mãe, mas sobretudo como a mulher de fé, aquela que é próxima do seu povo, e que, por isso, é modelo de discípula missionária da Igreja “em saída”. Citando o Beato Isaac de Estrela, afirma haver uma estreita relação entre Maria, a Igreja e cada fiel. Segundo Galli,⁴⁷² este é o núcleo da mariologia de Francisco:

Nas Escrituras divinamente inspiradas, o que se atribui em geral à Igreja, Virgem e Mãe, aplica-se em especial à Virgem Maria.(...) Além disso, cada alma fiel é igualmente, a seu modo, esposa do Verbo de Deus, mãe de Cristo, filha e irmã, virgem e mãe fecunda.(...) No tabernáculo do ventre de Maria, Cristo habitou durante nove meses. No tabernáculo da Igreja, permanecerá até o fim do mundo. No conhecimento e amor da alma habitará pelos séculos dos séculos.⁴⁷³

Para Francisco, Maria é aquela que nos ensina a transformar um curral de animais na casa de Jesus. É a humilde serva do Pai, que transborda de alegria e

⁴⁶⁸ EG 274 e 278.

⁴⁶⁹ EG 279.

⁴⁷⁰ EG 1.

⁴⁷¹ EG 8.

⁴⁷² GALLI, C. M., Cristo, Maria, a Igreja e os povos. Mariologia do Papa Francisco, p. 80. Apresenta a correlação feminina entre Maria, a Igreja e o fiel cristão e cita o n. 285 da E.G.

⁴⁷³ EG 285.

louvor. É a amiga sempre solícita para que não falte o vinho na nossa vida. É aquela que tem o coração trespassado pela espada, e por isso compreende nossas penas. Sendo mãe de todos, é sinal de esperança para os povos que sofrem as dores do parto até que germine a justiça. Ela é a missionária que se aproxima de nós, para nos acompanhar ao longo da vida, como uma verdadeira mãe. Caminha conosco e nos aproxima incessantemente do amor de Deus.⁴⁷⁴ Ela é a mulher de fé que caminha na fé e sua excepcional peregrinação representa um constante ponto de referência para a Igreja. Existe um estilo mariano na atividade evangelizadora da Igreja, pois, sempre que contemplamos Maria, voltamos a acreditar na força revolucionária da ternura e do afeto.⁴⁷⁵

A Exortação destaca “a importância da piedade popular como uma pedagogia da evangelização”,⁴⁷⁶ que é uma verdadeira manifestação de fé e força missionária, uma experiência do mistério de Deus em Cristo. É a perfeita espiritualidade encarnada na cultura dos pobres e dos mais simples.

O Pe. Alexandre Awi⁴⁷⁷, ao tratar de Maria e a Piedade Popular, diz que:

Francisco deixa claro não ser suficiente somente olhar a piedade popular a partir do ponto de vista científico ou fenomenológico. Visto que a piedade popular, apesar dos fenômenos externos, é uma realidade teológica, cuja profundidade somente pode ser penetrada a partir da fé, com a força do amor.

Francisco prossegue, recorrendo a um exemplo mariano dessa vida teologal, relatando um fato ocorrido quando ele ainda era arcebispo, na capital Buenos Aires: “a mãe, aos pés da cama do filho doente, com um rosário na mão, e uma vela acesa para Maria... A dimensão mariana não está apenas no rosário e na vela à Virgem, mas, e principalmente, na atitude da mãe.”

Esse episódio impressionou muito a Bergoglio, pois essa é a atitude da Igreja, capaz de suportar, de cansar o coração, pelos filhos.⁴⁷⁸

Pe. Alexandre Awi diz ainda que a parte final da Exortação – além de uma perspectiva da evangelização –, devemos considerar como uma espécie de síntese de ideias relevantes do pensamento mariano de Francisco, acentuando os subtítulos

⁴⁷⁴ EG 286.

⁴⁷⁵ EG 287-288.

⁴⁷⁶ EN 48.

⁴⁷⁷ MELLO, A. Awi., *Maria-Iglesia: Madre Del Pueblo Misionero. El Papa Francisco y la piedad popular mariana a partir del contexto teológico-pastoral latinoamericano*, p. 502-570. (T.A)

⁴⁷⁸ MELLO, A. Awi, *Maria-Iglesia*, p. 509. (T.A)

da Exortação: *Maria é o dom de Jesus ao seu povo* (EG 285-286) e a *Estrela da Nova Evangelização* (EG 287-288).

Por isso, o título desta última parte une os temas de Maria-Mãe e Maria-Evangelizadora. Todos os temas estão presentes no ministério do então Cardeal Bergoglio. Já como Papa Francisco, tais temas são reunidos na síntese que poderia ser chamada de seu “compêndio de mariologia.”⁴⁷⁹

Jesus entrega uma Mãe a seu povo: “Ao pé da cruz, na hora suprema da nova criação, Cristo nos conduz a Maria; conduz-nos a Ela, porque não quer que caminhemos sem uma mãe. E, sob essa imagem materna, o povo lê todos os mistérios do Evangelho.”⁴⁸⁰ “Como uma verdadeira mãe, ela caminha conosco, luta ao nosso lado e nos aproxima incessantemente do amor de Deus.”⁴⁸¹

Maria é o espelho e modelo para todos os discípulos missionários de uma Igreja em saída. Uma Igreja da proximidade, da acolhida, da ternura, porque viveu uma experiência profunda do mistério de Deus no Filho. Por isso, todos os cristãos e cristãs podem viver uma experiência do mistério de Deus em Cristo, inspirada por Maria. E para viver esse “ser discípulo missionário de uma Igreja em saída”, é de suma importância passar por uma adequada formação e a vivência de uma fé sacramental, sinal visível e sensível da presença e da graça de Deus – experiência de fé fortalecida pela oração e contemplação, e pela participação em uma comunidade de fé.

E nesse caminho de uma vida de comunidade eclesial, é de fundamental importância o processo de conversão pastoral, com um olhar atento e sensível para poder responder aos apelos e necessidades do mundo atual. Requer uma abertura e escuta do povo e da natureza.

Na Exortação *Evangelii Gaudium*, há uma mística que se expressa no encontro pessoal com Jesus Cristo e na alegria de evangelizar. A partir dessa experiência, todos os batizados têm, no centro da atividade evangelizadora, o *querigma*, que é trinitário. Pela força e dons do Espírito, são chamados a viver um dinamismo evangelizador missionário. Exortados a caminhar juntos a uma Igreja “que sai”, que vai ao encontro de todos os que necessitam, especialmente os pobres.

⁴⁷⁹ MELLO, A. Awi, *Maria-Iglesia*, p. 514. (T.A)

⁴⁸⁰ EG 285.

⁴⁸¹ EG 286.

Na dimensão social do Evangelho e da evangelização, a Exortação faz um apelo à inclusão de todos – com a opção preferencial pelos pobres, pois eles ocupam um lugar preferencial no coração de Deus. Há uma forte ênfase no diálogo social como um caminho de paz e fraternidade, desenvolvendo uma cultura do encontro em uma harmonia pluriforme.⁴⁸² Ênfase esta motivada pela considerada conexão íntima entre a promoção humana e a evangelização, conforme nos ensina o Evangelho.

Nesse dinamismo missionário, encontramos a Mãe da Igreja e Mãe do Povo de Deus. Maria, a Estrela da Nova Evangelização: quando olhamos para ela, voltamos a acreditar na força revolucionária da ternura e do afeto.⁴⁸³ Com sua presença terna ela vai, a cada dia, nos formando, à semelhança de seu Filho Jesus Cristo.

Na Exortação, também há uma mística do encontro: a Alegria do Evangelho enche a vida inteira daqueles que se encontram com Jesus, transformando sua vida e sua missão. É uma experiência do mistério de Deus, um encontro pessoal e único, que funde com o Cristo da nossa fé. E essa experiência do encontro com o amor de Deus nos devolve o sentido da vida. E, a partir desse momento único nasce o desejo de ir ao encontro dos demais. A comunicação dessa experiência é o testemunho de alteridade, vivida em uma comunidade de fé: a Igreja. E por fim, Maria, lugar do encontro.

Na Encarnação, Maria foi o lugar de encontro de Deus com a Humanidade. Pelo seu “sim”, tornou-se um espaço habitado por Deus. Assim sendo, todos podemos ser esse espaço de encontro do mistério de Deus. Uma experiência pessoal que leva a nos descentrarmos, para irmos ao encontro de todos os que necessitam, principalmente os pobres.

Sigamos com a caminhada do Papa Francisco: passando agora pelo terrível momento vivido com a pandemia de Covid-19. Que desafio para o mundo e para a Igreja! O cuidado com a vida, a fragilidade humana, o desencontro de informações. E o nosso sonho do “caminhar juntos”, sob a orientação de uma educação global e uma política econômica de inclusão, que coloca a pessoa no centro de um processo educativo global; uma política sanitária altruísta, com princípios fundamentados no

⁴⁸² EG 221.

⁴⁸³ EG 288.

Evangelho, “nas relações essenciais, com Deus, com o próximo e com a Terra, nossa “casa comum.”⁴⁸⁴

4.3

A Pandemia de Covid-19 e o sonho de caminhar juntos

No final do ano de 2019, recebemos os primeiros relatos sobre a Pandemia de Covid-19. Em janeiro de 2020, o mundo já tinha notícias da ocorrência de mortes pela contaminação por um vírus do qual nada se sabia: sua natureza, periculosidade, forma de contágio. Um vírus invisível, que tornou visíveis calamitosas situações que afetaram o mundo, principalmente nos países com elevado nível de desigualdades sociais e de pobreza.

Diante desse quadro mundial, ao invés de crescer a mentalidade política de humanização no cuidado com a vida, o ser humano se viu desorientado e perplexo, conectado com o mundo através das redes digitais, e desconectado com o seu “mundo interior”.

A Humanidade passou por situações de discriminação, violência, indiferença. Um verdadeiro descaso para com a vida humana, principalmente para com os pobres e os deixados à margem da sociedade e de seus avanços tecnológicos. Um sistema econômico global injusto e excludente, que, cada vez mais, faz aumentar o contingente de pessoas sem acesso ao mínimo necessário para viver com qualidade de vida.

O Papa Francisco, no dia 27 de março de 2020, em uma atitude que marcou a missão da Igreja e sua presença no mundo – caminhou sozinho pela Praça de São Pedro, vazia, e rezou pelo fim dessa pandemia, diante da imagem do Crucificado. Cristo, identificado com o sofrimento de milhões de pessoas, ao redor do mundo.

O mundo ainda não sabia a extensão e as consequências da propagação do vírus.

O Papa Francisco, no intuito de trazer o assunto “pandemia” ao debate público realizou nove audiências entre os dias 5 de agosto e 30 de setembro de 2020. Essas audiências consistiram na catequese “Curar o Mundo”, cujos temas abordaram: os caminhos para a dignidade, a solidariedade e a subsidiariedade. Abordagens essas indispensáveis para a promoção da dignidade humana e do bem

⁴⁸⁴ LS 66.

comum.⁴⁸⁵ Esses caminhos vêm associados às virtudes teologais: Fé, Esperança e Caridade.

4.3.1 Os desafios da pandemia – a fé, a esperança e o amor

Na introdução de suas catequese “Curar o Mundo”, em 5 de agosto, Francisco convoca toda a Igreja – os discípulos de Jesus – a questionar “como podemos ajudar a curar o nosso mundo hoje”?

Este segue sendo ainda hoje um desafio diante da crise socioambiental, que implica o cuidado com a vida humana e com o nosso planeta:

O que temos para oferecer são alguns princípios fundamentais da Doutrina Social, que podem nos ajudar a ir para adiante, como: a dignidade da pessoa, o bem comum, a opção preferencial pelos pobres, o destino universal dos bens, a solidariedade, a subsidiariedade, o cuidado pela casa comum. Com tais princípios, possamos refletir e trabalhar juntos para construir um mundo melhor, animados pela esperança.⁴⁸⁶

Em duas de suas catequese “Curar o Mundo”, o Papa Francisco apresenta a virtude da Fé, como sendo: a dignidade humana, a solidariedade e a virtude da Fé. Na catequese “Fé e dignidade humana”, Francisco inicia dizendo que a pandemia evidenciou a vulnerabilidade humana; que estamos todos interligados e que, para podermos curar o mundo, temos que nos preocuparmos uns com os outros, a começar pelos últimos, pelos que estão sendo mais atingidos por esta situação, incluindo a Criação; que à luz da Fé, sabemos, que Deus olha para o ser humano de outro modo, pois o criou, não como objeto, mas pessoa amada e capaz de amar, de criar e viver em comunhão, e com uma dignidade única.

O “viver em comunhão” tira-nos do individualismo, nos faz sentir e amar as pessoas com dignidade e respeito. No Evangelho, Jesus propõe uma nova visão em Mateus 20, 29-34, restituindo a visão aos dois cegos e fazendo deles seus discípulos. Diferentemente da passagem de Mateus 20, 20-28, em que o pedido feito pela mãe de Tiago e João mostra um olhar individualista, que não gera harmonia e comunhão.

Na catequese “a solidariedade e a virtude da Fé”, de 2 de setembro, utiliza duas palavras “forças”: solidariedade e interdependência, reiterando que a

⁴⁸⁵ FRANCISCO, PP., Audiência Geral em 30 set. 2020.

⁴⁸⁶ FRANCISCO, PP., Audiência Geral na biblioteca do Palácio Apostólico em 05 ago. 2020.

pandemia evidenciou nossa ligação com cada um, tanto para o mal, quanto para o bem:

Como família humana, temos uma origem comum em Deus... Vivemos numa casa comum, o planeta-jardim, a terra em que Deus nos colocou e onde temos um destino comum em Cristo. Mas quando esquecemos tudo isto, a nossa interdependência torna-se a dependência de uns em relação aos outros – perdemos essa harmonia da interdependência na solidariedade. Aumentando a desigualdade e a marginalização; o tecido social debilita-se e o meio ambiente deteriora-se. É sempre o mesmo modo de agir.⁴⁸⁷

O Papa segue afirmando que, mais do que nunca, o princípio da solidariedade é necessário; que a solidariedade significa muito mais do que apenas algumas ações esporádicas de generosidade. Esta supõe uma nova mentalidade que pense em termos de comunidade, de prioridade da vida de todos sobre a apropriação de bens por parte de alguns. Na defesa desta tese, cita dois exemplos bíblicos: a Torre de Babel (Gn 11 1-9), que descreve o que acontece quando procuramos alcançar o céu, ignorando a relação do ser humano com a Criação e com Deus – desconsiderando que somos criaturas; e a passagem bíblica sobre o Pentecostes, situação totalmente oposta ao ocorrido na Torre de Babel: o Espírito cria unidade na diversidade, cria harmonia:

No meio de crises de tempestades, o Senhor interpela-nos e convida-nos a des0pertar e a ativar esta solidariedade capaz de conferir solidez, apoio e um sentido a essas horas em que tudo parece naufragar. Que a criatividade do Espírito Santo nos encoraje a gerar novas formas de hospitalidade familiar, fraternidade fecunda e solidariedade universal.⁴⁸⁸

O Papa Francisco nos orienta a um caminhar na Fé, como irmãos e irmãs, criados à imagem e semelhança de Deus, chamados e viver a solidariedade, no caminho para a dignidade humana, incluindo, em especial, os que sofrem, e o vigilante cuidado da casa comum, nosso jardim.

Falando sobre a virtude da Esperança em duas catequeses, Francisco trata de dois temas: o destino universal dos bens e a subsidiariedade.

Quanto ao destino universal dos bens e a virtude da Esperança, assim inicia o Papa: “perante a pandemia e as suas consequências sociais, muitos correm o risco de perder a Esperança”. Em reforço a esta colocação, acentua que a pandemia

⁴⁸⁷ FRANCISCO, PP., Audiência Geral no pátio São Dâmaso em 02 set. 2020.

⁴⁸⁸ FRANCISCO, PP., Audiência Geral no pátio São Dâmaso em 02 set. 2020.

agravou os problemas sociais e colocou em evidência a desigualdade social: enquanto alguns seguem seu trabalho “em casa”, para outros isto é impossível; enquanto algumas crianças seguem uma educação escolar, outras não tem condições; em termos econômicos, algumas nações podem emitir moedas para enfrentar o momento, enquanto, para outras, isso significa hipotecar o futuro.

Como tudo está interligado, o cuidado com a casa comum é imprescindível em uma economia que pense no bem comum, em sua realização e administração, com vistas ao destino universal dos bens e de acordo com as necessidades reais do mundo.

Estamos quase a superar muitos limites do nosso maravilhoso planeta, com consequências graves e irreversíveis: desde a perda da biodiversidade e alterações climáticas, ao aumento do nível dos mares e à destruição das florestas tropicais. A desigualdade social e a degradação ambiental andam de mãos dadas e têm a mesma raiz (LS, 101): a do pecado de querer possuir, de querer dominar os irmãos e irmãs, de pretender possuir e dominar a natureza, e o próprio Deus.⁴⁸⁹

Em meio a esta situação de desigualdade social que assola o mundo e diante desta crise socioambiental, nós, como seguidores e seguidoras de Cristo, discípulos e discípulas, não podemos perder a esperança. Fixemos os olhos em Jesus. Não podemos, apenas, ficar a olhar para esta situação, devendo, isto sim, ser protagonistas da transformação, de mudanças. Devemos agir em conjunto, na esperança de gerar algo diferente e melhor. Não podemos sair “os mesmos”, após esta crise: ou saímos melhores ou piores, afirma o Papa:

Que as comunidades do século XXI recuperem esta realidade: que o cuidado da Criação e a justiça social caminham juntos, dando assim testemunho da Ressurreição do Senhor. Se cuidarmos dos bens que o Criador nos concede, se partilharmos o que possuímos para não faltar nada a ninguém, então de fato podemos inspirar esperança para regenerar o mundo: torná-lo mais saudável e mais justo.⁴⁹⁰

Na segunda catequese, “a subsidiariedade e a virtude da Esperança”, o Papa afirma que, para sairmos melhores de uma crise (uma crise de saúde e, ao mesmo tempo, uma crise social, política e econômica), cada pessoa é chamada a assumir a sua parte de responsabilidade.

Se acima tratamos a Destinação Universal dos Bens – e aqui Francisco apresenta o princípio da Subsidiariedade –, este princípio privilegia o “dar voz e

⁴⁸⁹ FRANCISCO, PP., Audiência Geral na biblioteca do Palácio Apostólico em 26 ago. 2020.

⁴⁹⁰ FRANCISCO, PP., Audiência Geral na biblioteca do Palácio Apostólico em 26 ago. 2020.

vez” às pessoas mais vulneráveis, os pobres de nossa sociedade, de modo a torná-los protagonistas, senhores de seus destinos.

Francisco reafirma a necessidade de ser implementado o princípio da subsidiariedade, respeitando a capacidade de iniciativa de todos. E todos devem ser ouvidos, independente de hierarquia, ou seja, incluir a todos, principalmente os que estão mais vulneráveis e fora do sistema econômico, o que pode nos ajudar a sairmos melhores de uma crise. E isto dá esperança para um futuro mais saudável e justo.

Diz, ainda, que a solidariedade é uma saída para a crise, pois permite-nos encontrar propostas sólidas para um mundo mais saudável. Neste caminho da solidariedade, se faz necessária a subsidiariedade, pela qual todos devem ser responsáveis e contribuir, pois só existe verdadeira solidariedade com a participação de todos.

O Papa dedica, em seguida, uma catequese para tratar da virtude da Caridade: *a opção preferencial pelos pobres e a virtude da Caridade*. O vírus, sem excluir ninguém, encontrou grandes desigualdades sociais e discriminações no seu caminho devastador, acentuando a situação dos pobres e o grande desequilíbrio que reina no mundo. Afirma, para tanto, que a resposta à pandemia deveria ser dupla: primeiro, é essencial encontrar uma cura para o terrível e pequeno vírus que colocou o mundo inteiro de joelhos e, segundo, faz-se necessário curar-nos de um grande vírus: o da injustiça social – e aqui se incluem a desigualdade de oportunidades, a marginalização e o descaso para com os vulneráveis:

Nesta dupla resposta de cura há uma escolha que, segundo o Evangelho, não pode faltar: é a opção preferencial pelos pobres. E esta não é uma opção política; nem sequer uma opção ideológica ou uma opção de partidos. A opção preferencial pelos pobres está no centro do Evangelho. E quem a fez primeiro foi Jesus. Ouvimos isto no trecho da Carta aos Coríntios, lido no início. Ele, sendo rico, fez-se pobre para nos enriquecer. Fez-se um de nós e por isso, no centro do Evangelho, no centro do anúncio de Jesus, há esta opção.⁴⁹¹

Segue afirmando que o próprio Cristo, sendo Deus, despojou-se, fazendo-se semelhante aos homens, sem privilégios, assumindo a condição de servo (Fl 2, 6-7). Jesus, por toda sua vida, viveu no meio dos pobres, dos doentes, dos excluídos,

⁴⁹¹ FRANCISCO, PP., Audiência Geral no pátio do Palácio Apostólico em 19 ago. 2020.

marginalizados, vivendo com compaixão, mostrando o amor misericordioso de Deus, correndo risco por estar próximo dos pobres e marginalizados.

Todos os seguidores e seguidoras de Jesus são reconhecidos pela sua proximidade com os pobres, enfermos, marginalizados, excluídos, desprovidos de roupa, comida e sem acesso aos bens essenciais para a dignidade humana. É este o parâmetro sob qual todos seremos julgados, conforme se lê no capítulo 25 do Evangelho de Mateus: critério-chave de autenticidade cristã para todos, a missão que orienta a Igreja, povo de Deus.

O que impulsiona a opção preferencial pelos pobres e os mais necessitados são a Fé, a Esperança e o Amor que vai além da assistência necessária. É o estar próximo, caminhar junto, sendo presença significativa, escutando, acolhendo o ser humano com respeito e dignidade, como pessoa amada e criada à imagem e semelhança de Deus:

Trata-se de caminhar junto, deixando-se evangelizar por eles, que conhecem bem o Cristo sofredor, deixando-se contagiar pela sua experiência e salvação, sabedoria e criatividade. Partilhar com os pobres significa enriquecer-se uns aos outros. E se existem estruturas sociais doentes, que lhes impedem de sonhar com o futuro, devemos trabalhar em conjunto para as curar, para as mudar. A isto conduz o amor de Cristo, que nos amou até o extremo (Jo 13, 1) e chega inclusive aos confins, às margens, às fronteiras existenciais.⁴⁹²

Acrescenta que, diante da pandemia, uma crise pode ser uma oportunidade de construirmos algo diferente e nos sairmos melhores, para resolvermos as injustiças sociais e a degradação ambiental. Cita exemplos de que podemos fazer crescer a economia, com o desenvolvimento integral dos pobres, para que não dependam de ajudas assistenciais – que são importantes –, mas o desafio é o da inclusão de todos no mesmo sistema econômico. Francisco demonstra, assim, cuidado e preocupação com a situação atual, quando faz referência à economia, com a distribuição dos bens, com os pobres, e o cuidado da Criação:

Dá-nos o estímulo pensar e conceber uma economia em que as pessoas, especialmente os pobres, estejam no centro. E nos encoraja a projetar o tratamento do vírus, privilegiando quem tem mais necessidade (...) E que escândalo seria se toda assistência econômica que estamos a observar – a maior parte dela com dinheiro público – se concentrasse no resgate das indústrias que não contribuem para a inclusão dos excluídos, para a promoção dos últimos, para o bem comum ou para o cuidado da Criação.⁴⁹³

⁴⁹² FRANCISCO, PP., Audiência Geral no pátio no Palácio Apostólico em 19 ago. 2020.

⁴⁹³ FRANCISCO, PP., Audiência Geral no pátio no Palácio Apostólico em 19 ago. 2020.

O pontífice faz, ainda, duas catequeses centradas no amor e no cuidado: a primeira, *o amor e o bem comum*; e a segunda, *o cuidado da casa comum e a atitude contemplativa*. Nestas, afirma que a resposta cristã à pandemia e às consequentes crises socioeconômicas se baseia no amor, no amor de Deus que sempre nos precede (1Jo 4, 19):

Ele precede-nos sempre no amor e nas soluções. Ele ama-nos incondicionalmente, e quando aceitamos esse amor divino, então podemos responder de forma semelhante. Amo não só aqueles que me amam: a minha família, os meus amigos, o meu grupo, mas também aqueles que não me amam; amo, inclusive, os que não me conhecem, amo também os que são estrangeiros, e até aqueles que me fazem sofrer ou considero inimigos (Mt 5, 44). Esta é a sabedoria cristã, esta é a atitude de Jesus. É o ponto mais elevado da santidade, digamos assim, é amar os inimigos, e não é fácil. Claro, amar a todos inclusive os inimigos é muito difícil – diria que é uma arte! Mas é uma arte que pode ser aprendida e melhorada. O verdadeiro amor, que nos torna fecundos e livres, é sempre expansivo e inclusivo. Esse amor cuida, cura e faz bem. Muitas vezes faz melhor uma carícia do que muitas argumentações, uma carícia de perdão, e não muitas palavras de defesa. É o amor inclusivo que cura.⁴⁹⁴

Ao tratar do bem comum, Francisco reitera que o vírus nos mostrou que o verdadeiro bem para cada um é o bem comum. Cada pessoa, quando abre o próprio bem a todos, se torna mais humana. Uma sociedade saudável é aquela que cuida da saúde de todos, pois a saúde não é apenas individual, mas um bem público para todos, a ser cuidado por todos. O pontífice ressalta, por fim, que o vírus não conhece barreira, fronteiras, distinções culturais, nem políticas, pois atinge a todos indistintamente. Por isso deve ser enfrentado por um amor sem barreiras, fronteiras, e sem distinções. E, para construir uma sociedade sã, inclusiva e pacífica, devemos fazê-lo sobre a rocha do bem comum:

Esse amor pode gerar estruturas sociais que nos encorajam a partilhar em vez de competir; que nos permite incluir os mais vulneráveis, em vez de os descartar; e que nos ajudam a expressar o melhor da nossa natureza humana, e não o pior. O verdadeiro amor não conhece a cultura do descarte, não sabe o que isso é. De fato, quando amamos e geramos criatividade, quando geramos confiança e solidariedade, então emergem iniciativas concretas para bem comum.⁴⁹⁵

Chegamos ao *cuidado da casa comum e a atitude de contemplação*. Para Francisco, duas atitudes são essenciais, sendo elas a contemplação e o cuidado, para encontrar o caminho justo e reequilibrar a relação da Humanidade com a Criação:

⁴⁹⁴ FRANCISCO, PP., Audiência Geral no pátio São Dâmaso em 09 set. 2020.

⁴⁹⁵ FRANCISCO, PP., Audiência Geral no pátio São Dâmaso em 09 set. 2020.

Muitas vezes a nossa relação com a Criação parece ser uma relação entre inimigos: destruir a Criação em meu benefício, explorar a Criação em meu proveito. Não esqueçamos que isto se paga caro. Não esqueçamos aquele ditado espanhol: “Deus perdoa sempre, nós perdoamos de vez em quando, a Natureza nunca perdoa.” (...). Contemplar para cuidar e para preservar a nós, a Criação, os nossos filhos, os nossos netos, e tutelar o futuro. Contemplar para cuidar e para preservar, e deixar uma herança à futura geração. Mas não se deve, contudo, delegar a alguns: aquilo que é tarefa de cada ser humano. Cada um de nós pode e deve tornar-se um “guardião da casa comum”, capaz de louvar a Deus pelas suas criaturas, de contemplar as criaturas e de as proteger.⁴⁹⁶

Em sua última catequese “Curar o Mundo”, de 30 de setembro de 2020, o pontífice afirma que esse percurso não possui um fim delimitado e que podemos continuar a caminhar juntos, “mantendo os olhos fixos em Jesus” (Hb 12, 2) e em suas atitudes que geram dignidade humana. Podemos, assim, reconhecer Cristo presente nos nossos irmãos e irmãs pobres e sofredores e, ao encontrá-los, ouvir o seu clamor e o clamor da Terra que lhes faz eco:

Persistem hoje no mundo inúmeras formas de injustiça, alimentadas por visões antropológicas redutivas e por um modelo econômico fundado no lucro, que não hesita em explorar, descartar e até matar o homem. Enquanto uma parte da Humanidade vive na opulência, outra parte vê a própria dignidade não reconhecida, desprezada e espezinhada; e ignorados ou violados os seus direitos fundamentais. O que isso diz a respeito da igualdade de direitos, fundada na própria dignidade humana?⁴⁹⁷

E ainda acrescenta a dignidade do pobre à luz das convicções de fé:

Como procurei mostrar na Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* – exige-se, acima de tudo, contemplar a imensa dignidade do pobre à luz das mais profundas convicções de fé. Basta observar a realidade para compreender que, hoje, esta opção é uma exigência ética fundamental para a efetiva realização do bem comum.⁴⁹⁸

Novamente a imagem utilizada pelo Papa Francisco, para uma sociedade na qual a diferença é valorizada, é o “poliedro”, forma tridimensional com muitos lados e formatos. Ao contrário do cubo, cujos lados são todos iguais, o poliedro chama a atenção por sua complexidade.

Nesse caminho das catequeses de Francisco, identificadas como “Curar o Mundo”, vemos a centralidade da pessoa e sua presença e missão no mundo.

⁴⁹⁶ FRANCISCO, PP., Audiência Geral no pátio São Dâmaso em 16 set. 2020.

⁴⁹⁷ FT 22.

⁴⁹⁸ LS 158.

4.3.2 Educação e Economia: Meios para um novo humanismo

Neste “trabalhar juntos” para construir um mundo melhor, Francisco oferece dois meios concretos: o Pacto Educativo Global,⁴⁹⁹ e a economia.

O Pacto Educativo e seus sete princípios, sendo o primeiro deles o ato de colocar no centro de cada processo educativo, seja formal ou informal, a pessoa, o seu valor, a sua dignidade para fazer emergir a sua especificidade, a sua beleza, a sua singularidade. Trata-se de valorizar a sua capacidade de estar em relação com os outros e com a realidade que a rodeia, rejeitando os estilos de vida que favorecem a difusão da cultura do descarte. “Educar é sempre um ato de esperança que convida à coparticipação, transformando a lógica estéril e paralisadora da indiferença, em uma lógica diferente, capaz de acolher a nossa pertença comum.”⁵⁰⁰

Educação como um dos caminhos mais eficazes para humanizar o mundo e a história. Educação como antídoto natural à cultura individualista – o culto ao “ego” (egolatria). O pacto refere-se, portanto, a uma conversão de mente, do coração e das ações, para reverter a ruptura da fraternidade entre as populações e a deterioração do planeta. Um pacto educativo global para e com as gerações jovens, que envolva as famílias, as comunidades, as escolas, a universidades, as instituições, as religiões, os governantes, a Humanidade inteira, na formação de pessoas maduras – assumindo a possibilidade de um mundo diferente.

Assim, pede o Papa que aprendamos a construir esse mundo a partir de toda a nossa humanidade, tanto em caráter pessoal, como comunitário. O pacto pode, então, ser vivido como um processo de sensibilização, conscientização, interpelação, mobilização (ação), e verificação (resultado).

Para tanto, apresenta-nos sete compromissos para o Pacto / Aliança que são.⁵⁰¹

⁴⁹⁹ Anúncio e lançamento - 12/09/19 – O Papa Francisco, no anúncio diz: na Encíclica *Laudato Si*, convidei todos a colaborar no cuidado da nossa casa comum. Para entender a urgência do desafio que temos pela frente, devemos nos concentrar na Educação, que abre a mente e o coração para uma compreensão mais ampla e profunda da realidade. Convocatória para um encontro em 15 de maio de 2020. Devido à situação da PANDEMIA COVID-19, foi transferido para 15/10/2020.

⁵⁰⁰ FRANCISCO, PP., Mensagem por ocasião do encontro promovido pela Congregação para a Educação Católica: “Global Compact Education, Together to Look Beyond”.

⁵⁰¹ FRANCISCO, PP., Mensagem por ocasião do encontro promovido pela Congregação para a Educação Católica: “Global Compact Education, Together to look Beyond”.

- a) O primeiro compromisso, vimos acima;
- b) O segundo: ouvir a voz das crianças, adolescentes e jovens a quem transmitimos valores e conhecimentos, para construir juntos um futuro de justiça e paz, uma vida digna para toda pessoa;
- c) O terceiro: favorecer a plena participação das meninas e jovens (em geral) na instrução.
- d) O quarto: ver, na família, o primeiro e indispensável sujeito educador.
- e) O quinto: educar-se para o acolhimento, abrindo-nos aos mais vulneráveis e marginalizados.
- f) O sexto: empenhar-se, através do estudo, para encontrar outras formas de compreender a economia, a política, o crescimento e o progresso, para que estejam verdadeiramente ao serviço do homem e da família humana inteira na perspectiva de uma ecologia integral.
- g) O sétimo: guardar e cultivar a nossa casa comum, protegendo-a da exploração dos seus recursos, adotando estilos de vida mais sóbrios e apostando na utilização exclusiva de energias renováveis e respeitadoras do ambiente humano e natural, segundo os princípios de subsidiariedade e solidariedade e da economia circulante.

Tratemos, agora, com maior relevo o segundo meio, referido acima: a Economia. Com a Economia de Francisco de Assis, a convocação de jovens economistas torna-se imperativo para se pensar e trabalhar um novo sistema econômico que inclua a todos e que esteja a serviço da vida e do cuidado com a casa comum. Ambos os eventos, em âmbito mundial, convocados antes do surgimento da pandemia, cujo desenvolvimento seguiu com encontros virtuais e presenciais, perscrutaram essa ideia.

Na convocação para o encontro em Assis, Francisco diz que será um evento que:

Permita encontrar-me com quantos estão a formar-se e começam a estudar e a pôr em prática uma economia diferente, que faz viver e não mata, que inclua e não exclua, que humaniza e não desumaniza, que cuida da Criação e não a devasta. Um acontecimento que nos ajude a estar unidos, a conhecer-nos uns aos outros, e que nos leve a estabelecer um “pacto” para mudar a economia atual e atribuir uma alma à economia de amanhã.⁵⁰²

⁵⁰² FRANCISCO, PP., Carta do Papa Francisco para o evento “Economy of Francisco” em Assis de 26 a 28 de março de 2020.

E afirma ser necessário *realmar* a economia, para construir, juntos, um novo humanismo, que supere o desenvolvimento desenfreado que exclui e mata, para uma consciência do cuidado, com uma ecologia integral, que pensa o ser humano e o cuidado com a Natureza, pois tudo está interligado e em relação, daí o realce a uma economia humanizada e humanizadora, que escute e acolha o grito dos pobres e da Terra, seguindo o exemplo de Francisco de Assis:

Francisco despojou-se de toda a mundanidade para escolher Deus como Estrela polar da sua vida, fazendo-se pobre com os pobres, irmão universal. Da sua escolha de pobreza brotou também uma visão da economia que permanece extremamente atual. Ela pode dar esperança ao nosso amanhã, não apenas em benefício dos mais pobres, mas da Humanidade inteira. Aliás, ela é necessária para o destino de todo o planeta, a nossa casa comum, “a nossa irmã Terra Mãe”, como Francisco de Assis a chama no seu Cântico do Irmão Sol.⁵⁰³

E acrescenta o desafio de profetizar uma nova economia, com alma, o reconstruir a partir da pessoa, com novas economias para um caminho do bem viver, como Francisco de Assis:

A perspectiva do desenvolvimento humano integral é uma boa notícia a profetizar e implementar, e não se trata de sonhos: este é o caminho, é uma boa notícia a profetizar e implementar, pois propõe que nos encontremos como humanidade com base no melhor de nós mesmos: este é o sonho de Deus, que aprendamos a cuidar do nosso irmão, e do nosso irmão mais vulnerável (cf. Gen 4, 9). “A grandeza da humanidade determina-se essencialmente na relação com o sofrimento e com quem sofre a grandeza da humanidade. Isto vale tanto para o indivíduo como para a sociedade; uma medida que deve encarnar-se, inclusive, nas nossas decisões e modelos econômicos.”⁵⁰⁴

Nestes dois meios concretos propostos pelo Papa Francisco, a centralidade é a pessoa humana e o cuidado com a casa comum: com a Educação e a Economia. Esses meios propostos baseiam-se tanto na Exortação *Evangelii Gaudium* (2013), quanto na Encíclica *Laudato Si* (2015), tendo no cuidado com a pessoa sua missão no mundo e o cuidado com a Criação, a casa comum.

Diante dos desafios do tempo presente, em que a vida humana perde seu sentido e a esperança, desumanizando-se e sendo objeto de descarte, ainda vivemos

⁵⁰³ FRANCISCO, PP., Carta do Papa Francisco para o evento “Economy of Francisco” em Assis de 26 a 28 de março de 2020.

⁵⁰⁴ FRANCISCO, PP., Encontro Internacional “The Economy of Francisco” em Assis, 19-21 de novembro de 2020. Mensagem em vídeo.

às margens de uma grave crise socioambiental. Educação e Economia são perspectivas, destarte, cruciais para mudarmos de atitude: para um novo olhar e fazer, com princípios e valores do Evangelho, a fim de construirmos juntos um novo caminho de amor e fraternidade.

A seguir, faremos um caminho com Maria, a mãe do Filho de Deus Encarnado, mulher de fé, primeira discípula missionária, modelo e tipo da Igreja. Vimos, acima, a explanação sobre as “catequeses” com foco na busca de caminhos novos para enfrentar o desafiante momento da pandemia de Covid-19, e, nelas, encontramos temas que estão em sintonia com outros documentos pontifícios, dos quais trataremos a seguir. Maria de Nazaré, a mãe do Evangelho vivente, nos acompanhará neste peregrinar.

4.4 Maria no pontificado de Francisco

A figura de Maria – presente e atuante na Igreja então nascente – vem, no pontificado de Francisco, como a mãe da misericórdia, da ternura e do cuidado. Mas é ainda a mulher forte na fé, que, com humildade e alegria, emerge do Evangelho e que cuida e acompanha a todos – em especial os pobres –, anunciando um novo momento da vida e da missão da Igreja. Com um forte apelo para a “saída”, nos conclama a movermo-nos ao encontro de todos, transmitindo uma força que se traduz na revolução da ternura. Força capaz de vencer obstáculos, derrubar muros e criar pontes que alcancem a todos, em especial os pobres e descartados.

Em meio às agruras da vida, ela é a mãe que cuida e está atenta à necessidade dos cristãos. E nesse peregrinar dos discípulos missionários, Maria de Nazaré, a mulher que viveu uma experiência do mistério de Deus no Filho, nos inspira atitudes de alegria e fidelidade, solidariedade e esperança, de sensibilidade e compaixão. E, então, assim como ela viveu uma profunda experiência de Deus, nos conduz, com sua pedagogia, a trilhar um caminho para um encontro pessoal, uma experiência do mistério de Deus em Cristo – a mística marial, de que já tratamos no segundo capítulo.

Francisco viveu uma experiência do mistério de Deus em Cristo, inspirada por Maria, no convívio familiar, nos estudos, na missão como sacerdote e, especialmente, como bispo. Uma experiência mística ao contemplar os olhares dos

peregrinos. Olhares entre eles e Nossa Senhora, onde há um mistério inexplicável, silencioso, mas sentido. As palavras não expressam o vivido, pois tudo é uma experiência pessoal, única.

A partir de sua experiência, ele nos orienta a um viver pela fé, a adotar atitudes tais como as dos discípulos missionários de uma Igreja em saída, inspirados na “Maria nos Evangelhos”, a mulher, mãe, esposa, que pode vir a ser um caminho para a formação na fé, de discípulos missionários. Cristãos de uma Igreja em saída, que se faz pobre para os pobres. Nesse caminhar, quando olhamos para Maria – a primeira na ordem da graça a estar junto de Deus, na comunhão dos santos e santas –, cremos na revolução da ternura.

4.4.1 Maria, mulher da fé e da alegria do Evangelho

Francisco inicia seu pontificado com um chamado a que caminhemos juntos, num dinamismo de abertura e conversão, tanto na dimensão pessoal como na comunitária, eclesial. Um convite a uma reforma que deve começar de dentro para fora, com um encontro pessoal com o Cristo da fé, o mesmo Jesus de Nazaré.

Na Carta Encíclica *Lumen Fidei*, sobre a fé, encontramos que, à luz da fé – o grande dom trazido por Jesus e que brilha no rosto dos cristãos e cristãs, como testemunho de haverem vivido um encontro pessoal com Cristo –, “reconhecemos que um grande Amor nos foi oferecido, que uma Palavra estupenda nos foi dirigida: Jesus Cristo, Palavra Encarnada”⁵⁰⁵ no ventre de uma mulher, que pela fé, se deixou habitar por Deus. E aqui encontramos Maria, como ícone perfeito da fé, como dirá Isabel: “Feliz de ti que acreditaste” (Lc 1, 45)⁵⁰⁶. Francisco afirma que:

O movimento de amor entre o Pai e o Filho, no Espírito, percorreu a nossa história; Cristo atrai-nos a Si para nos poder salvar (cf. Jo 12, 32). No centro da fé, encontra-se a confissão de Jesus, Filho de Deus, nascido de mulher, que nos introduz, pelo dom do Espírito Santo, na filiação adotiva (cf. Gal 4, 4-6).⁵⁰⁷

Maria não é o centro, mas a figura central, porque gerou o centro de nossa fé, Jesus Cristo, que é o Filho de Deus, feito Filho de Maria, para a Salvação da Humanidade. E Jesus Cristo é o rosto da misericórdia do Pai, no qual o mistério da

⁵⁰⁵ LF 7.

⁵⁰⁶ LF 58.

⁵⁰⁷ LF 59.

fé cristã encontra sua síntese. Contemplar o mistério da misericórdia é fonte de alegria, serenidade e paz. A misericórdia é o caminho que une Deus e o ser humano.

Assim, somos chamados a viver de misericórdia, a compaixão do coração, para com todos. E Maria nos acompanha com a doçura do seu olhar para, deste modo, redescobriremos a alegria da ternura de Deus:

Ninguém como Maria conheceu a profundidade do mistério de Deus feito homem. Na sua vida tudo foi plasmado pela presença da misericórdia feita carne. A Mãe do Crucificado e Ressuscitado entrou no santuário da misericórdia divina, porque participou intimamente no mistério do seu amor.⁵⁰⁸

Em sua Carta Encíclica *Laudato Si*, sobre o cuidado com a casa comum, em que reitera que tudo está "interligado e relacionado",⁵⁰⁹ Francisco faz um alerta e uma chamada a tomarmos consciência da situação socioambiental e a ousarmos transformar a grave crise com iniciativas que envolvam a todos, cuidando, principalmente, dos mais pobres, superando a auto-referencialidade e o individualismo, para juntos, cuidarmos do nosso jardim, nossa casa comum. O chamado é concluído com um convite a trilharmos um caminho de paz e fraternidade, a exemplo de São Francisco de Assis.

Nesse *ousar transformar*, encontramos Maria, a Rainha de toda a Criação. Ela, "a mãe que cuidou de Jesus, agora cuida, com carinho e preocupação materna, deste mundo ferido"⁵¹⁰:

Maria, elevada ao Céu, é Mãe e Rainha de toda a Criação. No seu corpo glorificado, juntamente com Cristo Ressuscitado, parte da Criação alcançou toda a plenitude da sua beleza. Maria não só conservava no seu coração toda a vida de Jesus, que guardava cuidadosamente (cf. Lc 2, 51), mas agora compreende também o sentido de todas as coisas. Por isso, podemos pedir-lhe que nos ajude a contemplar este mundo com um olhar mais sábio.⁵¹¹

Maria, elevada ao Céu, é Mãe e Rainha de toda a Criação, por ser a primeira na ordem da graça a estar junto de Deus, na comunhão dos santos e santas, e na plenitude de sua beleza. A Maria de Nazaré, a mulher de fé, é agora elevada ao Céu, por Deus assumida em sua humanidade. Por isso cremos e professamos na comunhão dos santos. E este é um caminho para o diálogo ecumênico, na

⁵⁰⁸ MV 24.

⁵⁰⁹ LS 700,92,120,138,142.

⁵¹⁰ LS 241.

⁵¹¹ LS 241.

expectativa da vida eterna: unimo-nos para tomar a nosso encargo esta casa que nos foi confiada, pois sabemos “que aquilo de bom que há nela será assumido na festa do Céu, juntamente com todas as criaturas”⁵¹². Todos juntos, no caminho para a construção de uma fraternidade e missão universal.

Na Exortação *Amoris Laetitia*, Francisco reflete sobre o amor na família, tendo como enfoque a espiritualidade da vida familiar e a alegria do amor que respeita, perdoa e, na união, assume os riscos da vida no mundo:

Como Maria, as famílias são exortadas a viverem, com coragem e serenidade, os desafios familiares tristes e entusiasmantes, e a guardarem e meditem no coração as maravilhas de Deus (cf. Lc 2, 19.51). No tesouro do coração de Maria estão também todos os acontecimentos de cada uma das nossas famílias, que ela guarda solícitamente.⁵¹³

Por isso, ela pode nos ajudar a interpretar os acontecimentos, de modo a reconhecermos a mensagem de Deus na vida e história de cada família e, assim, vencermos os desafios do cotidiano da vida familiar. Maria pode, enfim, nos orientar para que sejamos uma família pela vivência de uma unidade baseada na diversidade e no amor.

Na Exortação Apostólica *Gaudete et Exsultate*, sobre o chamado à santidade no mundo atual, Francisco afirma que quanto mais um cristão se santifica, mais fecundo se torna no mundo. Que a santidade consiste em ser humano, integral e integrado, vivendo no mundo com seu bilhete de identidade, que são as bem-aventuranças (Mt 5, 3-12 e Lc 6, 20-23). “Nas bem-aventuranças está delineado o rosto do Mestre, que é preciso deixar transparecer no dia a dia da nossa vida.”⁵¹⁴ E esse rosto é de alguém que teve uma mãe que o gerou, cuidou, ensinou, educou, acompanhou. Sua mãe, porém, conservava a lembrança de todos esses fatos em seu coração. E Jesus crescia em sabedoria, em estatura e graça, diante de Deus e diante dos homens. (Lc 2, 51)

Maria conservava a lembrança do crescimento humano e espiritual de Jesus. Por isso, hoje nos mostra o caminho, acompanhando-nos para um crescimento humano e espiritual, rumo à santidade:

A medida da santidade é dada pela estatura que Cristo alcança em nós, desde quando, com a força do Espírito Santo, modelamos toda a nossa vida sobre a Sua. Assim,

⁵¹² LS 244.

⁵¹³ AL 30.

⁵¹⁴ GeE 63.

cada santo é uma mensagem que o Espírito Santo extrai da riqueza de Jesus Cristo e dá ao seu povo.⁵¹⁵ Cada santo é uma missão, é um projeto do Pai que visa a refletir e encarnar, em um dado momento da história, um aspecto do Evangelho.⁵¹⁶

Na *Gaudete et Exsultate*, Maria é aquela que viveu a identidade do cristão – as bem-aventuranças – como ninguém, em sua humanidade, como a mãe do Filho de Deus Encarnado. É a mais abençoada entre todos os santos e santas. É aquela que nos mostra o caminho da santidade e nos acompanha. E, quando caímos, não aceita nos deixar por terra e, às vezes, leva-nos em seus próprios braços, sem julgamentos.⁵¹⁷

Na Exortação Apostólica pós-sinodal *Christus Vivit* – para os jovens e para todo o povo de Deus –, ao falar de Maria, Francisco diz que Maria, a menina de Nazaré, resplandece no coração da Igreja, como modelo para uma Igreja jovem, que quer seguir a Cristo com leveza e carinho. E, acrescentando, diz que sempre chama a atenção o “sim” proferido por ela: a força de sua resposta ao projeto de Deus.

Sempre chama a atenção a força do “sim” da jovem Maria. A força desse “faça-se!” que ela disse ao Anjo. Foi algo diferente. Maria jogou-se e é por isso que é forte, por isso é uma *influencer*: a *influencer* de Deus! O “sim” e o desejo de servir foram mais fortes que as dúvidas e as dificuldades.⁵¹⁸

Ela é, portanto, a maior *influencer* de Deus. No seu “sim”, condensa-se uma vida de abertura ao mistério, de humildade no serviço, de alegria no encontro, de sensibilidade na necessidade dos demais, de solidariedade e compaixão. Mulher de oração junto com a comunidade. Do silêncio e da contemplação.

Francisco conclui dizendo que, ao enfrentar sozinha suas próprias dificuldades quando era muito jovem, Maria ensina que, primeiro, temos que enfrentar as nossas próprias dificuldades, nossos medos, nosso processo humano e espiritual para, como ela, responder com o nosso “sim” ao projeto de Deus, a fim de nos tornarmos, também nós, *influencers* de Deus.

Num olhar sobre a querida Amazônia, Francisco, na Exortação Apostólica pós-sinodal, dirigida ao povo de Deus e a todas as pessoas de boa vontade, apresenta o documento formulando quatro sonhos: 1º) um sonho social, que integre e promova todos os habitantes da Amazônia, consolidando o bem viver; 2º) um

⁵¹⁵ GeE 21.

⁵¹⁶ GeE 19.

⁵¹⁷ GeE 176.

⁵¹⁸ CV 44.

sonho cultural, para contribuir de modo que a própria Amazônia revele o melhor de si; 3º) um sonho ecológico, o cuidar da relação do ser humano com a Natureza, na qual a vida diária é sempre cósmica - o Senhor que sempre cuida da sua criatura, nos ensina a cuidarmos uns dos outros e da Natureza; 4º) um sonho eclesial: uma Igreja com rosto amazônico – numa região em que cresça a cultura do encontro e a harmonia pluriforme, com o desafio missionário de uma presença constante da Igreja e do Evangelho.

Conclui convidando-nos a olharmos para Maria, a mãe da Amazônia, instando-nos a levantarmos nosso “olhar para Maria, a Mãe que Cristo nos deixou. Embora seja a única Mãe de todos, manifesta-se de distintas maneiras na Amazônia. Ela, é a Mãe da vida.”⁵¹⁹

Já na Carta Encíclica *Fratelli Tutti*, sobre a fraternidade e a amizade social, Francisco convida-nos a viver o amor fraterno em sua dimensão universal, com uma Humanidade aberta e inclusiva:

Sonhemos com uma única Humanidade, como caminhantes feitos da mesma carne humana, como filhos desta mesma Terra que nos abriga a todos, cada qual com a riqueza da sua fé ou das suas convicções, cada qual com a própria voz, mas todos irmãos.⁵²⁰

O sonho de caminharmos juntos, como irmãos e irmãs, a missão da Igreja, dando testemunho ao mundo de hoje da fé, da esperança e do amor ao Senhor. Que seja acolhedora, como uma casa de portas abertas, porque é mãe, a Mãe de Jesus: “Queremos ser uma Igreja que serve, que sai de casa, que sai dos seus templos, que sai das suas sacristias para acompanhar a vida, sustentar a esperança, ser sinal de unidade... Para construir pontes, abater muros, semear reconciliação.”⁵²¹

A Igreja tem uma identidade cristã: viver uma teologia do pluralismo religioso, segundo o Evangelho de Jesus Cristo, fonte de dignidade humana e fraternidade.

Chamada a encarnar-se em todas as situações e fazer-se presente através dos séculos em todo lugar da Terra – isso significa “católica” –, a Igreja pode, a partir da sua experiência de graça e pecado, compreender a beleza do convite ao amor universal.⁵²²

⁵¹⁹ QA 111.

⁵²⁰ FT 8.

⁵²¹ FT 276.

⁵²² FT 278.

Os católicos têm um marco de identidade: têm sua origem e fonte no Evangelho de Jesus Cristo, que é o Filho de Deus, encarnado no ventre de uma mulher, Maria, por obra e graça do Espírito Santo. Assim que, para muitos cristãos, esse caminho de fraternidade tem também uma guia: uma Mãe, chamada Maria:

Ela recebeu junto a Cruz esta maternidade universal (cf. Jo 19, 26) e cuida não só de Jesus, mas também do restante dos filhos dela (cf. Ap 12, 17). Com o poder do Ressuscitado, ela quer dar à luz um mundo novo, onde todos sejamos irmãos, onde haja lugar para todos os rejeitados de nossas sociedades, onde resplandeçam a justiça e a paz.⁵²³

O “sonho de uma fraternidade universal”, inspirado em São Francisco de Assis, é o que nos propõe o Papa Francisco, em sua reflexão na *Fratelli Tutti*. Tratava-se de um chamado a cada ser humano “a ser um artífice da paz: unindo, e não dividindo; extinguindo o ódio, em vez de conservá-lo; abrindo caminhos de diálogo, em vez de erguer novos muros.”⁵²⁴

A dimensão mariana no pontificado de Francisco, está em íntima ligação com o mistério de Deus em Cristo. Maria está associada a seu Filho Jesus. É a “Maria dos Evangelhos”, ícone perfeito da fé. Sendo ela a Mãe da Igreja Evangelizadora “em saída”, Maria é a Mãe e Rainha de toda a Criação, aquela que nos ensina a contemplar o mundo com sensibilidade e compaixão, a escutar o grito dos pobres e da Terra – nossa casa comum –, e que, assim como cuidou de Jesus, cuida agora do mundo ferido. É aquela que, junto com José, integrando uma verdadeira família humana, cuidou e acompanhou seu filho Jesus, vivendo a dimensão do amor humano, num lar feito uma pequena igreja doméstica, espaço de respeito, amor, perdão.

Maria, é aquela que nos acompanha e mostra o caminho da santidade.⁵²⁵ Ela é a maior *influencer* de Deus: aquela que se deixou habitar por Deus e nos acompanha no “sonho de um caminho de fraternidade universal”. Por isso a “Maria dos Evangelhos”, a perfeita discípula, nos ensina a não nos acomodarmos, mas sim adotarmos uma atitude de saída da auto-referencialidade, para um verdadeiro caminho de discípulos missionários, seguidores de Jesus Cristo.

⁵²³ FT 278.

⁵²⁴ FT 285.

⁵²⁵ GeE 176.

Sigamos com as intuições marianas de Francisco, para a vida e missão da Igreja.

4.4.2

As intuições marianas do Papa Francisco e a Igreja em saída

Francisco parte da “Maria dos Evangelhos”, não descuidando de ter uma atenção à “Maria da devoção”, das expressões de fé do povo fiel de Deus, da piedade popular mariana – que é uma expressão legítima da fé, uma experiência pessoal única, que parte da realidade do momento, de uma necessidade, e segue com um olhar contemplativo para o Evangelho, a “Maria dos Evangelhos”.

E com esse olhar contemplativo e sensível se amplia, projeta e interpreta a experiência vivida. E, ao interpretar à luz do Evangelho, o que se vê na vivência a partir da experiência? É uma abertura a algo novo, em que existe a ação e movimento, tanto na dimensão interna: o silenciar, o acolher, o ser afetado pela experiência, como em atitudes externas, como um movimento de saída, o impulso de descentrar-se para ir ao encontro dos demais.

A partir dessa percepção, a proposta deste tópico é destacar alguns elementos que vemos como intuições marianas do Papa Francisco para a vida e missão da Igreja. Como vimos na *Evangelii Gaudium* n. 285, o núcleo de sua mariologia está na ligação íntima entre Maria, a Igreja e cada fiel. E a partir dessa ligação vai desenvolvendo sua teologia em diferentes áreas de abordagem: mariologia, cristologia, pneumatologia, eclesiologia, antropologia, sociologia, pastoral.

Maria, em sua humanidade e por sua fé, nos ensina a viver e estar no mundo por inteiro, integrados e partícipes. Nesse caminho, ela nos ajuda a encontrar a síntese da beleza humana, cuja plenitude do existir no mundo, tem sentido para os cristãos no encontro pessoal com Jesus Cristo. “É a Alegria do Evangelho, que enche o coração e a vida inteira de todos os que vivem um encontro pessoal, único com Jesus.”⁵²⁶ É pela fé, dom de Deus, que nasce do encontro com Ele, da experiência do mistério de Deus em Cristo, base da construção de uma vida integrada e sólida:

A fé nasce do encontro com o Deus vivo, que nos chama e revela o Seu amor: um amor que nos precede e sobre o qual podemos apoiar-nos para construir solidamente

⁵²⁶ EG 1.

a vida. Transformados por esse amor, recebemos olhos novos e experimentamos que há nele uma grande promessa de plenitude e se nos abre a visão do futuro. A fé, que recebemos de Deus como dom sobrenatural, aparece-nos como luz para a estrada, orientando os nossos passos no tempo.⁵²⁷

Francisco nos ensina a reconhecer que, embora vivendo a alegria do encontro com Jesus – que se renova e se comunica –, para nós supõe, também, uma saída, uma superação da consciência isolada, saindo da reclusão da vida interior, de auto referencialidade, pois “a vida se alcança e amadurece à medida que é vida de doação a serviço dos outros”⁵²⁸. E Maria, em sua existência humana, foi aquela que, encontrada por Deus, deixou-se habitar por Ele – por sua fé –, da Anunciação até o Calvário:

E na fé de Maria, já da Anunciação e de forma completa aos pés da Cruz, reabriu-se para o ser humano um certo espaço interior, no qual o eterno Pai pode cumular-nos com toda sorte de bênçãos espirituais: o espaço da nova e eterna Aliança. Este espaço subsiste na Igreja que, em Cristo é como que um sacramento da íntima união com Deus e da unidade de todo o gênero humano.⁵²⁹

E nesse caminhar da fé, Francisco nos orienta a vivermos e a trilharmos esse mesmo caminho a partir do amor que recebemos de Deus e sermos, no mundo, sinais desse amor, com atitudes de respeito, escuta, diálogo, fraternidade, pois tudo está interligado, relacionado:

Quem ama compreende que o amor é experiência da verdade: compreende que é precisamente ele que abre os nossos olhos, para verem a realidade inteira, de maneira nova, em união com a pessoa amada (...). Trata-se de um modo relacional de olhar o mundo, que se torna conhecimento partilhado, visão na visão do outro e visão comum sobre todas as coisas.⁵³⁰

Se tudo está interligado e relacionado, diante da grave crise socioambiental, Francisco, então, nos orienta a contemplar a Criação, o cuidado com a vida e a casa comum e ter a consciência de que somos os jardineiros e jardineiras da vida, responsáveis pelo cuidado da casa comum e da vida ameaçada. É o desafio de uma conversão ecológica, para vivermos uma ecologia integral, uma fraternidade universal, na qual

⁵²⁷ LF 4.

⁵²⁸ EG 10.

⁵²⁹ RM 28.

⁵³⁰ LF 27.

(...) o amor, cheio de pequenos gestos de cuidado mútuo, é também cível e político, manifestando-se em todas as ações que procuram construir um mundo melhor (...). O amor social é a chave para um desenvolvimento autêntico. Para tornar a sociedade mais humana, mais digna da pessoa.⁵³¹

Nesse caminho, Maria, como Mãe e Rainha de toda a Criação, nos orienta e nos acompanha. Assim como cuidou de seu Filho Jesus, do seu nascimento até o martírio da cruz, segue cuidando de todos os que estão feridos pela sede de poder, pela ganância, pelo egoísmo, pela indiferença. Ela não “só conservava no seu coração a vida de Jesus que guardava cuidadosamente, mas agora compreende também o sentido de todas as coisas, e nos ajuda a contemplar este mundo”⁵³² com amor e esperança.

Com a mesma fé que professara na Anunciação, como serva do Senhor, Maria, constantemente, precede o Povo de Deus que está em caminho sobre a Terra. “Com Maria, o Deus-Menino aprendeu a ouvir os anseios, as angústias, as alegrias e as esperanças do povo da promessa. Com Ela, descobriu-Se a Si mesmo, como Filho do santo povo fiel de Deus”.⁵³³ “Quem ama o povo fiel de Deus não pode ver estas ações unicamente como uma busca natural da divindade; são manifestações duma vida teologal animada pela ação do Espírito Santo” (cf. Rm 5, 5).⁵³⁴

A piedade popular é, também, uma forma de espiritualidade popular. Nela está presente a ação do Espírito Santo. Para nós, cristãos, importante é a presença, o olhar, a atenção em acompanhar esse modo cultural de expressar a fé:

Quando nos aproximamos do nosso povo com o olhar do bom pastor, encontramos que este modo cultural de expressar a fé cristã continua vivo entre nós, especialmente em nossos pobres. Deixando fora todo idealismo sobre os pobres, deixando todo pauperismo teologal. É um fato. É uma grande riqueza que Deus nos deu: Aparecida deu um passo adiante em reconhecê-la. Primeiro se falava de religiosidade popular (continua-se mantendo o termo). Paulo VI dá um passo e diz: melhor seria chamá-la de “piedade popular”. Aparecida dá outro passo adiante e a chama de espiritualidade popular.⁵³⁵

Maria é aquela que está sempre atenta, em atitude de escuta à voz de Deus e à voz dos necessitados. Por isso, o povo recorre à sua intercessão. Ela está sempre próxima e atenta a todos e às suas necessidades:

⁵³¹ LS 231.

⁵³² LS 241.

⁵³³ FRANCISCO, PP., Ave Maria, p. 58.

⁵³⁴ EG 125.

⁵³⁵ FRANCISCO, PP. Palavras de Bergoglio em 10 de maio de 2012; *apud*. MELLO, A. Awi, “Ela é minha mãe!”, p. 89.

Maria, impelida pela misericórdia divina, vai ajudar a sua prima Isabel; intercede, junto ao seu Filho, nas núpcias de Caná; carrega consigo as palavras do velho Simeão que “uma espada iria transpassar o seu coração”; permanece, com coragem, aos pés da cruz de Jesus. Ela é a Mãe de todos os doentes e sofredores! Quem está aos pés da cruz, como Maria, aprende a amar como Jesus.⁵³⁶

Amando a Jesus, somos chamados a anunciar o Evangelho com alegria e, assim, promover uma cultura do encontro:

Cada um de nós é chamado a anunciar o Evangelho e a promover com alegria a cultura do encontro. A Virgem Maria é o nosso modelo. Em sua vida deu o exemplo daquele amor de mãe que deve animar a todos os que colaboram na missão apostólica da Igreja, para gerar os homens a uma vida nova.⁵³⁷

Francisco em sua mariologia, segue dando continuidade ao Vaticano II, e João Paulo II, na *Redemptoris Mater* nos apresenta uma síntese sobre Maria.

Aqueles que, de geração em geração, no seio de diversos povos e nações, acolhem com fé o mistério de Cristo, Verbo Encarnado e Redentor do mundo, não só se voltam com veneração e recorrem confiadamente a Maria como a sua Mãe, mas na sua fé procuram também o apoio para a própria fé. E precisamente essa participação viva na fé de Maria, decide sua presença especial na peregrinação da Igreja, como Povo de Deus espalhado por toda a Terra.⁵³⁸

E Francisco, nessa ligação íntima de Maria, Igreja e Povo fiel de Deus, fala-nos da necessidade de uma reforma da Igreja e da sociedade. A reforma requer uma conversão pastoral, de dentro das estruturas da Igreja, o que muitas vezes não leva em conta o povo fiel – daí o forte apelo a sair e atingir as periferias do mundo contemporâneo: “O Evangelho deve alcançar as pessoas na sua unicidade, na sua liberdade e dentro de uma determinada cultura, em uma reciprocidade, a começar dos pobres, e dos mais necessitados de misericórdia.”⁵³⁹

Um sonho de “caminhar juntos”, uma Igreja sinodal, da escuta, do desejo de aprender juntos, de comunhão, participação para a missão. Sínodo como um tempo de graça de encontro, de escuta e de reflexão. O Sínodo não é um parlamento, uma investigação sobre as opiniões; “o Sínodo é um momento eclesial, e o protagonista

⁵³⁶ FRANCISCO, PP. Palavras do Papa Francisco de 7/12/2013; *apud*. MELLO, A. Awi, “Ela é minha mãe!”, p. 95.

⁵³⁷ BERGOGLIO, J. M., Pronunciamentos dos Papa Francisco no Brasil, p. 39.

⁵³⁸ RM 27.

⁵³⁹ REPOLE, R., O sonho de uma Igreja evangélica, p. 87.

do Sínodo é o Espírito Santo. Se não estiver o Espírito, não haverá Sínodo.”⁵⁴⁰ Que a Igreja vença as tentações do formalismo, do intelectualismo e do imobilismo, que seja uma Igreja de coração aberto, “em saída” missionária:

Um Igreja sinodal é uma Igreja da escuta, ciente de que escutar “é mais do que ouvir”. É uma escuta recíproca, onde cada um tem algo a aprender. Povo fiel, Colégio Episcopal, Bispo de Roma: cada um à escuta dos outros; e todos à escuta do Espírito Santo, o “Espírito da verdade” (cf Jo 14, 17), para conhecer aquilo que Ele “diz às Igrejas” (cf Ap 2, 7).⁵⁴¹

Destacamos alguns movimentos que vemos como uma percepção da experiência mariana de Francisco: o aprender a olhar e acolher a espiritualidade popular a partir de sua experiência de ser afetado pela experiência e presença junto aos pobres e necessitados que, com confiança e fé recorrem às expressões da piedade popular e que vivem verdadeiras experiências do mistério de Deus em Cristo, inspirados por Maria, uma mística marial.

Assim, podemos afirmar que Francisco viveu uma experiência do mistério de Deus em Cristo, inspirado por Maria.

4.5 Conclusão

Neste capítulo, acompanhamos a gênese da experiência de fé e da experiência mariana de Bergoglio, junto à sua família, bem como sua participação na comunidade de fé, com o povo fiel de Deus. Como bispo, viveu um estilo simples e austero, que marcou sua vida e missão, realçada pela participação ativa na 5ª Conferência do Episcopado Latino-Americano e do Caribe – CELAM, realizada em Aparecida, em 2007.

O histórico da eleição, em março de 2013, do primeiro papa latino-americano, o Cardeal de Buenos Aires, Jorge Mario Bergoglio, e a opção pelo nome Francisco para a sucessão de Pedro, no intuito de assumir no seu pontificado os traços característicos de São Francisco de Assis: a pobreza, a fraternidade, o amor à Natureza, a paz e a coragem de propor uma renovação na Igreja, com seu programa

⁵⁴⁰ FRANCISCO, PP., Momento de reflexão para o início do percurso sinodal. Sala Nova do Sínodo em 09 out. 2021.

⁵⁴¹ FRANCISCO, PP., Momento de reflexão para o início do percurso sinodal. Sala Nova do Sínodo em 09 out. 2021.

de governo com a Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*, a Alegria do Evangelho, sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual, com a proposta de uma Igreja “em saída”.

Destacamos, também, o difícil momento vivido durante a pandemia de Covid-19 e as catequese de Francisco “Curar o mundo”, com o sonho de “caminhar juntos” com fé, esperança e caridade. E nesse “caminhar juntos” para a construção de um mundo melhor, Francisco oferece dois meios: o Pacto Educativo Global e a Economia, salientando que educar é sempre um ato de esperança, por uma economia que esteja a serviço da vida e do cuidado com a casa comum.

Por fim, tratamos de Maria no pontificado de Francisco, suas experiências marianas vividas, expressas em sua experiência de estar e sentir com o povo, este caminhar com os peregrinos - animado pela ação do Espírito Santo, onde notamos a força da mística popular. Maria, a mulher de fé, e da Alegria do Evangelho.

Como vimos no segundo capítulo, os quatro momentos que nos orienta Panikkar para uma experiência mística que são: a experiência pura, a memória da experiência – que já não é mais a experiência –, a interpretação e a recepção. Aqui intuimos que Bergoglio viveu uma experiência pessoal, única, como bispo em Buenos Aires, e em sua participação na Conferência de Aparecida.

E segue fazendo memória e interpretando todo o vivido. E a recepção é o seu jeito de expressar, com um novo olhar para a sua missão como sucessor de Pedro, comunicando-nos com o seu testemunho e anúncio, sua simplicidade e alegria, sua atenção e respeito, sua sensibilidade e abertura a uma fraternidade e amizade social, para construirmos juntos um mundo melhor. O sonho de caminhar juntos.

Seguimos para o último capítulo com a articulação do diálogo entre o Beato Chaminade e o Papa Francisco, dois momentos diferentes da história, marcados pelo sofrimento humano e a busca por caminhos novos de solidariedade.

Vemos que ambos possuem uma constante preocupação com a formação e acompanhamento do processo humano-espiritual, com o protagonismo dos leigos e leigas, e a presença de Maria, a mulher de fé, a Maria dos Evangelhos. Este caminho é marcado pela experiência do mistério de Deus em Cristo, inspirada por Maria – a primeira discípula missionária e formadora na fé de discípulos missionários no “hoje” de nossa história.

5

Mistagogia Marial

Na missão evangelizadora da Igreja em saída

Neste quinto capítulo, objetiva-se propor um caminho para a formação de discípulos missionários de uma Igreja em saída, na qual “Maria é a grande missionária, continuadora da missão de seu Filho e formadora de missionários.”⁵⁴²

Vimos, no primeiro capítulo, Maria, mulher situada no seu tempo e no seu espaço, a Palestina do primeiro século, que, junto ao seu povo, permaneceu fiel ao projeto de Deus. Vimos, ainda na passagem do primeiro capítulo do Evangelho de Lucas, que Maria respondeu “sim” ao projeto de Deus, se tornando a mãe do Filho de Deus Encarnado, a *Theotokos*.

Maria viveu uma experiência pessoal do mistério de Deus no Filho. O Verbo se fez carne em seu ventre e ela se abriu ao mistério de Deus por sua fé, em sua condição mulher situada em seu tempo. A partir do seu “sim” à Encarnação de Jesus Cristo tornou possível uma nova história para a Humanidade

Maria é a cheia de graça, aquela que foi habitada por Deus, modelo e espelho para todos os cristãos. Ela é a primeira seguidora, a discípula missionária por excelência que, logo após responder ao chamado de Deus, se colocou disponível ao serviço, para ir em missão de cuidar e acompanhar sua prima Isabel.

No Evangelho de Lucas 1,39-46 encontramos o relato dessa iniciativa de saída, de se pôr a caminho. “Maria, pôs-se a caminho para a região montanhosa, dirigindo-se apressadamente a uma cidade de Judá. Entrou na casa de Zacarias e saudou Isabel.” Permaneceu ali, com Isabel, por alguns meses, cuidando e acompanhando a vida.

A partir da experiência de fé vivida por Maria, podemos dizer que toda pessoa que vive uma experiência do mistério Deus em Cristo – uma mística cristã de um encontro pessoal único com Cristo –, é chamado a ser e viver no mundo como sinal. Escolhido para ser luz que irradia a presença do Ressuscitado, como discípulo missionário e evangelizador. “O verdadeiro missionário nunca deixa de ser

⁵⁴² DAp 269

discípulo: sabe que Jesus caminha com ele, fala com ele, respira com ele. Trabalha com ele. Sente Jesus vivo nele”.⁵⁴³

Maria viveu uma experiência de Deus em sua humanidade de mulher, filha, mãe, esposa, e aqueles que vivem uma relação filial com ela podem viver uma experiência do mistério de Deus em Cristo, inspirada nela. Uma mística marial, na qual Maria é toda relativa a Cristo e, nela, encontramos o ser humano integrado, vivendo sua essência humana e divina: um ser criado à imagem e semelhança do Criador.

E “Maria é mulher: nela se dignifica Deus, elevando-a a dimensões inimagináveis. Em Maria o Evangelho penetrou a feminilidade, redimiu-a e exaltou-a”⁵⁴⁴. Maria é uma garantia para a grandeza do ser humano.

Chegamos a uma mistagogia marial: Maria, mulher, mãe, desperta o coração dos filhos e filhas adormecidos’⁵⁴⁵, e, ao seu redor, se congregam pessoas de diferentes culturas, classes e religiões. Essa experiência vivida por Maria propicia a abertura de um caminho: fazer-se uma proposta para a formação de discípulos missionários de uma Igreja em saída, da qual Maria é o tipo e modelo.

“Maria é reconhecida como modelo extraordinário da Igreja, na ordem da fé. É aquela que crê, pois nela resplandece a fé como dom, abertura, resposta e fidelidade”⁵⁴⁶ Por isso é a perfeita discípula, por sua abertura à Palavra e por deixar-se conduzir por seu dinamismo.

Doravante, primeiro articularemos o diálogo entre duas épocas, mas ambas partindo da pessoa humana e sua inerente busca por resposta existencial: “quem sou?”, “para quem estou no mundo?”. O segundo ponto de destaque é a dimensão da evangelização. Ambos os interlocutores – Pe. Chaminade e Papa Francisco – reiteram a importância da missão e de seu dinamismo evangelizador, pois a “evangelização comporta uma mensagem explícita, adaptada às diversas situações e continuamente atualizada”.⁵⁴⁷ Uma autêntica evangelização, nestes termos, “envolve assumir plenamente a radicalidade do amor cristão, que se concretiza no

⁵⁴³ EG 266

⁵⁴⁴ DP 299

⁵⁴⁵ DP 295

⁵⁴⁶ DP 296

⁵⁴⁷ EN. 29

seguimento de Cristo, até a Cruz. No padecer com Cristo por causa da justiça; no perdão e no amor aos inimigos”.⁵⁴⁸

Para viver essa autêntica evangelização, voltamos à importância da centralidade da pessoa, sua experiência de encontro com o mistério de Deus em Cristo, sua experiência de fé, sua missão no mundo. A coerência de vida, o viver e atuar de acordo com o que se crê, assumindo no mundo a sua condição de batizado, incorporado a Cristo. Um caminho de fé orientado para a missão, com o protagonismo da própria pessoa e com sua formação; com uma ética do cuidado com a casa comum e com a vida humana; com a abertura ao diálogo ecumênico com todos aqueles que seguem e anunciam Jesus Cristo, o Filho de Deus e Filho de Maria:

Todos, todos, todos! Na Igreja, há lugar para todos. “Padre, mas para mim que sou um desgraçado, que sou uma desgraçada, também há lugar?” Há espaço para todos! Todos juntos... Peço a cada um que, na própria língua, repita comigo: «Todos, todos, todos.” Não se ouve! Outra vez! “Todos, todos, todos.” Esta é a Igreja, a Mãe de todos. Há lugar para todos. O Senhor não aponta o dedo, mas abre os braços. É curioso! O Senhor não sabe fazer isto (*aponta com o dedo em riste.*), mas isto sim (*faz o gesto de abraçar.*) Abraça a todos. No-lo mostra Jesus na cruz, onde abriu completamente os braços para ser crucificado e morrer por nós.⁵⁴⁹

O caminho ensinado e vivido por Jesus Cristo, humano e divino é para todos! E Maria é o modelo e espelho que reflete e sinaliza o sonho de “caminhar juntos”, o desejo de paz, de fraternidade, de justiça, de respeito e de abertura do coração. O sonho de viver uma conversão pessoal e pastoral, que favoreça a compreensão das necessidades e o enfrentamento dos desafios do mundo atual, tanto na dimensão social, quanto na eclesial.

Para a viabilidade desse processo, é importante crescermos em sensibilidade para olhar a realidade com o mesmo olhar abrangente de Deus, para que todos sejam incluídos, ouvidos, acolhidos, respeitados em sua dignidade de filhos.

Maria acompanhou e cuidou de Jesus Cristo: segue agora acompanhando e cuidando dos cristãos, como mãe, discípula e missionária, sempre atenta às necessidades de todos.

⁵⁴⁸ DAp 543

⁵⁴⁹ PP. Francisco. Discurso do Santo Padre, na Cerimônia de Acolhimento por ocasião da XXXVII Jornada Mundial da Juventude. Lisboa de 2 a 6 de agosto de 2023

Pe. Chaminade afirma que, nessa relação filial, devemos ter um espírito interior que é o espírito de Maria: o viver na presença de Deus, o crescer em humanidade, o ter sensibilidade para as necessidades de todos, sentindo e experimentando Deus a partir de uma experiência pessoal e única. E, assim, também compreendermos o que é a revolução da ternura, dirigindo um olhar de misericórdia e compaixão para os desafios atuais, que nos possibilite dar uma resposta de esperança e, juntos, transformar e recriar algo novo do que parece imperceptível de compreensão aos olhos humanos. Como observa o Papa Francisco: “Maria é aquela que sabe transformar um curral de animais na casa de Jesus, com uns pobres paninhos e uma montanha de ternura.”⁵⁵⁰

A análise de duas épocas distintas é repleta de desafios, porém, sabemos que a experiência vivida é atemporal, pois o que se viveu perpassa épocas e pode ser interpretado no contexto atual, com um novo olhar e uma nova compreensão, posto que o mistério de Deus é insondável.

Após articular o diálogo entre duas épocas e seus desafios e esperanças, seguiremos com a experiência de fé vivida pelo cristão, inspirada em Maria. Como vimos no decorrer da tese, os quatro elementos da experiência mística explicitados por Panikkar orientarão o desenvolvimento deste caminho de formação humana e espiritual.

Por fim, Maria como sinal de esperança, o sonhar e “caminhar juntos”: Um mundo novo, dotado de inclusão social, cultural e eclesial, que passa pelo diálogo, pela escuta, pelo respeito. O surgimento de um novo tempo, momento no qual sejamos capazes de criar pontes de solidariedade, de igualdade, de partilha, de fraternidade e amor. Por isso mesmo, um sonho!

Intuímos, novamente, que pode nos ajudar um espírito interior. É a revolução da ternura, que se torna possível quando se vive uma experiência profunda do mistério de um Deus que se faz “um” conosco, assumindo as dores, as alegrias e as tensões da vida cotidiana. É um caminhar com esperança na presença de Deus, que ama e cuida com carinho e ternura maternal.

⁵⁵⁰ EG 286

5.1

Articulação do diálogo entre o Pe. Chaminade e o Papa Francisco

Sabemos que, mesmo analisando criteriosamente todos os aspectos relevantes possíveis em cada época, haverá elementos, por vezes importantes, omitidos, devido aos limites da própria investigação. O que pretendemos ensejar é uma síntese e a proposição de elementos comuns que possam orientar e conduzir a um caminho de formação na fé cristã, sugerindo ferramentas ou meios que se mostrem importantes para a formação de discípulos missionários, a partir da experiência de fé vivida pela “Maria dos Evangelhos”.

Tanto Pe. Chaminade, quanto o Papa Francisco, viveram uma experiência de Deus em Cristo, inspirada por Maria – como vimos nos capítulos terceiro e quarto desta tese. Vimos, ainda, que ambos, tendo sido encontrados por Deus pelos caminhos da vida, responderam “sim” ao chamado do Senhor, colocando-se a serviço, na missão junto ao povo fiel de Deus.

Ambos compartilham a vivência do serviço, na opção pelo sacerdócio. Mostraram-se disponíveis e atentos ao clamor do povo e às exigências e necessidades de seu tempo, cuidando e acompanhando situações abrangentes do aspecto humano, social, cultural, político e eclesial. Pelo desempenho de seu carisma, são uma presença significativa no mundo, vivendo, com humildade e alegria, a vocação de ser discípulo missionário, evangelizador e testemunha de Jesus Cristo, verdadeiro Deus e verdadeiro Homem.

Podemos afirmar que, além da vocação ao sacerdócio, ambos tiveram a experiência do ser amado e sentir o amor no seio da primeira comunidade cristã, que foi a família. Uma vida na fé e na missão de ser cristão no mundo, com o firme propósito de acolher a experiência de vida com amor, mesmo em meio aos desafios do cotidiano. Vimos, no decorrer de um breve histórico de vida do Pe. Chaminade e do Papa Francisco, relatos sobre o nascimento, a infância, a juventude, o mundo do trabalho, a vida no seminário, bem como experiências pessoais vividas por cada um.

Esse dinamismo de vida e missão foi marcado pela experiência de estar junto ao povo fiel de Deus, no acompanhar e cuidar da vida humana em distintas situações marcadas pela fragilidade humana, pelo sofrimento e, ao mesmo tempo, por sentimento de impotência diante dos desafios de situações adversas:

a) o Papa Francisco, no seu ministério sacerdotal durante o período da ditadura militar na Argentina; e no seu pontificado, o desafio enfrentado com a pandemia de Covid-19; as guerras e conflitos em diferentes partes do mundo.

b) o Pe. Chaminade, durante o período da Revolução Francesa, o exílio e o retorno à pátria que a Revolução deixou desfigurada, sob os aspectos de ordem pessoal, material, social e eclesial.

Assim, tanto o Pe. Chaminade, como o Papa Francisco, têm uma forte inclinação, um fascínio em buscar caminhos de renovação e compromisso eclesial, com um dinamismo apostólico e evangelizador. Para viver esse comprometimento e pertença à Igreja, povo de Deus, um elemento essencial é a centralidade no Evangelho – um conhecimento e vivência da Palavra de Deus.

5.1.1 A centralidade no Evangelho

Ambos, o Pe. Chaminade e o Papa Francisco, demonstram atitude de carinho, cuidado e preocupação com a pessoa, sua vida e presença na sociedade e na Igreja. Para os cristãos, a vida e a fé estão intimamente ligadas. O viver no mundo é uma resposta de amor Àquele que nos amou primeiro e que, por amor, nos legou um precioso jardim para ser cuidado. E esse cuidado somente é possível quando, primeiro, se experimenta e se sente o amor de Deus, como vemos na epístola 1 Jo 4,19: “Quanto a nós, amemos, porque Ele nos amou primeiro.”

A experiência de haver sido amado por Deus dá um novo sentido à vida. Em razão disso, é de fundamental importância a experiência, por ser algo pessoal, único, portanto, subjetivo: as palavras são poucas e insuficientes para expressar o vivido. Isso se realmente se viveu uma “experiência do mistério de Deus em Cristo”, que acontece no mais profundo e íntimo de quem a vive.

Experiência, cujo fim é para o amor, que nasce do desejo de algo novo e que, por meio de atitudes de respeito, alegria e compaixão, pode ser o de anunciar e testemunhar o vivido, experimentado e sentido.

Constata-se que esse dinamismo a partir da experiência vivida é comunicado através de ação até os demais, principalmente a vivência do amor fraterno e na simplicidade e humildade. “Se alguém disser: ‘Amo a Deus’, mas odeia o seu irmão,

é mentiroso, pois quem não ama seu irmão, a quem vê, não poderá amar a Deus, a quem não vê”.⁵⁵¹

A experiência de um encontro pessoal com o mistério de Deus é comunicada pelo amor, assim o amor a Deus e o amor ao próximo são inseparáveis. Existe um dinamismo interior da experiência pessoal vivida, acolhida e, ao mesmo tempo, um dinamismo exterior de saída. É um evento único, sempre renovado e atualizado, ou seja, está na memória. Sempre se interpreta a experiência primeira: quando nos deparamos com o irmão fragilizado, tocamos seu rosto, enquanto o de tantos quantos padecem. Pois esses são os “cristos” que carecem de cuidado e amor. E ao ver com os olhos da fé, experimentada e vivida, se torna impossível se acomodar diante de tais situações de injustiça, indiferença, discriminação, fome.

Por isso a abertura ao amor nasce do coração de quem encontrou, no caminho, a razão do seu existir, o que se dá a partir do encontro pessoal com Cristo, que salva e liberta, e no encontro de todos os que sofrem com Cristo. Um encontro gerador de um profundo sentimento de liberdade e compaixão.

Podemos afirmar, neste ponto, que, tanto o Pe. Chaminade, quanto o Papa Francisco, viveram uma experiência do mistério de Deus em Cristo – uma mística cristã. E a essa experiência responderam com o serviço e o cuidado à vida, com sensibilidade, misericórdia e ternura.

Um paralelo histórico: Pe. Chaminade, no contexto da Revolução Francesa, sob os desafios de uma Igreja e sociedade em mudança; e o Papa Francisco hoje, com seu testemunho de vida e o sonho que expressa em seus escritos, de “uma Igreja pobre para os pobres”⁵⁵², ambos sinalizando um caminhar na fé, junto e no meio dos que mais necessitam, assim como viveu e ensinou Jesus de Nazaré.

Retornemos ao Evangelho, essencial na época do Pe. Chaminade e que, hoje, segue no pontificado do Papa Francisco com a centralidade em Jesus Cristo, sua Encarnação, vida, morte e Ressurreição. O viver de uma experiência do mistério de Deus em Cristo, o centro de uma espiritualidade encarnada, que deve nos conduzir a um conhecimento, com um encontro pessoal transformador juntamente desse Cristo. “Ao início do ser cristão, não há uma decisão ética ou uma grande ideia, mas

⁵⁵¹ 1Jo 4,20.

⁵⁵² EG 198

o encontro com um acontecimento, com uma Pessoa que dá sentido à vida e um novo horizonte e, desta forma, o rumo decisivo”.⁵⁵³

Francisco afirma-nos que a proposta cristã é sempre nova, tendo em Jesus Cristo o renovador da vida da pessoa e da comunidade:

Com a sua novidade, Ele pode sempre renovar a nossa vida e a nossa comunidade; e a proposta cristã, ainda que acesse períodos obscuros e fraquezas eclesiais, nunca envelhece. Jesus Cristo pode romper também os esquemas enfadonhos em que pretendemos aprisioná-lo, e surpreende-nos com a Sua constante criatividade divina. Sempre que procuramos voltar à fonte e recuperar o frescor original do Evangelho, despontam novas estradas, métodos criativos, outras formas de expressão, sinais mais eloquentes, palavras cheias de renovado significado para o mundo atual.⁵⁵⁴

Para o Pe. Chaminade, o ser humano deve chegar à conformidade com Jesus Cristo, que assumiu nossa humanidade, nascendo da Virgem Maria e que, em sua identidade humana manifestou o amor de Deus. E isso vemos nos Evangelhos – sua relação e intimidade com o Pai (Jo 8, 28-38; 14,9) e particularmente com relação à cruz, na sua paixão. Deve, o cristão, chegar a estar crucificado com Cristo, conforme vemos na carta de São Paulo aos Gálatas 2, 20: “já não sou eu que vivo, mas é Cristo que vive em mim”.

Viver no mundo sendo sinal da presença amorosa do Pai em Jesus Cristo, é assumir a cruz junto com todos os que carecem de justiça, de trabalho, moradia, comida, educação, saúde e de todas as condições minimamente necessárias para uma vida digna.

Jesus se dirigiu a todos os que iam ao seu encontro: homens e mulheres, judeus e não judeus, puros e impuros; todos, sem distinção, eram objeto de sua atenção. Rompendo os esquemas – tradição e leis – de seu tempo, sua missão foi um projeto universal.

Pe. Chaminade, quando ensina-nos sobre as palavras de Maria aos servidores de Caná, em João 2, 5 “*Fazei tudo o que Ele vos disser*”, queria com isso incluir todas as classes de pessoas, de todas as idades, mas, sobretudo, os jovens e os pobres. Esse dinamismo evangelizador e missionário encontramos, também, na *Evangelii Gaudium*: uma Igreja “em saída”, que está sendo “chamada a sair da

⁵⁵³ EG 07

⁵⁵⁴ EG 11

própria comodidade e ter a coragem de alcançar todas as periferias que precisam da luz do Evangelho”⁵⁵⁵.

Outro elemento fundamental na vida e missão do Pe. Chaminade e do Papa Francisco é a missão de levar a todos o Evangelho, vivendo um estado permanente de missão. E para viver esse estado permanente é crucial a experiência do encontro com Jesus Cristo, viver e seguir seus ensinamentos plasmados nos Evangelhos.

Um retorno ao Evangelho na conformidade com o mandato de Jesus é o que encontramos em Mateus 28, 19-20: “Ide, portanto, e fazei que todas nações se tornem discípulos, batizando-as em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, e ensinando-as a observar tudo quanto vos ordenei.”

Para Francisco, um dos meios necessários para o estado permanente de missão é uma conversão pastoral e missionária, “que não pode deixar as coisas como estão. Nesse momento não serve uma simples administração. Constituíamo-nos em estado permanente de missão, em todas as regiões da Terra.”⁵⁵⁶

Trata-se, aqui, de um retorno ao Evangelho, que “convida, antes de tudo, a respondermos a Deus que ama e salva, reconhecendo-O nos outros e saindo de nós mesmos para procurar o bem de todos.”⁵⁵⁷ O Deus de Jesus se manifesta na misericórdia, na justiça, no perdão, na compaixão, na paz, nas bem-aventuranças.

Pe. Chaminade, em sua época, também falava de um estado de missão estável e permanente⁵⁵⁸, que tem um sentido de cuidado e atenção, não só no foro pessoal, na vida interior – a dimensão espiritual –, mas, também, numa atitude de “saída”, para ir cuidar e ajudar as pessoas em suas necessidades. Podemos perceber, aqui, a preocupação de um afiançar a vida de fé e cuidado com os demais, vivendo em um estado de missão estável e permanente, às ordens de Maria, pela extensão do Reino.

⁵⁵⁵ EG 20

⁵⁵⁶ EG 25

⁵⁵⁷ EG 39

⁵⁵⁸ Assim diz o Pe. Chaminade do estado de missão estável e permanente, em seus Escritos Marianos 54-55 à luz da Consagração a Maria, conforme vimos no segundo capítulo da tese: “Todos vocês são missionários. Cumpram sua missão! Talvez o nome de missão possa perturbar alguns que pensam que para ser missionários temos que ir pregando de cidade em cidade, de paróquia em paróquia, porque não fazem idéia de uma missão estável e permanente. É preciso corrigir as ideias que não sejam assim. Mas, talvez perguntem: “Como executar e sustentar essa missão? Que sucesso podemos aguardar?” Vou dar algumas ideias das quais podem tirar algum proveito: 1- Os verdadeiros missionários não devem de forma alguma confiar em si mesmos, em seus talentos, em sua habilidade, mas devem colocar toda sua confiança no auxílio da Santíssima Virgem; 2 - Todos devem estar imbuídos da importância da salvação das almas, redimidas pelo sangue de Jesus Cristo; 3- O objetivo principal que cada um deve estabelecer para si mesmo em todos os seus exercícios, mas especialmente nos seus exercícios espirituais, deve ser a salvação das almas, a correção dos seus vícios e o seu progresso na virtude.”

E esse dinamismo evangelizador e missionário, o cristão o vive com outros irmãos e irmãs em uma comunidade de fé. E aqui, outra dimensão importante para esse retorno ao Evangelho: o viver em comunidade, Igreja, povo fiel de Deus, e por ela ser enviado em missão.

A Igreja é como uma casa aberta, um coração acolhedor, que recebe a todos para fazer parte. É uma comunidade que sai “para oferecer a todos a vida de Jesus Cristo!”⁵⁵⁹ Assim expressa o Papa Francisco: “a Igreja deverá ser o lugar da misericórdia gratuita, onde todos possam se sentir acolhidos, amados, perdoados e animados a viver segundo a vida boa do Evangelho.”⁵⁶⁰

Assim, a centralidade no Evangelho nos ajuda a responder à pergunta “*Quem é Jesus?*”. Não basta-nos apenas o conhecer, o saber dados a seu respeito, mas o aprofundar-se em “*Quem é realmente Jesus?!*”. Para se ter a resposta, além do conhecimento e da ciência (atributos intelectuais), é necessário viver uma experiência de Sua presença, pois se trata de uma pessoa que se encarnou, que passara a vida fazendo o bem (assim nos ensinam os evangelistas, pois partem das vivências de fé e das experiências vividas no seguimento d’Ele).

Desse conhecimento e experiência, surge o anúncio, o querigma, onde se é levado em conta um “conhecer”, “ter informações”, mas também uma experiência existencial, um histórico de intimidade, de estreita companhia, ao ponto de assumir Seu projeto na nossa história de hoje:

A vida de Jesus e Sua pregação marcam, de forma determinante, a história da comunidade cristã, que compreendeu e assimilou a missão com base no mandato que Cristo lhe confiou de ser instrumento permanente da Sua misericórdia e do Seu perdão (Jo 20, 23).⁵⁶¹

Considerando a centralidade no Evangelho, somos chamados a ser uma Igreja mistagógica, *querigmática* e missionária, que, a partir de uma experiência de encontro com Jesus Cristo, somos transformados no coração e plenificados na alegria e ousadia para o anúncio da Boa Nova, com uma participação na vida e missão da comunidade. Somos alimentados e fortalecidos pela Eucaristia e pela Palavra, sob a ação do Espírito Santo, tornando-nos, assim, aptos a viver no mundo, em atitude de contínuo serviço a todos, em especial aos pobres e aos

⁵⁵⁹ EG 49

⁵⁶⁰ EG 114

⁵⁶¹ MeM 07

marginalizados. “O encontro com Jesus Cristo, através dos pobres é uma dimensão constitutiva de nossa fé em Jesus Cristo.”⁵⁶²

5.1.2 A experiência de fé, pessoal e comunitária

Outro ponto importante que une Pe. Chaminade e o Papa Francisco é a formação na fé, que, na história de suas vidas, foi iniciada em família. O lar foi lugar de encontro e oração, o início de um caminhar na presença de Deus, espaço de acolhida e aprendizado, de descobertas, alegrias e desafios.

Situados na história em contextos diferentes, foram agraciados com o mesmo jeito de viver e expressar a fé, pela oração, pela participação na vida e missão da Igreja e no amor à Virgem Maria.

Pe. Chaminade, ainda criança, fora para o seminário, onde descobriu sua vocação na companhia dos seus três irmãos maiores, que já eram seminaristas naquela instituição. No seminário, fez sua Primeira Eucaristia e recebeu o Crisma, sacramentos de iniciação na vida cristã, tendo sido preparado pelo seu irmão mais velho, João Batista, que já era sacerdote. Foi no Colégio e Seminário de São Carlos de Mussidam que viveu uma experiência mariana que o marcou para toda a vida, como vimos no terceiro capítulo.

Já o Papa Francisco, o então jovem Jorge Mario Bergoglio, viveu uma experiência – como ele mesmo disse de haver sido “encontrado por Deus” –, e esse encontro ocorreu durante uma confissão, quando sentiu no coração que Deus o chamava para uma missão: ser sacerdote. Na trajetória até chegar à sua ordenação sacerdotal, viveu um momento difícil de enfermidade. Mas não desistiu do chamado de Deus, conseguindo, afinal, tornar-se um sacerdote da Companhia de Jesus. E foi no exercício de sua missão de servir ao povo fiel de Deus, quando acompanhava um grupo de jovens, que viveu uma experiência mariana marcante em sua vida. Experiência por ele carregada na memória e no coração – como vemos hoje transparecer em seus escritos, pela evocação das diferentes imagens e títulos da Virgem Maria, difundidos pelo mundo.

Pe. Chaminade diz-nos da importância da fé do coração. Que fé é essa, do coração? Para chegar à fé do coração, primeiro o Pe. Chaminade trata dos elementos

⁵⁶² DAp 257

da fé: a luz, o piedoso afeto e a adesão pessoal. “A fé é uma luz de Deus que ilumina a alma e a faz saborear uma grande felicidade, pois é da mesma natureza da glória que nos trará a bem-aventurança eterna”⁵⁶³:

Para a fé é necessária a luz, não só da parte do entendimento; mas também, por parte da vontade, um piedoso afeto. A vontade deve cativar o entendimento para colocá-lo ao serviço de Jesus Cristo, submetendo-o ao jugo da fé e ordenando-lhe que dê o seu assentimento, apesar de não ter provas.⁵⁶⁴

Por fim, a adesão pessoal: “A fé é aquela adesão íntima da alma à promessa que Deus fez a Adão, a saber: que Seu Filho se tornaria homem para resgatar o gênero humano.”⁵⁶⁵ (Adão havia perdido a felicidade eterna para si mesmo e para toda a sua posteridade, por seu pecado de desobediência ao Seu Criador). “A fé é, acima de tudo, a fé do coração: um grande dom de Deus. Para isso precisamos dizer: *“Domine, audage nobis fidem.”*⁵⁶⁶ Deus a concede facilmente quando a alma se exercita em fazer um ato de fé. *“Justus ex fide vivit.”*⁵⁶⁷ ⁵⁶⁸ A fé do coração é amar o que se crê e, isto, vivemos quando professamos e amamos a verdade que cremos, na profissão de fé da Igreja:

A fé faz nossa alma passar por uma participação abundante dos atributos da divindade e dos sentimentos do coração de Jesus Cristo. A fé multiplica os “cristos” do Senhor na Terra; nos incorpora em Jesus Cristo, nos torna seus membros vivos. Ouçamos, portanto, o oráculo divino. Tenhamos fé, a fé de Deus, ou seja, uma grande fé. (cf Mc, 11, 20-33) ou estes outros: Cresci na fé e no conhecimento de Nosso Senhor Jesus Cristo (cf 2 Pd 3, 18). Sem fé é impossível agradar a Deus. (cf Hb 11, 6).⁵⁶⁹

A fé foi um traço característico e importante da vida espiritual do Pe. Chaminade. Na Carta aos Hebreus – 9, 27 – encontramos: *“E como é um fato que os homens devem morrer uma só vez, depois do que, vem um julgamento.”* Este versículo tem um significado especial para Pe. Chaminade⁵⁷⁰, compreendendo-o como um apelo à fé responsável, uma seriedade de vida, um compromisso e um

⁵⁶³ CHAMINADE, G.J. Escritos sobre la fe, p. 24 (T.A)

⁵⁶⁴ CHAMINADE, G.J. Escritos sobre la fe, p. 25-26 (T.A)

⁵⁶⁵ CHAMINADE, G.J. Escritos sobre la fe, p. 26 (T.A)

⁵⁶⁶ Senhor desafie-nos a acreditar.

⁵⁶⁷ O justo vive pela fé.

⁵⁶⁸ CHAMINADE, G.J. Escritos sobre la fe, p. 29 (T.A)

⁵⁶⁹ CHAMINADE, G.J. Escritos sobre la fe, p. 275 (T.A)

⁵⁷⁰ Segundo Emilio Cardenas, o horizonte de fé a partir do qual Chaminade situa toda a sua vida é a perspectiva escatológica da morte e do julgamento, como luz da verdade que dá sentido a tudo.

testemunho no próprio horizonte do martírio, que o rodeou no tempo do terror”⁵⁷¹, durante a Revolução Francesa.

Para Chaminade, a fé do coração é crucial para a formação dos seguidores de Jesus Cristo, porque transforma nosso jeito de pensar e nosso sentir. No seu dizer, precisamos sempre exercitar a fé do coração e que, primeiro, devemos ter bem claro os conteúdos da verdade de fé que professamos, com o seguinte questionamento: “O que sinto a respeito dela, é de fato o que creio? O que diz minha mente e meu coração dessa verdade? Como essa verdade tem influência na minha vida?”

A fé do coração é, aqui, um assentir às verdades com a mente, de modo a deixá-las chegar ao coração para, assim, viver e atuar de acordo com o que se crê e se professa. Existe um dinamismo com um movimento interior, que leva a pessoa a exercitar as verdades da fé, meditando e questionando: “de fato vivo o que creio e professo? Atuo de acordo com o que creio?” E isto é para toda a vida, pois, a todo o momento, somos testados e provados na vida e na fé – que devem caminhar juntas, com coerência de vida e testemunho fiel de discípulos e seguidores de Jesus Cristo.

O Papa Francisco, em sua Carta Encíclica *Lumen Fidei*, sobre a fé, diz que “a luz da fé é a expressão com que a tradição da Igreja designou o grande dom trazido por Jesus”⁵⁷² E acrescenta o texto de João, 12, 46: “Eu, a luz, vim ao mundo para que aquele que crê em mim não permaneça nas trevas”. Jesus é a luz que veio a nós para nos orientar e conduzir ao caminho da vida, e vida plena.

E segue Francisco dizendo que o pai da fé, Abraão, mesmo não vendo Deus, ouviu e atendeu ao chamado d’Ele, vivendo sua vocação pessoal, na intimidade e atitude de escuta a Quem o interpelou. “A fé é a resposta a uma Palavra que interpela intimamente, pessoalmente, a um “Tu” que nos chama pelo nome.”⁵⁷³ Assim, podemos dizer que “a fé consiste na disponibilidade para deixar-se incessantemente transformar pelo chamado de Deus.”⁵⁷⁴

A fé apresenta, neste percurso, um dinamismo de crer, aceitar, acolher e aderir. Trata-se de um movimento interno e externo de adesão pessoal, a partir da experiência que se vive com amor e com um compromisso de seguimento e testemunho de Jesus Cristo, expresso por meio de gestos de alegria, ternura,

⁵⁷¹ CARDENAS, E., Itinerario Mariano de Guillermo José Chaminade, Misionero de Maria, p. 399

⁵⁷² LF 1

⁵⁷³ LF 8

⁵⁷⁴ LF 13

compaixão, fraternidade, perdão: “Cremos em Jesus, quando aceitamos a sua palavra, o seu testemunho, porque Ele é verdadeiro. Cremos em Jesus, quando O acolhemos pessoalmente na nossa vida e nós confiamos a Ele, aderindo a Ele no amor e seguindo-O ao longo do caminho”.⁵⁷⁵

A fé nasce de uma escuta atenta, que se destina a ser pronunciada. Vai, assim, se tornando anúncio e testemunho de vida. “A fé se torna efetiva no cristão a partir do dom recebido, a partir do Amor que o atrai para Cristo e o torna participante do caminho da Igreja, peregrina na história rumo à perfeição.”⁵⁷⁶ A fé vivida torna-se luz para os olhos, sendo capaz de mostrar a realidade com o mesmo olhar de Deus. “A compreensão da fé é aquela que nasce quando recebemos o grande amor de Deus, que nos transforma interiormente e nos dá olhos novos para vermos a realidade.”⁵⁷⁷

A fé integra todos os sentidos da pessoa: é ao mesmo tempo escuta e visão. Há uma íntima conexão entre o ver, o ouvir e o seguir. Vemos esse dinamismo em João, 1, 36: “Ao ver Jesus que passava, disse: “Eis o Cordeiro de Deus”. Os dois discípulos, ouviram-no falar e seguiram Jesus.”

A experiência de fé é movimento de saída, é a interação entre fé e vida. Ver e ouvir, estar e seguir. Assim encontramos descrita essa experiência da comunidade, na primeira Carta de São João:

O que era desde o princípio, o que ouvimos, o que vimos, o que contemplamos, e o que nossas mãos apalparam, no tocante ao Verbo da vida. Porque a vida se manifestou, nós vimos e lhes damos testemunho e vos anunciamos a vida eterna, que estava no Pai e que nos apareceu – o que vimos e ouvimos vô-lo anunciamos para que também vós estejais em comunhão conosco. Ora, a nossa comunhão é com o Pai e com Seu Filho Jesus Cristo. (1 Jo, 1 1-3)

Essa experiência profunda de fé que envolve o ouvir, o ver, o tocar, o sentir e experimentar, vivemos na fé da Igreja, transmitida pelos Apóstolos e pela participação na liturgia, nos sacramentos⁵⁷⁸ – sinais visíveis e sensíveis da presença de Deus, e a ação de Deus, santificando a vida.

⁵⁷⁵ LF 18

⁵⁷⁶ LF 22

⁵⁷⁷ LF 26

⁵⁷⁸ Encontramos no Documento de Aparecida n. 240: “Uma autêntica proposta de encontro com Jesus Cristo deve estabelecer-se sobre o sólido fundamento da Trindade-Amor. A experiência de um Deus uno e trino, que é unidade e comunhão inseparável, permite-nos superar o egoísmo para nos encontrarmos plenamente no serviço para com o outro. A experiência batismal é o ponto de início de toda espiritualidade cristã que se funda na Trindade.

O que foi transmitido pelos Apóstolos compreende todas aquelas coisas que contribuem para santamente conduzir a vida e fazer crescer a fé do Povo de Deus, e assim a Igreja, em sua doutrina, vida e culto perpetua e transmite a todas as gerações tudo o que ela é, tudo aquilo em que crê.⁵⁷⁹

Nesse caminhar na experiência de fé, encontramos Maria como “ícone perfeito da fé”.⁵⁸⁰ Ela escutou, acolheu e respondeu “sim” ao projeto de Deus, vivendo uma profunda experiência do mistério de Deus no Filho. Respondeu seu “sim” para ser a mãe do Filho de Deus. Aqui, o dinamismo vivido por Maria – que experimentou o amor de Deus –, foi o de sair apressadamente para cuidar da prima Isabel. Sua peregrinação na fé foi um “deixar-se conduzir” pelo Espírito Santo, tornando-se discípula seguidora d’Aquele que foi gerado em seu ventre.

Em Maria encontramos:

A máxima realização da existência cristã como um viver trinitário de “filhos no Filho”, através de sua fé (Lc 1, 45) e da obediência à vontade de Deus (cf Lc 1, 38), assim como por sua constante meditação da Palavra e das ações de Jesus (cf Lc 2, 19-51). É a discípula mais perfeita do Senhor.⁵⁸¹

A experiência de fé é pessoal e comunitária, pois cada pessoa é um ser social. A experiência de fé sentida, acolhida e assumida é um viver com coerência. Um “deixar-se conduzir” pelo amor de Deus. É experiência geradora de um dinamismo de saída, o “ir ao encontro” dos demais, exercitando a sua condição de missionário, de discípulo de uma Igreja que acolhe, cuida, acompanha com misericórdia e sai ao encontro dos que necessitam de proximidade e ternura maternal.

E Maria é aquela que nos acompanha como uma irmã: uma peregrina na fé, espelho e modelo de discipulado por ter experimentado “as fases de aridez, de ocultação e até de um certo cansaço”, além do aperto sentido no coração⁵⁸². “Durante os anos da vida oculta de Jesus, na casa de Nazaré, também a vida de Maria está escondida em Deus, mediante a fé. A fé com efeito é um contato com os mistérios de Deus.”⁵⁸³ E Maria conviveu com o mistério inefável de Deus, em Jesus Cristo, no cotidiano de sua vida.

⁵⁷⁹ DV 8

⁵⁸⁰ LF 58

⁵⁸¹ DAp 266

⁵⁸² EG 287

⁵⁸³ RM 17

5.1.3

A experiência do encontro com Maria na devoção e na piedade popular

Nos evangelhos encontramos Maria e sua missão de ser a mãe do Filho de Deus Encarnado, a *Theotokos*. Sendo a mãe do Filho de Deus, Jesus Cristo, Maria viveu imersa no mistério insondável da presença e proximidade de Deus em seu ser de mulher, filha, esposa, mãe, em toda a sua dimensão humana, no cotidiano de sua vida. Assim, Maria é aquela que experimentou e sentiu o amor, amor de mãe, amor de discípula e seguidora.

E ela nos ensina a viver na presença do mistério de Deus, em Cristo, porque foi a primeira a acolher, em seu ventre, a vida do próprio Deus Humanado. Assim sendo imersa nesse mistério humano e divino, viveu ela sua missão e presença no mundo, tornando possível uma nova história. E esse grande mistério de um Deus que se encarna, que se torna “um” conosco, é uma realidade de fé a que todos somos chamados a viver inseridos, de modo a nos tornarmos filhos e filhas no Filho.

Pe. Chaminade afirma que Maria⁵⁸⁴ é nossa mãe desde o “sim” da Encarnação: “Ao conceber naturalmente o Salvador em seu ventre virginal, ela concebeu espiritualmente em sua alma, por seu amor e por sua fé, os cristãos, membros da Igreja, e membros de Jesus Cristo.”⁵⁸⁵

Tanto o Pe. Chaminade, quanto o Papa Francisco, nutrem uma relação filial com Maria. Mas qual Maria? A “Maria dos Evangelhos”. Eles viveram uma experiência desse amor filial, uma mística marial que se traduz numa experiência do mistério de Deus em Cristo, inspirada por Maria.

Vimos no capítulo terceiro a experiência que viveu o Pe. Chaminade. A partir dessa experiência, propõe-nos um caminho no qual Maria é aquela que nos forma, à semelhança de Jesus Cristo - pois, para Pe. Chaminade, os cristãos estão chamados a chegar à conformidade com Cristo, o Filho de Maria.

Já para o Papa Francisco – como vimos no quarto capítulo –, há uma íntima relação entre Maria, a Igreja e o povo fiel de Deus. Diante dos desafios do mundo atual, requer-se uma Nova Evangelização – com especial atenção ao cuidado da

⁵⁸⁴ Pe. Chaminade nos EM II n. 484, citando São Bernardino de Senna que diz: Ao consentir na encarnação do Verbo, a Santíssima Virgem contribuiu da maneira mais poderosa e eficaz para a obra da nossa redenção, e por este consentimento alcançou a salvação do gênero humano de tal maneira que desde então, como verdadeira Mãe, ela carrega todos em seu ventre como seus filhos e filhas.

⁵⁸⁵ CHAMINADE., G.J. Escritos Marianos, II n. 482, p. 163 (T.A)

casa comum e da vida humana, e um caminhar como Igreja pobre para os pobres, que sai ao encontro de todos os que se encontram marginalizados e necessitados de misericórdia, de ternura. E Maria é essa mãe de coração aberto que cuida e acolhe, por ter vivido as tensões, medos e incertezas na missão de cuidar, acompanhar seu filho Jesus Cristo. Ela experimentou, no cotidiano de sua vida, o mistério de um Deus humano e divino.

Por isso, nesse processo humano e espiritual, destacamos alguns aspectos que vemos presentes na vida e missão do Pe. Chaminade e do Papa Francisco: uma formação na fé, a centralidade em Jesus Cristo, uma participação ativa na comunidade – Igreja –, e o dinamismo missionário e evangelizador.

Nesse processo humano e espiritual figura Maria, que a tudo acompanha, como modelo e espelho de perfeita discípula missionária.

O primeiro lugar em que encontramos Maria é a Sagrada Escritura, conforme tratamos no segundo capítulo. Outro lugar em que a encontramos é junto ao povo fiel de Deus, nas manifestações da devoção e piedade popular mariana, *Sensus fidelium*.

Segundo o Pe. Alexandre Awi, Francisco conta com uma atenção e cuidado especial no tratar da piedade popular como um lugar teológico, que deve ser visto e acompanhado a partir da experiência de fé e amor:

Francisco deixa claro que não basta olhar a piedade popular apenas do ponto de vista científico ou fenomenológico. Estas realidades podem descrever fenómenos externos; mas uma realidade teológica retrata a verdadeira profundidade, que só pode ser penetrada com um olhar de fé, reforçado pelo amor.⁵⁸⁶ Este é “o olhar do bom pastor”, que não está ali para julgar, mas para amar, para apreciar “a vida teológica presente na piedade dos povos cristãos, especialmente nos seus pobres”⁵⁸⁷

Esse cuidado e atenção que tem o Papa Francisco refletem sua experiência mariana, vivida no decorrer de sua vida e missão como servidor e pastor do Povo de Deus. “Como uma verdadeira mãe, caminha conosco, luta ao nosso lado e nos aproxima incessantemente do amor de Deus.”⁵⁸⁸

Acompanhamos, no segundo capítulo, a experiência mariana do Pe. Chaminade, iniciada na família, da qual herdou uma filial e terna devoção a Maria:

⁵⁸⁶ MELLO, A. Awi, Maria-Iglesia: Madre Del Pueblo Misionero. El Papa Francisco y la piedad popular, p. 509. (T.A)

⁵⁸⁷ FRANCISCO, PP, EG 125; *apud*. MELLO, A. Awi, Maria-Iglesia: Madre Del Pueblo Misionero. El Papa Francisco y la piedad popular, p. 509. (T.A)

⁵⁸⁸ EG 286

na sua missão de diretor espiritual, Maria ocupava um lugar de mãe e mulher forte. Também a invocava nas tribulações da vida, e na busca por uma perfeição humana e espiritual.

Pe. Chaminade experimentou a proteção de Maria e aprendeu a expressar-lhe sua gratidão e amor nos santuários marianos:

1º) de Notre Dame D. Roc, em Mussidan, capela na qual muitas vezes rezou em sua juventude e onde foi capelão;

2º) de Notre Dame de Verdélais, em Bordeaux, capela na qual aos dez anos foi curado de uma ferida na perna;

3º) da Virgem do Pilar, em Zaragoza, cidade onde permaneceu por três anos durante o exílio; lugar no qual viveu uma profunda experiência do mistério de Deus em Cristo, inspirada por Maria.

E – como não incluir? – a Igreja da Madeleine, também em Bordeaux, que, na época em que retornou do exílio, no início de suas atividades como missionário apostólico junto aos leigos, foi um espaço de acolhida, de encontro e formação na fé? Lugar que segue como uma referência para a vida e missão de todos os membros da família marianista. Local onde iniciou-se seu projeto missionário e o dinamismo evangelizador de ser discípulo de Jesus Cristo, o Filho de Deus e Filho de Maria. Eis a vivência do espírito missionário, em aliança com Maria! A missão de anunciar Cristo ao mundo, para que Ele seja conhecido, amado e servido.

Nesse anúncio e testemunho de Jesus Cristo, está presente Maria, daí a importância de que ela também seja conhecida, amada e servida:

Se, como tenho a sorte de acreditar, Maria é a nossa medianeira necessária e universal, concluo daí que é impossível para mim meditar sem Maria. Se ninguém conhece o Pai senão o Filho e aqueles a quem o Filho o revelou (Mt 11, 27), da mesma forma ninguém conhece o Filho senão a Mãe e a Igreja a quem ela o revelou. Unamo-nos, portanto, em meditação de Maria e peçamos-lhe que nos faça conhecer o seu Filho. Ela que o conheceu tão bem e tanto o estudou... Ela que tão religiosamente recolheu e conservou em seu coração todos os oráculos que saíram de Sua boca.⁵⁸⁹

Para o Pe. Chaminade, é importante a união com Maria, pois ela sempre transmite o mistério que viveu junto ao seu Filho, em todos os momentos de sua vida. Assim como também nos transmite sua vida de fé e sua atitude de saída

⁵⁸⁹ CHAMINADE, G.J. Escritos Marianos II n. 736, p. 251 (T.A)

missionária de encontro com os mais necessitados, como viveu no encontro com sua prima Isabel:

Quem melhor do que ela para nos apresentar os encantadores mistérios da Encarnação e da Redenção, já que neles desempenhou um papel tão importante? Se contemplo Jesus no ventre de Maria, o que mais posso desejar senão conhecer e saborear alguns dos sentimentos de fé, esperança e amor que viveu profundamente a sua Mãe? Se contemplo Jesus recém-nascido, será possível perder de vista a Mãe que o dá à luz, que o segura nos braços, que o abraça ao coração, que o apresenta à minha oração e adoração? Qual é o mistério da vida do Salvador em que Maria não esteja presente? E se a Mãe está onde está o Filho, como eu poderia ser tão cego para não vê-la? Acima de tudo, como seria tão tolo, imprudente, tentar separar do Filho uma Mãe que nunca se separou d'Ele?⁵⁹⁰

Isso nos transmite, em sua reflexão e instrução sobre a vida de fé, o Pe. Chaminade: na meditação da profissão de fé, no artigo no qual professamos que Jesus nasceu da Virgem Maria, afirma a importância e atenção nas verdades de fé pronunciadas, que, ao serem meditadas e aprofundadas, dão um novo sentido para a vida e missão.

Novamente, recordamos os três temas marianos⁵⁹¹ do Pe. Chaminade, que se articulam com imagens sucessivas de Maria: 1º) a Imaculada Conceição, com uma estima a graça santificante; 2º) a maternidade espiritual de Maria com uma função educativa de formação e guia no caminho da santidade, com uma ação libertadora e dinamizadora, que fortalece a fé de seus filhos e filhas e da Igreja inteira no caminho da sua missão evangelizadora; 3º) o zelo e a caridade de Maria.

Recorda-se, ainda, das imagens mobilizadas: a Imaculada Conceição, “Mãe da juventude”; a Nova Eva, Imaculada e “Mãe dos viventes”; a mulher, sinal eclesial de alegria, esperança e vida; e Maria, sinal da perseverança final.

Pe. Chaminade, homem de fé e de amor à Igreja, ensina-nos, neste itinerário, que a fé abarca o ser humano por inteiro – como vimos anteriormente na fé do coração. Toda sua instrução sobre Maria, podemos dizer, tem como objetivo formar missionários. E esse itinerário de formação passa pelo conhecer, amar e servir à Maria. Nesse processo de conhecer, amar e servir, somos conduzidos a um conhecimento mais elevado de Jesus Cristo, seu Filho. “O processo de um

⁵⁹⁰ CHAMINADE, G.J. Escritos Marianos II n. 737, p. 252 (T.A)

⁵⁹¹ CARDENAS, E. Itinerario Mariano de Guillermo José Chaminade. Misionero de María, p. 409-414 (T.A)

verdadeiro conhecimento de Maria parte de Jesus. Se trata assim de um processo teológico, de uma teologia mariana, mais que de uma mariologia”.⁵⁹²

Para o Pe Chaminade, o amor se manifesta em uma devoção terna e ardente. Um amor que inspira tanto o respeito por Maria, como a confiança em sua proteção. “Mas se o conhecimento e o amor de Maria forem verdadeiros, conduzirão ao serviço.”⁵⁹³

A piedade filial para com a Virgem constitui e exprime a fisionomia própria e o sinal distinto dos membros da família marianista e a missão apostólica na vida da Igreja. E o servir, na proposta do Pe. Chaminade, se explicita na consagração a Maria, selada por uma aliança com Maria – que supõe uma eleição, uma comunhão e um compromisso. Essa aliança é para a extensão do Reino de Deus, com um dinamismo missionário e evangelizador às ordens de Maria, a primeira discípula missionária.

As outras duas propostas espirituais marianas do Pe. Chaminade, após tratar o conhecer, o amar e o servir são: 1º) Maria, na proposta comunitária e eclesial; e 2º) Maria no caminho até a santidade – tratado adiante.

Em seus escritos, Pe Chaminade, ao tratar da devoção à Maria em seu tempo e diante dos desafios de sua época, recomendava aos congregantes que:

A devoção à Virgem consiste num respeito profundo, numa confiança total e num amor de preferência e vontade. A prática desta devoção consiste sobretudo em produzir atos interiores e exteriores de respeito, confiança e amor que são devidos a Maria.⁵⁹⁴ A devoção à Santíssima Virgem postula a imitação das suas virtudes. Depois de Jesus Cristo, não é Maria o modelo mais perfeito de virtudes? A devoção à Santíssima Virgem nos torna seus servos e nos une à sua glória, etc. Mas, como honrar Maria se você tem ideias e sentimentos diferentes dos dela? Se sempre são praticados atos que a desonram? Se não querem ouvir suas lições?⁵⁹⁵

Para o clérigo francês, a perfeita devoção à Virgem Maria manifestasse na prática de suas virtudes. Porém, para chegarmos à prática de suas virtudes, primeiro se faz necessário conhecê-la e, então, tomar consciência de sua missão maternal. “Em qualquer tempo e em qualquer época da vida em que nos aproximamos do

⁵⁹² CARDENAS, E. Itinerario Mariano de Guillermo José Chaminade. Misionero de María, p.415 (T.A)

⁵⁹³ CARDENAS, E. Itinerario Mariano de Guillermo José Chaminade. Misionero de María, p.418 (T.A)

⁵⁹⁴ CHAMINADE, G.J. Escritos Mariano II n. 324, p. 105 (T.A)

⁵⁹⁵ CHAMINADE, G.J. Escritos Marianos I ns. 38-39, p. 159 (T.A)

coração desta boa Mãe, não encontramos outros interesses senão os do Sagrado Coração de Jesus, seu Filho e nosso irmão mais velho.”⁵⁹⁶

Podemos dizer que a devoção a Maria é uma resposta pessoal dos que vivem uma relação filial com Maria pela prática das virtudes de fé, esperança e caridade, como viveu Maria. “Imitando a Mãe do seu Senhor, pela virtude do Espírito Santo conserva virginalmente uma fé íntegra, uma sólida esperança e uma sincera caridade”⁵⁹⁷:

Honrar a Virgem e honrá-la segundo as Escrituras, é a expressão de nossa fé em relação à Virgem. Invocar Maria com confiança total, é a nossa expressão da esperança em Deus, que nos dá a Virgem como mãe... E por fim, amar Maria é a expressão de nosso amor a Deus e a Jesus Cristo.⁵⁹⁸

A devoção à Maria procede da fé, segundo Pe. Chaminade. Ensino esse que vemos em íntima relação com a doutrina da Igreja, e que encontramos na *Lumen Gentium*:

A verdadeira devoção não consiste num estéril e transitório afeto, nem numa certa vã credulidade, mas procede da fé verdadeira pela qual somos levados a reconhecer a excelência da Mãe de Deus, incitados a um amor filial para com nossa Mãe e à imitação das suas virtudes.⁵⁹⁹

O amor filial à Virgem Maria gera uma devoção à ela. Assim teologicamente definida, a devoção não é mais que a vontade que se dirige pronta e determinada a abraçar tudo o que se refira ao culto e que possa contribuir para a glória da Santíssima Virgem.

Para o Pe. Chaminade, Maria tem uma missão maternal para com todos os batizados e incorporados a Jesus Cristo. Ela continua sua maternidade para com seu Filho através de cada cristão, por um amor filial. Chaminade nos diz que a Virgem Maria “é uma pessoa viva, dinâmica e ativa, não uma estátua. Ela é uma mulher secular e sua presença na Igreja não está na ordem da hierarquia, mas na ordem carismática.”⁶⁰⁰ O nosso amor por Ela nos faz “penetrar no seu coração, e nos faz

⁵⁹⁶ CHAMINADE, G.J. Escritos Mariano II n.596, p.205 (T.A)

⁵⁹⁷ LG 64

⁵⁹⁸ ARMBRUSTER, J.B. Itinerario espiritual de nuestro P. Fundador, p. 45-46 (T.A)

⁵⁹⁹ LG 67

⁶⁰⁰ ARMBRUSTER, J.B. Itinerario espiritual de nuestro P. Fundador, p. 42. (T.A)

participar das suas preocupações, do seu cuidado maternal para com todos os seres humanos, justos e pecadores, com predileção por estes últimos.”⁶⁰¹

E o Papa Francisco recorda que “a devoção a Maria não é uma etiqueta espiritual, mas uma exigência da vida cristã. Olhando para a Mãe, somos encorajados a deixar tantos pesos inúteis e reencontrar aquilo que importa.”⁶⁰²

Vimos, no quarto capítulo, a presença de Maria na vida do Papa Francisco. Aqui, trataremos das orientações que nos propõe em seu pontificado, assim como de alguns temas e imagens de Maria que transparecem em sua missão.

A primeira imagem em destaque é a da misericórdia. Maria, a Mãe da Misericórdia. “A misericórdia do nosso Deus nos alcança pela ternura materna de Maria e da Igreja”⁶⁰³:

O pensamento volta-se agora para a Mãe da Misericórdia. Ninguém como Maria conheceu a profundidade do mistério de Deus feito homem. Na sua vida tudo foi plasmado pela presença da misericórdia feita carne. A Mãe do Crucificado e Ressuscitado entrou no santuário da misericórdia divina, porque participou intimamente do mistério do seu amor.⁶⁰⁴

Outra imagem de relevo é Maria, modelo e ícone da fé: “Na concepção virginal de Maria, temos um sinal claro da filiação divina de Cristo – Ele é o Filho em sentido total e único – por isso nasce, no tempo, sem intervenção do homem”⁶⁰⁵:

A verdadeira maternidade de Maria garantiu, ao Filho de Deus, uma verdadeira história humana, uma verdadeira carne sob a qual morrerá na cruz e ressuscitará dos mortos. Maria acompanhá-lo-á até a cruz (cf Jo 19, 25), de onde a sua maternidade se estenderá a todo discípulo de seu Filho (cf Jo 19, 26-27).⁶⁰⁶

Segundo Lúcia Pedrosa⁶⁰⁷, temos, na Encíclica *Lumen Fidei*, a fina observação do envolvimento de Maria com o seu Filho. O ponto de partida de sua análise é a “Maria dos Evangelhos” – de imensa projeção universal pela sua ação na Igreja, que consiste em ensinar-nos este movimento. As afirmações sobre Maria estão enraizadas na contemplação de sua vida terrena, sua dimensão humana.

⁶⁰¹ ARMBRUSTER, J.B. Itinerario espiritual de nuestro P. Fundador, p. 42. (T.A)

⁶⁰² FRANCISCO, PP., Ave Maria, p. 82

⁶⁰³ GALLI, C.M. Cristo, Maria, a Igreja e os povos, p.103

⁶⁰⁴ MV 24

⁶⁰⁵ LF 59

⁶⁰⁶ LF 59

⁶⁰⁷ PEDROSA-PÁDUA, L. Uma Igreja Mariana no Magistério do Papa Francisco. Chaves de renovação para uma Igreja “em saída”, p.153

Vemos, aqui, o marco da teologia mariana de Francisco. Qual Maria? A “Maria dos Evangelhos”.

Maria é a Mãe da Misericórdia: o ícone perfeito da fé. Por que se fez presença quando o Anjo lhe anunciou que seria a mãe do Filho de Deus; estava presente ali, junto à Cruz, sentindo com o Filho todas as Suas dores; estava presente e atenta quando faltou vinho na alegria da festa em Caná da Galileia; estava em comunhão, reunida com os discípulos em oração.

Maria é a Mãe da Esperança, que nos sustenta e acompanha nos momentos de dificuldades e desafios e nos ensina a não perder a esperança. A Mãe de Jesus e nossa Mãe é “sinal de esperança segura, e de conforto para o povo de Deus em peregrinação, até que chegue o dia do Senhor”⁶⁰⁸:

Maria nos ensina a virtude da esperança até quando tudo parece sem sentido. Ela permanece sempre confiante no mistério de Deus, até quando Ele parece desaparecer por culpa do mal do mundo. Quando, nos momentos de dificuldade, possa Maria, a Mãe que Jesus ofereceu a nós, sempre amparar os nossos passos e dizer ao nosso coração: “Levanta-te! Olha em frente, olha para o horizonte.” porque ela é a Mãe da Esperança.⁶⁰⁹

O Papa Francisco, desde sua juventude, desenvolveu várias devoções à Maria, por meio de diversas invocações e imagens, Dentre estas, destacam-se: Nossa Senhora das Mercês, Nossa Senhora do Rosário de Pompeia, *Stella Maris*, Salvação do Povo Romano, Nossa Senhora do Caminho, Virgem Desatadora dos Nós, Nossa Senhora de Luján, Nossa Senhora de Guadalupe, Nossa Senhora Aparecida, Mãe da Ternura:

A experiência espiritual mariana nutre o ministério petrino e o ensinamento pastoral do Papa, que desenvolve um magistério em movimento centrado no Evangelho e na evangelização, com forte acentuação querigmática, a partir da hierarquia das verdades da fé e das virtudes ordenadas pela caridade.⁶¹⁰

Como visto anteriormente, a centralidade da teologia mariana do Papa Francisco encontra-se na íntima ligação entre Maria, a Igreja e cada fiel:

A relação não é externa, mas existencial e inspiradora de transformação. A Igreja e cada cristão deixam-se inserir numa dinâmica de vida nova, possibilitada pelo Espírito, da qual Maria é exemplo vivo e paradigmático. Por isso, a Igreja e cada

⁶⁰⁸ LG 68

⁶⁰⁹ FRANCISCO, PP., Ave Maria, p. 103-104

⁶¹⁰ GALLI, C.M. Cristo, Maria, a Igreja e os povos, p.21

cristão olham uma e outra vez para as atitudes e opções da Maria dos Evangelhos, e se deixam inspirar por ela.⁶¹¹

Por fim, duas imagens pelas quais o Papa Francisco, como latino-americano, nutre especial carinho e nos convida a ter atenção pelo que nos ensinam e orientam: os santuários marianos de Guadalupe, no México, e de Aparecida, no Brasil.

O primeiro, que tem como padroeira Nossa Senhora de Guadalupe, por fazer parte da evangelização da América Latina. O segundo, dedicado a Nossa Senhora Aparecida, por ser local que lhe traz marcante lembrança quando – então como cardeal – ali esteve no ano de 2007, na 5ª Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe, tendo sido um dos redatores do respectivo documento conclusivo:

O Papa Francisco está profundamente marcado pela V Conferência e sua mensagem. Aparecida está na memória e no coração do novo Papa. Não tenho dúvida de que – como disse Dom Fernandez – o espírito de Francisco foi “forjado em Aparecida”. Entretanto, também estou certo de que ele, a partir de sua profunda experiência pastoral, ajudou a forjar o espírito de Aparecida.⁶¹²

Como vimos anteriormente, a 5ª Conferência de Aparecida, está presente em expressões contidas na *Evangelii Gaudium*, pois fora, para Bergoglio, um momento de profunda experiência do mistério de Deus vividos: pela ação do Espírito Santo e a oração do povo fiel e peregrino no Santuário de Aparecida.

Podemos afirmar que, tanto para Pe. Chaminade, quanto para o Papa Francisco, “Maria experimentou a mística como um ser humano real, que luta e se fadiga em sua peregrinação de fé, atravessando desertos, montanhas e noites escuras.”⁶¹³ Peregrina sem nenhum privilégio, mas com a graça e o dom do Espírito Santo, que a conduziu a um verdadeiro encontro e serviço, quando saiu apressadamente para servir sua prima Isabel.

Passemos para o dinamismo evangelizador, outro ponto importante na vida e missão do Pe. Chaminade, presente no pontificado do Papa Francisco, na forma da missão apostólica de Maria, a primeira discípula missionária.

⁶¹¹ PEDROSA-PÁDUA, L. Uma Igreja Mariana no Magistério do Papa Francisco. Chaves de renovação para uma Igreja “em saída”, p.163

⁶¹² MELLO, A. Awi, “Ela é minha mãe!” p. 135

⁶¹³ CARAM, M.J. María, discípula misionera, un rasgo relevante de la Mariología de Aparecida y del magisterio del Papa Francisco, p.77. (T.A)

5.1.4 O dinamismo evangelizador O “sair” e “ir” apressadamente para servir

Após tratarmos do encontro com Maria, com um olhar para a devoção e a piedade popular, chegamos ao dinamismo evangelizador: o “sair” e “ir” apressadamente para marcar presença e servir. Essa foi a atitude de Maria, que encontramos no Evangelho de Lucas no relato da Visitação:

Naqueles dias, Maria pôs-se a caminho para a região montanhosa, dirigindo-se apressadamente a uma cidade de Judá. Entrou na casa de Zacarias e saudou Isabel. Ora quando Isabel ouviu a saudação de Maria, a criança lhe estremeceu no ventre e Isabel ficou repleta do Espírito Santo. Com um grande grito exclamou: “Bendita és tu entre as mulheres e bendito é o fruto de teu ventre! Donde me vem que a mãe do meu Senhor me visite? Pois quando a tua saudação chegou aos meus ouvidos, a criança estremeceu de alegria em meu ventre. Feliz aquela que creu, pois o que lhe foi dito da parte do Senhor será cumprido!” (Lucas 1, 39-45)

Podemos dizer que, tanto para o Pe. Chaminade, quanto para o Papa Francisco, esse texto nos insere no dinamismo missionário vivido por Maria, a partir de sua experiência de fé e fidelidade ao projeto do Pai, de ser a mãe de Jesus. Maria viveu uma experiência do mistério, carregando, em seu ventre, o próprio mistério de um Deus que se encarna na história. E essa experiência fora vivida por Maria em seu cotidiano, no dia a dia de sua vida e presença na sua comunidade.

Quanto ao Pe. Chaminade, podemos dizer que o dinamismo missionário lhe vem associado à caridade maternal de Maria: o viver a virtude da caridade em todo trabalho missionário e evangelizador, supondo o estar pronto para sair e ir apressadamente respondendo ao apelo de Maria nas Bodas de Caná, “para fazer tudo o que Ele disser”⁶¹⁴, sendo aqueles servos das Bodas os seus auxiliares na missão de dar Cristo ao mundo:

Aqui, meu respeitável filho, está o caráter distintivo e a semelhança familiar de nossas duas ordens: somos especialmente os auxiliares e instrumentos da Santíssima Virgem na grande obra de reforma dos costumes, de apoio e aumento da fé e, portanto, da santificação de outros. Depositários dos truques e invenções de sua caridade quase infinita, professamos servi-la fielmente até o fim de nossas vidas e

⁶¹⁴ Em 1814 Pe. Chaminade vínculo a caridade de Maria sua intercessão no Evangelho das Bodas de Caná João 2,1-12, esta passagem evangélica foi fortalecida até ser aprovada nas Constituições da Companhia de Maria em 1829, ligada à universalidade das obras de caridade que os consagrados a Maria abraçam. Em 1839, Chaminade apresentou a caridade e o zelo de sua Mãe como modelo e estímulo para os missionários de Maria.

executar pontualmente tudo o que ela nos diz, felizes por poder gastar em seu serviço uma vida e uma força que lhe são devidas.⁶¹⁵

No texto da Visitação, vemos Maria em uma atitude de serviço, caridade e atenção à necessidade humana. “É uma obediência à inspiração divina ou a fidelidade à graça que deve ser: pronta; espirituosa; fervorosa; constante”⁶¹⁶. Nesse texto da Visitação, segundo Pe. Chaminade, é possível notar e vislumbrar as “maravilhas que nele foram realizadas pela presença de Maria, ou as virtudes que Maria praticou. E também o mistério em que Maria nos revela o interior da sua alma: o mistério da gratidão.”⁶¹⁷ E segue dizendo das maravilhas operadas pela visita de Maria:

Maravilhas realizadas pela visita de Maria são prova da proteção de Maria; a disposição de Maria em nos proteger; o poder da proteção de Maria manifestado neste mistério: bondade, caridade, ternura – numa palavra – a disposição de Maria para fazer o bem e até para usar a sua qualidade de Mãe de Deus e Salvador para operar os mais admiráveis efeitos da onipotência divina, manifestada neste mistério. Na primeira parte observar-se-á que a prova do poder de Maria se dá de fato, e não de raciocínio ou autoridade. Na segunda, considera-se que Maria permaneceu em retiro até a Maternidade divina, embora elevada a esta dignidade suprema, cabe usá-la e seguir os mais ardentes movimentos de caridade; Isto é o que ela entendeu nas palavras do Anjo, quando este lhe revelou a concepção milagrosa de um Filho. Que graça concede a uma alma conceder-lhe a proteção de Maria! E o que eu digo, proteção? Maria não precisa mais que saber que Deus começou a obra da nossa Salvação, com o conhecimento, pelas palavras do Anjo, sobre sua prima Isabel. O que seria, então, se Jesus Cristo nos desse Maria como filhos! “Mulher eis o teu filho! (Jo 19, 26)”⁶¹⁸

No texto acima, o Pe. Chaminade afirma que Deus começou a obra da nossa Salvação pelo “sim” de Maria, no mistério da Encarnação. E Maria é aquela que acompanha, protege e cuida de todos com sua ternura maternal: sua vida é marcada por sua fé, fidelidade e caridade:

As disposições do coração de Maria nos são reveladas através deste mistério: “Naqueles dias, Maria pôs-se a caminho para a região montanhosa, dirigindo-se apressadamente a uma cidade de Judá. Entrou na casa de Zacarias e saudou Isabel” (Lc 1, 39-40). Por que Maria embarca tão cedo em sua jornada? Não é para ter certeza da sua fé, mas para seguir a inspiração do Espírito Santo. O que é essa inspiração? Depois de ter se tornado mãe do Salvador, ela não tem outra disposição senão trabalhar pela Salvação dos homens. “Pois a caridade de Cristo nos impele, quando

⁶¹⁵ CHAMINADE, G.J. Escritos Marianos II n. 75, p. 40. Refere-se a carta aos pregadores de retiro de 24 de agosto de 1839. Carta mariana, talvez a mais importante do Pe. Chaminade. (T.A)

⁶¹⁶ CHAMINADE, G.J. Escritos Marianos I n.413, p. 289-290 (T.A)

⁶¹⁷ CHAMINADE, G.J. Escritos Marianos I n. 473, p. 309, (T.A)

⁶¹⁸ CHAMINADE, G.J. Escritos Marianos I n 474, p. 309, (T.A)

consideramos que um só morreu por todos e que, por conseguinte, todos morreram” (2 Cor 5, 14). Mas você quer entender qual é o ardor e ao mesmo tempo a tendência de sua caridade? Pese todas as suas palavras. É justo assumir esta caridade ardente de Maria, e a razão está aqui de acordo com a fé; deriva necessariamente da sua maternidade divina. Se tantos santos tiveram uma caridade tão admirável, etc... Mas aqui está uma prova factual de sua disposição para com os homens.⁶¹⁹

Para o Pe. Chaminade, o motivo da prontidão de Maria é participar da caridade de Jesus Cristo, a quem levava em seu ventre. E essa caridade maternal todos os cristãos são chamados a exercer, na missão evangelizadora da Igreja. Tal dinamismo, de “sair” e “ir”, inicia-se com a experiência de fé vivida por Maria, após a visita do Anjo: sai apressadamente e vai ao encontro da prima Isabel, numa atitude de abertura, alegria e disposição de ser presença e servir.

Assim, na missão evangelizadora, pode nos orientar o que viveu Maria na Visitação à sua prima Isabel. “Jesus Cristo, querendo nos dar a conhecer as disposições da caridade ardente de sua mãe, quis reunir neste mistério todas as dificuldades a superar e todos os tipos de caridade a exercer”⁶²⁰:

Devemos apresentar a importância do mistério: a Mãe de Deus que, movida pelo espírito de Deus, vai visitar a prima... O Filho, levado pela Mãe, vai visitar João Batista. “Há duas visitas a assinalar no mistério deste dia”, diz Santo Ambrósio. A de Jesus a São João; Jesus visita São João, mas por Maria. São João recebe os maiores privilégios de Jesus, mas através de Maria. E a de Maria para Isabel. Maria cumpriu três deveres em relação à prima: 1º- dever de conveniência; 2º- dever de proximidade; 3º- dever de caridade.⁶²¹

E segue tratando de cada um desses deveres que Maria cumpriu: “Ao cumprir o dever da conveniência, preserva a própria dignidade”.⁶²² “Abençoada por ter acreditado; mais feliz por ter moldado sua vida com sua fé. A fé é o fundamento da construção da salvação”.⁶²³ “Felizes as entranhas que te trouxeram e os seios que te amamentaram! Ele, porém, respondeu: Felizes, antes, os que ouvem a Palavra de Deus e a observam.” (Lc 11, 27-28)

No dever da proximidade, deve-se distinguir – como Maria –, a quem e a que se deve abrir o coração. No dever da caridade, deve-se atentar ao motivo e à

⁶¹⁹ CHAMINADE, G.J. Escritos Marianos I n 481, p. 312 (T.A)

⁶²⁰ CHAMINADE, G.J. Escritos Marianos I n.510, p. 322-323 (T.A)

⁶²¹ CHAMINADE, G.J. Escritos Marianos I n.413-416, p. 289-290 (T.A)

⁶²² CHAMINADE, G.J. Escritos Marianos I n.416 p. 291 (T.A)

⁶²³ CHAMINADE, G.J. Escritos Marianos I n.462, p. 303 (T.A)

ordem”.⁶²⁴ “Maria empreende o seu longo e doloroso caminho por pura caridade, diz Santo Ambrósio. Ela foi à montanha para um serviço religioso. Qualidades da caridade, ordem da caridade.”⁶²⁵

Para o Pe. Chaminade, Maria, no seu exercício de Mãe, necessita de ajuda. Assim, a assistência a Maria é uma das manifestações mais valiosas de nossa relação e amor filial à ela. O dinamismo apostólico é um colocar-se a serviço de Maria e, por isso, a importância de fazê-la conhecida, amada e servida, sendo este um dos meios mais seguros para levar as pessoas a Jesus Cristo. Maria sempre sinaliza para o centro da fé cristã, que é Jesus Cristo:

A missão marianista, da qual participam leigos e leigas, religiosos e religiosas, cada um com sua especificidade, circunstâncias e ministérios, oferece uma pluralidade de serviços com um espírito comum. Isto permite-nos pensar que o projeto do Padre Chaminade tem também o seu lugar na missão evangelizadora da Igreja no mundo de hoje, na diversidade dos “areópagos” existentes.⁶²⁶

E o que diz o Papa Francisco sobre o texto da Visitação? Encontramos na *Evangelii Gaudium* o seguinte texto, que cita a prontidão de Maria ao sair apressadamente:

Maria sabe reconhecer os vestígios do Espírito de Deus, tanto nos grandes acontecimentos como naqueles que parecem imperceptíveis. É contemplativa do mistério de Deus no mundo, na história e na vida diária de cada um e de todos. É a mulher orante e trabalhadora em Nazaré, mas é também nossa Senhora da Prontidão, a que sai “às pressas” (cf Lc 1, 39) da sua povoação para ir ajudar os outros. Essa dinâmica de justiça e ternura, de contemplação e de caminho para os outros faz dela um modelo eclesial para a evangelização. Pedimos-lhe que nos ajude, com a sua oração materna, para que a Igreja se torne uma casa para muitos, uma mãe para todos os povos, e torne possível o nascimento de um mundo novo.⁶²⁷

O Papa Francisco, ao apresentar nossa Senhora da Prontidão – aquela que sai apressadamente –, mostra o dinamismo de saída missionária: o “sair”, se envolver, acompanhar, celebrar com alegria o encontro com a prima, ambas grávidas e cheias de vida e esperança. Maria leva consigo em seu ventre o primeiro anúncio – Jesus Cristo – dirigido às pessoas simples, pobres, sinalizando assim o cuidado com a vida.

⁶²⁴ CHAMINADE, G.J. Escritos Marianos I n 416, p. 291 (T.A)

⁶²⁵ CHAMINADE, G.J. Escritos Marianos I n 422, p. 293 (T.A)

⁶²⁶ OTAÑO, I. Misión Marianista. Proyecto Misionero del Fundador, p. 98 (T.A)

⁶²⁷ EG 288

No dizer de Maria Jose Caram⁶²⁸, o texto da Visitação é o melhor fundamento para apresentar Maria como discípula missionária. Nele encontramos o transbordamento de graça e alegria suscitado por um encontro pessoal com o Deus que nos habita, Encarnado na jovem Maria de Nazaré. E afirma que, para o Papa Francisco, a Visitação de Maria à sua prima Isabel é um ícone da Igreja no caminho da fé e da caridade:

Neste encontro brilha a dimensão místico-profética de duas pessoas que, tendo sido visitadas por Deus e tendo reconhecido o sinal da sua presença libertadora, cheias do Espírito Santo, levantam a voz como legítimos representantes do povo pobre e fiel. Mulheres que não parecem passivas ou submissas, mas totalmente humanas.⁶²⁹

E conclui, afirmando que o texto da Visitação aparece tanto no documento de Aparecida, como no magistério do Papa Francisco, “como iluminador do caminho da Igreja e do povo cristão, que descobre a sua identidade mais profunda como discípulos missionários”⁶³⁰ de uma Igreja em saída, alegre por ir ao encontro de todos os que necessitam de acolhida e amor.

O Documento de Aparecida, tal como aparece no número 266, mostra-nos Maria como a primeira e perfeita discípula missionária de Jesus, apesar de o texto da Visitação não estar citado. “Curiosamente, embora esta seja a principal referência bíblica à ação missionária da Virgem, o episódio não aparecia no texto que estava sendo escrito sobre Maria como discípula e missionária.”⁶³¹ O que não foi incluído no documento de Aparecida pelo Cardeal Bergoglio, apareceu com força e dinamismo na sua primeira Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*, a Alegria do Evangelho:

Ele também tem o prazer de considerar a mensagem cristã como o anúncio da alegria da Salvação, como foi explicado na primeira parte e no próprio nome daquela que foi a primeira Exortação Apostólica do seu pontificado. Justamente aí ele não perdeu a oportunidade de incluir a imagem da Visitação e seu fundamento bíblico, que não havia sido recebida em Aparecida.⁶³²

⁶²⁸ María, discípula misionera, un rasgo relevante de la mariología de Aparecida y del Magisterio del Papa Francisco, p.79

⁶²⁹ CARAM, M.J. María, discípula misionera, un rasgo relevante de la mariología de Aparecida y del magisterio del Papa Francisco, p. 79 (T.A)

⁶³⁰ CARAM, M.J. María, discípula misionera, un rasgo relevante de la mariología de Aparecida y del magisterio del Papa Francisco, p. 81 (T.A)

⁶³¹ MELLO, A. Awi, Maria-Iglesia: Madre Del Pueblo Misionero. El Papa Francisco y la piedad popular mariana a partir del contexto teológico-pastoral latinoamericano, p.492 (T.A)

⁶³² MELLO, A. Awi, Maria-Iglesia: Madre Del Pueblo Misionero. El Papa Francisco y la piedad popular mariana a partir del contexto teológico-pastoral latinoamericano, p.493. (T.A)

Outro aspecto importante é a missão maternal de Maria. Como mãe, ela cuida e acompanha o trabalho missionário dos discípulos de seu Filho. Ela é a mãe que se esforça para que seus filhos tenham vida e cresçam com vigor e felicidade:

Para o Papa, Maria é um exemplo daquele tipo de mãe que é capaz de se cansar extremamente e enfrentar as situações mais difíceis, chegando à fadiga do coração, por amor ao filho, sem compreender plenamente a vontade de Deus, mas confiando n'Ele. Essa atitude mariana é fundamental também no trabalho missionário.⁶³³

No texto da Visitação, vemos um dinamismo missionário de saída: Maria sai apressadamente. Na missão evangelizadora da Igreja, também é necessário ter esse mesmo dinamismo de saída, um “mover-se” missionário para levar a todos Jesus Cristo, o Filho de Deus e Filho de Maria.

Maria respondeu “sim” ao projeto de Deus. “Teria sido natural para a jovem mãe querer permanecer na sua solidão para saborear em paz a felicidade infinita de possuir nela o Filho de Deus.”⁶³⁴ Porém, Maria, como a primeira discípula missionária, sai para levar Jesus que está em seu ventre para visitar e acompanhar Isabel. E a alegria transbordou nas duas mulheres cheias de vida e esperança e as crianças no ventre se comunicaram pela graça e ação do Espírito Santo.

Maria, com sua ternura maternal, imprime um jeito de estar e servir com delicadeza e ternura. Passemos, assim, para a mistagogia na formação de discípulos missionários de uma Igreja em saída.

5.2

A formação de discípulos missionários de uma Igreja em saída.

Acima, vimos a articulação do diálogo entre o Pe. Chaminade e o Papa Francisco e destacamos alguns aspectos que consideramos importantes na vida de ambos: a centralidade no Evangelho; a experiência de fé pessoal e comunitária; a experiência do encontro com Maria na devoção e piedade popular; e, por fim, o dinamismo evangelizador, o “sair apressadamente” para estar e servir, tal qual encontramos no texto da Visitação de Maria à sua prima Isabel.

⁶³³ MELLO, A. Awi, Maria-Iglesia: Madre Del Pueblo Misionero. El Papa Francisco y la piedad popular mariana a partir del contexto teológico-pastoral latinoamericano, p.494-495. (T.A)

⁶³⁴ NEUBERT, E. La mission apostolique de Marie et la nôtre, p. 25 (T.A)

A partir desses aspectos e outros expostos no decorrer da pesquisa, a proposta, neste ponto, é destacar alguns elementos que contribuam para a formação de discípulos missionários de uma Igreja em saída.

Como vimos, a formação na fé, para o Pe. Chaminade, é de fundamental importância na vida e missão dos cristãos, ou seja, cada pessoa está chamada a viver e atuar de acordo com a sua fé. A fé como experiência vivida e comunicada com o testemunho, na missão evangelizadora:

Assim instruía o Pe. Chaminade os primeiros leigos da família marianista: que nas obras educacionais as pessoas pudessem ser atendidas em suas necessidades, para, assim, reavivar a fé e fazer renascer uma sociedade nova e regenerada.

Vimos que, no início do apostolado do Pe. Chaminade, os leigos assumiram protagonismo na missão de reavivar a fé por meio da educação e do acompanhamento dos jovens. Ao constatarem as necessidades do momento, se abriram para atender a essas necessidades. Ao mesmo tempo, notou-se um dinamismo nascido do interior da pessoa, amparado no movimento exterior de ver, sentir e responder aos apelos do momento, simultâneos na articulação entre a fé e a ação. Fé que pode nascer da experiência pessoal, que move e motiva à ação, mas também da ação concreta do atender aos que necessitam e a partir dessa ação viver uma experiência de fé.

Eis que, após alguns anos, nasceram as duas congregações religiosas, as Filhas de Maria Imaculada e a Companhia de Maria. O objetivo do trabalho missionário de todos os membros da família marianista era o de transformar a sociedade de seu tempo, guiando-se pelos valores evangélicos – com a centralidade no Evangelho –; com o viver uma experiência de encontro pessoal com Jesus Cristo; com a participação na comunidade.

A partir dessa experiência de fé vivida e testemunhada, o Pe. Chaminade acrescenta a importância do conhecer, amar e servir a Jesus Cristo, trilogia esta aplicada, também, à Maria, modelo da Igreja:

Acreditei diante de Deus, Santíssimo Padre, que era necessário fundar duas novas Ordens, uma de mulheres e outra de homens, que provassem ao mundo, pelo fato de seus bons exemplos, que o Cristianismo não é uma instituição envelhecida, e que o Evangelho ainda pode ser praticado hoje como era há mil e oitocentos anos; e disputariam com a propaganda, escondida sob a cor de mil e um pretextos, o terreno das escolas, abrindo turmas de todas as séries e todos os súditos, especialmente ao

povo do povo, que é o mais numeroso e o mais abandonado... Estas duas Ordens tomaram como nome distintivo o da augusta Maria; que a tornem conhecida, louvada e amado em toda a terra! Porque estou intimamente convencido de que Nosso Senhor reservou à sua Santa Mãe a glória de ser particularmente aquela que sustenta a Igreja nestes últimos tempos. ⁶³⁵

Francisco, por seu turno, ensina-nos ser de fundamental importância uma experiência de encontro pessoal com Jesus Cristo, pois “a Alegria do Evangelho enche o coração e a vida inteira daqueles que se encontram com Jesus. Com Jesus, a alegria renasce sem cessar.”⁶³⁶ Um chamado a que todos vivam uma experiência de encontro pessoal com Jesus Cristo, afirmando que “a evangelização está essencialmente relacionada com a proclamação do Evangelho àqueles que não conhecem Jesus Cristo ou que sempre O recusaram.”⁶³⁷

Por isso a importância do Evangelho na vida e missão dos cristãos. O Evangelho é a sua identidade, o seu compromisso com a vida e a dignidade humana. “Para nós, essa fonte de dignidade humana e fraternidade está no Evangelho de Jesus Cristo.”⁶³⁸ Assim, os cristãos são chamados a que sejam “todos um só em Cristo Jesus.”⁶³⁹ E este “ser um só” em Cristo Jesus é a lógica da fé. A fé enquanto experiência professada e vivida no testemunho, no serviço aos outros e na ação evangelizadora da Igreja:

O crente aprende a ver-se a si mesmo a partir da fé que professa. A figura de Cristo é o espelho em que descobre realiza a sua própria imagem. E dado que Cristo abraça em Si mesmo todos os crentes que formam o seu corpo, o cristão compreende-se a si mesmo nesse corpo, em relação primordial com Cristo e os irmãos na fé.⁶⁴⁰

A fé cristã transforma a vida inteira da pessoa. “Sem perder a sua individualidade, e, no serviço aos outros, cada um ganha profundamente o próprio ser.”⁶⁴¹ E esse dinamismo de fé e vida os cristãos vivem nas pequenas comunidades, e na vida e missão da Igreja, corpo místico de Cristo.

Assim, vemos que a centralidade no Evangelho e a vivência da fé são caminhos fundamentais para a formação de discípulos missionários para uma Igreja

⁶³⁵ CHAMINADE, G.J. Fundador de la Familia Marianista, Cartas IV (1836-1839), p. 514-515. Carta enviada ao Papa Gregório XVI em 16 de setembro de 1838. (T.A)

⁶³⁶ EG 1

⁶³⁷ EG 14

⁶³⁸ FT 277

⁶³⁹ Carta aos Gálatas 3,28

⁶⁴⁰ LF 22

⁶⁴¹ LF 22

em saída. Tal dinamismo fora vivido por Maria, após sua experiência de um encontro com Deus, no mistério da Anunciação. No mistério da Visitação, ela sai apressadamente para cuidar e acompanhar a vida. A experiência de fé vivida por Maria é, aqui, dinâmica, alegre, com movimento e gestos de sair, caminhar, ir, e estar presente, cuidando e acompanhando a vida.

Novamente, vemos que o dinamismo da fé e da ação são simultâneos em cada pessoa e que a experiência de fé pode ser vivida a partir do seu interior, enquanto, em outros, pode ser a partir do exterior – o ver a realidade, o rosto do outro. A fé e a ação vivem, assim, em íntima relação. O que é certo é que a fé necessita de experiência, que pode ser a partir do interior, ou do exterior.

Tal compreensão pode nos ajudar a compreender o pensamento do Papa Francisco, quando este reflete sobre o texto da Visitação, na sua oração intitulada: “Maria, a mulher da escuta, da decisão e da ação”, de 31 de maio de 2013⁶⁴², no primeiro ano do seu pontificado. Com um forte apelo a um movimento de “saída”, o “ir” até os outros, com caridade, levando a todos Jesus Cristo e seu Evangelho:

Maria, “Mulher da escuta”, abre os nossos ouvidos; faz com que saibamos ouvir a Palavra do teu Filho Jesus, no meio das mil palavras deste mundo; faz com que saibamos ouvir a realidade em que vivemos, cada pessoa que encontramos, especialmente quem é pobre e necessitado, quem se encontra em dificuldade. Maria, “Mulher da decisão”, ilumina a nossa mente e o nosso coração, a fim de que saibamos obedecer à Palavra do teu Filho Jesus, sem hesitações; concede-nos a coragem da decisão, de não nos deixarmos arrastar para que outros orientem a nossa vida. Maria, “Mulher da ação”, faz com que as nossas mãos e os nossos pés se movam “apressadamente” rumo aos outros, para levar a caridade e o amor do teu Filho Jesus, para levar ao mundo, como tu, a luz do Evangelho.⁶⁴³

Assim nos ensina e orienta o Papa Francisco, como Maria, que escutou, decidiu e agiu. Em momentos atuais, todos os cristãos, como ela, têm como desafio o escutar, acolher, e decidir, obedecendo à Palavra de Jesus; testemunhando com coragem o Evangelho, vivendo a caridade e o amor para com todos especialmente os pobres e necessitados.

⁶⁴² FRANCISCO, PP. Oração no final da recitação do Santo Rosário, Praça de São Pedro em 31 de maio de 2013.

⁶⁴³ FRANCISCO, PP. Oração no final da recitação do Santo Rosário, Praça de São Pedro em 31 de maio de 2013.

5.2.1

Caminho humano e espiritual: o conhecer, amar e servir

A partir do exposto até este ponto, propõe-se seguir com os elementos pertinentes a uma formação humana e espiritual, cuja dinâmica e caminho de formação serão destacados pelas ações de conhecer, amar e servir.

Tais etapas articulam-se entre si e são vividas conforme a experiência de cada pessoa, uma independe da outra; porém, caminham juntas, de forma que podem ser associadas a um “dinamismo cíclico”, que nos lembra das três passagens bíblicas: da Anunciação, da cena aos pés da Cruz e das Bodas de Cana. Episódios nos quais Maria é a mulher, a mãe e a discípula. Aquela que convoca a todos ao seguimento de seu Filho. “*Fazei tudo o que Ele vos disser.*”

E podemos, hoje, perguntar: o que Jesus Cristo nos convida a viver hoje? Iniciamos, assim, com o *conhecer*, conhecimento de si mesmo, um trabalho para a vida toda. E, nesse caminho de conhecimento, encontramos Jesus Cristo e Maria:

O conhecer aponta para a nossa capacidade de ver e compreender a realidade, aponta para a nossa inteligência e o nosso raciocínio, para a nossa maneira de olhar as pessoas e as coisas, para as nossas abordagens e estruturas de interpretação. Aponta para o nosso esforço no compreender a vida, para a nossa intuição, para a experiência que se torna sabedoria, para a nossa compreensão da beleza e do mistério da natureza, para a nossa capacidade de discernir os sinais da história e da nossa própria vida. E aponta também para o nosso modo de conhecer Deus, Jesus Cristo, o Espírito Santo, Maria, o mistério do Reino.⁶⁴⁴

Ao conhecer a própria vida, a história, o nascimento, a cultura, fatos marcantes no âmbito da política, da economia, enfatizamos as marcas da experiência vivida, bem como as marcas que deixam recordações e cicatrizes que carregamos em nosso corpo. É um mistério único: o nascimento, e todo o conhecimento que é adquirido durante a vida. Podemos pensar se nossa vida é um caminhar, ou, então, como a vivemos? Aqui podemos pensar no ser, viver, estar e atuar no mundo. A coerência de vida.

Tal caminho tem uma origem e sempre um novo começo ou recomeço, até a chegada na presença d’Aquele que, por amor criou o ser humano à sua imagem e semelhança. Podemos afirmar que a vida é um mistério, desde o seu início.

⁶⁴⁴ MADUEÑO, M. Siguiendo a Jesús con Maria, p. 7-8 (T.A)

E nesse caminhar da vida, vamos atravessando diferentes etapas e ciclos. Um caminho que percorremos com diferentes ritmos e estilos de caminhar. Um caminho que, algumas vezes, causa-nos cansaço, noutras, entusiasmo. Vivemos a alegria do êxito e a dor do fracasso. Uma estrada em que às vezes estamos sozinhos e, às vezes, com outros, numa jornada em que necessitamos de provisão para seguir a marcha, com algumas paradas para o necessário descanso. Um caminhar no silêncio, escuta, abertura, atenção e discernimento.

Dizer que a vida é um caminho é entendê-la como um processo, como uma história de evolução crescente, com um desenvolvimento permanente - como vimos na vida e missão do Pe. Chaminade e do Papa Francisco. Processo, história e desenvolvimento que dependem da liberdade e de uma resposta ao amor de Deus por cada pessoa, criada à sua imagem e semelhança.

A partir desse “olhar” para a história de vida, vamos agora olhar para Jesus Cristo, o Filho de Deus, que se fez Filho de Maria para a Salvação da Humanidade:

A todos nos toca recomeçar a partir de Cristo, reconhecendo que não se começa a ser cristão por uma decisão ética ou uma grande idéia, mas pelo encontro com um acontecimento, com uma Pessoa, o que dá um novo horizonte à vida e, com isso, uma orientação decisiva.⁶⁴⁵

Somos de uma mesma família humana, como discípulos e seguidores de Jesus Cristo e, para segui-lo, precisamos conhecer e assumir Seu projeto de vida: “Sonhemos com uma única humanidade, como caminantes da mesma carne humana, como filhos dessa mesma Terra (...), cada qual com a riqueza da sua fé ou das suas convicções, cada qual com a própria voz, mas todos irmãos.”⁶⁴⁶

Para conhecer a Jesus, precisamos fazer como Maria: escutar e acolher a Palavra. Como escutamos e acolhemos a Palavra? Respondendo ao questionamento, deve-se supor uma atitude de fé e abertura ao Deus Criador que nos comunica pela Natureza, pelas pessoas, pelo silêncio, pelos acontecimentos, pela experiência de um encontro, um sorriso. E, também, nos momentos de dificuldades e incertezas, precisamos voltar a viver “a harmonia entre o Criador, a Humanidade e toda a Criação.”⁶⁴⁷:

⁶⁴⁵ DAp 12

⁶⁴⁶ FT 8

⁶⁴⁷ LS 66

Jesus retoma a fé bíblica no Criador e destaca um dado fundamental: de que Deus é Pai (cf Mt 11, 25). Em colóquio com os discípulos, Jesus convida-os a reconhecer a relação paterna que Deus tem com todas as criaturas e recordava-lhes, com comovente ternura, como cada uma delas era importante aos olhos d'Ele.⁶⁴⁸

Maria, mãe de Jesus, na Anunciação, vive uma profunda experiência de fé, por sua escuta atenta, sua abertura consciente à graça de Deus:

Em Maria, a maternidade divina é obra de sua fé (cf Lc 1 45, 11,27ss). E não é, portanto, um simples processo biológico; obra de fé que não é simplesmente um fato da história particular, mas a realização da sua maternidade divina. É, portanto, o acontecimento central da história da Salvação.⁶⁴⁹

Tendo tratado acima do caminho humano, cabe-nos, também, realçarmos o caminho de fé, em que somos chamados a crer como Maria. Em Maria, a fé é a abertura incondicional a Deus; é a escuta permanente de Deus, que é Palavra e chamado, capaz de fazer sentir Sua presença nas pessoas e nos acontecimentos. É obediência e fidelidade; é horizonte de compreensão da vida e da história; é testemunho da alegria e crescimento humano; é decisão plenamente livre e serenamente madura; é força para lutar contra as adversidades da vida, sendo um testemunho da Verdade. É a capacidade de suportar a dor por amor: “a fê de Maria é um fruto da graça e da Palavra divina. Maria se entrega com toda a confiança às verdades das promessas do Senhor”⁶⁵⁰

Olhando a Jesus de Nazaré, Sua vida, Seus ensinamentos, Sua missão, Sua morte de cruz e Ressurreição: ele é um homem de seu tempo, o Filho de Deus, nascido de uma mulher, a Maria de Nazaré. E Maria de Nazaré nos ensina a conhecer a Jesus:

Da mesma maneira que Maria foi educando e transmitindo a Jesus tudo o que ela era e vivia, Jesus foi formando Maria como discípula e seguidora, como a primeira cristã. O Espírito de Jesus encontrou em Maria uma docilidade insuperável e uma colaboradora inteligente e ativa, para ir modelando nela os traços da nova criatura, modelo e Mãe dos redimidos. O esforço do cristão para ir penetrando, pouco a pouco, no “sublime conhecimento de Cristo” (Fl 3, 7) encontra em Maria um caminho excelente e um modelo acessível e atrativo.⁶⁵¹

⁶⁴⁸ LS 96

⁶⁴⁹ RAHNER, K. María, madre del señor, p.14 (T.A)

⁶⁵⁰ MADUEÑO, M. Siguiendo a Jesús con Maria, p. 61 (T.A)

⁶⁵¹ MADUEÑO, M. Siguiendo a Jesús con Maria, p.81-82 (T.A)

O conhecer a Jesus Cristo, como vimos no decorrer da pesquisa, é uma experiência de um encontro pessoal única; não se trata de um conhecimento apenas racional, intelectual, mas fruto de uma experiência vivida. E essa experiência é capaz de transformar a vida e o jeito de se olhar a realidade e o cotidiano, gerando novos sentimentos e atitudes de amor, fraternidade e testemunho coerente de interação entre fé e vida. Tal interpretação, memória e recepção da experiência, é expressa no ordinário da vida e na fé da Igreja:

A experiência cristã de Deus é uma experiência necessariamente sacramental e mediada; em Jesus Cristo, sacramento originário de Deus, na Igreja continuadora sacramental da presença do Senhor na história, corpo místico de Jesus Cristo no mundo, na celebração cultual de sua presença, na escuta de sua Palavra e na forma de vida, a prática do amor e o serviço aos irmãos.⁶⁵²

Nesse caminhar da vida, encontramos Maria, a perfeita seguidora e discípula, cujas virtudes – no dizer de Pe. Chaminade –, devemos imitar, para chegar à conformidade com Cristo. Por isso a importância de também conhecer Maria, como uma pessoa viva, concreta, não apenas como objeto de estudo, considerando que ela também vivera uma experiência do mistério de Deus no Filho, no cotidiano de sua vida:

Queria ele assim, que o conhecimento de Maria fosse toda uma proposta de vida e desejava que essa proposta fosse sustentada pelas sólidas verdades da fé, de modo que a relação do crente, do cristão, com Maria fosse claramente conforme o Evangelho e os ensinamentos da Igreja.⁶⁵³

A esse respeito, Francisco ensina-nos que Maria é a jovem de Nazaré que disse “sim” ao projeto de Deus. Ela é a mãe que soube acompanhar a dor do Filho; é a mulher orante e trabalhadora que sabe reconhecer a presença do Espírito de Deus em todos os acontecimentos; é a primeira discípula missionária, a mulher de fé. Por isso, todos nós podemos, como ela, aprender a reconhecer a presença de Deus nos acontecimentos da vida e, pela fé, testemunhar a ação misericordiosa do Pai na vida de todos, em especial dos pobres:

No coração da Igreja resplandece Maria. Ela é o grande modelo para uma Igreja jovem, que quer seguir a Cristo com frescor e docilidade. Quando era muito jovem,

⁶⁵² VELASCO, J.M. A experiência cristã de Deus, p. 107 (T.A)

⁶⁵³ CARDENAS, E. Itinerario Mariano de Guillermo José Chaminade, Misionero de Maria, p.415. (T.A)

recebeu o anúncio do Anjo e não deixou de fazer perguntas (Lc 1, 34). Mas ela tinha a alma disponível e disse: “Eis aqui a serva do Senhor.” (Lc 1, 38).⁶⁵⁴

O *conhecer* Maria, a mãe de Jesus Cristo, significa entrar na dinâmica de sua vida “como pessoa humana, ativa, que, em meio às incertezas e sofrimentos da vida cotidiana, aceitou com fé, esperança e amor seu papel na história da Salvação. Por isso mesmo é modelo e Mãe dos fiéis.”⁶⁵⁵ O conhecimento de Jesus Cristo, por sua vez, leva-nos a conhecer Maria, que leva-nos a viver o seguimento de seu Filho.

Se vivemos uma experiência do mistério de Deus em Cristo, uma mística cristã, podemos viver uma experiência do mistério de Cristo inspirada em Maria, pois ela sempre nos conduz a Jesus e ao seu seguimento, e essa experiência do mistério tem seu resultado no viver o testemunho e compromisso, na missão evangelizadora da comunidade, da Igreja, povo fiel de Deus.

Conhecer é acolher o dinamismo da vida, associado à vida de Jesus Cristo, por sua Encarnação no ventre de Maria. E esse conhecimento significa, sobretudo, o conhecer a si mesmo e conhecer a Deus: trata-se de conhecer nosso “eu” interior, para assim viver na presença de Deus e dos demais.

Conhecendo o que de fato nos move, o que em nós é novo, quais são os objetivos de nossa vida? Qual é a novidade que desponta a partir da experiência vivida? Como deixar que Jesus Cristo cresça em nós? O conhecimento é vida “Agora, porém, vou para junto de ti e digo isso no mundo, a fim de que tenham em si minha plena alegria” (Jo 17, 13). O conhecimento tem também consequências:

Lembrai-vos da Palavra que vos disse: O servo não é maior que seu senhor. Se eles me perseguiram, também vos perseguirão; se guardaram minha Palavra também guardarão a vossa. Mas tudo isso eles farão contra vós, por causa do meu nome, porque não conhecem quem me enviou. (Jo 15 20-21)

“Se conhecer” é deixar o velho homem e abrir-se ao novo, pelo conhecimento de si mesmo. O amar é o identificar a vida com o a vida de Jesus Cristo, que passou pelo mundo ensinando e fazendo o bem e morreu na cruz, pois “nem qualquer outra criatura poderá nos separar do amor de Deus manifestado em Cristo Jesus, nosso Senhor.” (Rm 8, 29)

⁶⁵⁴ CV 43

⁶⁵⁵ COYLE, K. Maria tão plena de Deus e tão nossa, p. 200.

No mistério da morte de Cristo na cruz, está a salvação de todos. Mistério de amor e de solidariedade para com todos os que sofrem a injustiça, a indiferença, a violência, tudo o que nos afasta do amor de Deus. Pois o amor se traduz em gestos de compaixão, solidariedade, acolhida, paz, os quais, sempre nos fazem “sair” de nós mesmos e “ir” ao encontro dos demais:

Amar aponta para a área do coração e do relacionamento com os outros. À nossa maneira de falar e ouvir, de respeitar e ajudar, de dar e deixar que os outros nos dêem. Aponta para o mundo dos nossos sentimentos e sua manifestação. À nossa maneira de sentir atração ou rejeição, à nossa relutância em nos tornarmos o centro de tudo ou à nossa luta para nos descentrarmos em favor dos outros. Às nossas motivações e à nossa liberdade. À responsabilidade com que conduzimos o nosso processo de integração e amadurecimento. E também aponta para o nosso amor por Deus e pelos filhos de Deus.⁶⁵⁶

A cruz também é sinal de integração, pois nos aponta para o coração, para o nosso interior, habitado pelo bem e pelo mal; pela luz e pelas trevas; pela alegria e pela tristeza. Contudo, somos chamados a reconhecer e integrar tudo o que nos impede e paralisa de viver o que estamos chamados a ser no mundo: imagem e semelhança de Deus. E Deus é amor!

Maria viveu o desígnio de amor, aceitando ser mãe e permanecendo fiel a esse amor até o sofrimento terrível da morte do Filho na cruz. Por isso, é modelo de perfeita discípula, por sua fé, amor e esperança. “Na Virgem Maria, de fato, tudo é relativo a Cristo e depende d’Ele: foi em vista d’Ele que Deus Pai (...) a escolheu Mãe toda santa e a exonerou com dons do Espírito a ninguém concedidos.”⁶⁵⁷:

Toda sua existência é uma plena comunhão com seu Filho. Ela deu seu “sim” a esse desígnio de amor. Aceitou-o livremente na Anunciação e foi fiel à Palavra dada até o martírio no Gólgota. Foi a fiel companheira do Senhor em todos os caminhos. A maternidade divina levou-a a uma entrega total. Foi uma doação generosa, cheia de lucidez e permanente, unida a uma história de amor a Cristo: íntima e santa, uma história que culmina na glória.⁶⁵⁸

O caminho da vida cristã é um caminho de descobrimento, de conhecimento, de amor, de seguimento e anúncio de Jesus Cristo. “Se conhecer” é abrir-se a graça de Deus, pelo conhecimento de si mesmo. O amar é vencer todos os obstáculos

⁶⁵⁶ MADUEÑO, M. Siguiendo a Jesús con Maria, p.8 (T.A)

⁶⁵⁷ MC 25

⁶⁵⁸ DP 292

tanto na dimensão interior como no exterior - assim como proposto no “sistema de virtudes”. Quando vencemos os obstáculos do caminho, crescemos nas virtudes de: confiança, esperança, paciência, e vamos nos tornando sensíveis e conscientes da ação do Espírito. “O Espírito Santo é quem nos conduz à conformidade com Cristo, e nos faz viver a própria vida d’Ele.”⁶⁵⁹

Somos seguidores de Cristo crucificado. Para nos realizarmos como pessoas e vivermos como discípulos de Jesus, temos que percorrer o caminho da cruz, assumindo o sofrimento. O que o Pai quer diretamente para o seu Filho não é a cruz. O que o Pai quer do seu Filho é o amor fiel aos homens até o fim, até às últimas consequências. Não é o sangue que salva, mas o amor de Deus que não cessa, mesmo diante da cruz.⁶⁶⁰ A imagem da cruz, é, assim, uma identificação com Cristo, expressão do amor do Pai, que se manifesta não no sangue, mas no amor. Esse caminho de amor, que passa pela cruz, o vivemos nos pequenos e grandes acontecimentos, no cotidiano da vida.

Maria, como mãe, acompanha-nos com solicitude maternal, conduzindo-nos a um caminhar na fé, em meio aos sofrimentos e desafios da vida. Aqui, podemos destacar a devoção à Maria, seu amor, sua proteção a que recorreremos quando estamos em dificuldades. “Todos os bens que recebemos trazem a marca do amor e da ternura da nossa Mãe (...). Devemos-lhe, portanto, testemunhos contínuos de gratuidade, pois a sua solicitude cuida de nós, continuamente.”⁶⁶¹:

Em Maria há o que é mais nobre na mulher: a capacidade do amor gratuito, altruísta, o impulso à doação generosa pelo bem dos outros. Maria exalta a primeira fonte de toda maternidade física ou espiritual: o amor gratuito, a dedicação generosa a uma vida sobre a qual não se possui nenhum título de propriedade privada. A realização pessoal passa inevitavelmente pelo amor prestativo. Maria ensina ainda que o amor materno feito de dedicação, de desejos e possibilidades pessoais não se reduz a uma tarefa inconsequente, uma forma de frustração e condenação à monotonia da vida rotineira, mas, livremente assumido e vivido com a motivação de horizontes amplos, constitui uma forma privilegiada de realização pessoal.⁶⁶²

Em Maria, o amor fez-se amadurecer, chegando a um admirável equilíbrio e plenitude – o que a fez crescer em sensibilidade e intuição para as necessidades dos demais. Dotada de uma capacidade de escuta, de criatividade, soube preencher a

⁶⁵⁹ HAKENEWERTH, Q. Manual de Espiritualidad Marianista, p.100 (T.A)

⁶⁶⁰ OTAÑO, I. Lectura del Método de Virtudes Hoy, p. 147 (T.A)

⁶⁶¹ CHAMINADE, G.J. Escritos Marianos I, n. 245, p.225 (T.A)

⁶⁶² MADUEÑO, M. Siguiendo a Jesús con Maria, p.100 (T.A)

rotina do dia a dia, com atenção, carinho e acolhida para com todos. “Maria é aquela que sabe transformar um curral de animais na casa de Jesus, com uns pobres paninhos e uma montanha de ternura.”⁶⁶³

O amor, em Maria, a fez crescer e viver na verdadeira liberdade, com Jesus ao seu lado. No caminho humano de integração e de liberdade, vemos, em Maria, um estímulo e modelo de mulher feliz, alegre, integrada e integradora.

Jesus na cruz entrega-nos Maria como mãe. A presença de Maria no Calvário, quando todos abandonam Jesus Crucificado, é o testemunho definitivo de seu amor e fidelidade. “Ela é a Mestra da fé, a Senhora da Fidelidade, a Estrela da Evangelização, a primeira discípula, o melhor caminho para seguir o Caminho que é Jesus”.⁶⁶⁴

Depois do *conhecer* e *amar*, chegamos ao *servir*, a missão de se colocar a caminho, o sair e ir ao encontro de todos, para anunciar Jesus Cristo. A missão evangelizadora da Igreja:

Servir aponta para a nossa ação, para as nossas conquistas, para a nossa forma de usar o tempo. À nossa hierarquia de valores e à coerência entre nossos ideais, palavras e ações. Aponta para a projeção da nossa vida na comunidade e para a nossa capacidade de colaborar em projetos que transcendem os interesses pessoais. Aponta para a nossa forma de abordar o poder, o prestígio e a fama. E aponta também para a nossa dedicação aos interesses do Pai e do Reino, e o nosso compromisso com a missão.⁶⁶⁵

A vida e a missão de Jesus foi um colocar-se a serviço com humildade. “A atitude de serviço é a atitude mais humana e a maior glória do homem, pois por trás dela está o amor, cuja expressão mais genuína é o serviço.”⁶⁶⁶ Maria, como vimos, logo após seu “sim”, sai e vai ao encontro de Isabel, levando consigo a presença e a novidade de Jesus. Hoje, também, o cristão tem a missão de levar a novidade de Jesus para todos. Como Maria, o cristão deve assumir o serviço missionário com sensibilidade, simplicidade e alegria,

A presença de Maria nas Bodas de Caná é uma presença atenta e disponível, que observa e acompanha e é capaz de sentir a ausência da alegria, pela falta do vinho. Maria indica sempre Jesus:

⁶⁶³ EG 286

⁶⁶⁴ MADUEÑO, M. Siguiendo a Jesús con Maria, p.123 (T.A)

⁶⁶⁵ MADUEÑO, M. Siguiendo a Jesús con Maria, p.8 (T.A)

⁶⁶⁶ MADUEÑO, M. Siguiendo a Jesús con Maria, p.146 (T.A)

Maria quer levar Jesus para todos os lugares. Ela não disse em Caná: “Estejam tranquilos, deixem tudo nas minhas mãos, que eu resolverei.” Não, ela falou discretamente com seu Filho e depois disse aos servidores: “*Fazei tudo o que Ele vos disser*” (cf Jo 2, 5). O dedo de Nossa Senhora sempre está apontando para Jesus. Maria jamais disse: “Pode deixar que eu resolvo isso, tenho a solução.” Ela indica sempre Jesus.⁶⁶⁷

Nas Bodas de Caná, Maria é solidária com a necessidade da falta do vinho. Também na missão evangelizadora da Igreja, quantas são as necessidades a serem atendidas no aspecto econômico, social, cultural, político, eclesial!

A proposta evangelizadora e libertadora do Senhor afeta toda a pessoa e todos os povos, e tem claras implicações sociais, econômicas e políticas moralmente assépticas. Todas elas – vistas a partir da fé – são a favor ou contra o Evangelho, na medida em que favorecem o desenvolvimento integral da pessoa ou a marginalizam e excluem.⁶⁶⁸

O discípulo missionário, na realidade de hoje, deve, assim, estar convicto de que a Palavra e a pessoa de Jesus Cristo são libertadoras; estar conectado com a realidade no âmbito histórico e social; ter a sensibilidade de Maria, diante dos problemas atuais do mundo; afirmar, sem medo, a identidade de cristão seguidor e discípulo de Jesus Cristo; sentir-se membro vivo da Igreja cuja missão é anunciar o Evangelho.

Ao recomendar aos servidores em Caná “Fazei tudo o que Ele vos disser” (Jo 2, 5), Maria ensina-nos: “a convicção absoluta de que Jesus é a resposta definitiva a todas as necessidades e problemas da Humanidade; (...) a disponibilidade para assumir e realizar as tarefas missionárias que Jesus nos proponha.”⁶⁶⁹:

Nossa missão é grande, é magnífica! Se é universal é porque somos missionários de Maria, que nos disse: “*Fazei tudo o que Ele vos disser.*” Sim, somos todos missionários. A Santíssima Virgem confiou a cada um de nós a missão de trabalhar pela Salvação dos nossos irmãos no mundo.⁶⁷⁰

Para viver essa missão, de discípulo missionário no mundo, a fé é a virtude fundamental e todo o exercício ascético deve estar em função dela. Outros aspectos relevantes: a vida de oração, a vida em comunidade; a participação na vida sacramental da Igreja – considerando a fé cristã-católica como uma fé sacramental.

⁶⁶⁷ FRANCISCO, PP, Ave Maria, p. 107

⁶⁶⁸ MADUEÑO, M. Siguiendo a Jesús con Maria, p.150 (T.A)

⁶⁶⁹ MADUEÑO, M. Siguiendo a Jesús con Maria, p.187 (T.A)

⁶⁷⁰ CHAMINADE, G.J. Escritos Marianos II, n. 82, p. 44. (T.A)

Nesse caminho de formação humana e espiritual, vimos: o conhecer como um caminho para o autoconhecimento e a vida de fé; o amar, a integração humana dos movimentos internos e externos; um caminho para a liberdade e a virtude da esperança; o servir marcado pelo amor fraterno, e a virtude da caridade. O objetivo desse caminho de formação humana e espiritual – o conhecer, amar e servir –, é chegar à conformidade com Jesus Cristo, Filho de Deus e Filho de Maria.

A partir do tópico abaixo, vemos um avanço na vida e missão do Papa Francisco em relação ao Pe. Chaminade, por isso, não seguiremos com o diálogo, mas apresentaremos as propostas de Francisco para a formação de discípulos missionários a partir do educar para cuidar, a ecologia integral e a presença de Maria como sinal de esperança, com o sonho de caminhar juntos pela paz, justiça e integridade da criação. Com Maria na comunhão dos santos e Maria no diálogo ecumênico, desafios para uma Igreja sinodal são apresentados.

5.2.2 Educar para cuidar – ecologia integral

O educar é sempre um ato de esperança e de transformação de uma lógica da indiferença, para a capacidade de acolher a nossa pertença à casa comum. “Sentimos o desafio de descobrir e transmitir a mística de viver juntos, misturar-nos, encontrar-nos, dar o braço, apoiar-nos, para participar desta maré um pouco caótica que pode transformar-se numa verdadeira experiência de fraternidade.”⁶⁷¹

O Papa Francisco, com o Pacto Educativo Global, propõe-nos uma visão de unidade na diferença: um novo pensar. “O primeiro princípio indispensável para a construção de um novo humanismo é, portanto, o da educação para um novo pensamento, capaz de unir diversidade e unidade, igualdade e liberdade”⁶⁷². Na construção de um pacto educacional, a importância e o valor da relação educacional não são o professor a educar o aluno com uma transmissão unidirecional, nem o aluno a construir o seu próprio conhecimento, mas sim o relacionamento deles que os educa mutuamente, em um intercâmbio dialógico: é preciso agir, sempre, ligando a cabeça, ao coração. “O coração está verdadeiramente aberto a uma comunhão

⁶⁷¹ EG 87

⁶⁷² FRANCISCO, PP. Pacto Educativo Global. *Instrumentum Laboris*.

universal e ninguém fica excluído dessa fraternidade.”⁶⁷³ E acrescenta que o mundo pode mudar, e esse é o desejo humano, especialmente o dos mais jovens:

É hora de ouvir o clamor que nasce do fundo do coração de nossos jovens. É um grito de paz, de justiça, de fraternidade, de indignação, de responsabilidade e de compromisso de mudar, contra todos os frutos perversos gerados pela atual cultura do descartável.⁶⁷⁴

E a mudança é possível quando a missão da educação se estabelece com o esforço da sociedade para criar uma rede de relações humanas e abertas, estabelecendo uma “aldeia da educação”⁶⁷⁵, na qual é necessária a coragem de se colocar a pessoa no centro, a coragem de investir as melhores energias com criatividade e responsabilidade e a coragem de formar pessoas disponíveis para o serviço da comunidade, na qual a educação é “chamada a criar uma cidadania ecológica.”⁶⁷⁶

Educar para servir, educar é servir: eis a dimensão central do serviço ao próximo e à comunidade, como instrumento e como finalidade da própria educação. “Uma educação a serviço *versus* uma educação como serviço”, segundo a qual o próximo é tanto o caminho, quanto a meta do caminho da educação.⁶⁷⁷ Educação e formação, assim, tornam-se prioritárias pois ajudam as pessoas a se tornarem protagonistas diretos e construtores do bem comum e da paz.

Encontramos, no capítulo VI da Encíclica *Laudato Si*: Educação e espiritualidade ecológicas, um apelo à necessidade de formar um novo tipo de pessoa, uma tarefa de todos: “a Humanidade precisa mudar, E para mudar precisa ter consciência de uma origem comum, com novas atitudes e novos estilos de vida e com um grande desafio cultural, espiritual e educativo.”⁶⁷⁸:

A atitude basilar de autotranscender, rompendo com a consciência isolada e a auto-referencialidade, é a raiz que possibilita todo o cuidado para com os outros e com o meio ambiente; e faz brotar a reação moral de ter em conta o impacto que possa provocar cada ação e decisão pessoal fora de si mesmo. Quando somos capazes de superar o individualismo, pode-se realmente desenvolver um estilo de vida alternativo e tornar possível uma mudança relevante na sociedade.⁶⁷⁹

⁶⁷³LS 92

⁶⁷⁴ FRANCISCO, PP. Pacto Educativo Global. *Instrumentum Laboris*.

⁶⁷⁵ FRANCISCO, PP. Pacto Educativo Global. *Instrumentum Laboris*.

⁶⁷⁶ LS 211

⁶⁷⁷ FRANCISCO, PP. Pacto Educativo Global. *Instrumentum Laboris*.

⁶⁷⁸ LS 202

⁶⁷⁹ LS 208

Para viver uma conversão ecológica e superar o individualismo e viver uma
sã relação:

Recordemos o modelo de São Francisco de Assis, para propor uma sã relação com a Criação como dimensão da conversão integral da pessoa. Isso exige também reconhecer os próprios erros, pecados, vícios ou as negligências, e arrepende-se de coração, mudar a partir de dentro.⁶⁸⁰

A partir da superação do individualismo, podemos pensar numa educação ecológica.

- Colocando a pessoa no centro de um processo educativo;
- Promovendo seu valor e sua singularidade para emergir a sua especificidade, a sua beleza, sua singularidade e, ao mesmo tempo, sua capacidade de estar em relação com os outros e com a realidade que a rodeia;
- Rejeitando os estilos de vida que favorecem a difusão da cultura do descarte;
- Promovendo uma cultura do cuidado, do bem comum, do amor:

Esse amor pode gerar estruturas sociais que nos encorajam a partilhar, em vez de competir, que nos permite incluir os mais vulneráveis, em vez de os descartar, e que nos ajudam a expressar o melhor da nossa natureza humana e não o pior. O verdadeiro amor não conhece a cultura do descarte, não sabe o que é isso. De fato, quando amamos e geramos criatividade, quando geramos confiança e solidariedade, então emergem iniciativas concretas para o bem comum.⁶⁸¹

Nesse caminho de uma ecologia integral, a espiritualidade cristã propõe um caminho de crescimento, uma experiência de paz interior, que consiste em alargar a nossa compreensão da paz – que é muito mais do que a ausência de guerra.

A paz interior “tem muito a ver com o cuidado para com a ecologia e o bem comum; porque autenticamente vivida, reflete-se num equilibrado estilo de vida aliado à capacidade de admiração que leva à profundidade da vida.”⁶⁸² Uma experiência mística, com atitudes de vida e amor para com todos. Uma singela “atitude do coração, que vive tudo com serena atenção, que sabe manter-se plenamente presente diante de uma pessoa (...), que se entrega a cada momento como um dom divino que se deve viver em plenitude.”⁶⁸³:

⁶⁸⁰ LS 218

⁶⁸¹ FRANCISCO, PP., Audiência Geral no pátio São Dâmaso em 09 set. 2020.

⁶⁸² LS 225,

⁶⁸³ LS 226,

Jesus ensinou-nos essa atitude, quando nos convidava a olhar os lírios do campo e as aves do céu, ou quando, na presença de um homem inquieto, “fitando nele o olhar, sentiu afeição por ele” (cf Mc 10, 21). Com certeza Ele estava plenamente presente diante de cada ser humano e de cada criatura, mostrando-nos assim um caminho para superar a ansiedade doentia que nos torna superficiais, agressivos e consumistas desenfreados.⁶⁸⁴

Jesus ensina-nos a crescermos em sensibilidade, no cuidado de uns para com os outros, e no cuidado com a Natureza. E isto implica na capacidade de estar e viver juntos, sermos pessoas de comunhão, tornando presente o amor fraterno:

O amor, cheio de pequenos gestos de cuidado mútuo, é também civil e político, manifestando-se em todas as ações que procuram construir um mundo melhor. O amor à sociedade e o compromisso pelo bem comum são formas eminentes de caridade, que toca não só as relações entre indivíduos, mas também as macro relações, como relacionamentos sociais, econômicos, políticos.⁶⁸⁵

Neste ínterim, a Encíclica *Laudato Si*, convida-nos:

1º) A tomar consciência da complexidade da crise ecológica, em suas múltiplas causas, e ousar transformar, viver um processo de uma conversão ecológica que venha a combater tudo o que causa o sofrimento humano, bem como o do meio ambiente.

2º) A tomar consciência da necessidade de uma “ecologia integral que inclua as dimensões humanas e sociais.”⁶⁸⁶ “Não há duas crises separadas uma ambiental e outra social, mas uma única e complexa crise socioambiental.”⁶⁸⁷ “É necessário recorrer também às diversas riquezas culturais dos povos, à arte e à poesia, à vida interior e à espiritualidade”⁶⁸⁸, para construirmos um diálogo entre fé e razão e, juntos, encontrarmos caminhos para o cuidado da casa comum:

Mas, hoje não podemos deixar de reconhecer que “uma verdadeira abordagem ecológica sempre se torna uma abordagem social que deve integrar a justiça nos debates sobre o meio ambiente, para ouvir o clamor da Terra, bem como o clamor dos pobres.”⁶⁸⁹

⁶⁸⁴ LS 226

⁶⁸⁵ LS 231

⁶⁸⁶LS 137

⁶⁸⁷ LS 139

⁶⁸⁸ LS 63

⁶⁸⁹ LS 49

A ecologia integral nasce da plena consciência de “que tudo está relacionado e interligado.”⁶⁹⁰ Se tudo está relacionado, também o estado de saúde das instituições de uma sociedade tem consequências no ambiente e na qualidade de vida humana. “Toda lesão da solidariedade e da amizade cívica provoca danos ambientais”⁶⁹¹:

Paz, justiça e conservação da Criação são três questões absolutamente ligadas, que não se poderão separar tratando-as individualmente sob pena de cair novamente no reducionismo. Tudo está relacionado, e todos nós, seres humanos, caminhamos juntos como irmãos e irmãs numa peregrinação maravilhosa, entrelaçados pelo amor que Deus tem a cada uma das suas criaturas e que nos une também, com terna afeição, ao irmão sol, à irmã lua, ao irmão rio e à mãe terra.⁶⁹²

Com essa imagem de cuidado e afeição a toda a Criação, que vivenciou e ensinou São Francisco de Assis, e com a consciência de que tudo está interligado, podemos sonhar com um mundo novo, no qual todos vivam com dignidade, fraternidade, sendo construtores de uma cultura do encontro e da paz.

5.3

Maria, sinal de esperança

Caminhar juntos pela paz, justiça e integridade da Criação

Maria, sinal de esperança, é aquela que, pela experiência de fé e por sua vida de caridade, nunca perdeu a alegria e a esperança. Ela é nosso modelo de um caminhar com ânimo, em meio aos desafios do cotidiano. “Unida à fé e à caridade, a esperança projeta-nos para um futuro certo, (...) que dá novo impulso e nova força à vida de todos os dias.”⁶⁹³:

Ela é a serva humilde do Pai, que transborda de alegria no louvor. É a amiga sempre solícita para que não falte o vinho na nossa vida. É aquela que tem o coração trespassado pela espada, que compreende todas as penas. Como Mãe de todos, é sinal de esperança para os povos que sofrem as dores do parto até que germine a justiça.⁶⁹⁴

Na Exortação Apostólica pós-sinodal “Querida Amazônia”, dirigida ao povo de Deus e a todas as pessoas de boa vontade, o Papa Francisco nos apresenta quatro

⁶⁹⁰ LS nn.16, 70,91, 92,117,120,138,142,240

⁶⁹¹ LS 142

⁶⁹² LS 92

⁶⁹³ LF 57

⁶⁹⁴ EG 286

sonhos dirigidos à Amazônia e a todas as pessoas que vivem na esperança de um mundo de todos e para todos, sem muros, mas com pontes a favorecer a inclusão, o respeito, o cuidado e o caminhar juntos na esperança chegar a “um novo céu e uma nova Terra.” (Ap 21, 1). Na conclusão da Exortação, o Papa Francisco faz questão de destacar Maria, “a Mãe da Amazônia”:⁶⁹⁵

Porque o Senhor quis manifestar o Seu poder e o Seu amor através de dois rostos humanos: o de seu divino Filho feito homem e o de uma criatura que é mulher, Maria. As mulheres prestam à Igreja a sua contribuição, segundo o modo que lhes é próprio e prolongando a força e a ternura de Maria, a Mãe.⁶⁹⁶

Francisco sonha com um “caminhar juntos” sem perder a esperança, assim como Maria, que, mesmo diante das adversidades da vida, não perdeu a esperança, pois soube “*descentrar e transcender*,”⁶⁹⁷ o “sair” de si mesma abrindo um novo horizonte... com um peregrinar na fé, no amor e na caridade.

Maria é uma mulher que ouve: não se esqueçam de que existe sempre uma grande relação entre a esperança e a escuta, e Maria é uma mulher que ouve. Ela acolhe a existência tal como se apresenta a nós, com seus dias felizes, mas também com suas tragédias que nunca gostaríamos de ter encontrado. Até à noite suprema em que o seu Filho foi pregado na cruz.⁶⁹⁸

Vemos, assim, a mulher Maria, sob a dimensão humana, situada em seu tempo. Alguém que soube escutar, acolher e viver um peregrinar na fé, com as alegrias, as tristezas e as incertezas. Ao ser habitada por Deus, pela Encarnação de Jesus Cristo, assumiu com fidelidade e obediência o ser a mãe do Filho de Deus.

O tema desse tópico é atual quando tratamos da época do Pe. Chaminade, em especial o tema da justiça, paz e integridade da Criação – JPIC –, nascido na Igreja Católica, nomeadamente na Encíclica Social *Rerum Novarum*, do Papa Leão XIII, de 1891. Assim como dos avanços dos estudos da mariologia que surgiram a partir do Concílio Ecumênico Vaticano II (1962-1965), e dos tempos atuais no pontificado do Papa Francisco.

O que vemos importante de se destacar é que o Pe. Chaminade contribuiu para uma teologia mariana, centrada na Sagrada Escritura, e uma devoção na qual

⁶⁹⁵ QA 111

⁶⁹⁶ QA 101

⁶⁹⁷ FRANCISCO, PP. Vamos sonhar junto, p. 145

⁶⁹⁸ FRANCISCO, PP. Ave Maria, p. 101-102

Maria é a mulher forte na fé e perfeita discípula missionária. Por isso, para ele é de suma importância se imitar as virtudes de Maria, para se poder chegar à conformidade com Cristo.

Nos tópicos a seguir, perceberemos um avanço na reflexão do Papa Francisco em relação ao Pe. Chaminade, notadamente nos tópicos *Maria e o diálogo ecumênico* e *Maria e o caminho sinodal da Igreja*. Vemos a atualidade na reflexão do Papa Francisco, sua abertura e ação para o diálogo ecumênico e o sonho de caminhar juntos por um mundo melhor.

5.3.1 Maria, na comunhão dos santos

Maria é sinal de esperança, ícone da Igreja e Mãe dos crentes. Deus se fez carne por meio dela e, começando a fazer parte de um povo, constituiu-se o centro da história:

A Anunciação é um acontecimento de fé. Dramaticamente, a resposta livre e autônoma dessa camponesa pobre e não-convencional, abre um novo capítulo na história de Deus com o mundo. É a fé de Maria que permite a entrada de Deus na história.⁶⁹⁹

Maria é o ponto de união entre o céu e a Terra. "Sem Maria desencarna-se o Evangelho, desfigura-se e transforma-se em ideologia, em racionalismo espiritualista."⁷⁰⁰ "Nesse ínterim a mãe de Jesus, tal como está nos céus, já glorificada de corpo e alma, é a imagem e o começo da Igreja como deverá ser consumada no tempo futuro."⁷⁰¹

Maria viveu, como ninguém, as bem-aventuranças de Jesus. Estremecia de júbilo na presença de Deus e conservava tudo em seu coração, sendo a abençoada entre todos os santos e santas. "Ela nos mostra o caminho da santidade e nos acompanha"⁷⁰², Como mãe e discípula:

É ela que, por definição, está à frente daqueles de quem Cristo disse que são "felizes porque escutam a Palavra de Deus e a observam"(cf Lc 11, 28; cf. 8,21). Essa preeminência aparece no fato de que Maria é a única entre os seres humanos a ser chamada de *Panagia*, "a toda santa" ou "a muito santa."⁷⁰³

⁶⁹⁹ JOHNSON, E. Nossa verdadeira irmã, p.313

⁷⁰⁰ DP 301

⁷⁰¹ LG 68

⁷⁰² GeE 176

⁷⁰³ DOMBES, G. Maria, no desígnio de Deus e a Comunhão dos Santos, p. 97

Maria é o membro mais perfeito da Igreja: “Por graça de Deus exaltada, depois do Filho, acima de todos os anjos e homens, como mãe santíssima de Deus”⁷⁰⁴. “Entre todos os santos, Maria toma seu lugar como *Theotókos*: viva em Cristo, ela permanece com Aquele a quem deu à luz, ainda altamente favorecida na comunhão de graça e esperança, um exemplo da humanidade redimida.”⁷⁰⁵

É na santidade de Maria que a unidade da Igreja, triunfante no céu, e a da Igreja peregrina, na Terra, são levadas à sua expressão perfeita:

Percorrendo os três artigos do Símbolo de Fé, caminhamos com Maria. Nós a acompanhamos, desde quando era a humilde jovem judia de Nazaré, até a que nos precede na comunhão dos santos, porque foi escolhida por Deus para ser a mãe do Messias.⁷⁰⁶

A comunhão dos santos configura a própria Igreja, com seus santos e com todos os que dela participam e são chamados a viver a santidade. Santos e Santas, homens e mulheres que procuraram viver o Evangelho – a Boa Nova de Jesus – em sua plenitude de graça e de amor, no cotidiano da história.

Uma vez que todos os crentes formam um só corpo, o bem de uns é comunicado aos outros. É preciso crer que existe uma comunhão dos bens da Igreja. Mas o membro mais importante da Igreja é Cristo, por ser a cabeça. Assim, o bem de Cristo é comunicado a todos os membros e essa comunicação se faz através dos sacramentos da Igreja. E Cristo é o sacramento do Pai. A Igreja é o Povo de Deus, chamado a um caminho de unidade com todos os cristãos. Para esse caminhar na unidade, é necessário reconhecer aquilo que o Espírito Santo semeia:

A unidade dos cristãos – esta é nossa convicção – não será o fruto de sofisticadas discussões teóricas, em que cada um tenta convencer o outro da justeza das suas opiniões. Virá o Filho do Homem e nos encontrará ainda nas discussões. Temos de reconhecer que, para se chegar à profundidade do mistério de Deus, precisamos uns dos outros, encontrando-nos e confrontando-nos sob a guia do Espírito Santo, que harmoniza as divergências, supera os conflitos, reconcilia as diversidades.⁷⁰⁷

A Igreja peregrina caminha para a unidade e em comunhão com a Igreja celeste, convidando-nos a imitarmos Maria e a todos os santos que nos precederam

⁷⁰⁴ LG 66

⁷⁰⁵ COMISSÃO INTERNACIONAL ANGLICANO-CATÓLICA ROMANA, *Maria: Graça e esperança em Cristo*, p. 56

⁷⁰⁶ DOMBES, G. *Maria, no desígnio de Deus e a comunhão dos santos*, p. 97-98

⁷⁰⁷ TERRAZAS, S.M. *A unidade prevalece sobre o conflito*, p. 87-88

e viveram o seguimento de Jesus Cristo, na radicalidade do dia-a-dia e no contexto de sua época.

O testemunho dos santos e santas consiste em viver as bem-aventuranças, uma vida marcada por gestos concretos e práticas simples, que refletem a vivência dos sentimentos e a práxis de Jesus de Nazaré. Pessoas movidas por um espírito orante, com necessidade de comunicar-se com Deus, imbuídas do firme propósito de construir um caminho de unidade entre todos os cristãos.

A Virgem Maria, rainha dos Apóstolos é o modelo perfeito dessa vida espiritual e apostólica, aquela que aderiu “à vontade de Deus, soube acolher a sua palavra e pô-la em prática, pois sua ação foi animada pela caridade e pelo espírito de serviço. Ela foi a primeira e perfeita discípula de Cristo.”⁷⁰⁸:

Enquanto levou na Terra vida igual a todos, sempre cheia de cuidados familiares e de trabalhos, estava sempre intimamente associada ao Filho, cooperando de modo absolutamente singular na obra do Salvador. Agora, porém, é levada ao céu, e com amor materno se empenha pelos irmãos de seu Filho que ainda peregrinam expostos aos perigos e angústias, até que sejam todos conduzidos à pátria feliz. A ela veneram todos com a maior devoção e entram na vida e no apostolado de sua maternal solicitude.⁷⁰⁹

O desígnio de Deus de levar o homem e a mulher à comunhão plena entre si e a participação na própria comunhão divina, não está, todavia, plenamente realizado. A Igreja está a serviço e se encontra a caminho – missão contínua, até que Deus seja tudo em todos. Maria aviva, na Igreja, a consciência de sua condição de peregrina, que caminha na história dos homens e mulheres em direção ao Reino de Deus.

Não pertencemos somente à Igreja terrena. Pelo batismo, Cristo nos recebe na família de Deus, a qual supera e transcende o que dela podemos ver na Igreja aqui da Terra. Há, entre ambas, uma íntima união, pois, se a Igreja é o corpo de Cristo, esse não pode ser multiplicado, nem dividido. É uma vida única, que, a partir de Cristo, circula na Igreja do céu e na Igreja da Terra. Existe, portanto, uma única Igreja, assim como um único Senhor e um único Espírito.⁷¹⁰

⁷⁰⁸ MC 35

⁷⁰⁹ AA 4

⁷¹⁰ EYT, P. Eu creio em Deus, o Credo comentado, pp. 123. Neste trecho o autor faz uma meditação sobre as cinco proposições de nossa Profissão de Fé: “ Na Santa Igreja Católica, na Comunhão dos Santos, na Remissão dos Pecados, na Ressurreição da Carne, na Vida Eterna”, vistas à luz e fonte do Espírito Santo.

A Igreja é, então, a reunião de todos os santos e santas, desde o começo do mundo, com os patriarcas, os profetas, os mártires e todos os justos, santificados por uma mesma fé (cf Hb 11). Marcados pelo sinal de um mesmo Espírito, eles formam um único corpo, do qual Cristo é a cabeça. Comungamos com essa única Igreja, em grau e formas diversas. Os vivos estão em marcha, realizando a peregrinação, caminhando para a plenitude do dom de Deus. Nossos irmãos e irmãs falecidos, já se encontram nessa plenitude do dom de Deus.⁷¹¹

Todos os cristãos são convidados a olhar para todas as Santas e os Santos que nos precederam e que atenderam ao chamado de viver, na radicalidade e em plenitude, o seguimento de Cristo, atendendo à recomendação de Maria, nas Bodas de Caná: "Façam tudo o que ele lhes disser" (Jo 2, 5). Assim, em união com todos os que nos precederam e que são sinais e estímulo para a vida e missão, podemos vencer as injustiças e, como Maria, cantar o *Magnificat*.

É se apropriando da consciência de nossa condição de peregrinos que aprenderemos com as Santas e Santos de Deus, de que maneira deveremos viver – nas mesmas circunstâncias que eles viveram –, de modo a realizar o que Cristo nos ensinou, praticando o que Ele pregou. E, assim, nos daremos conta, mais vivamente, de que a Igreja peregrina, ou seja, cada um de nós, se encontra a caminho. Seguindo rumo à Pátria que eles já conseguiram alcançar, compreenderemos, por fim, que nós e eles constituímos uma só Igreja, o Corpo Místico de Cristo.

“Cada santo é uma missão, é um projeto do Pai que visa encarnar, em um momento determinado da história um determinado aspecto do Evangelho. Essa missão tem um sentido pleno em Cristo e, a partir dele, “⁷¹²a santidade é viver em união com Ele, Sua vida, paixão, morte e Ressurreição. Vivendo a dimensão humana de Sua vida: a vida em comunidade e proximidade aos últimos”:

Maria, tão próxima de Jesus humano – por ser sua mãe –, viveu a paixão e a Ressurreição de seu Filho para se tornar discípula da Igreja, Assim a figura de Maria adverte a todos os cristãos de que não se pode prescindir da Cruz e da Páscoa para entrar na comunidade do seu Senhor.⁷¹³

A partir do relato bíblico, todos nós, que cremos em Cristo, o Filho de Maria, a bem-aventurada, que Deus abençoou e escolheu para ser a mãe de Seu Filho,

⁷¹¹ EYT, P. Eu creio em Deus, o Credo comentado, p.122-123

⁷¹² GeE 19 e 20

⁷¹³ DOMBES, G. Maria no desígnio de Deus e na comunhão dos Santos, p.93.

podemos “vislumbrar nela o destino final do povo de Deus para compartilhar a vitória do seu Filho sobre os poderes do mal e da morte.”⁷¹⁴

5.3.2 Maria e o diálogo ecumênico

A partir da fé pascal, compreendemos Maria no mistério de Cristo. Maria a *Theotokos* – a mãe do Filho de Deus Encarnado, fundamentação encontrada na Sagrada Escritura, nos textos que narram a presença de Maria, sua missão e vocação de ser a mãe de Jesus –, cuja definição se deu conforme a Primeira Seção dos Cirilianos, de 22 de junho de 431, no Concílio de Éfeso.⁷¹⁵

Outros concílios também tiveram importância significativa no tocante à maternidade divina de Maria, nomeadamente os de Constantinopla (381) e Calcedônia (451), nos quais a referência a Maria aparece contida no seu símbolo.⁷¹⁶ O Concílio Ecumênico Vaticano II (1962-1965) – quanto à doutrina sobre a maternidade divina de Maria – não se limitou a repropor o que já fora definido anteriormente, mas ainda fez uma releitura desse mistério fundamental, no mais vasto contexto doutrinal de toda missão da Virgem, considerando-a dentro da perspectiva teológica da história da Salvação, isto é, à luz de Cristo Salvador da Igreja, sacramento salvífico.⁷¹⁷

Nas escrituras, encontramos as raízes humanas de Maria: ela pertence a um povo, é uma filha de Israel, uma esposa e uma mãe. Uma mulher judia do Mediterrâneo, vivendo no século I d.C. O modelo perfeito de todas as virtudes femininas.

Conforme fundamentação bíblica das raízes humanas de Maria, contida nos textos dos Atos dos Apóstolos (Atos 1, 14; 2, 1-21), a Mãe de Jesus se encontra presente em oração, junto aos apóstolos. Lucas, após escrever seu Evangelho, com o relato das passagens de Jesus, suas pregações e sua trajetória, escreve os Atos que narram a vida e missão da Igreja nascente, com o Dia de Pentecostes, quando aconteceu o prodígio de Deus e todos ficaram repletos do Espírito Santo.

⁷¹⁴ COMISSÃO INTERNACIONAL ANGLICANO-CATÓLICA ROMANA. Maria: graça e esperança em Cristo. No.30. p.27

⁷¹⁵ Definido na primeira seção dos Cirilianos, na 2ª. Carta de Cirilo a Nestório.

⁷¹⁶ DS 150 e 301

⁷¹⁷ Capítulo VIII, da *Lumen Gentium.*, onde podemos fazer a leitura desse documento em dois aspectos: a maternidade divina no mistério de Cristo e a maternidade de Cristo no mistério da Igreja.

“Esse mesmo Espírito está na origem da unidade que recompõe a harmonia. Ele é o responsável pela “verdadeira unidade” que não é uniformidade, mas unidade na diferença”.⁷¹⁸ E a Escritura mostra que Maria fazia parte como membro da nascente comunidade judaico-cristã, a partir da Anunciação, como discípula exemplar e modelo de fé e dinamismo missionário:

Maria tem que estar presente no Dia de Pentecostes e explica-se por quê: em primeiro lugar, para confirmar sua experiência do Espírito vivida já na Encarnação; em segundo lugar, para receber do mesmo Espírito a missão de estender o Corpo de Jesus – que se faz Comunidade – de forma mais ampla; e, em terceiro lugar, para anunciar um Deus Encarnado que começa um novo jeito de se relacionar e se revelar à Humanidade até o fim dos tempos, pelo impulso do Espírito.⁷¹⁹

A fé em Cristo é o primeiro e importante elemento nesse sonho de um “caminhar juntos” na unidade, uma comunhão com um dinamismo de viver com os mesmos sentimentos de Cristo. “O compromisso ecumênico corresponde à oração do Senhor Jesus que pede “que todos sejam um só” (cf Jo 17, 21)⁷²⁰ na construção de um novo momento eclesial.

O segundo elemento é a conversão interior e pastoral, o recuperar a importância do ecumenismo espiritual. “Viver uma conversão do coração e santidade de vida”⁷²¹:

O caminho para a unidade começa com uma transformação do coração, com uma conversão interior. É uma viagem espiritual que vai: do encontro à amizade; da amizade à fraternidade; da fraternidade à comunhão. Ao longo do percurso, a mudança é inevitável. Devemos estar sempre dispostos a escutar e seguir as sugestões do Espírito, que nos guia à Verdade toda, inteira.⁷²²

Torna-se, assim, importante uma formação adequada que venha a contribuir na construção de um processo consciente de “um caminhar juntos”, na mesma fé em Cristo, que se encarnou no ventre de uma mulher, Maria de Nazaré. É um caminhar na verdadeira unidade, como filhos amados de Deus

“A fé católica deve ser explicada mais profunda e corretamente, de tal modo e com tais termos que possa de fato ser compreendida também pelos irmãos

⁷¹⁸ TERRAZAS, S.M. A unidade prevalece sobre o conflito, p.19.

⁷¹⁹ BOFF, L. Maria no movimento do Espírito Santo, p. 17

⁷²⁰ EG 244

⁷²¹ UR 8

⁷²² TERRAZAS, S.M. A unidade prevalece sobre o conflito, p.51.

separados.”⁷²³ Não somente compreendida corretamente, mas também vivida interiormente, com atitudes concretas, de acordo com as verdades da fé.

Uma fé que se expressa na alegria e testemunho de quem viveu um encontro do mistério de Deus em Cristo, gerador de novos sentimentos e expressão de amor, unidade, caridade. Uma vivência de fé movida pelo dinamismo de “saída” missionária, para anunciar a Boa Nova de Jesus, que propicia conhecer Jesus e ter a experiência do encontro pessoal com Ele. “O ideal cristão é inspirado no realismo da dimensão social do Evangelho, que requer fraternidade de modo permanente, a partir do momento em que é um componente específico da mística eclesial”⁷²⁴:

A unidade da Igreja, no tempo e no espaço está ligada com a unidade da fé: “Há um só corpo e um só Espírito, uma só fé.” (cf Ef 4 4-5). Qual é o segredo dessa unidade? A fé é una, em primeiro lugar, pela unidade de Deus conhecido e confessado. Todos os artigos de fé se referem a Ele. São caminhos para conhecer para o seu “ser” e o seu “agir”. Possuem uma unidade superior a tudo quanto possamos construir com o nosso pensamento; possuem a unidade que nos enriquece, porque se comunica a nós e nos torna “um”.⁷²⁵

Maria, quando disse “sim”, aceitando ser a mãe do Filho de Deus Encarnado, concebeu fé e alegria. Nela, a fé mostrou-se cheia de frutos: mansidão, paciência, humildade. “Assim em Maria, o caminho de fé do Antigo Testamento foi assumido no seguimento de Jesus, e deixa-se transformar por Ele entrando no olhar próprio do Filho de Deus encarnado”⁷²⁶, vivendo a unidade em sua caridade maternal.

Em Maria e por meio dela, Jesus Cristo, ao comunicar-nos a Sua vida, tornou-nos participantes da Sua natureza, de tal maneira que nascemos, espiritualmente, de Maria, como consequência de sua união inefável com Jesus Cristo:

Se tentarmos nos aprofundar neste mistério, contentemo-nos em saber que, quando o Verbo de Deus se encarnou no ventre de Maria, ela O concebeu ao mesmo tempo pela fé na sua alma, tornando-se identificada com Jesus. E no mesmo instante, associada a todos os Seus pensamentos e sentimentos.⁷²⁷

Nesse caminho por um diálogo ecumênico, encontramos Maria, ícone perfeito da fé e modelo de perfeita discípula missionária. Ela é a mãe que congrega e reúne os filhos no Filho. Ela que viveu uma experiência do mistério de Deus no

⁷²³ UR 11

⁷²⁴ TERRAZAS, S.M. A unidade prevalece sobre o conflito, p.85.

⁷²⁵ LF 47

⁷²⁶ LF 58

⁷²⁷ CHAMINADE, G.J. Escritos Marianos II, n. 491, p.166 (T.A)

Filho, que é artífice da esperança. Aquela que escutou, acolheu e viveu imersa no mistério, hoje nos acompanha no caminho da unidade, em comunhão com o Filho, pelo Pai, no Espírito Santo:

As diferenças entre as pessoas e as comunidades, por vezes são incômodas, mas o Espírito Santo, que suscita esta diversidade, de tudo pode tirar algo de bom e transformá-lo em dinamismo evangelizador, que atua por atração. A diversidade deve ser sempre conciliada com a ajuda do Espírito Santo; só Ele pode suscitar a diversidade, a pluralidade, a multiplicidade e, ao mesmo tempo, realizar a unidade. Ao invés disso, quando somos nós que pretendemos a diversidade e nos fechamos em nossos particularismos, em nossos exclusivismos, provocamos a divisão; e por outro lado, quando somos nós que queremos construir a unidade com nossos planos humanos, acabamos por impor a uniformidade, a homologação. Isso não ajuda a missão da Igreja.⁷²⁸

Pelo ensinamento do Papa Francisco, anteriormente resgatado, o poliedro é o modelo para o caminho da unidade, à medida que respeita cada pessoa em sua originalidade e em sua particularidade e, assim, juntos crescem rumo ao bem comum. “O poliedro reflete a confluência de todas as parcialidades que nele mantêm a sua originalidade e recolhe o melhor de cada um.”⁷²⁹ E segue afirmando que:

Tanto a ação pastoral, como a ação política procuram reunir nesse poliedro o melhor de cada um. Ali entram os pobres com a sua cultura, os seus projetos e as suas próprias potencialidades. Até mesmo as pessoas que possam ser criticadas pelos erros, têm algo a oferecer que não se deve perder. É a união dos povos, que, na ordem universal, conservam a sua própria peculiaridade; é a totalidade das pessoas em uma sociedade que procura um bem comum que verdadeiramente incorpore a todos.⁷³⁰

Nesse caminho de unidade, o Espírito Santo é o protagonista, por isso a importância de um caminhar e discernir à luz do Espírito Santo, em atitude de escuta atenta, abertura de coração, paciência aos processos humanos, e a esperança de um “caminhar juntos” para o bem de todos.

Maria é aquela que se deixou envolver pelo Espírito Santo. Por isso, nesse caminho de busca pela unidade, ela nos acompanha, pois foi habitada por Deus, pela ação do Espírito Santo. E nos ensina a reconhecer essa presença do Espírito de Deus, não somente nos grandes acontecimentos, como naqueles que parecem

⁷²⁸ EG 131

⁷²⁹ EG 236

⁷³⁰ EG 236

imperceptíveis. Ensina-nos a ser Igreja de coração aberto, que acolha a todos, especialmente os pobres. Ela é modelo e tipo da Igreja.

5.3.3 Maria e o caminho sinodal da Igreja

Toda a dinâmica do “caminhar juntos” sintetiza-se no ideal de construir pontes e derrubar muros. Para Francisco, isso passa por uma renovação eclesial, uma conversão pastoral, que supõe: escuta, diálogo, abertura, acolhida e flexibilidade para descentrar e transcender. Com o objetivo final de viver uma experiência pessoal do mistério de Deus em Cristo, gerador de novos sentimentos de alegria, amor, caridade, humildade:

Sonho com uma opção missionária capaz de transformar tudo, para que os costumes, os estilos, os horários, a linguagem e toda a estrutura eclesial se tornem um canal proporcionado mais à evangelização do mundo atual, que à autopreservação. A reforma das estruturas, exigida pela conversão pastoral, só se pode entender neste sentido: fazer com que todas elas se tornem mais missionárias, mais comunicativas e abertas; que se coloque os agentes de pastorais em atitude constante “de saída”; que suscite, assim, a resposta positiva de todos os destinatários da mensagem: aqueles a quem Jesus oferece amizade.⁷³¹

Neste sonho, o Papa Francisco vislumbra uma Igreja “em saída” missionária. Em saída, porque viveu uma experiência de um encontro pessoal com Jesus Cristo e, a partir dessa experiência, escuta e obedece ao mandato de Jesus de fazer discípulos todos os povos. “Ide e fazei que todas as nações se tornem discípulos, batizando-as em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo e ensinando-as a observar tudo quanto vos ordenei.” (Mt 28, 19-20)

Assim, nesse dinamismo de “saída”, existe um caminho sinodal, com 3 palavras-chave: comunhão, participação e missão.

1º) A comunhão exprime a própria natureza da Igreja.

2º) A participação é uma exigência da fé batismal. De fato, como afirma o apóstolo Paulo, “Num só Espírito fomos todos batizados para formar um só corpo.” (1 Cor 12, 13)

⁷³¹ EG 27

3º) A missão é anunciar e instaurar o Reino de Cristo e de Deus entre todos os povos e constitui o germe e o princípio desse mesmo Reino, na Terra.⁷³²

Todo o dinamismo missionário e sinodal, tem sua origem na fé professada, experimentada e vivida, e que nasce de um encontro pessoal com Jesus Cristo:

Para Francisco, o núcleo da fé cristã está “no amor salvífico de Deus, manifestado em Jesus Cristo (EG 36), constituindo seu “anúncio fundamental” (EG 128) e o centro da evangelização e da reforma da Igreja (EG 164). Ter fé consiste em acolher esse amor primeiro, em responder a Deus que nos ama e salva (EG 39), que nos dá o sentido da vida (EG 8) e uma alegria profunda. (EG 7) Nessa experiência iluminada pela pessoa e pela vida de Jesus Cristo nasce uma relação pessoal e comprometida com Deus (EG 91), experiência esta que faz do cristão um evangelizador. (EG 120)⁷³³

Francisco sinaliza que, mesmo diante das graves dificuldades que temos que suportar, precisamos permitir que essa experiência do mistério de Deus em Cristo – a mística cristã – ressoe em nosso interior, trazendo ao coração a memória da experiência vivida, e que se renova quando a interpretamos com o olhar da fé. Mesmo no meio das maiores angústias:

A paz foi desterrada da minha alma, já nem sei o que é a felicidade (...). Isto, porém, guardo no meu coração; por isso, mantenho a esperança. É que a misericórdia do Senhor não acaba, não se esgota a sua compaixão. Cada manhã ele se renova; é grande a tua fidelidade (...). Bom é esperar em silêncio a salvação do Senhor.” (Lm 3, 17.21-23-26).⁷³⁴

E essa experiência é comunicada, é a motivação para evangelizar, levar o amor que recebemos de Jesus aos demais. Processo de conversão e abertura à graça da experiência vivida e à recepção pelo anúncio do Evangelho a todos.

Como nos faz bem deixar que Ele volte a tocar a nossa vida e nos envie para comunicar a sua vida nova! Sucede então que, em última análise, “o que vimos e ouvimos, isso comunicamos.”(cf 1 Jo 1, 3). A melhor motivação para se decidir a comunicar o Evangelho é contemplá-lo com amor: é deter-se nas suas páginas e lê-lo com o coração. Se o abordamos dessa maneira, sua beleza deslumbra-nos, volta a nos cativar constantemente.⁷³⁵

⁷³² FRANCISCO, PP., Momento de reflexão para o início do percurso sinodal. Sala Nova do Sínodo em 09 out. 2021.

⁷³³ MIRANDA, M.F. A reforma de Francisco, p. 76

⁷³⁴ EG 6

⁷³⁵ EG 264

Quanto a esse caminho de uma Igreja sinodal e em “saída” missionária, o Papa Francisco diz que se trata de um tempo de graça, que propõe três oportunidades: de encontro, escuta e reflexão,⁷³⁶

1º) O encontro - o encaminhar-nos, não ocasionalmente, mas estruturalmente para uma Igreja sinodal: um lugar aberto, onde todos se sintam em casa e possam participar.

2º) A escuta - o Sínodo oferece-nos a oportunidade de nos tornarmos Igreja da escuta. Leva-nos a fazer uma pausa nos nossos ritmos e controlar as nossas ânsias pastorais para pararmos a escutar. Escutar o Espírito na adoração e na oração.

3º) A reflexão - temos a oportunidade de nos tornarmos uma Igreja da proximidade. Sempre voltamos ao estilo de Deus: o estilo de Deus é proximidade, compaixão e ternura. Deus sempre agiu assim. Se não chegarmos a essa Igreja da proximidade, com atitude de compaixão e ternura, não seremos Igreja do Senhor.

E Maria, nesse caminho sinodal da Igreja, cujo protagonista é o Espírito Santo, é a mulher sinodal, que viveu uma experiência do mistério de Deus no Filho. Ela soube escutar, acolher e responder ao amor de Deus. Por isso, ela é o lugar do encontro do mistério divino e humano, sendo habitada pelo mistério de Deus, na Encarnação de Jesus Cristo. E deixou-se modelar por Deus, acolhendo e vivendo na Sua presença.

Maria, que guardava e meditava no coração todos os acontecimentos, é mulher do silêncio e da palavra; da alegria e da ternura; do encontro e da saída; do cuidado e da sensibilidade para com todos, especialmente os pobres e excluídos.

Ela é essa mulher, de profundo espírito interior, que contempla e vibra com o mistério de Deus, na sua vida, na do seu povo e em toda a Criação. “Essa dinâmica de justiça e ternura, de contemplação e de caminho para os outros faz dela um modelo eclesial para a Evangelização.”⁷³⁷

Acrescentando aos itens – “vide” acima – sobre as oportunidades que o Sínodo nos oferece, podemos ver:

1º) No encontro, o sonho de uma “cultura do encontro”, que seja um caminho para “integrar as realidades diferentes. Caminho muito mais difícil e lento, embora

⁷³⁶ FRANCISCO, PP., Momento de reflexão para o início do percurso sinodal. Sala Nova do Sínodo em 09 out. 2021

⁷³⁷ EG 288

seja a garantia de uma paz real e sólida.”⁷³⁸ “O caminho para a paz não implica homogeneizar a sociedade, mas permite-nos trabalhar juntos.”⁷³⁹

2º) Na escuta, o sonho de inclusão social, o saber escutar e responder aos clamores do mundo, principalmente no que diz respeito aos pobres. “A Igreja, guiada pelo Evangelho da Misericórdia e pelo amor ao ser humano, escuta o clamor pela justiça e deseja responder com todas as suas forças”.⁷⁴⁰ Jesus ensinou-nos este caminho de reconhecimento do outro, com Suas palavras, Seus gestos, e Sua atitude de escuta ao clamor dos necessitados de seu tempo.

3º) A reflexão, oportunidade de ouro nesse caminho sinodal da Igreja. O pensar, examinar, meditar, discernir, para em seguida agir, para que a Igreja seja o elo da proximidade, da ternura, da misericórdia:

O reproduzir a sensibilidade de Jesus para com as criaturas de seu Pai: “Aprendeí dos lírios do campo, como crescem. Não trabalham, nem fiam, e, no entanto, eu vos digo, nem Salomão, em toda a sua glória, jamais se vestiu como um só dentre eles” (cf Mt 6, 28-29). Como deixar de admirar essa ternura de Jesus por todos os seres que nos acompanham em nosso caminho? ⁷⁴¹

O Pe. Chaminade, em uma instrução sobre o mistério da Encarnação, diz que são necessários três elementos para estabelecer a paz: um lugar apropriado no qual as partes interessadas possam, com segurança, se reunir para concluir o acordo de paz; a assessoria de mediadores que sejam aceitos por ambas partes para estabelecer a paz; estabelecer garantias que sejam aceitas por ambas as partes para manter a paz.

E acrescenta que: Maria nesse mistério da Encarnação, por seu “sim”, propicia o lugar, as mediações e as garantias necessárias para concluir, escutar e manter a paz entre Deus e os homens. “E reconciliar por Ele e para Ele todos os seres, os da Terra e os dos céus, realizando a paz pelo sangue da Sua cruz.” (cf. Col 1, 20).⁷⁴²

“Maria deve ficar transbordante das maravilhas de Deus. O seu coração, esperançado na prática alegre e possível do amor que lhe foi anunciado, sente que

⁷³⁸ FT 217

⁷³⁹ FT 228

⁷⁴⁰ EG 188.

⁷⁴¹ LD 1

⁷⁴² CHAMINADE, G.J. Escritos Marianos I, n. 402-403, p. 286 (T.A)

toda a palavra na Escritura, antes de ser exigência, é dom.”⁷⁴³ E ela é a mãe que nos acompanha e nos forma, a cada dia, à semelhança de seu Filho Jesus Cristo. Maria de Nazaré, viveu uma profunda experiência do mistério de Deus no Filho, e com fé e humildade respondeu “sim”, acolhendo em seu ventre o mistério de um Deus que se faz “um” conosco, Jesus Cristo. Por isso, todos os cristãos podem viver uma experiência do mistério de Deus em Cristo, inspirada em Maria, a primeira discípula missionária, ícone perfeito da fé.

5.4 Conclusão

Neste quinto capítulo, almejamos propor elementos de uma mistagogia marial a partir da experiência de fé vivida por Maria, para a formação de discípulos missionários de uma Igreja “em saída”. Com a articulação do diálogo entre o Pe. Chaminade e o Papa Francisco, destacamos alguns elementos importantes da vida e missão de ambos: a centralidade no Evangelho, a experiência de fé pessoal e vivida na comunidade – Igreja -, a experiência do encontro com Maria na devoção e na piedade popular e o dinamismo evangelizador que encontramos no texto da Visitação de Maria a sua prima Isabel (cf Lc 1 39-46). Maria que sai apressadamente para “ir” e se fazer presente para cuidar e acompanhar a vida.

No segundo tópico, centramo-nos na formação de discípulos missionários de uma Igreja “em saída”, destacando a importância de uma formação humana e espiritual, que favoreça uma experiência do encontro pessoal com Jesus Cristo; e um aprofundamento da vida de fé, para viver e atuar de acordo com o que se professa – “coerência de vida”. Nesse caminho humano e espiritual, trabalhamos com três verbos: o conhecer, o amar e o servir, associados a três imagens bíblicas, favorecendo a compreensão do caminho a seguir, com vistas à formação. Tivemos, outrossim, um olhar para a educação, no educar para cuidar, caminho para uma ecologia integral.

Por fim, abordamos Maria, sinal de esperança, tema desenvolvido no terceiro tópico, com uma perspectiva atual, a partir do Vaticano II e agora no Pontificado do Papa Francisco.

⁷⁴³ EG 142

Com a contribuição do Pe. Chaminade, pela sua experiência de uma mística marial, desenvolvemos nossa pesquisa com alguns elementos para a formação de discípulos missionários com um dinamismo evangelizador presente na experiência vivida pelo Pe. Chaminade e expressa em sua vida e em seus escritos.

Destaca-se que ambos, o Pe. Chaminade e o Papa Francisco, constituem essa experiência da mística marial, como caminho de fé. Contudo, notou-se um avanço na antropologia do Papa Francisco em relação ao Pe. Chaminade. Ambos têm a centralidade no Evangelho e a importância de uma experiência de fé. Pe. Chaminade tem seu pensamento na pessoa e seu interior. Parte de uma experiência pessoal, não exclui o exterior, mas centra no interior. Já o Papa Francisco sinaliza um processo dinâmico simultâneo. Ambos se intercomunicam e estão juntos fé, vida e ação. Dinamismo humano e espiritual presentes na vida e missão dos dois.

Tratamos, ainda, da sinodalidade proposta pelo Papa Francisco, que vem sendo desenvolvida nos últimos dois anos, assentada no caminhar juntos, pela paz, justiça e integridade da Criação. A centralidade na humanidade de Maria, como a primeira discípula missionária e ícone perfeito da fé, justifica-se por esta ter vivido uma experiência do mistério de Deus no Filho, por isso, os cristãos podem viver uma experiência do mistério de Cristo, inspirada por Maria.

6 Conclusão

Chegamos ao final da tese “Mística Marial como caminho de fé. Diálogo entre o Beato Chaminade e o Papa Francisco”, que pretendeu apresentar e propor a Mística Marial como um caminho de experiência de fé cristã, a partir da “Maria dos Evangelhos”.

Em seus cinco capítulos, se dispôs a abrir caminhos para descobrir os elementos eficazes para a formação de discípulos missionários de uma Igreja “em saída”, a partir da experiência de fé vivida por Maria de Nazaré. E da experiência mariana do Beato Chaminade e do Papa Francisco.

Iniciamos com o tema da mística marial, a experiência de fé vivida por Maria. Mas qual Maria? A “Maria dos Evangelhos”. Esse questionamento e a busca de sua resposta nos orientaram também nos dois capítulos seguintes à dimensão mariana na vida do Beato Chaminade e na vida do Papa Francisco. Ambos desenvolveram sua teologia mariana a partir da “Maria dos Evangelhos”, sua dimensão humana e espiritual, e a devoção à Nossa Senhora, honrada em seus diferentes títulos, difundida entre tantos santuários – aliados às expressões da piedade popular, “lugar teológico” que devemos prestar atenção na Nova Evangelização.

O desafio da pesquisa mostrou-se na forma do diálogo entre duas épocas: o Beato Chaminade, na França do século XVIII, com todas as transformações que trouxe e desafios que impôs à sociedade e à Igreja pós-Revolução Francesa; e o Papa Francisco, na atualidade do século XXI, em seus 11 anos de pontificado e de desafios em amplitude mundial como guerras, violência, descarte humano, crise socioambiental e, especialmente, a pandemia de Covid-19. Desafios também em âmbito eclesial, com as dificuldades para uma renovação da Igreja e para a conversão pessoal e pastoral, e a sinodalidade.

Importantes descobertas foram realizadas na articulação do diálogo entre as duas épocas. Com a Mística como experiência de Deus, e a Mística Cristã definida como a experiência do mistério de Deus, ou experiência de Deus, referimo-nos ao mistério de Deus revelado em Cristo, para toda a Humanidade. Assim, podemos dizer que a mística cristã tem sua origem na fé. É um fruto da fé. “A fé necessita de experiência”. A fé vivida e experimentada, que sempre vai amadurecendo,

crescendo, na medida em que professamos a fé da Igreja e a vivência dos sacramentos, que são sinais da presença sensível e invisível da graça de Deus.

1 – Mística Marial a experiência de fé vivida por Maria de Nazaré

A Mística Marial, a experiência de Deus no Filho, vivida por Maria, que tem seu início no mistério da Encarnação. “O Verbo se fez carne e habitou entre nós.” (Jo 1, 14). Seguimos com a “Maria dos Evangelhos”. No Evangelho de Mateus vimos Maria, a mulher como símbolo do povo fiel. Em Marcos, Maria a peregrina na fé. E em Lucas, Maria, a mulher habitada por Deus.

Vimos essa mulher, que se abriu ao projeto do Pai em nome de toda a Humanidade e que é a testemunha da Encarnação, pela ação do Espírito Santo. É a mulher que sai às pressas para ir visitar sua prima Isabel, vivendo um momento de alegria, nesse encontro de duas mulheres cheias de vida e de esperança.

No Evangelho de João, Maria é a mulher sensível e solidária – como vimos no início invertemos a ordem dos textos para responder melhor à pesquisa da tese: abordamos primeiro o texto da Cruz, como solidariedade e compaixão, mas também de integração humana espiritual: luz x trevas, alegrias x tristeza. E, por fim, e a propósito, o texto das Bodas de Caná – a sensibilidade à necessidade humana, na atenção e cuidado com a vida. Uma resposta, nos dias de hoje, ao *“Fazei tudo o que Ele vos disser.”*

No caminho experiencial do cristão, inspirado em Maria, tratamos da experiência da escuta e da alegria na acolhida do mistério. Maria, a mãe solidária com os que sofrem, a que vivencia – podemos dizer –, uma experiência de amor, entrega e compaixão. Com Maria, a mãe atenta, sensível ao cuidado da vida, como experiência do serviço e da missão. E, por fim, tratamos da experiência mística que envolve Maria. Destacamos dessa experiência:

1º) Na Anunciação (Lc 1, 26-38), Maria se abriu à graça de Deus, esvaziou-se de si, num ato de fé e de acolhida ao mistério, vivendo uma experiência única: um caminhar na fé, na confiança absoluta n’Aquele que a chamou para essa missão;

2º) Maria vive um processo humano e espiritual, que somente é possível pela fé: por uma vida interior profunda, de confiança, de abertura à presença do mistério;

3º) Maria vive um amor mútuo: ama a Deus de todo o coração, de toda sua alma. Um amor, uma alegria interior, que nasce do mais profundo do ser humano. E Deus a ama com ternura de Pai;

4º) No encontro com Isabel (Lc 1, 39-56), Maria é portadora da alegria e comunica essa alegria que brota de seu Filho Jesus. Ela irradia a Boa Notícia de Jesus Cristo, o Cristo que sempre levará consigo. Por isso, a Igreja diz que ela é o modelo de uma evangelização alegre;

5º) A alegria de Maria é a alegria de uma mulher plena de fé, que crê e se alegra em Deus, o Salvador. N'Aquele que levanta os humilhados, dispersa os soberbos, alimenta os que têm fome e sede de justiça. A alegria verdadeira só é possível em um coração que busca por justiça, a fraternidade para todos. Maria canta a esperança dos pobres e abandonados.

6º) No silêncio do Calvário (Jo 19, 25-27), a mãe experimenta sentimentos de dor, tristeza, frustração, de abandono. Sensação de estar só.

7º) No seu peregrinar na fé, Maria terá de superar toda forma tradicional de compreender a fé para seguir Jesus, assumindo a sua cruz e negando-se a si mesma;

8º) Maria aos pés da cruz, por sua fé, se compadeceu da dor dos que a rodeavam. Identificou-se com o sofrimento de seu povo e escutou seu clamor por libertação;

10º) Em Caná da Galileia, nas bodas (Jo 2, 1-122), Maria é esposa e mãe. É uma presença discreta e atenta. Mulher sensível e solidária,

11º) A educadora na fé, sensível e atenta às necessidades de todos. Sempre pronta para servir, tomar iniciativa, e se colocar junto aos que sofrem.

A mística Marial, como caminho de fé, a partir de um olhar à “Maria dos Evangelhos” em sua experiência de fé, nos leva, primeiro, a *conhecer* a Maria (cf Lc 1, 26-38) em sua humanidade e, conhecendo-a em sua humanidade, *amá-la* como nossa mãe na ordem da graça (cf Jo 19, 25-27). E, amando-a, obedecer ao aconselhamento que dirigiu aos servidores da festa, em Caná: (Jo 2, 1-11) “Fazei tudo o que Jesus vos disser.” Um convite a nos colocarmos a serviço na missão de levar e anunciar Cristo ao mundo.

O povo cristão aprende com Maria a contemplar a beleza do rosto de Cristo, e a experimentar a profundidade de Seu amor. Ela ajuda a manter vivas as atitudes de atenção, de serviço, de entrega e de gratuidade, que devem distinguir os discípulos de seu Filho. Indica, além do mais, qual é a pedagogia para com os pobres, em cada comunidade cristã, para que eles se sintam como que “em casa”.

Maria, em sua humanidade, viveu uma experiência do Mistério de Deus em Cristo, por sua fé ativa, mesmo diante do sofrimento e da dor vivida aos pés da cruz.

Por isso, todo cristão e cristã pode, também, viver uma experiência do Mistério de Deus em Cristo: aprender com Maria, a primeira e perfeita discípula, seguidora e missionária. E, desse modo, estar pronto para acolher o “*Fazei tudo o que Ele vos disser.*” Fazer “tudo” significa assumir as alegrias, as tristezas, as frustrações, as incertezas. Mas, e acima de tudo, a certeza do amor de Deus e a esperança do “caminhar juntos”, no cuidado e atenção à vida, principalmente dos mais necessitados. E o cuidado com o nosso espaço no mundo, a casa comum.

2 – Maria na vida e missão do Pe. Chaminade

O terceiro capítulo nos conduziu à França do final do século XVIII e início do XIX, quando encontramos o Pe. Chaminade, homem de fé e de profundo amor à Igreja, um devoto fiel de Maria cuja devoção, para ele, é um imitar suas virtudes para chegar à conformidade com Cristo.

O Pe. Chaminade aprendeu o amor e a devoção a Maria na família e viveu uma experiência profunda de Deus, inspirado em Maria, diante da imagem da Virgem do Pilar, durante o exílio, em Zaragoza. Nascia, ali, uma relação íntima – uma piedade filial –, com Maria e um renovado dinamismo evangelizador. Pe Chaminade, ao se aprofundar no mistério o papel de Maria na missão de Cristo e da Igreja, faz um caminho pelo qual todos os cristãos devotos de Maria, no seu itinerário de fé, na formação humana e espiritual, devem passar: de uma verdadeira devoção para uma perfeita devoção, que é o imitar e reproduzir as virtudes de Maria, para chegar à conformidade com Jesus Cristo, seu Filho.

Chaminade foi um homem conectado em sua realidade, mas com uma visão de futuro e de adaptação ao tempo, sendo o fundador da família marianista: “Homens e mulheres que seguem a Jesus Cristo, Filho de Deus, feito Filho de Maria para a Salvação da Humanidade”. Todo legado do Pe. Chaminade se centra na vida e missão da família marianista, chamados a viver um dinamismo missionário às ordens de Maria, pela extensão do Reino. Evangelizadores com um forte acento no dinamismo de fé na causa de Cristo, em que Maria é aquela que, a partir de sua experiência mística de abertura a Deus, no seu “sim” para ser a mãe do Filho de Deus Encarnado, é o ícone perfeito da fé e perfeita discípula missionária.

Pe. Chaminade, no tempo do exílio, viveu uma experiência do mistério de Deus em Cristo, inspirada por Maria, uma mística marial, que impulsionou seu dinamismo evangelizador. Ao retornar ao seu país, assumiu o trabalho como

missionário apostólico, prosseguindo em sua missão junto aos jovens e pobres e, com criatividade e flexibilidade, seguiu como missionário de Maria pela extensão do Reino de seu Filho Jesus Cristo, até sua morte, em 1850.

Constatamos que o Pe. Chaminade apresentou uma sólida teologia mariana, cujo ponto central é a caridade maternal de Maria e sua missão apostólica, temas atuais para o estudo e aprofundamento da pessoa de Maria. Com a preocupação de formar discípulos, deixou o método da oração do Creio – as verdades da fé – para viver e atuar de acordo com o que se crê – o que para ele seria a fé do coração.

Essa fé do coração ousamos e intuímos que seja para ser vivida no mundo, “a fé do coração no coração do mundo”, a fé que nos leva a ver as realidades do mundo com o mesmo olhar de Deus, nascendo no coração o desejo de transformar, o que gera sofrimento, desintegração, exclusão, em um movimento dinâmico e ativo de integração, de abertura a ação do Espírito, o sonhar e “caminhar juntos” para o bem de todos.

Chaminade nos deixou como legado o *sistema de virtudes* como caminho de formação humano e espiritual, colocando a pessoa no centro de seu processo, de modo a favorecer, assim, o protagonismo e a atuação dos leigos. Podemos afirmar que trata-se de um sistema dinâmico e atual, para acompanhar e gerar processos de transformação e conversão, tanto no foro íntimo e pessoal, como em termos comunitários.

3 – Maria na vida e missão do Papa Francisco

Passamos a considerar a pessoa de Maria na vida e missão do Papa Francisco, que também viveu uma experiência do mistério de Deus no Filho, inspirada por Maria e que teve seu início na infância, adolescência, juventude e, em especial, junto ao povo fiel de Deus, nas peregrinações aos santuários marianos na Argentina, quando era sacerdote jesuíta e como bispo. Experiência essa que marcou sua vida e que vemos plasmada em seus escritos e no testemunho de vida e missão como sucessor de Pedro.

As preocupações do Papa Francisco com a vida e missão da Igreja, povo fiel de Deus, se traduz em um forte apelo a uma renovação da Igreja, com uma conversão pessoal e pastoral. Um chamado a viver a misericórdia e a compaixão, a fraternidade e a paz. Com o sonho de uma Igreja pobre para os pobres, com um dinamismo evangelizador missionário de saída, para alcançar a todos,

especialmente os pobres. Maria é, aqui, o modelo fiel do dinamismo missionário e evangelizador, que vemos na imagem da Nossa Senhora da Prontidão, aquela que, após viver uma experiência de Deus, por sua fé e caridade, sai e vai ao encontro de sua prima Isabel, encontro que se traduz em alegria e esperança.

A teologia mariana do Papa Francisco parte da fé do povo simples que peregrina aos santuários e demonstra seu amor e devoção à mãe em seus diferentes títulos, a *sensus fidelium*, nos olhares que se encontram e se expressam. Para ele, existe uma íntima relação entre Maria, a Igreja e o povo fiel. Na exortação *Evangelii Gaudium*, Maria é a Mãe da evangelização, modelo da Igreja e Mãe do povo missionário. “Ela é a mãe da Igreja evangelizadora e sem ela não podemos compreender cabalmente o espírito da Nova Evangelização”.⁷⁴⁴

Papa Francisco, ao olhar Maria, parte da realidade do momento – de uma necessidade –, e segue com um olhar contemplativo para o Evangelho, a “Maria dos Evangelhos”. Com esse olhar contemplativo e sensível, projeta e interpreta a experiência vivida. Mas, ao interpretar à luz do Evangelho, o que se vê na vivência a partir da experiência? Uma abertura a algo novo, em que existe a ação e o movimento, tanto na dimensão interna (o silenciar, o acolher, o ser afetado pela experiência), como em atitudes externas, como um movimento de saída, o impulso de descentrar-se para ir ao encontro dos demais.

Neste quarto capítulo, nos faltou aprofundarmos em duas imagens importantes da vida e missão do Papa Francisco, apenas citadas aqui: a imagem de Nossa Senhora Aparecida, padroeira do Brasil, e a de Nossa Senhora de Guadalupe, da devoção mexicana e padroeira da América Latina. Imagens importantes para o dinamismo missionário e na formação de discípulos.

Ao mesmo tempo, constatamos, na pesquisa, que esse dinamismo missionário e evangelizador foi um projeto do Pe. Chaminade em seu tempo, em que a Igreja vivia um processo de transformação diante dos desafios impostos pela Revolução Francesa: com seus danos materiais, morais, com a indiferença religiosa, o distanciamento e o esvaziamento da fé.

Hoje, no pontificado do Papa Francisco, tal projeto revela-se diante aos desafios de uma renovação da Igreja – o qual passa pela necessidade de uma

⁷⁴⁴ EG 284

conversão pastoral –, com o seu sonho de uma Igreja “em saída missionária”, uma Igreja pobre para os pobres, como uma mãe de coração aberto para todos.

Os “interlocutores”, ambos homens de profunda vida de fé e amor à Igreja e à vocação ministerial, com uma constante preocupação com a formação e acompanhamento do processo humano-espiritual, mas animados com o protagonismo e comprometimento dos leigos e leigas, e a presença de Maria, a mulher de fé, a “Maria dos Evangelhos”. E a comunidade – Igreja – espaço de acolhida, de ternura, de proximidade, de escuta; uma mãe de coração aberto, que propicia um “sentir e experimentar” Deus.

4 – Mistagogia Marial na missão Evangelizadora da Igreja “em saída”

No quinto capítulo, destacamos aspectos que importantes para a formação de discípulos missionários para uma Igreja “em saída”, a partir da experiência de fé vivida por Maria e a experiência inspirada por Maria na vida e missão do Pe. Chaminade e do Papa Francisco.

No decorrer da articulação desse diálogo, percebemos que ambos os clérigos vêm em Maria, a mãe de Jesus Cristo, e em sua caridade maternal, um dinamismo missionário e evangelizador, que forma e acompanha a Igreja na sua missão evangelizadora, pois Maria é espelho e modelo da Igreja. Maria é o ícone perfeito da fé, e a primeira discípula missionária, formadora e educadora na fé.

Os aspectos que destacamos, ressalta-se, são considerados importantes para a formação de discípulos missionários de uma Igreja “em saída”, com uma dimensão mariana, ou seja, da experiência de fé vivida por Maria, a que foi habitada por Deus e conviveu com o mistério no seu cotidiano – contingência puramente humana e por isso, importante no processo humano e espiritual:

1º) Em Maria a fé foi plena, perfeita. Ela acreditou, fundamentada na Palavra divina. E acreditou, a tal ponto que, pela força de sua fé, chegou a ser a escolhida para mãe de Deus e de toda a Humanidade;

2º) A importância de se formar com base nas virtudes de Maria: escuta, acolhida, humildade, obediência, alegria, ternura, solidariedade, sensibilidade, compaixão, seus sentimentos e atitudes humanas;

3º) Maria foi uma mulher meditativa e de profunda fé. Experimentada no silêncio e na escuta da Palavra;

4º) Sua caridade para com Deus esteve à altura de sua fé e de sua esperança. Viveu um amor singular e forte para com Deus e para com os necessitados;

5º) Maria, mulher rica em delicadezas, capaz de antecipar-se à necessidade alheia e de prestar ajuda, assim como fez com a prima Isabel (cf Lc 1, 39-46). É essa mulher humilde e forte, silenciosa e, ao mesmo tempo, decisiva nas palavras que proferiu nas passagens do Evangelho;

6º) Virgem discreta e prudente, mulher do silêncio e da oração contínua a Deus. Sua postura era o escutar a si mesma, a “meditar e guardar no coração” os acontecimentos da vida;

7º) Maria canta a ação de Deus em sua vida. Ela está grávida de esperança de um novo tempo de justiça e integração humana, em comunhão com toda a Criação. – Maria, como mãe, ensinou a seu Filho Jesus, e hoje, como mãe da Igreja, Corpo Místico de Cristo, continua a ensinar a seus membros. Por isso, todos os cristãos podem viver como Maria, pois, ela nos ensina, educa, forma e acompanha no caminho do discipulado e seguimento de Jesus Cristo.

A partir da experiência mariana na vida e missão do Beato Chaminade e do Papa Francisco, destacamos três aspectos importantes e fundamentais na formação de discípulos missionários:

a) A centralidade no Evangelho, com uma experiência do encontro com Jesus Cristo. O retorno ao Evangelho – essencial na época do Pe. Chaminade e também Pontificado do Papa Francisco –, com a centralidade em Jesus Cristo, sua Encarnação, vida, cruz e Ressurreição. O “viver” uma experiência do mistério de Deus em Cristo, que constitui o cerne de uma espiritualidade Encarnada, e que deve conduzir a um conhecimento e seguimento desse mesmo Jesus Cristo, através de um encontro pessoal com Ele.

Viver no mundo sendo sinal da presença amoroso do Pai em Jesus Cristo, é assumir a cruz junto com todos os que carecem de justiça, de trabalho, de moradia, comida, educação, saúde, de condições minimamente necessárias para uma vida digna. Tal dinamismo evangelizador e missionário, é vivido pelo cristão com outros irmãos e irmãs, em uma comunidade de fé – que, aliás, é outra dimensão importante para esse retorno ao Evangelho: o “viver” comunitariamente e ser enviado pela Igreja, povo fiel de Deus.

b) A formação na fé pessoal e comunitária, com a interação entre fé e vida, e uma experiência de comunidade – Igreja –, lugar e espaço para viver uma experiência do mistério de Deus em Cristo e o “sentir e experimentar” Deus.

A fé tem um dinamismo de: crer, aceitar, acolher e aderir. Ela é um movimento interno e externo de adesão pessoal, a partir da experiência que se vive com amor e com um compromisso de seguimento e testemunho de Jesus Cristo. Exterioriza-se por atitudes de alegria, ternura, compaixão, fraternidade, perdão. A fé vivida torna-se, assim, luz para os olhos, possibilitando-nos ver a realidade com o mesmo olhar de Deus. A experiência de fé é movimento de “saída”, é interação fé e vida; ver e ouvir; estar e seguir.

A experiência de fé é pessoal e comunitária, pois a pessoa é um ser social. A experiência de fé sentida, acolhida, e assumida é um viver com coerência é um deixar-se conduzir pelo amor de Deus, é geradora de um dinamismo de “saída”, o “ir” ao encontro dos demais, exercitando o seu ser de discípulo, missionário de uma Igreja que acolhe, cuida, acompanha com misericórdia e sai ao encontro dos que necessitam de proximidade e ternura maternal.

c) A devoção à Maria. A devoção e a piedade popular compõem um “lugar” teológico que devemos cuidar e acompanhar. Maria nos sinaliza um “caminhar” na fé e no seguimento de seu Filho Jesus Cristo, e essa experiência mostra seu resultado em nosso testemunho e missão como Igreja, e em nossa vida sacramental.

Maria é aquela que nos ensina a viver na presença do mistério de Deus em Cristo, porque foi a primeira a acolher a vida do próprio Deus humanado em seu ventre. Assim, imersa neste mistério humano e divino, viveu sua missão e presença no mundo, fazendo possível uma nova história. Nesse grande mistério de um Deus que se encarna, que se torna “um” conosco, todos estamos chamados a viver inseridos, mistério pelo qual nos tornamos filhos e filhas no Filho.

O amor filial à Virgem Maria gera uma devoção à ela. Assim teologicamente definida, a devoção não é mais que a vontade que se dirige pronta e determinada a abraçar tudo o que se refere ao culto e que pode contribuir para a glória da Santíssima Virgem. O viver uma perfeita devoção à Maria, no imitar e reproduzir suas virtudes, para chegar à conformidade com Cristo;

Esse processo humano e espiritual, se acompanhado e orientado, pode conduzir-nos a uma experiência de fé e conhecimento para, assim, vivermos e atuarmos de acordo com o que cremos, com coerência de vida e dinamismo

apostólico no serviço e na missão de viver, testemunhar e anunciar o projeto de Jesus Cristo, Filho de Deus, feito Filho de Maria, para a Salvação da Humanidade.

5 – Elementos da mística marial propiciam um diálogo ecumênico

A humanidade de Maria, que encontramos nos Evangelhos, e a imagem de Maria, sinal de esperança, mulher do cuidado com a vida e com a casa comum, como mãe da vida, como mulher da revolução da ternura. O aprender de Maria, por sua vida e missão de ser a mãe do filho de Deus Encarnado.

Percebemos que o caminho para o diálogo ecumênico passa por uma *formação* que nos favorece o conhecimento e a vivência da própria fé, para, assim, compreendermos e dialogarmos com os cristãos de outras confissões, contribuindo para um “caminhar juntos”. Nesse sentido, o educar para cuidar – ecologia integral – pode ser o caminho para uma formação que venha ao encontro das necessidades do mundo atual. O escutar o clamor da Terra e o dos pobres.

Nesse diálogo, *Maria*, a mulher ícone perfeito da fé, a primeira na ordem da graça a estar junto de Deus. Um verdadeiro conhecimento de Maria, a *Theotókos*, aquela que foi habitada por Deus, aquela que é modelo perfeito de discipulado e seguimento, em suas atitudes e seu jeito de ser, de meditar e “guardar no coração”, de cantar a ação de Deus na sua vida e na vida do seu povo, sinaliza um caminhar na fé, segundo os critérios de seu Filho Jesus Cristo, que encontramos fundamentado nos Evangelhos, caminho de vida e vida plena para todos.

Um chamado a viver um encontro pessoal com Jesus Cristo, um retorno ao Evangelho, que orienta e fundamenta um caminhar na fé e no discipulado, com um dinamismo de “saída” e cuidado para todos – em especial para os marginalizados e descartados.

6 – Maria, sinal de esperança

Maria é sinal de esperança, a estrela da Nova Evangelização. Nela, encontramos o ser humano integrado em plenitude de graça, imagem e semelhança de Deus. Maria, na sua missão evangelizadora nos orienta a um caminhar na fé e no cuidado de uns para com os outros, com sua caridade maternal: é a mulher, a mãe, que acompanha e cuida de todos os cristãos, filhos no seu Filho Jesus Cristo.

Maria, em sua humanidade de mãe do Filho de Deus Encarnado, em seu dinamismo evangelizador missionário, nos conduz a um caminhar na fé, na

esperança e caridade. Esse dinamismo é vivido pelo cristão em comunidade, a Igreja, e pela Igreja é enviado a ser, no mundo, sinal do amor de Deus, a externar os mesmos gestos e sentimentos de Jesus Cristo. São, por assim dizer, os “cristos” do mundo de hoje.

Quando olhamos Maria, a mulher da escuta, da acolhida, a que “sai apressadamente”, a que comunica a alegria do encontro, a que medita e guarda no coração, a que é solidária na dor, ela se faz presença na comunidade, se torna a educadora e formadora na fé, a mãe de todos os que vivem uma relação filial com ela. Uma relação filial que conduz a um caminhar na fé, a imitar e reproduzir suas virtudes para chegar à conformidade com Jesus Cristo.

Ela sinaliza um caminhar na fé, um testemunhar a presença misteriosa do Ressuscitado que caminha com os cristãos, e a viver a eclesiologia que seu Filho ensinou: a ser uma casa de coração aberto, que acolhe e cuida de todos, pois todos formam um só corpo em Cristo. Ninguém está de fora da comunidade de irmãos, conforme os ensinamentos e a vida de Jesus Cristo, Filho de Deus e Filho de Maria. Trata-se de um chamado urgente de “caminhar juntos” pelo bem comum, pois tudo está interligado, interrelacionado.

Maria, em sua fragilidade humana, mostra-nos a força, a ternura e a criatividade. É a mulher de profunda vida de fé e que, quando olhamos para ela, voltamos a acreditar na revolução da ternura e na capacidade humana de viver uma experiência do mistério de um Deus, que se faz “um” conosco, mistério humano e divino.

Maria, em sua humanidade, viveu uma experiência do mistério de Deus no Filho. Podemos afirmar que cada pessoa, em seu aspecto humano, pode viver uma experiência do mistério de Deus em Cristo, inspirada em Maria. E como percebemos se de fato é uma experiência do mistério de Deus?

E aqui aplicando os quatro momentos que vimos da experiência do mistério de Deus: a *experiência pura*, que é única e pessoal, a carregamos na *memória*, a temos presente em nossa vida e podemos sempre *interpretar* a experiência. Quando a interpretamos e acolhemos o vivido, que é a *recepção* dessa experiência pura e única, isso nos deve conduzir a um “viver” na missão, no serviço aos demais; é o viver uma alteridade, o “ter empatia”, o sentir compaixão, o ser solidário, o testemunhar a presença de Jesus Cristo no rosto dos que encontramos pelo caminho. Diferente de sentimentalismos, é algo que nos transcende e nos conduz a um

caminhar na fé como viveu Maria, mulher da oração, que sabia meditar e guardar no coração os acontecimentos da vida.

Por isso a mística marial, como caminho de fé, é uma experiência do mistério de Deus no Filho que viveu Maria; e uma experiência do mistério de Deus em Cristo inspirada em Maria, como a que viveu o Pe. Chaminade em seu tempo – e a que intuímos que o Papa Francisco em sua vida e missão tenha muito presente. Essa experiência inspirada em sua relação filial com Maria. Para ele: “ela é nossa mãe!”

Maria, por sua fé, viveu uma experiência do mistério de Deus no Filho e após essa experiência do seu “sim” na Encarnação, sai apressadamente para servir e cuidar da vida. Ela nos ensina o dinamismo missionário de uma Igreja “em saída”, que toma iniciativa, que se envolve, acompanha, se alegra e produz novos frutos no seguimento de seu Filho, Jesus Cristo.

7 – Uma Igreja da proximidade, da ternura e da compaixão

Um desafio se impõe: ser uma Igreja mariana, uma Igreja do cuidado, da compaixão, da proximidade, da ternura; uma Igreja aberta e acolhedora, com um dinamismo missionário, o “caminhar juntos”, o sonhar juntos e escutar juntos o clamor da Terra e dos pobres. É estar, acolher e viver o que disse Maria aos servidores em Caná da Galileia: “Fazei tudo o que Ele vos disser!”

A pesquisa deixa um caminho aberto – a ser aprofundado e atualizado –, da “Mística Marial”, que, acreditamos, possa contribuir na formação de discípulos missionários de uma Igreja “em saída”: com uma formação na fé que seja uma experiência mistagógica, uma experiência de Deus que nos conduza a um viver e atuar a partir da experiência vivida. O aprofundar e conhecer os conteúdos da fé, com estudo adequado e atualizado das verdades da fé. Uma formação bíblico-catequética, com o retorno à centralidade no Evangelho. Uma participação na Liturgia que seja um sentir e experimentar Deus.

Enfim, a devoção à Maria, como um conhecimento e amor à Maria, que sempre deve nos conduzir ao seguimento de Jesus Cristo e participação na comunidade Igreja. E que, a partir do conhecimento, estudo e vivência, nos propicie um diálogo ecumênico e um “caminhar juntos” na construção do bem comum.

A pesquisa apontou elementos que podem contribuir para uma Teologia Mariana integrada e um “caminhar juntos” com a eclesiologia, a antropologia, a psicologia, a fenomenologia, capaz de responder aos apelos atuais e que nos

conduza a um caminhar na fé, na esperança e na caridade, inspirado em Maria, a primeira discípula, seguidora, que sinaliza uma caminhada eclesial para uma Igreja inclusiva, alegre, terna, de coração aberto, e que, estando atenta às necessidades do mundo, se abra à ação do Espírito Santo.

Virgem Maria!
Mulher forte na fé,
Amiga de Deus!
Vós que, movida pelo Espírito,
Acolhestes o Verbo da Vida.
“Saí apressadamente” para servir
No encontro alegre com Isabel...
Vós que cantais
A experiência do mistério de Deus em Vossa vida
Vós que permanecestes firme diante da Cruz
Estrela da Nova Evangelização!
Ajudai-nos a refulgir
Com o testemunho da comunhão
Do serviço, da fé ardente e generosa,
Da justiça e do amor aos pobres,
Para que a Alegria do Evangelho
Chegue até os confins da Terra...
E que nenhuma periferia
Fique privada de vossa luz.
Mãe do Evangelho vivente,
Manancial de alegria para os pequeninos
Formai-nos a cada dia à semelhança
De Vosso Filho, Jesus Cristo!
Para atender ao Vosso pedido:
Fazei tudo o que Ele vos disser!

7

Referências Bibliográficas

ALEIXANDRE, D. VELASCO; J. M., PAGOLA; J. A. **Fijos los ojos em Jesús:** en los umbrales de la fe. Madrid: PPC, 2012.

ALMEIDA, J. C. (ORG.) **Uma leiga chamada Maria.** Aparecida, Ed. Santuário, 2019.

ARMBRUSTER, J. B. **Connaitre, Aimer, Servir Marie.** Paris: Imprimerie Saint-Paul, 1982.

AMBRUSTER, J. B., Itinerario espiritual de nuestro fundador. Madrid: SPM. 1968.

ARENS, E. **Jesuscristo, Hijo del Padre e Hijo de María para la salvación del Mundo.** Madrid: Ed. SM, 2001.

ARANDA, A. G. Defender y proponer la fe en la enseñanza de Guilherme Jose Chaminade. Madrid: Ediciones SM, 1998.

AUTRAN, A. M. **Maria na Bíblia.** São Paulo: Ave Maria, 1992.

AZCUY, V.; BANDEIRA, B.B.; TEMPORELLI, C. M. (Coords). **Marialogía.** Un caleidoscopio y variadas figuras. Córdoba. República Argentina: EDUCC, Editorial de la Universidad Católica de Córdoba, 2022.

BERMEJO, J. C. (Coord.). **Humanización y Evangelio.** Madrid: PPC, 2015.

BERGOGLIO, J. M., Pronunciamentos do Papa Francisco no Brasil. São Paulo: Paulus / Edições Loyola, 2013.

BENTO XVI, J. R. **A Filha de Sião, a devoção Mariana na Igreja.** São Paulo: Paulus, 2013.

BENTO XVI, PP. **Santa Missa para a Nova Evangelização. Homilia do Papa Bento XVI na Basílica Vaticana em 16 out. 2011.** Disponível em:

<https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/homilies/2011/documents/hf_ben-xvi_hom_20111016_nuova-evang.html>.

Acesso em: 19 mar. 2021.

BENTO XVI, PP. **Santa Missa para Abertura do Ano da fé. Homilia do Papa Bento XVI em 11 out. 2012.** Disponível em:

<https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/homilies/2012/documents/hf_ben-xvi_hom_20121011_anno-fede.html>

Acesso em: 19 mar. 2021.

- BÍBLIA de Jerusalém. Nova edição, revista. São Paulo: Paulus, 2000.
- BINGEMER, M. C. L. **O mistério e o mundo: paixão por Deus em tempos de descrença.** Rio de Janeiro: Rocco, 2013.
- BLANNING, T. C. W. **Aristocratas versus burgueses? A Revolução Francesa.** São Paulo: Ática, 1991.
- BOFF, C. **Mariologia social.** O significado da Virgem Maria para a Sociedade. São Paulo: Paulus, 2006.
- BOFF, C. **Introdução à Mariologia.** Petrópolis: Vozes, 2004.
- BOFF, L. **A figura da Virgem Maria,** nas Conferências Gerais do Episcopado da América Latina e Caribe. Aparecida: Editora Santuário, 2022.
- BOFF, L. **Maria no movimento do Espírito,** em perspectiva evangelizadora pastoral. Aparecida, Ed. Santuário, 2020. V.2
- BOFF, L. **A figura da Virgem Maria,** nas Conferências Gerais do Episcopado da América Latina e Caribe. Aparecida, Editora Santuário, 2022.
- BORRIELO, L.; CARUANA, E.; DEL GENIO, M.R.; SUFFI, N., **Dicionário de Mística.** São Paulo: Paulus / Edições Loyola, 2003.
- BORGHESI, M. **Jorge Mario Bergoglio.** Uma biografia intelectual. Petrópolis: Vozes, 2018.
- BROWN, R. E. **El nacimiento del Messias:** comentario a los relatos de la infancia. Madrid: Ed. Crisandad, 1982.
- BUBY, B. A. **Metodologia Bíblica e Mariologia, o uso de metodologias bíblicas na teologia mariana hoje.** Disponível em: <<https://udayton.edu/imri/mary/b/biblical-methodology-and-mariology.php>>. Acesso em: 15 mar. 2021.
- GAITAN, J. D. Alegria. In: CARUANA, E. et al. **Dicionário de Mística.** São Paulo: Paulus / Edições Loyola, 2003. p. 29-30.
- CHAMINADE, G. J. **Ecrits Marials I-II,** ARMBRUSTE R, J. B. red. Fribourg, 1966. Industrias Gráficas España, S. L. Madrid.
- CHAMINADE, G. J. **Escritos Marianos I-II.** Madrid: SM, 1968.
- CHAMINADE, G. J. **Breve Tratado del Conocimiento y amor de Maria.** Madrid: Ediciones SM, 1965.
- CHAMINADE, G. J. **Escritos de Dirección I-II.** Madrid: Ed. SM, 1964.
- CHAMINADE, G. J. **Escritos de oración.** Madrid: Ed. SM 1975.

CHAMINADE, G. J. **Écrits et Paroles**, ALBANO, A., red., I, Casale, 1994; II, Casale, 1999; V, Casale, 1996; III, Casale, 2001.

CHAMINADE, G. J. **Escritos sobre sobre la fe**. Madrid: Ediciones S. M, 1977.

CHAMINADE, G. J. **Lettres de M**. Chaminade I-V. France, Nivelles, 1930; VI-VIII, Roma, 1977; IX, Roma: 1986.

CHAMINADE, G. J. **Fundador de la Familia Marianista**. Cartas I (1784-1825) Madrid: SPM, 1986.

CHAMINADE, G. J. **Fundador de la Familia Marianista**. Cartas IV (1836-1839) Madrid: SPM, 1986.

CHAMINADE, G. J. **Notas de Instrucción I-II**. Madrid: Ediciones S. M, 1972.

CHAMINADE, G. J. **Notas de Instrucción III**. Madrid: Ediciones S. M, 1964

CHAMINADE, G. J. **Notas de Instrucción IV**. Madrid: Ediciones S. M, 1964.

CHAMINADE, G. J. **Notas de Instrucción V-VI**. Madrid: Ediciones S. M, 1973.

CHAMINADE, G. J. **Notas de Retiro I-III**. Madrid: SM, 1967.

CANTALAMESSA, R. **Maria, um espelho para a Igreja**. Aparecida: Santuário, 2012.

CARDENAS, E. **Itinerario mariano de Guilherme José Chaminade, Misionero de Maria**. Madrid: SM, 2004.

CASALÁ, L. **Habitar el silencio**: los cinco silêncios, un camino de unificación personal. Madrid: PPC Editorial, 2017.

CNBB. Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora do Igreja no Brasil, 2019-2023. Brasília: Edições CNBB, 2019.

COUSIN, L. **Un insigne Apóstol de Maria**. Guilherme José Chaminade. Fundador de la Compañía de María (Marianistas) y del Instituto de Hijas de Maria. Burgos: Editorial Aldecoa, 1945.

COYLE, K. **Maria**. Tão plena de Deus e tão nossa. São Paulo: Paulus, 2012.

COMISSÃO INTERNACIONAL ANGLICANO-CATÓLIA ROMANA. **Maria**: graça e esperança em Cristo. São Paulo: Paulinas, 2005.

COMPÊNDIO DO VATICANO II. **Constituições, Decretos, Declarações**. Petrópolis: Vozes. 1994.

CELAM. **Documento de Aparecida. Texto conclusivo da V Conferência Geral dos Bispos de Americano Latina e Caribe**. Brasília: CNBB; São Paulo: Paulus / Paulinas, 2007.

CELAM. **Conclusões da Conferência de Puebla**. Evangelização no futuro e no presente da América Latina. Petrópolis: Vozes, 1980.

CONFERÊNCIA EPISCOPAL ARGENTINA. **Navegar mar adentro**. Disponível em: <<https://episcopado.org/documentos>> Acesso em: 14 mar. 2023.> Acesso em: 17 out. 2022.

CONFERÊNCIA EPISCOPAL ARGENTINA. **Comisión Permanente. Carta Pastoral de los obispos argentinos con ocasión de la Misión Continental de 20 ago. 2009**. Disponível em: <<https://episcopado.org/novedades/2248>>. Acesso em: 19 out. 2022.

DARBON, M. **Un hombre con visión de futuro**. Madrid: Eds. S. M, 1970.

DE LA POTTERIE, I. **Maria en el misterio de la alianza**. Madrid: BAC, 1990.

DEL GAUDIO, D. **Maria de Nazaré**. Breve Tratado de Mariologia. São Paulo: Paulus, 2016.

DOYLE, W. **O Antigo Regime**. São Paulo: Editora Ática, 1991.

DOIG K, G. **Silêncio, uma pedagogia da vontade**. São Paulo: Paulinas, 1991.

DICASTERO PER LA COMUNICAZIONE. **Biografia do Santo Padre Francisco**. Disponível em:

<<http://www.vatican.va/content/francesco/pt/biography/documents/papa-francesco-biografia-bergoglio.html>>. Acesso em: 15 de nov. 2020.

ELIADE, M. **O Sagrado e o Profano**. A essência das religiões. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.

EYT, P. **Eu creio em Deus, o credo comentado**. São Paulo, Ed. Loyola, 1990.

FERRO, P. **Guillermo José Chaminade**. Maestro de vida espiritual y de acción apostólica. Madrid: SPM, 2016.

FORTE, B. **Maria, a mulher ícone do mistério**. Ensaio de mariologia simbólica-narrativa, São Paulo: Paulinas. 1991.

FRANCISCO, PP. **Carta Encíclica *Lumen Fidei* sobre a fé**. São Paulo: Paulus, 2013.

FRANCISCO, PP. **Pacto Educativo Global. *Instrumentum Laboris***. Disponível em: <<https://www.educationglobalcompact.org/resources/Risorse/instrumentum-laboris-pt.pdf>> Acesso em: 13 jan. 2021.

FRANCISCO, PP. **Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* sobre a Alegria do Evangelho**. São Paulo: Paulus, 2013.

FRANCISCO, PP. **Carta Encíclica *Laudato Sí* sobre o cuidado da casa comum**. São Paulo: Paulus, 2015.

FRANCISCO, PP. **Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Amoris Laetitia* sobre o amor na família.** São Paulo: Paulus, 2016.

FRANCISCO, PP. **Carta apostólica *Misericórdia et Misera* no termo do jubileu extraordinário da misericórdia.** São Paulo: Paulus, 2016.

FRANCISCO, PP. **Exortação Apostólica *Gaudete et Exsultate* sobre o chamado à santidade no mundo atual.** São Paulo: Paulus, 2018.

FRANCISCO, PP. **Exortação Apostólica pós-sinodal *Christus Vivit* para os jovens e para todo o povo de Deus.** São Paulo: Paulus, 2019.

FRANCISCO, PP. **Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Querida Amazônia* ao povo de Deus e a todas as pessoas de boa vontade.** São Paulo: Paulus, 2020.

FRANCISCO, PP. **Carta Encíclica *Fratelli Tutti* sobre a fraternidade e a amizade social.** São Paulo: Paulus, 2020.

FRANCISCO, PP. **Exortação Apostólica *Laudate Deum* sobre a crise climática,** São Paulo: Paulus, 2023.

FRANCISCO, PP. **Ave Maria: o Santo Padre comenta o mistério de Maria com as palavras da oração mais amada.** São Paulo: Planeta do Brasil, 2019.

FRANCISCO, PP. **Pacto Educativo Global. *Instrumentum Laboris*.** Disponível em: <<https://www.educationglobalcompact.org/resources/Risorse/instrumentum-laboris-pt.pdf>> Acesso em: 13 jan. 2021.

FRANCISCO, PP. **Benção Apostólica “*Urbi et Orbi*”. Primeira Saudação do Papa Francisco de 13 mar. 2013.** Disponível em:

<https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/march/documents/pa-pa-francesco_20130313_benedizione-urbi-et-orbi.html>. Acesso em: 20 mar. 2021.

FRANCISCO, PP. **Santa Missa com os Cardeais. Homilia do Papa Francisco na Capela Sistina em 14 mar. 2013.** Disponível em:

<https://www.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2013/documents/papa-francesco_20130314_omelia-cardinali.html>. Acesso em: 20 mar. 2021.

FRANCISCO, PP. **Vamos sonhar juntos: o caminho para um futuro melhor.** Rio de Janeiro: Intrínseca, 2020.

FRANCISCO, PP. **Audiência Geral em 30 set. 2020.** Disponível em:

<http://www.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2020/documents/papa-francesco_20200930_udienza-generale.html> Acesso 02/12/2020>. Acesso em: 10 out. 2023.

FRANCISCO, PP. **Carta do Papa Francisco para o evento “Economy of Francisco” em Assis 26 a 28 de mar. 2020.** Disponível em:

<https://www.vatican.va/content/francesco/pt/letters/2019/documents/papa-francesco_20190501_giovani-impreditori.html> Acesso em: 19 mar. 2021.

FRANCISCO, PP. **Encontro Internacional “The Economy of Francesco” em Assis, 19-21 de novembro de 2020. Mensagem em vídeo.** Disponível em:

<https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/pont-messages/2020/documents/papa-francesco_20201121_videomessaggio-economy-of-francesco.html> Acesso em: 19 mar. 2021.

FRANCISCO, PP. **Mensagem por ocasião do encontro promovido pela Congregação para a Educação Católica: “Global Compact Education, Together to look Beyond” em 15 out. 2020.** Disponível em:

<https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/pont-messages/2020/documents/papa-francesco_20201015_videomessaggio-global-compact.html> Acesso em: 30 jun. 2021.

FRANCISCO, PP. **Visita Apostólica do Papa Francisco ao Brasil por ocasião da XXVIII Jornada da Juventude. Encontro com o Episcopado Brasileiro. Discurso do Santo Padre em 27 jul. 2013.** Disponível em:

<https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/july/documents/papa-francesco_20130727_gmg-episcopato-brasile.html> Acesso em: 22 fev. 2021.

FRANCISCO, PP. **Mensagem em vídeo do Papa Francisco por ocasião do encontro promovido pela Congregação para a Educação Católica: “Global Compact On Education. Together To Look Beyond” em 15 abr. de 2020.**

Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/pont-messages/2020/documents/papa-francesco_20201015_videomessaggio-global-compact.html>. Acesso em: 15 nov. 2020.

FRANCISCO, PP. **Audiência Geral na biblioteca do Palácio Apostólico em 5 de ago. de 2020.** Disponível em:

<http://www.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2020/documents/papa-francesco_20200805_udienza-generale.html>. Acesso em: 15 nov. 2020.

FRANCISCO, PP. **Audiência Geral na biblioteca do Palácio Apostólico em 12 ago. 2020.** Disponível em:

<http://www.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2020/documents/papa-francesco_20200812_udienza-generale.html>. Acesso em: 23 abr. 2021.

FRANCISCO, PP. **Audiência Geral na Biblioteca do Palácio Apostólico em 19 ago. 2020.** Disponível em:

<http://www.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2020/documents/papa-francesco_20200819_udienza-generale.html>. Acesso em: 23 abr. 2021.

FRANCISCO, PP. **Audiência Geral na Biblioteca do Palácio Apostólico em 26 ago. 2020.** Disponível em:

<http://www.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2020/documents/papa-francesco_20200826_udienza-generale.html>. Acesso em: 23 abr. 2021.

FRANCISCO, PP. **Audiência Geral no pátio São Dâmaso em 2 set. 2020.** Disponível em:

<http://www.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2020/documents/papa-francesco_20200902_udienza-generale.html>. Acesso em: 23 abr. 2021.

FRANCISCO, PP. **Audiência Geral no Pátio São Dâmaso em 9 set. 2020.** Disponível em:

<http://www.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2020/documents/papa-francesco_20200909_udienza-generale.html>. Acesso em: 13 out. 2022.

FRANCISCO, PP. **Audiência Geral no Pátio São Dâmaso em 16 set. 2020.** Disponível em:

<http://www.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2020/documents/papa-francesco_20200916_udienza-generale.html>. Acesso em: 13 out. 2022.

FRANCISCO, PP. **Audiência Geral no Pátio São Dâmaso em 23 set. 2020.** Disponível em:

<http://www.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2020/documents/papa-francesco_20200923_udienza-generale.html>. Acesso em: 13 out. 2022.

FRANCISCO, PP. **Momento de reflexão para o início do percurso sinodal. Sala Nova do Sínodo em 9 out. 2021.** Disponível em:

<<http://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2021/october/documents/20211009-apertura-camminosinodal.html>>. Acesso em: 13 out. 2022.

FRANCISCO, PP. **Pronunciamentos no Brasil.** Visita apostólica do Papa Francisco ao Brasil por ocasião da XXVIII Jornada Mundial da Juventude. São Paulo: Loyola, 2013.

FRANCISCO, PP. **Viagem Apostólica do Papa Francisco a Portugal por ocasião da XXXVII Jornada Mundial da Juventude de 02 a 06 de agosto de 2023.** Discurso do Santo Padre, na Cerimônia de Acolhimento. Disponível em

<<https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2023/august/documents/20230803-portogallo-cerimonia-accoglienza.html/>> Acesso em 20 out. 2023

FRANCISCO, PP. **Oração a Maria no final da recitação do Santo Rosário. Praça de São Pedro em 31 de maio de 2013.** Disponível em

<https://www.vatican.va/content/francesco/pt/prayers/documents/papafrancesco_pregchiere_20130531_maria-donna-dell-ascolto.html/> Acesso em 10 maio 22

GALLI, C. M. **Cristo, Maria, a Igreja e os povos.** A mariologia do Papa Francisco. Brasília: CNBB, 2019. v.5.

GARCÍA-MURGA, J. R. **Jesucristo, Hijo de María mujer en misión, figura de la Iglesia.** Madrid: PPC, 2000.

GEBARA, I.; BINGEMER, M. C. **Maria, Mãe de Deus e dos pobres.** um ensaio a partir da mulher e da América Latina. Petrópolis: Vozes, 1987.

GETTY-SULLIVAN, M. A. **Women in the New Testament.** Minesota: The Liturgical Press, 2001.

GRUN, A. **A Cruz, a imagem do ser humano redimido.** São Paulo: Paulus, 2009.

GRUPO DE DOMBES. **Maria no desígnio de Deus e na comunhão dos Santos.** Aparecida: Santuário, 2005.

GONZÁLEZ PAZ, A. **Escorzos de una vida.** Guillermo José Chaminade. Madrid: Servicio de Publicaciones Marianistas, 1994.

HAKEMEWERTH, Q. **Creciendo em las virtudes de Jesús: el método Marianista de las virtudes para uso en grupos.** Ciudad de México: Editorial Jus, 1998.

HAKENEWERTH, Q. **Manual de espiritualidad marianista.** Madrid: Servicio de Publicaciones Marianistas, 1994.

INHU ON LINE. E sopra um vento de ar puro... Os dois anos de Papa Francisco em debate. **Revista do Instituto Humanitas Unisinos**, n. 465, v. XI, 18 mai. 2015. Disponível em:

<<https://www.ihuonline.unisinos.br/media/pdf/ihuonlineedicao465.pdf>> Acesso em 14 mar. 2023.

JOÃO PAULO II, PP. **Redemptoris Mater sobre a mãe do Redentor sobre a Bem-Aventurada Virgem Maria na vida da Igreja que está a caminho.** São Paulo: Paulinas, 1989.

JOÃO PAULO II, PP. **Homilia em 8 de março de 1983 no Santuário de Nossa Senhora de Suyapa em Honduras.** Disponível em:

<https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/homilies/1983/documents/hf_jp-ii_hom_19830308_tegucigalpa.html>. Acesso em: 13 out. 2022.

JOÃO PAULO II, PP. **Christifideles Laici sobre vocação e missão dos leigos na Igreja e no mundo**. São Paulo: Paulinas, 1988.

JOHNSON, E. **Nossa verdadeira irmã**. Teologia de Maria na comunhão dos Santos. São Paulo: Loyola, 2005.

KONINGS, J. **Evangelho segundo João: amor e fidelidade**. Comentário Bíblico. Petrópolis: Vozes, 2000.

KONINGS, J. A. **João: o Evangelho do amor de Deus**. Comentário-paráfrase. São Paulo: Loyola, 2019.

KONINGS, J.; MAZZAROLO, I. **Lucas**. O Evangelho da graça e da misericórdia. Comentário-paráfrase. São Paulo: Loyola, 2016.

KULANDAISAMAY, D. S.; GIROLAMO, L. D. **Maria di Nazaret tra Bibbia e Teologia**. Roma: NSO, 2017.

LEVEBVRE, G. **1789: o surgimento da Revolução Francesa**. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2019.

LIGÓRIO, A. **Glórias de Maria**. Aparecida: Santuário, 1987.

LUTERO, M. **Magnificat**. O louvor de Maria. São Leopoldo: Editora Sinodal, 2015.

MADUEÑO, M. **Siguiendo a Jesús con María: un camino de espiritualidad Marianista**. Madrid: SPM, 1999.

MATEOS, J.; BARRETO, J. O Evangelho de São João. **Grande Comentário Bíblico**. São Paulo: Paulinas. 1989.

MELLO, A. Awi. **“Ela é minha Mãe!”: Encontros do Papa Francisco com Maria**. São Paulo: Loyola, 2014.

MELLO, A. Awi. **Maria-Iglesia: Madre Del Pueblo Misionero**. El Papa Francisco y la piedad popular mariana a partir del contexto teológico-pastoral latinoamericano. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Agape Libros, 2019.

MENDONÇA, J.T. **A Mística do Instante**. O tempo e a promessa. São Paulo: Paulinas, 2021.

MIRANDA, M. F. **A Reforma de Francisco**. Fundamentos teológicos. São Paulo: Paulinas, 2017.

MUNARI, T. **Uma Mãe para o homem do terceiro milênio**. São Paulo: Paulus, 2002.

MURAD, A. **Quem é esta mulher?** Maria na Bíblia. São Paulo: Paulinas, 1996.

- MURAD, A. **Maria, toda de Deus e tão humana**. Compêndio de Mariologia. São Paulo: Paulinas 2012.
- NEUBERT, E. **Nuestra Piedad Filial Mariana**. Madrid: SM, 1962.
- NEUBERT, E. **La Misión Apostolique de Marie et la nôtre**. Paris, Éditions Alsatia, 1956.
- OTAHÑO, I. **María, mujer de fe, madre de nuestra fe, Mariologia del Pe. Chaminade e de hoy**. Madrid: SM, 1996.
- OTAHÑO, I. **Misión Marianista**. El proyecto misionero del Fundador. Madrid: SPM, 1994.
- OTAHÑO, I. **Lectura del Método de Virtudes Hoy**. Algunos aspectos de una ascética marianista. Madrid: SPM, 1995.
- OTTO, R. **O Sagrado**. Rio de Janeiro: Edições 70, 1992.
- PIXLEY, J. **O Deus libertador na Bíblia**. Teologia da Libertação e filosofia processual. São Paulo: Paulus, 2014.
- PAGOLA, J. A. **El Camino abierto por Jesús**. 1- Mateo. Madrid: PPC, 2014.
- PAGOLA, J. A. **El Camino abierto por Jesús**. 2 - Marcos. Bilbao: Desclée de Brouwer, S. A, 2011.
- PAGOLA, J. A. **El Camino abierto por Jesús**. 3 - Lucas. Madrid: PPC, 2012.
- PAGOLA, J. A. **El Camino abierto por Jesús**. 4 - Juan. Madrid: PPC, 2014.
- PAGOLA, J. A. **Caminos de evangelización**. Madrid: PPC, 2017.
- PANIKKAR, R. **De la Mística**. Experiencia plena de la Vida. España: Ed. Herder, 2005.
- PANIKKAR, R. **Mística y espiritualidad 2: Espiritualidad, en el camino de la Vida**. España: Ed. Herder, 2015.
- PAULO VI, PP. **Marialis Cultus para a reta ordenação e desenvolvimento do culto à Bem-Aventurada Virgem Maria**. Petrópolis: Editora Vozes, 1974.
- PAULO VI, PP. **Homilia em 24 de abril de 1970 em peregrinação ao Santuário de Nossa Senhora de Bonária na ilha da Sardenha em Cagliari**. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/homilies/1970/documents/hf_p-vi_hom_19700424.html>. Acesso em: 6 fev. 2023.
- PEROUAS, L. **Vida e obra de São Luís Maria Grignon de Monfort**. João Monlevade: Ed. Monfortinas, 1999.
- PEROAS, L. **Vida e obras de São Luís Maria Grignon de Monfort**. João Monlevade – MG: Ed Monfortinas, 1999.

PEDROSA-PÁDUA, L., Uma Igreja mariana no ministério do Papa Francisco. Chaves de renovação para uma Igreja em saída. ALMEIDA, J.C.(Org.) **Uma leiga chamada Maria**. Aparecida: Editora Santuário, 2019, p.139-165

PEDROSA-PÁDUA, L. **Mística, Mística Cristã e Experiência de Deus. Atualidade Teológica**. Revista do Departamento de Teologia da PUC-Rio, ano VII, no.15, setembro/dezembro 2003, p. 344-373

PUERTO, M. N. **Los rostros bíblicos de María**. Exégesis y hermenéutica bíblica feminista. Navarra: Verbo Divino, 2020.

QUEVEDO, L. R. Jorge Mario Bergoglio/Papa Francisco: um testemunho. **Vida Pastoral**, v. 58, n. 316, jul./ago. 2017. Disponível em: <<https://www.vidapastoral.com.br/edicao/jorge-mario-bergogliopapa-francisco-um-testemunho/>>. Acesso em: 20 abr. 2021.

RAHNER, K. **María, madre del señor**. Barcelona: Herder, 2011.

RAYMOND, E. B., FITZMYER, J. A, ROLAND, E. M. **Comentário Bíblico San Jeronimo**. Madrid: Ediciones Cristiandad, 1972. Tomo III, IV.

RATZINGER, J. **A Filha de Sião: a devoção mariana na Igreja**. São Paulo: Paulus, 2013.

REPOLE, R. **O sonho de uma Igreja evangélica**. A eclesiologia do Papa Francisco. Brasília: CNBB, 2018. v.4.

REUS, M. (Coord.) **La fe, Dios y Jesucristo**. Una propuesta teológica. Madrid: PPC, 2011.

REUS, M; VITORIA CORMENZANA, F. J. **Experiencia y gratuidad**. La fe cristiana. Madrid: PPC, 2010.

ROUET, A. **Maria, e a vida cristã**. São Paulo: Paulinas, 1980.

RUBIN, S. AMBROGETTI, F. **El Jesuita**. La historia de Francisco, el Papa argentino. Buenos Aires: Ed. Vergara, 2010.

RUBIO, G. A. **Unidade na pluralidade**. O ser humano à luz da fé e da reflexão cristãs. São Paulo: Edições Paulinas, 1989.

RUEDA CALERO, J. M. **Guillermo José Chaminade y el pensamiento moderno, crítica a la indiferencia religiosa**. Madrid: SPM, 2001.

SECRETARIA GENERALE DEL SINODO. **XVI Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos *Instrumentum Laboris* para a Primeira Sessão outubro de 2023**. Disponível em:

<<https://www.synod.va/en/news/instrumentum-laboris-a-document-of-the-whole-church.html> > Acesso em: 24 jul.2023

SIMLER, J. **Guillermo-José Chaminade, Fundador de la Compañía de Maria y del Instituto de la Hijas de Maria**. Madrid, SPM, Tomo I, 2005 e Tom. o II, 2006 SPM, 2005.

SILVA, Z. M. **A devoção nos escritos do Pe. Chaminade**. Campinas, 2016. pag.70-74. Dissertação. Programa de Pós Graduação *Stricto Sensu* em de Ciências da Religião, Pontifícia Universidade de Campinas.

SILVA, Z. M. **Uma Mística Marial no seio da Espiritualidade Mariana**. Campinas, 2016. p. 54-58. Dissertação. Programa de Pós Graduação *Stricto Sensu* em de Ciências da Religião, Pontifícia Universidade de Campinas.

SCHILLEBEECKX, E. **História humana, revelação de Deus**. São Paulo: Paulus, 1994.

STRAZZARI, F. **Para conhecer o Papa Francisco**. São Paulo: Paulinas, 2014.

TEOLOGIA LATINA AMERICANA. **Enciclopédia Digital. Conferências do Conselho Episcopado latino-americano (CELAM)**. Disponível em: <<https://teologicalatinoamericana.com/>> Acesso em 13 abr. 2023.

TERRAZAS, S.M. **“A unidade prevalece sobre o conflito”**. O ecumenismo do Papa Francisco. Brasília: Edições CNBB, 2019, v.6

TORNIELLI, A. **Francisco**. A vida e as ideias do Papa Latino-Americano. São Paulo: Ed. Planeta.2013.

VELASCO, J. M. **El fenómeno místico, estudio comparado**. Madrid: Editorial Trotta, 2009.

VELASCO, J. M. **A Experiência Cristã de Deus**. São Paulo: Paulinas, 2001.

VELASCO, J. M. **Mística y humanismo**. Madrid: PPC, 2008.

<https://www.synod.va/content/dam/synod/common/phases/universal-stage/il/Paginated_por_instrumentum-laboris-a4.pdf> Acesso em: 29 jun. 2023.

Catedrales de Zaragoza el Pilar. La tradición de la venida: Disponível em:

<<https://catedraldezaragoza.es/basilica/la-tradicion-de-la-venida/> > Acesso em: 11 out de 2020.